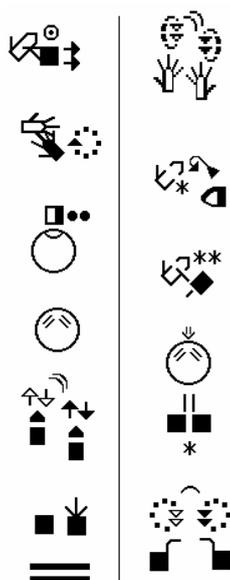


UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO
CURSO DE DOUTORADO EM INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO
TESE DE DOUTORADO

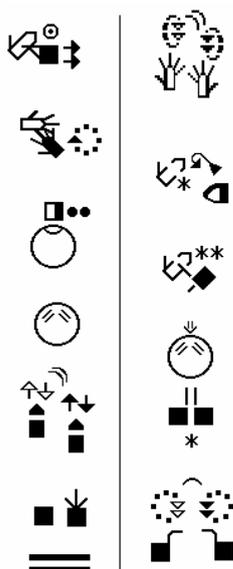


**APRENDIZAGEM DE ESCRITA DE LÍNGUA DE SINAIS PELO SISTEMA
SIGNWRITING: LINGUAS DE SINAIS NO PAPEL E NO COMPUTADOR**

Marianne Rossi Stumpf

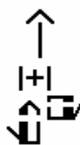
Porto Alegre

2005



Marianne Rossi Stumpf

APRENDIZAGEM DE ESCRITA DE LÍNGUA DE SINAIS PELO SISTEMA SIGNWRITING: LÍNGUAS DE SINAIS NO PAPEL E NO COMPUTADOR



Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em
Informática na Educação do Centro Interdisciplinar de
Novas Tecnologias na Educação da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul, para obtenção do título de
Doutor em Informática na Educação.

Orientador: Prof^o. Dr. Antônio Carlos Rocha da Costa
UFRGS

Co-orientadora: Prof^a. Dra. Carla Beatris Valentini
UCS



Porto Alegre

2005

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

STUMPF, Marianne Rossi.

Aprendizagem de Escrita de Língua de Sinais pelo sistema SignWriting: Línguas de Sinais no papel e no computador / Marianne Rossi Stumpf – Porto Alegre: UFRGS, CINTED, PGIE, 2005.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Centro de Estudos Interdisciplinares em Novas Tecnologias na Educação. Curso de Pós-Graduação em Informática na Educação. Porto Alegre, RS, 2005. Orientador: Prof^o Dr. Antônio Carlos Rocha da Costa – UFRGS. Co-orientador: Prof^a. Dra. Carla Beatris Valentini - UCS

Tese: Educação de Surdos, Língua de Sinais, Escrita de Língua de Sinais. Sistema SignWriting

(TERMO DE APROVAÇÃO)

*Para meus pais,
Mariana e Heitor, por todo
carinho e apoio,
sempre presentes.*

Agradecimentos

Ao concluir este trabalho, gostaria de agradecer a todos os que contribuíram e tornaram ele possível.

Ao Prof^o. Dr. Antônio Carlos da Rocha Costa, meu orientador, meu amigo. Sempre muito exigente, demonstrou otimismo e confiança em meus estudos, durante todo o tempo. Com sua motivação e incentivos me orientou a analisar os problemas por diferentes pontos de vista.

À Prof^a. Dra. Carla Beatris Valentini, minha co-orientadora que, com sensibilidade e interesse, sem se assustar com o tempo reduzido, dispôs-se a rever comigo todas as minúcias de meu trabalho possibilitando a que ele se apresentasse mais correto e organizado.

À Prof^a. Dra. Margaret Axt, representando a Coordenação deste programa de Pós-Graduação em Informática na Educação, por tornar possível este curso de Doutorado.

À todos os professores de PGIE pela forma compreensiva e agradável com que me ensinaram em suas aulas.

À Maria do Carmo que emprestou sua experiência e compreensão a facilitar meus trâmites burocráticos e a tornar a questão do intérprete e da concessão da bolsa de doutorado possíveis para mim.

À Dra. Márcia Campos minha primeira mentora no mundo da informática na educação e minha amiga incondicional.

Aos intérpretes de Libras por sua presença quando da tradução da novidade de sentido.

À Valerie Sutton pela amizade e pelos valiosos livros de SignWriting.

À Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos – FENEIS, aos colegas e aos funcionários que me apoiaram com a força e a inspiração para concluir o curso de doutorado.

De forma especial, a Escola de Ensino Fundamental Frei Pacífico e ao Institut de Recherches sur les Implications de la Langue des Signes de Toulouse - França que me receberam de portas abertas, apostando nos meus projetos e compartilhando, solidariamente, minhas inquietações.

Aos professores Patrice Dalle e Michel Lamothe e às Doutoradas Ivani Fusellier e Brigitte Garcia que me orientaram em terra estrangeira e até em suas casas me acolheram.

Às queridas colegas de Toulouse: Juliette Dalle e Mary Laurent que abraçaram minha causa compartilhando comigo o mesmo desejo de contribuirmos, com um trabalho cuidadoso, para tornar mais conhecidas e valorizadas nossas línguas de sinais.

E a todos os meus amigos, cada um á seu modo, pela presença constante nos diferentes momentos vividos neste período.

À todos os que participaram dos experimentos desta pesquisa, pelo interesse, dedicação e riqueza de seus depoimentos. Muito obrigada!

À Deus, pela vida !

SUMÁRIO

RESUMO	14
ABSTRACT	15
1 APRESENTAÇÃO	16
1.1 MINHA HISTÓRIA	16
1.2 ORIGEM DA PESQUISA	17
2 INTRODUÇÃO E ESTUDOS TEÓRICOS	22
2.1 NOVOS PARADIGMAS OFERECIDOS PELAS CIÊNCIAS DA MENTE	26
2.2 AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM	28
2.3 ASPECTOS FORMAIS DA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA.....	32
2.4 AQUISIÇÃO DA ESCRITA	34
2.5 ESCRITA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO	36
2.6 REGISTRO DA CULTURA SURDA	37
2.7 A ESCRITA DA LÍNGUA DE SINAIS	43
2.8 SISTEMAS DE NOTAÇÕES ESCRITAS DE LÍNGUAS DE SINAIS.....	47
2.8.1 A notação de Stokoe.....	47
2.8.2 Notação de François Neve.....	48
2.8.3 O Hamnosys - 1989.....	49
2.8.4 O Sistema D` Sing de Paul Jouison - 1990.....	50
2.8.5 O Sistema SignWriting - 1974	51
2.8.6 Estrutura do sistema SignWriting - Representação da sinalização e da espacialização.....	53
3 OBJETIVOS	97
4 PROBLEMA DE PESQUISA	98
5 MÉTODO	101
5.1 PESQUISA-AÇÃO: UMA ESCOLHA DE PRÁTICA SOCIAL	101
6 RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS	108
6.1 PRIMEIRO ESTUDO	108
6.2 RELATOS	119
7 RESULTADOS E ANÁLISE	213
7.1 PRIMEIRO ESTUDO	214
7.2 SEGUNDO ESTUDO	225
8 SOFTWARES UTILIZADOS NA PESQUISA	226
8.1 O SIGN WRITER	228
8.2 SIGNPUDDLE 1	232
9 RELATOS	234
9.1 RELATOS DAS TRANSCRIÇÕES.....	244

10 CONCLUSÕES, LIMITAÇÕES E TRABALHOS FUTUROS	266
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	271
ANEXOS.....	277

ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA 1: CONFIGURAÇÕES DAS MÃOS – STOKOE.....	48
FIGURA 2: CONFIGURAÇÕES DAS MÃOS – FRANÇOIS XAVIER NÈVE	49
FIGURA 3: CONFIGURAÇÕES DAS MÃOS – FORMAS BÁSICAS – HAMNOSYS	50
FIGURA 4: EXEMPLO DE D`SIGN DE PAUL JOUISON.....	51
FIGURA 5: A CABEÇA E O CORPO ESTÃO AO CENTRO	55
FIGURA 6: O CORPO DESCOLA-SE PARA FORA DO CENTRO	55
FIGURA 7: UMA SENTENÇA EM COLUNA.....	56
FIGURA 8: SINAIS DE SURDOS.....	57
FIGURA 9: PONTO DE VISTA EXPRESSIVO	62
FIGURA 10: SINAL DE CERTO	62
FIGURA 11: SÍMBOLOS DE CONFIGURAÇÕES DE MÃOS SEM ESPECIFICAR QUAL DELAS	63
FIGURA 12: A POSIÇÃO DO CONTATO.....	63
FIGURA 13: REGRA DE GRAFIA.....	64
FIGURA 14: SINAIS COMPOSTOS.....	65
FIGURA 15: ORIENTAÇÃO DA PLANA.....	65
FIGURA 16: ROTAÇÃO DE MÃO.....	65
FIGURA 17: TIPOS DE SÍMBOLOS DE MOVIMENTOS.....	77
FIGURA 18: TIPOS DE SÍMBOLOS DE CONTATOS	78
FIGURA 19: SEIS SÍMBOLOS DE MOVIMENTOS DOS DEDOS.....	79
FIGURA 20: SÍMBOLOS DE MOVIMENTOS DOS DEDOS	80
FIGURA 21: SOBRANCELHAS.....	80
FIGURA 22: BOCA	81
FIGURA 23: DENTES	82
FIGURA 24: LÍNGUA	82
FIGURA 25: OLHOS	83
FIGURA 26: BOCHECHA	83
FIGURA 27: NARIZ	84
FIGURA 28: OUTRO.....	84
FIGURA 29: MOVIMENTO DE CABEÇA	85
FIGURA 30: CORPO	85
FIGURA 31: EXEMPLOS DE CORPO.....	86
FIGURA 32: POSIÇÃO DE CABEÇA	86
FIGURA 33: OMBRO.....	86
FIGURA 34: POSIÇÃO DE TRONCO.....	87
FIGURA 35: POSIÇÃO DO BRAÇO	87
FIGURA 36: PLANO PAREDE.....	89
FIGURA 37: PLANO CHÃO.....	89
FIGURA 38: MOVIMENTO CIRCULAR.....	90
FIGURA 39: POSIÇÕES DE MOVIMENTO CIRCULAR.....	90
FIGURA 40: EXEMPLOS DE SÍMBOLOS DE MOVIMENTOS EM CÍRCULOS.	91
FIGURA 41: PONTUAÇÃO.....	91
FIGURA 42: EXEMPLO DE PONTUAÇÃO.....	92
FIGURA 43: ALFABETO MANUAL	92
FIGURA 44:FORMA SIMPLIFICADA	94
FIGURA 45: FORMA PADRÃO.....	95
FIGURA 46: SINAL ESCRITO DE MARIANN.....	106
FIGURA 47: SINAL DE LOBO.....	120
FIGURA 48: SINAL DE CASA E MÃOS FAZENDO O SINAL DE CASA.....	120
FIGURA 49: SINAL DE COMER E DESENHO DE PRATO	120
FIGURA 50: SINAL DE PÁSSARO.....	121
FIGURA 51: SINAL DE PÁSSARO COM EXPRESSÃO FACIAL	121
FIGURA 52: SINAL DE CASA.....	122
FIGURA 53: SINAL DE PAPAÍ.....	122
FIGURA 54: DESENHO DE BOLA.....	122

FIGURA 55: SINAL DE BOLA.....	122
FIGURA 56: SINAL DE FUTEBOL.....	123
FIGURA 57: DEDO INDICADOR.....	123
FIGURA 58: GRUPO 1.....	124
FIGURA 59: SINAIS DO GRUPO 1.....	124
FIGURA 60: GRUPO 2.....	125
FIGURA 61: SINAL DE SEGUNDA-FEIRA.....	125
FIGURA 62: SINAL DE NICOLE.....	125
FIGURA 63: SINAL DE ROSA.....	125
FIGURA 64: GRUPO 3.....	127
FIGURA 65: GRUPO 4.....	128
FIGURA 66: JOGO DE DOMINÓ.....	128
FIGURA 67: JOGO DE MEMÓRIA.....	129
FIGURA 68: GRUPO 5.....	130
FIGURA 69: GRUPO 6.....	131
FIGURA 70: REDAÇÃO EM SIGNWRITING.....	133
FIGURA 71: GRUPO 7 E 8.....	135
FIGURA 72: JOGO DE MEMÓRIA.....	136
FIGURA 73: GRUPO 9.....	137
FIGURA 74: GRUPO 10.....	138
FIGURA 75: SINAL DE MOTO.....	139
FIGURA 76: CONFIGURAÇÃO DA MÃO.....	139
FIGURA 77: FRASE EM SIGNWRITING.....	140
FIGURA 78: JOGO DE MÍMICA.....	141
FIGURA 79: SÍMBOLO DE MOVIMENTO.....	142
FIGURA 80: DIA DAS CRIANÇAS.....	143
FIGURA 81: ESPAÇO DE SINALIZAÇÃO.....	157
FIGURA 82: OFICINA DE SIGNWRITING NA ASSOCIAÇÃO DE SURDOS EM TOULOUSE.....	168
FIGURA 83: O CARTAZ NO QUADRO-NEGRO.....	173
FIGURA 84: O JOGO DE RECONHECER O NÚMERO.....	174
FIGURA 85: CADERNO DO ALUNO.....	181
FIGURA 86: OS CARTAZES COM OS SEUS SINAIS ESCRITOS QUE OS ALUNOS PENDURARAM NO ARMÁRIO.....	183
FIGURA 87: O ALUNO ESCREVEU A HISTÓRIA DO CAVALO COMPLETA.....	185
FIGURA 88: CADERNO DE MENINO.....	186
FIGURA 89: OS SÍMBOLOS DE PERSONAGENS DO LIVRO.....	187
FIGURA 90: OS TRÊS SINAIS ESCRITOS COM OS NOMES DOS ALUNOS.....	189
FIGURA 91: PRIMEIRO DIA, QUANDO DISTRIBUÍ O RESUMO DO MANUAL DE SIGNWRITING	193
FIGURA 92: ALUNA USOU RÉGUA.....	193
FIGURA 93: A PROFESSORA AUXILIAR EXPLICA PARA A ALUNA COMO LER O SINAL ESCRITO.....	194
FIGURA 94: A PROFESSORA AUXILIAR EXPLICA PARA OS ALUNOS USANDO O QUADRO.....	194
FIGURA 95: ALUNA ESCRIVENDO UM SINAL ESCRITO NO QUADRO-BRANCO.....	196
FIGURA 96: ONDE ESTOU EXPLICANDO SOBRE OS SÍMBOLOS DOS VÁRIOS TIPOS DE MOVIMENTOS.....	198
FIGURA 97: FRASES EM SIGNWRITING.....	199
FIGURA 98: ELAS ESTÃO LENDO A CARTA E SINALIZANDO.....	201
FIGURA 99: ELES ESTÃO CONSTRUINDO OS SINAIS ESCRITOS DOS SINAIS DOS SEUS NOMES NO QUADRO.....	202
FIGURA 100: ELE COLOCOU OS CARTAZES NA PAREDE.....	202
FIGURA 101: ELAS ESTÃO CONSTRUINDO O SINALÁRIO PARA O CARTAZ DE BEM -VINDO.....	203
FIGURA 102: ESTE TRABALHO DE PROFESSORA AUXILIAR COM DUAS ALUNAS.....	204
FIGURA 103: ELAS ESTÃO LENDO O TEXTO SOBRE MINHA VIAGEM A PARIS.....	205
FIGURA 104: EU ESCREVI A PERGUNTA: O QUE PENSAM DA AULA DE SIGNWRITING, NO QUADRO BRANCO.....	208

FIGURA 105: ALUNA RESPONDENDO A PERGUNTA NO QUADRO BRANCO	208
FIGURA 106: OUTRA ALUNA RESPONDENDO NO QUADRO BRANCO	209
FIGURA 107: ALUNA COPIOU O QUADRO BRANCO	209
FIGURA 108: ALUNA ESCREVEU A HISTÓRIA DO ÔNIBUS	210
FIGURAS 109: DESENHO E SINAL DE CASA.....	217
FIGURA 110: SINAL DE SURDO.....	218
FIGURA 111: SINAL DE MAMÃE	219
FIGURA 112: O ALUNO ESCREVEU A HISTÓRIA DO CAVALO	224
FIGURA 113: SOFTWARE DE SW-EDIT	227
FIGURA 114: SÍMBOLO NO TEXTO.....	227
FIGURA 115: ESCOLHA OS SIGNOS.....	228
FIGURA 116: SIGN WRITER – OPÇÃO ESCRITA DE LÍNGUA DE SINAIS	229
FIGURA 117: TECLAS ESPECIAIS.....	229
FIGURA 118: TECLADO DE SIGN WRITER.....	230
FIGURA 119: LUGAR DOS DEDOS	230
FIGURA 120: OS DEDOS NAS TECLAS	230
FIGURA 121: O SITE DE SIGNPUDDLE	233
FIGURA 122: E-MAIL EM SIGNWRITING.....	233
FIGURA 123: O EXERCÍCIO PARA LIGAR O DESENHO DA CONFIGURAÇÃO DA MÃO COM O SÍMBOLO CORRESPONDENTE	235
FIGURA:124: POSIÇÕES SÍMBOLOS DAS CONFIGURAÇÕES DAS MÃOS.....	236
FIGURA 125: COMPARANDO A MÃO COM O SÍMBOLO	238
FIGURA 126: SINAIS ESCRITOS PELAS DUAS ALUNAS.....	239
FIGURA 127: MANUAL DO TECLADO.....	241
FIGURA 128: OS DIÁLOGOS EM VÍDEO.....	255
FIGURA 129: A HISTÓRIA EM VÍDEO.....	261

INDICE DE TABELAS

TABELA 1: GRUPOS DE SÍMBOLOS NO SIGNWRITING	60
TABELA 2: CONFIGURAÇÕES BÁSICAS DE MÃO NO SISTEMA SIGNWRITING.....	61
TABELA 3: ADICIONAR LINHAS PARA OS DEDOS.....	61
TABELA 4: GRUPO 1.....	66
TABELA 5: GRUPO 2.....	67
TABELA 6: GRUPO 3.....	68
TABELA 7: GRUPO 4.....	69
TABELA 8: GRUPO 5 – PARTE 1	70
TABELA 9: GRUPO 5 – PARTE 2	71
TABELA 10: GRUPO 5 – PARTE 3	72
TABELA 11: GRUPO 6.....	73
TABELA 12: GRUPO 7.....	74
TABELA 13: GRUPO 8.....	74
TABELA 14: GRUPO 9 – PARTE 1	75
TABELA 15: GRUPO 9 – PARTE 2	76
TABELA 16: GRUPO 10.....	77
TABELA 17: DINÂMICAS.....	88
TABELA 18: TURMA DE 2ª SÉRIE.....	108
TABELA 19: TURMAS E ATENDIMENTOS DO PRIMÁRIO DA ESCOLA CENTRE DE RAMONVILLE	114
TABELA 20. TURMA E ATENDIMENTO DO MATERNAL DA ESCOLA SAJU DE RAMONVILLE	115
TABELA 21: TURMAS E ATENDIMENTOS DO ENSINO FUNDAMENTAL DO COLÉGIO ANDRÉ MALRAUX DE RAMONVILLE.....	115
TABELA 22: ATIVIDADES NA ESCOLA CENTRE DE RAMONVILLE	151
TABELA 23: ESCOLA CENTRE DE RAMONVILLE	170
TABELA 24: TURMA DE CE2.....	176
TABELA 25: TURMA DE CM1.....	179
TABELA 26: TURMA DE MG/GS	185
TABELA 27: TURMA DE COLÉGIO	190

LISTA DE ABREVIATURAS

ASL	American Sign Language
ELS	Escrita de Língua de Sinais
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
LS	Língua de Sinais
LSF	Língua de Sinais Francesa
FENEIS	Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos
TI	Tecnologias de Informação

RESUMO

APRENDIZAGEM DA ESCRITA DE LÍNGUA DE SINAIS PELO SISTEMA SIGNWRITING: LÍNGUAS DE SINAIS NO PAPEL E NO COMPUTADOR

Esta tese trata de como o sistema SignWriting pode servir de suporte a uma nova proposta pedagógica ao ensino da escrita de língua de sinais e letramento para crianças surdas usuárias da Língua Brasileira de Sinais - Libras e da Língua de Sinais Francesa - LSF. Escrever deve ser uma atividade significativa para a criança. No caso da criança surda, a escrita fundamenta-se em sua competência na língua de sinais, sem precisar da intermediação da língua oral.

A criança surda, quando em um ambiente onde ela e seus colegas se comunicam em língua de sinais, efetivamente tenta escrever sinais, quando é incentivada a fazê-lo.

Em nossos experimentos, usamos o sistema SignWriting para mostrar às crianças surdas (e a seus pais e professores) como escrever textos em línguas de sinais de ambas as formas: manuscrita e impressa, usando o programa Sign Writer para editar textos em línguas de sinais.

A base teórica que apóia a tese é a abordagem bilíngüe para a educação de surdos, a língua de sinais, a teoria de Piaget, e de Ferreiro quando trata das etapas da alfabetização em língua oral. Esta investigação possui um caráter exploratório, em que o delineamento metodológico é dado pela pesquisa-ação.

O primeiro estudo apresenta um levantamento do processo de aquisição da escrita de sinais, em sua forma manuscrita, pela criança e jovem surdo no Brasil e na França.

O segundo estudo trata da ajuda que a informática pode dar a essa aquisição e de como utilizamos os softwares de escrita de língua de sinais em aulas de introdução ao uso do computador e em transcrições da LSF de corpus vídeo para a escrita de língua de sinais.

Os resultados sugerem que as crianças evoluem em sua escrita, pois muitos signos que elas escreveram não foram sugeridos pela experimentadora, nem por outro meio, mas surgiram espontaneamente. A introdução de um software como o Sign Writer ou o SW-Edit nas classes para introduzir as TI traz a essas aulas muito maior interesse do que quando usamos um editor de textos na língua oral. Também as produções das crianças são mais sofisticadas.

As conclusões indicam que a escrita de língua de sinais incorporada à educação das crianças surdas pode significar um avanço significativo na consolidação de uma educação realmente bilíngüe, na evolução das línguas de sinais e aponta para a possibilidade de novas abordagens ao ensino da língua oral como segunda língua.

Palavras-chave: Educação de Surdos, Língua de Sinais, Escrita de Língua de Sinais, Informática na Educação, Softwares em SignWriting.

ABSTRACT

THE LEARNING PROCESS OF SIGN LANGUAGE WRITING THROUGH THE SIGNWRITING SYSTEM: SIGN LANGUAGES ON PAPER AND IN THE COMPUTER

This thesis describes how the SignWriting system can support a new pedagogic proposal to the teaching of written sign language and literacy for deaf children using the Brazilian Sign Language – Libras and the French Sign Language – LSF.

Writing should be a significant activity for the child. In the case of a deaf child, writing is based on his/her competence in sign language, needless of the intermediation of the spoken language.

The deaf child, when in an environment where he/she and her colleagues communicate using sign language, indeed tries to write using signs, when encouraged to do so.

In our experiments, we used the SignWriting system to show the deaf children (and their parents and teachers) how to write texts in sign languages in both forms: handwritten and printed, using the SignWriter program to edit texts in sign languages.

The theoretical basis supporting this thesis is the bilingual approach for the education of the deaf, sign language, and the theories of Piaget and of Ferreiro, with their approach of the stages of literacy in oral language.

This investigation has an exploratory character, where the methodological alignment is given by research-action. The first study presents a description of the sign language writing acquisition process by the children and youngsters in Brazil and in France.

The second study presents how information technology (I.T.) can support this acquisition and the way sign language writing softwares can be used in introductory lessons of computer skills and in transcriptions of LSF from corpus video to written sign language.

The results observed suggest that children evolve in their writing, since many signs and phrases they wrote were not suggested by the researcher nor by other means, they rather appeared spontaneously. The introduction of a software such as Sign Writer or SW-Edit during the I.T. classes brings significantly higher interest to these lessons when compared to a text editor in oral language. Also the children's productions are more sophisticate.

The conclusion indicates that sign language writing, when incorporated to the education of deaf children, can represent a significant advance in the consolidation of a really bilingual education, as well as in the evolution of sign languages, and also indicates the possibility of new approaches to the teaching of oral language as a second language.

Key words: Education of the Deaf, Sign Language, Written Sign Language, Information Technology in Education, Sign Writing Softwares.

1 APRESENTAÇÃO

1.1 Minha história

Em 11 de setembro de 1973 aconteceu uma revolução em Santiago do Chile. Foi onde e quando eu nasci, no dia 2 de outubro. Minha família é brasileira, mas nessa época meu pai trabalhava lá como diretor do Banco do Brasil. Logo depois fui morar no Paraguai e em seguida na Espanha, também algum tempo na Argentina e Estados Unidos. Aos nove anos, vindo viver no Brasil, encontrei a minha língua de sinais na escola de surdos, mas antes, já usava muitos sinais inventados com a minha família. Também na escola de surdos de Madri, que era oralista, nós os pequenos, usávamos os sinais inventados misturados com os copiados dos grandes.

Minha família toda é ouvinte, sou a única surda, mas respeitaram minha diferença e aprovaram a minha convivência com a comunidade surda.

Algumas vezes, quando minha família mudava de cidade estudei em escolas para ouvintes, sempre, não me sentia bem. Na escola de surdos me sentia muito feliz, queria ficar mais na escola e nas férias convidava amigos surdos.

Durante minha adolescência, participei de muitos campeonatos esportivos de surdos pelo Brasil e outros eventos dos surdos onde podia me comunicar em sinais. Na Universidade cursei Tecnologia em Informática. Tive intérpretes de língua de sinais para algumas aulas mas não suficientes. Tive muitos professores particulares, minha mãe, escrevia os tapes que eu gravava em aula, me ajudava com as leituras e revisava meus textos, organizando as frases. Precisei me esforçar bastante e muitas vezes sentia raiva.

Até chegar a este diploma a luta foi longa. Para os surdos de Porto Alegre que usam a Língua Brasileira de Sinais - Libras para se comunicar, esta luta começou com a criação de um Ensino Médio na Escola Especial Concórdia onde adotavam a filosofia da Comunicação Total. Da primeira turma que terminou o Ensino Médio em 1988, nenhum dos formandos conseguiu entrar na universidade, nem tentaram, já que as universidades não ofereciam nenhum apoio aos surdos.

O seguinte passo importante, para nós surdos, foi quando a Universidade Luterana do Brasil - ULBRA concordou em colocar um intérprete da língua de sinais na prova vestibular e a corrigir a redação dando mais valor ao conteúdo do que à forma. A Escola Especial Concórdia, que tinha como diretora a professora Beatriz Raymann, empenhou –se muito para conseguir isto.

Eu fui desta primeira turma que começou a cursar a universidade em 1995, com intérprete no vestibular. Antes alguns surdos cursaram a Universidade e não usaram intérpretes, pois que não exerciam sua identidade surda explicitada no uso da Libras. Hoje são quase 60 surdos usuários da Libras cursando sua graduação na ULBRA. Eles vêm de muitos estados brasileiros. Nesse momento, há muitas outras universidades brasileiras que trabalham com intérpretes de Libras.

1.2 Origem da pesquisa

Desde que entrei na escola de surdos de Porto Alegre participo da comunidade surda. Hoje trabalho como voluntária e sou diretora de políticas educacionais da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos - Feneis, para conquistar o respeito à Língua Brasileira de Sinais - Libras e aos direitos humanos dos surdos.

Em 1995 logo depois que entrei na ULBRA trabalhei como bolsista da FAPERGS junto à professora Dra. Lucila Santarosa na UFRGS, era um trabalho com informática aplicada à construção de softwares educativos para os surdos. Eu servia como auxiliar das facilitadoras, comunicando em língua de sinais, o que elas orientavam para os usuários do programa que eram alunos surdos do Ensino Fundamental. A dificuldade de escrever e compreender o português era muito grande.

De 1996 a 2001, enquanto ainda cursava minha graduação, fui auxiliar de pesquisa na Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre do professor Dr. Antônio Carlos Rocha da Costa, para desenvolver o sistema de SignWriting, adaptando-o a Libras, foi quando me apaixonei pela escrita da língua de sinais. Do trabalho resultou a construção de um manual que explica como escrever os sinais da nossa Língua Brasileira de Sinais - Libras usando o sistema.

Também fui auxiliar de pesquisa da professora Dra. Márcia Campos que desenvolveu softwares da escrita de língua de sinais, pelo mesmo sistema, construindo

sinais escritos no banco de dados dos softwares que ela desenvolveu. Apresentamos juntas alguns trabalhos em congressos de informática e de educação de surdos.

Desde 1996, quando iniciamos o trabalho com a escrita de língua de sinais ligado à informática, tenho participado de muitos eventos sobre educação de surdos em todo o Brasil e até no exterior. Participei de muito poucos na área de informática. A grande dificuldade é que nesses eventos não há contratação de intérprete. Nos poucos em que participei, a interpretação aconteceu de forma precária, contando com a boa vontade de alguém que conhecia a Libras e se dispunha a interpretar minha participação em língua de sinais. Esse dado demonstra como, na maioria das situações, a inclusão é ainda apenas um conceito vazio de conteúdo real.

A escrita de língua de sinais é importante para nós surdos que temos muita dificuldade de escrever em português. Meu pensamento se dá nas duas línguas, às vezes em língua de sinais e às vezes em português. Como o texto deve ser escrito em português, minha mãe, que foi logopeda por muitos anos em escolas de surdos, lê o texto já escrito e organiza as frases colocando palavras de ligação, mudando tempos de verbos ou pedindo para eu escrever novamente parágrafos que não ficaram claros pelo mau uso da sintaxe que não é a de um falante da língua e às vezes, embaralha o sentido. Minha escrita do português melhorou muito, ao longo de meu doutorado e também minha compreensão das leituras, eu relia várias vezes meus próprios escritos e as teorias para chegar a um ponto em que podia compreender bem o que havia escrito.

No ano de 2001 comecei a participar do Núcleo de Pesquisa em Políticas Educacionais para Surdos – Nupes, formado por um grupo de alunos e professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Esse grupo foi criado no ano de 1996, com o objetivo de gerar um espaço de reflexão, ação, participação e discussão em torno da Educação de Surdos.

O grupo era orientado pelo Doutor Carlos Skliar, professor que com sua vinda para Porto Alegre fez nascer os estudos surdos em nossa comunidade. Foi ele o primeiro educador, entre nós, a propor uma nova abordagem para a surdez, substituindo a visão médico/clínica até então incontestada, que nos tratava como deficientes, pouco capazes, pela visão sócio/antropológica/cultural que criou espaços para crescermos e assumirmos nossa diferença de forma consciente.

O Nuppes organizava um Fórum de Discussão sobre Educação de Surdos que acontecia uma vez por mês no auditório da UFRGS, dele participavam professores de surdos, intérpretes, pesquisadores, alunos surdos, famílias, alunos ouvintes etc. Uma das discussões foi sobre escrita de língua de sinais com o palestrante Charles Butler que é americano com quem, e com a orientação do Dr. Antônio Carlos Rocha da Costa, construímos um dicionário em quatro línguas: duas escritas com o sistema SignWriting a Língua de Sinais Americana - ASL e a Língua Brasileira de Sinais - Libras e duas com a escrita alfabética do português e do inglês.

Durante todo esse período participei como professora de vários cursos de formação para professores de surdos, incluindo aulas de escrita de língua de sinais e também aulas de Informática na Educação de Surdos nos interiores do Rio Grande do Sul e em algumas cidades de outros estados do Brasil.

De 1996 até 2000 dei aulas na Escola Especial Concórdia-ULBRA, lecionando, de forma experimental, para as sétimas séries, escrita de língua de sinais utilizando o sistema SignWriting, e de informática, utilizando o programa Sign Writer que é o editor de textos do sistema.

Em 2000 e 2001 trabalhei como professora de Informática na Escola de Ensino Fundamental Frei Pacífico com as crianças do jardim até a quarta série utilizando softwares educativos. Com a terceira série usava o mesmo Sign Writer, editor de textos para língua de sinais.

Em agosto de 2001 iniciei meu trabalho de doutorado com dedicação integral, projeto que inclui essa proposta de pesquisa e a participação, como palestrante, em inúmeros cursos, seminários e encontros relacionados a ela.

Em janeiro de 2004 apresentei minha proposta de tese, tendo a banca aprovado e colocado inúmeras questões pertinentes que serviram de guia para a continuação de meu trabalho.

Em janeiro de 2005 parti para a cidade de Toulouse na França, convidada como especialista em SignWriting, para trabalhar junto com um grupo de pesquisa formado por lingüistas da Sorbonne - Universidade Paris 8, educadores de surdos da cidade de Toulouse e doutorandos da área de informática da Universidade Paul Sabatier, com propostas de teses na área de informática para a língua de sinais francesa, orientados pelo Prof. Patrice Dalle, também de Toulouse. Lá tive também oportunidade de participar de algumas

reuniões com um grupo de pesquisa que está criando um sistema de escrita de língua de sinais, o qual não utiliza o sistema SignWriting, no Institut de Recherches sur les Implications de la Langue des Signes – IRIS.

A primeira parte, de minha pesquisa, consta de relatos de minha vida e apresentação de teorias sobre conhecimento, linguagem e surdez que estudei nas diversas disciplinas cursadas durante meu trabalho de doutorado, de meus conhecimentos anteriores e de minhas experiências de líder surda. A universidade proporcionou-me uma intérprete de língua de sinais para a assistência às aulas das disciplinas cursadas que me permitiu acompanhar e participar. Minhas apresentações de trabalhos contaram sempre com os recursos visuais de datashow e do trabalho da intérprete.

Minhas produções escritas partiram das minhas leituras, resumos feitos das mesmas, anotações nas aulas, construção de relações entre diversos conteúdos, esquemas e demais recursos possíveis de usar na construção de uma escrita que, partindo de meus estudos, pudesse dar conta da problemática que me propus. Os relatórios constituem a narrativa detalhada e descritiva do trabalho de experimentação realizado com os diversos grupos de surdos que trabalharam comigo na tentativa de usar o sistema SignWriting na escrita da Libras, o editor de textos Sign Writer e o mesmo sistema SignWriting de escrita de língua de sinais adaptado à Língua de Sinais Francesa - LSF.

Com meu orientador e co-orientadora de doutorado trabalhei as teorias da construção da linguagem, da alfabetização e do sistema de escrita SignWriting e a organização da pesquisa ancorada nas práticas de difusão de um sistema de escrita para as línguas de sinais, nas formas manuscrita e no computador.

Igualmente importantes, para minhas construções, foram as disciplinas teóricas oferecidas pela UFRGS a seus doutorandos, e as escolas de surdos que me acolheram. Minha participação na Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos – Feneis proporcionou o convívio permanente e responsável com meus pares, de muitos lugares do Brasil, uma visão abrangente de nossa realidade educativa e experiências de vida compartilhadas.

O convite do grupo de pesquisa da França trouxe a possibilidade de acrescentar um caráter mais amplo às minhas observações, sendo, como pude observar, um trabalho de qualidade aquele realizado junto à população surda, pelo país que ofereceu ao mundo ocidental seus paradigmas modernos de humanismo e igualdade, e continua a representar,

mesmo no pós-moderno, resistência significativa às tendências de desrespeito à pessoa em sua individualidade e à massificação consumista e alienada.

Trilhados os caminhos indicados pelo meu orientador, para por em prática minhas metas, as teorias postas e os dados coletados, submeti-os a minha co-orientadora. Muito bem, disse ela, está tudo aqui, vamos organizar. Finalmente, o texto completo, foi corrigido por uma professora de português.

2 INTRODUÇÃO E ESTUDOS TEÓRICOS

O reconhecimento formal do status lingüístico das línguas de sinais é muito recente. A UNESCO somente em 1984 declarou: “A língua de sinais é um sistema lingüístico legítimo e deveria merecer o mesmo status que os outros sistemas lingüísticos”.

Atualmente, 20% da população surda mundial têm algum nível de escolarização, e apenas, 1% recebe essa escolarização na língua de sinais, por isso a FMS (Federação Mundial dos Surdos) tem como prioridade o desenvolvimento de atividades para as comunidades surdas mais excluídas.

A Federação Mundial dos Surdos – FMS¹ é uma organização não governamental em nível internacional e representa aproximadamente 70 milhões de surdos em todo o mundo que fazem parte das comunidades surdas de 123 países. Sua principal função é a de congregar as Associações, Federações e outras Organizações Nacionais de Surdos. No Brasil a Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos – FENEIS é sua representante e conta, por sua vez, com cerca de 130 filiadas brasileiras entre escolas e associações de surdos. O surdo politizado não se considera deficiente e sim membro de uma comunidade cultural e lingüística. Por isso é muito importante, para ele, divulgar sua língua, que é sua maior especificidade, sendo essa atualmente sua luta maior.

Paradoxalmente, para os surdos, no presente processo, a informação e a comunicação têm sido suas principais ferramentas. A forte coesão existente entre essa população, fruto do isolamento construído pela dificuldade de comunicação com o mundo ouvinte, forma um laço moral apertado e empurra suas lideranças a não admitir disfarces e a lutar pela sua autodeterminação.

O objetivo das federações é servir desinteressadamente às pessoas surdas, tendo caráter educacional, assistencial e sócio-cultural. Nossos esforços tem sido pelo reconhecimento da Libras que agora já o é por lei, mas precisa ser difundida, respeitada e estudada. A comunidade surda que sofreu um grande crime, quando teve sua língua discriminada por séculos, merece o apoio dos pesquisadores e lingüistas para resgatar seu papel.

¹ World Federation of the Deaf - WFD

Na Conferência Mundial de Educação para todos, realizado em 1994 na Espanha, o documento resultante, denominado “*Declaração de Salamanca*” preconiza a necessidade da educação dos surdos ser realizada a partir de sua língua de sinais, essa necessidade tem sido muito pouco respeitada, pois, educar não tem a ver apenas com o que é melhor para o educando, educar tem também muito a ver com quais papéis a ideologia dominante atribui aos diversos atores que compõe a cena educativa.

Os professores ouvintes da nova escola de surdos centrada na língua de sinais precisam saber usa-la de forma plena, não podem mais simplificar explicações, facilitar textos e articular claramente em português ajudando com alguns sinais a exposição dos conteúdos, como se fazia na escola oralista ou na de comunicação total. Agora, devem interagir com o aluno em uma língua que precisa ser plenamente dominada por ambos, professor e aluno, que devem ter a mesma possibilidade de comunicar-se.

A competência em língua de sinais por parte dos professores ouvintes poucas vezes chega a ser a necessária. Ela é uma língua completa, não uma pantomima. Tem sua gramática e é de caráter viso-espacial a qual os ouvintes não estão habituados. Tornar-se fluente, como um professor precisa ser, é uma tarefa séria e demanda tempo e dedicação. Novas percepções acompanham a necessidade do esforço por essa nova aquisição e um sentimento de inadequação se instala entre os professores, as resistências embora veladas, ou disfarçadas de mil maneiras, fazem-se muito presentes.

Os pais do surdo, (90% dos pais de surdos são ouvintes) também precisam aprender uma nova língua e embora muitos manifestem esse desejo a realidade mostra o contrário. Aqueles com filhos já adultos que sabem a língua de sinais são uma insignificante minoria. Com a melhor aceitação da língua de sinais, alguns começam a aprender junto com o filho pequeno, ainda poucos.

Os preconceitos ligados ao rótulo de deficiente são fortes na sociedade, o medo de perder o filho para o grupo de surdos com o qual ele sempre quer estar, quando compreende o quanto é fácil comunicar com a língua de sinais, é latente nas famílias e também o preconceito contra a língua de sinais em razão de sua associação com a palavra deficiência.

São poucas as orientações dadas pelos médicos aos pais ouvintes que têm uma criança diagnosticada surda e muito mais no sentido do oralismo, afinal esta é uma conduta consolidada. Os fonoaudiólogos atentos e atualizados que preconizam a aquisição indispensável da Libras concomitante ao treino da fala ainda não são os mais reconhecidos pela comunidade médica, que envia os pacientes e tenta sempre consertá-los. Para isso são

indicadas até medidas extremas de risco para sua saúde global, como a dos implantes cocleares que, praticados em crianças, são considerados uma violência pelas comunidades surdas organizadas.

A questão é complexa e as lideranças surdas que estão politizadas e tomam a frente do processo buscam novas práticas que precisam ser apoiadas pelas instituições que pensam a educação com soluções novas e criativas que levem em conta, não apenas os aspectos formais, mas também as relações subjacentes de poder ainda que veladas, inconscientes ou travestidas de boas intenções.

Geralmente os intérpretes da língua de sinais são ligados às comunidades surdas, em contrapartida aos pais, professores, fonoaudiólogos e médicos que têm uma história de dominação e má comunicação com os surdos. Os surdos sentem-se assegurados pelos intérpretes, pois esses, pelo poder de comunicação da língua de sinais, corporificam a possibilidade de resgate da participação. O intérprete ou o tradutor, de qualquer língua, tem grande poder em suas mãos. Ele é responsável pela qualidade da comunicação. Os surdos precisam que esses profissionais sejam bem qualificados, por cursos específicos que se estruturam, associados a alguma comunidade surda idônea, isto para que o conhecimento que tem da língua de sinais seja autêntico e para que esse profissional possa inserir-se na comunidade surda e conhecer sua cultura. É necessário também, que essa profissão seja regulamentada.

Até hoje muitas famílias ouvintes não concordam com que seus filhos surdos participem das comunidades surdas. Não valorizam esses espaços que podem construir a identidade surda de seus filhos e dar a eles a possibilidade de exercer sua independência e individualidade mas, a comunidade ouvinte, com raras exceções, não reconhece o líder surdo como um interlocutor válido.

As aparências sempre estiveram contra os surdos em relação às suas reais capacidades, por sua dificuldade de falar e de compreender aquilo que o ouvinte diz, a tendência natural desses, é menosprezar a mensagem da pessoa surda, pela forma como ela aparece. Com a língua de sinais os surdos podem, através do intérprete, compreender e ser compreendidos, e os ouvintes, são colocados no mesmo nível, precisam também do intérprete ou de aprender uma língua que não é a sua língua natural.

O surdo que participa da comunidade surda, quando encontra o grupo de surdos fica muitas horas na festa, ou no encontro de rua, ou em qualquer lugar, para dar-se bem comunicando com a língua de sinais. As pessoas surdas que vivem na casa com a família

ouvinte se comunicam muito pouco durante a semana. A cultura da família é um ambiente hegemônico ouvinte.

A coesão das comunidades surdas, embora suas profundas diferenças individuais, tem sua explicação na possibilidade da comunicação natural. Em muitas épocas, tachadas de guetos, sempre observadas com distanciamento e estranheza pela sociedade, devem sua sobrevivência a esse fator fundamental de ali poder encontrar uma língua comum.

O líder surdo sempre trabalha com o intérprete ou parente da família que lhe serve de intérprete mas em muitos lugares a visão continua a ser a do colonizado, que muitos surdos aceitam. Muitos líderes surdos têm muitas coisas importantes para dizer mas ficam prejudicados por um entendimento diferente do intérprete. Por isso nos encontros, quando são só surdos, utiliza-se a língua de sinais para não haver dificuldades de interpretação. Acontece de surdos não entenderem algumas mensagens, por estar em outro nível de evolução política, ou mesmo ter pouco conhecimento da língua de sinais, mas esta é uma construção que a comunidade surda precisa fazer por si própria.

O que pretendo com minha proposta de pesquisa encontra identificação com aquilo que uma Pesquisa-Ação pretende que é a transformação do objeto social, através da tomada de consciência, da construção dos objetivos e da organização da ação. Na ação, essa transformação só pode se dar como prática política, que unifique a prática científica e a pedagógica em um objetivo comum.

Minhas afirmações estão baseadas na observação, nas discussões, nos documentos da literatura impressa sobre o tema, e nas observações obtidas em minhas intervenções, com o objetivo de difundir entre os surdos e os educadores de surdos, o conhecimento e o respeito à Língua Brasileira de Sinais - Libras e a sua escrita. Intervenções essas sempre acompanhadas de discussões acerca de nossas realidades de vida surda.

Os encontros pedagógicos semanais, com as crianças, aqui no Brasil, que constam dos relatos escolares, tiveram como objetivo específico o conhecimento e o posterior domínio da tecnologia do sistema de escrita SignWriting e do uso do computador com a utilização dos editores de textos Sign Writer e SW-Edit.

Na França, o projeto das entidades francesas que me convidaram a participar da sensibilização a uma escrita de língua de sinais e a exercer o papel de facilitadora da apropriação do sistema SignWriting não incluía o uso da informática com as crianças, com os jovens ou com os grupos de estudos e pesquisa de uma escrita para a LSF.

Lá, a parte de informática, que me coube, se caracterizou pelo uso do editor de textos SW-Edit nos trabalhos de transcrição realizados na Universidade Paul Sabatier, que serviram de suporte para as aulas de SignWriting e de material de pesquisa para o grupo de lingüistas da Universidade Paris 8.

2.1 Novos paradigmas oferecidos pelas ciências da mente

A partir dos anos 60, as pesquisas das neurociências e as observações das ciências cognitivas começaram a oferecer as bases científicas para uma nova visão de como poderia ser a educação e a comunicação das pessoas surdas. Essas pesquisas, que reabilitaram as línguas de sinais atribuindo-lhes o papel legítimo e insubstituível de instrumento capaz de dar conta das necessidades comunicativas dos surdos, provocaram nas comunidades surdas movimentos de luta pelo reconhecimento de suas línguas, que haviam sido preservadas em associações de surdos, num clima de clandestinidade, desde seu banimento das escolas em 1880.

As ciências cognitivas estão relacionadas ao estudo interdisciplinar da aquisição e da utilização do conhecimento. Elas têm por objeto descrever, explicar e às vezes simular as principais disposições e capacidades do espírito humano. As ciências cognitivas têm por objeto de estudo inúmeros programas de pesquisa, dependentes de múltiplas disciplinas, às quais fornece sua principal característica que é uma determinada concepção das relações entre os diferentes fenômenos visados e, em seguida, entre as disciplinas em questão.

As disciplinas, parte integrante do conjunto das ciências cognitivas são a lingüística, a psicologia, a antropologia, as neurociências, a inteligência artificial, a lógica e a filosofia.

O cognitivismo coloca três proposições principais como paradigma para servir de objeto de estudo e método dentro dessas disciplinas. A primeira proposição define o funcionalismo no sentido estrito: o complexo mente/cérebro é suscetível de uma dupla descrição, material ou física no sentido amplo (a física intervindo na realidade pelo viés das neurociências) e informacional ou funcional. Esses dois níveis são interdependentes e a relação que se estabelece entre eles é semelhante àquela que une um computador, enquanto sistema físico, com a descrição do mesmo aparelho enquanto tratamento da informação. As duas seguintes proposições caracterizam o aspecto “computo representacional” da doutrina:

- No nível informacional, o sistema cognitivo do homem é caracterizado por seus estados internos ou mentais e pelos processos que conduzem de um estado ao

seguinte. Esses estados representacionais são dotados de um conteúdo remetendo a entidades externas (são também semanticamente avaliáveis).

- Os estados ou representações internas são fórmulas de uma linguagem interna ou “mentais”, próxima das linguagens formais da lógica. Os processos são aqueles que a lógica qualifica efetivos: ações primitivas cuja execução por uma máquina é evidente (ela não exige nenhuma interpretação). Eles se identificam ao conjunto das “receitas”: procedimentos descritíveis, sem ambigüidade e realizáveis em um número finito de etapas elementares, da ordem do reflexo.

Quanto à representação, a teoria interacionista coloca que é na interação com o meio que o indivíduo constitui seu mundo simbólico.

Dois importantes teóricos Piaget e Vygotsky que se dedicaram a pesquisar como surge o conhecimento chegaram à mesma crença de que ele evolui das formas elementares para as formas superiores, sendo o desenvolvimento humano, um processo de inter-relação (interação) entre o meio social e as bases biológicas. A tese principal de Piaget mostra que existe uma continuidade, entre a inteligência e os processos biológicos, que ultrapassa o condicionamento hereditário.

As comunicações, com o advento da informática, estão sendo totalmente modificadas e a escola está tentando adequar-se introduzindo o computador. As novas tecnologias associadas ao computador trazem vantagens para os surdos pois são de caráter predominantemente visual. As dificuldades para o surdo estão no acesso às ferramentas que ele tem a sua disposição para trabalhar. A inacessibilidade do português dentro do contexto de leituras aparece como uma dificuldade importante.

A grande maioria das pessoas surdas, após completar sua vida escolar, não sabe utilizar a língua escrita em toda a amplitude de suas possibilidades: como meio de comunicação, para a reflexão e enriquecimento do pensamento, como fonte de prazer. O problema se apresenta em todo o mundo. Nos Estados Unidos, o nível médio de proficiência em leitura, ao qual chegam os surdos, ao sair da escola, não lhes permite ler o jornal. Na maioria dos outros países a situação é a mesma, ou pior, inclusive no Brasil.

Isto acontece porque as escolas de surdos têm sido objeto de orientações pedagógicas profundamente equivocadas que não oportunizam, a grande maioria dos surdos, a apropriação de sua própria língua, nem a do português escrito com eficiência.

Enquanto participantes do processo educacional, sentimos que era necessário buscar uma nova postura pedagógica que aliasse o uso das tecnologias à construção do conhecimento.

Como desafio, tanto para professores como para os alunos participantes, as metas foram voltadas para o desenvolvimento do sujeito ativo, dinâmico, autônomo, crítico e criativo, interagindo com seus colegas, em um ambiente que envolve a construção de suas aprendizagens e a manipulação dos materiais relacionados às tarefas. Essas posturas remetem ao termo construtivismo quando relacionado a sistemas computacionais.

2.2 Aquisição da linguagem

Na criança pequena a atividade física é fundamental para toda a aprendizagem. Ela aprende a perceber e controlar a correção de suas próprias percepções por meio do manejo de objetos e de movimentos do corpo.

Em *Cérebro y Lenguaje*, Lúria (1974) diz que a linguagem é essencial para o desenvolvimento cognitivo, pois a formação dos processos verbais está relacionada com importantes mudanças nas estruturas dos sistemas funcionais do cérebro. Surgida entre os membros da sociedade primitiva para atender a necessidade de formas de comunicação mais complexas, a linguagem, demandou processos de desenvolvimento do organismo biológico fazendo com que características fixas em várias zonas do cérebro dessem lugar a uma concepção mais adequada de sistemas funcionais e móveis, mediante os quais, o organismo se adapta ao ambiente. O período máximo de desenvolvimento da linguagem vai de mais ou menos um ano e meio até aos três anos. Nesse período a criança precisa escutar a interpretação verbal daquilo que experimenta. A linguagem torna-se cada vez mais efetiva ao guiar as ações como instrumento da ação simbólica.

Primeiro a criança manipula, depois percebe e finalmente representa simbolicamente. As representações de ordem superior e também coletivas, porque precisam ser objeto de convenções que lhe atribuem sentido culturalmente definido, constituem-se no signo verbal para as línguas faladas e no sinal gestual para as línguas de sinais.

Piaget (1970) na obra: *O Nascimento da Inteligência na Criança*, usa a expressão psicogênese para falar da aprendizagem, pois acredita que esta é uma construção psicológica. Ele estudou detalhadamente, por meio da observação exaustiva de seus filhos, como se desenvolve a inteligência na criança, como se dá o processo da aprendizagem e como se constrói a representação simbólica que possibilita a ocorrência da linguagem.

Observou que certos instintos, reflexos, deixam de funcionar normalmente por falta de um meio apropriado. Nos bebês surdos podemos observar este fato, em relação aos

balbucios iniciais, comuns a todos os bebês, também aos surdos, que desaparecem ao invés de evoluir para a fala por falta do estímulo auditivo, que seria proporcionado pelo meio.

O contato com o meio não tem por resultado apenas desenvolver reflexos, mas também coordená-los produzindo uma aprendizagem em função da interação com o meio, assim a criança adapta sua conduta aos diferentes objetos. A criança chupa seus dedos, depois outros objetos como o brinquedo etc. Ela assimila estes objetos à atividade do reflexo levando todos os objetos à boca e finalmente vai usar esta conduta para reconhecer os corpos.

A fisiologia do organismo oferece uma montagem hereditária inteiramente organizada e virtualmente adaptada, mas que nunca funcionou. A psicologia começa com o funcionamento desse mecanismo.

No bebê o exercício de sucção é um reflexo hereditário. As manifestações do bebê, concomitantes às repetições do exercício, expressando diferentes estados de consciência (satisfação raiva calma agitação etc..) mostram que o mesmo estado de consciência não se reproduz duas vezes idêntico a si próprio e apontam para uma significação, pressupondo uma utilização individual da experiência e caracterizando o reflexo como um mecanismo causador de um exercício significante, e por conseqüência, de uma aprendizagem.

Quanto à audição e a fonação Piaget (1970) ainda em *O Nascimento da Inteligência da Criança*, diz que são reflexos hereditários que por volta do segundo mês dão lugar a adaptações adquiridas. Claramente, durante o segundo mês, o som ouvido provoca uma parada, mesmo pouco duradoura, da ação em curso e uma busca clara.

O ouvido e a voz estão ligados, para a criança, desde o início da adaptação adquirida, talvez haja até uma ligação hereditária, mais isso Piaget relata que não pode comprovar.

A adaptação manifesta-se no esforço do bebê para reencontrar o novo som descoberto por acaso; há uma acomodação perpétua dos órgãos vocais à realidade fônica percebida pelo ouvido, seja, o som produzido por ele próprio ou imitação de sons produzidos por outros. Aparece a seguir a assimilação por repetição, na medida em que cada esquema vocal se consolida funcionando. Há assimilação generalizadora, na medida em que diversifica progressivamente os sons em combinações indefinidas. Há assimilação cognitiva na medida em que a reação circular e a imitação nascente implicam na discriminação de determinado som em relação a outro.

A fonação está organizada em dois sentidos complementares, primeiro na medida em que o conjunto de sons produzidos constitui um sistema de articulações

interdependentes, e depois, na medida em que a fonação se coordena com outros esquemas, sobretudo com os esquemas auditivos.

O bebê surdo quando exercita seus reflexos de balbucios iniciais não encontra o estímulo externo (sons) que tornaria seu exercício significativo e, por conseguinte, capaz de gerar a aprendizagem da fala.

A montagem hereditária que se manifesta nos balbucios iniciais (reflexos) deixa de funcionar por falta do retorno auditivo impedindo a aprendizagem da fala que se daria na troca com o meio. Essa acomodação perpétua dos órgãos vocais à realidade fônica, percebida pelo ouvido, deixa de existir no caso dos sujeitos surdos.

Quanto ao ouvido, até o segundo mês, a única reação que se observa na criança é o interesse pela voz. A partir do segundo mês se estabelecem duas coordenações essenciais: coordenação com a fonação e coordenação com a visão. No segundo mês a cabeça se move em direção ao som e, progressivamente, acontece uma assimilação, que iniciando pelo simples prazer de escutar progride para a discriminação e logo o reconhecimento de certos sons.

Da associação entre um som e uma percepção visual pode-se dizer que os esquemas visuais e auditivos se assimilam reciprocamente: a criança procura averiguar sistematicamente a que quadros visuais correspondem os sons ouvidos isto acontece porque ela se esforça para ver tudo.

Uma vez adquirida a coordenação, do ouvido e da vista, a criança começa a procurar sistematicamente, a propósito de tudo, a correspondência entre os sons e os quadros visuais. Nos bebês surdos os esquemas visuais e auditivos, pela ausência desses, não podem assimilar-se reciprocamente. O bebê se esforça para ver tudo, mas chama a atenção de seus cuidadores à falta de reação aos sons ambientes. O quadro de compensação se manifesta na hiper-vigilância que caracteriza o comportamento de muitos surdos mesmo adultos.

A mãe surda, trabalha sempre com a atenção visual da criança e jamais inicia um jogo ou brincadeira até que a criança olhe para ela. Já, quando a mãe não é surda, é o bebê que tenta resolver, pelos seus próprios meios, o problema da comunicação: os bebês surdos de pais ouvintes, não expostos à língua de sinais desde o nascimento, começam a desenvolver gestos manuais para expressar seus pensamentos, desejos e necessidades. A criança não sofre por parte do meio uma simples pressão exterior mas, pelo contrário, procura adaptar-se a ele. Portanto a experiência não é recepção, mas ação e construção progressiva.

O fato fundamental, para a criança surda que está impedida de adaptar-se ativamente ao meio sonoro é o de que a língua oral, cuja representação sonora é a palavra, não pode ser adquirida naturalmente.

Observações realizadas por Karnopp (1999), na aquisição da Libras, investigam três aspectos do desenvolvimento infantil: a questão da percepção visual, da produção manual e da importância do input visual. O input em língua de sinais é, obviamente, importante para que o bebê passe para etapas posteriores no desenvolvimento da linguagem. (Karnopp e Quadros, 2001 pg. 217).

Sobre a aquisição da língua de sinais, os primeiros sinais ou as primeiras palavras aparecem, indiferentemente a qual seja a modalidade da língua, entre os dez meses e o primeiro ano de idade. Esses mesmos estudos mostram que as crianças surdas com pais surdos, inicialmente balbuciam com as mãos, começam então a produzir enunciados de um único sinal, e em seguida, combinam sinais formando sentenças simples. Portanto as diferenças na modalidade entre as línguas orais auditivas e as línguas gestuais-visuais não obstruem o processo de aquisição de uma língua.

A extinção da atividade fônica reflexa é uma pista importante na descoberta da surdez congênita. O ouvido não dá nenhum sinal exterior de sua ausência, por isso, muitas vezes a surdez só é descoberta quando, na idade apropriada, a criança não começa a falar.

Testes simples podem ser realizados, ainda no hospital, quando do nascimento dos bebês que detectam a surdez, são preconizados pela Organização Mundial da Saúde e começam a ser realizados no Brasil, em alguns locais de excelência.

Em sua tese de mestrado (Karnopp, 1994) estabelece um paralelo entre desenvolvimento lingüístico de crianças ouvintes e de crianças surdas filhas de pais surdos, usuários de Língua Brasileira de Sinais – Libras e conclui pela convergência das diversas etapas de aquisição, incluindo o período pré-lingüístico e evidenciando os mesmos princípios de aquisição compartilhados por crianças surdas e ouvintes.

O construtivismo de Piaget teve o mérito de superar o empirismo que dizia ser o conhecimento fruto exclusivamente da experiência por via das percepções. Ele nos fez ver que, entre o dado da realidade e o conhecimento, há uma importante elaboração do aprendiz. Conforme Costa (2003), Piaget abstraiu os fatores sociais no estudo do desenvolvimento da criança por uma questão metodológica, durante o processo de investigação, porém fica claro no conjunto de sua obra, que considerava o desenvolvimento cognitivo dependente de fatores sociais.

Outros pensadores, como Vygotsky, focaram mais a dimensão social dizendo que a aprendizagem é um fenômeno grupal. O pesquisador russo Vygotsky já em 1925 em ensaio sobre a educação de surdos, havia percebido a necessidade do uso da língua de sinais para possibilitar sua educação. Os ensaios infelizmente só foram publicados em inglês em 1989.

Quando se trata do desenvolvimento das funções psicológicas superiores, isto não é algo que acontece de modo automático, para serem absorvidas precisam de mediação cultural. Os instrumentos culturais foram desenvolvidos para as pessoas que tem todos os órgãos dos sentidos, todas as suas funções biológicas. A chave para o desenvolvimento da pessoa diferente será a compensação, o uso de um instrumento cultural alternativo, para os surdos é a língua de sinais. Ela está voltada para as funções visuais que estão intactas. Constitui o modo mais direto e mais simples de permitir o desenvolvimento pleno, o único a respeitar a diferença, sua singularidade. (Vygotsky apud Sacks 1989, pg. 63).

As questões que se referem ao que é língua e como ela está representada no cérebro, ainda colocam muitos interrogantes para os neurocientistas e lingüistas. Quanto à necessidade dos surdos utilizarem a língua de sinais não se encontram mais argumentos sérios de estudiosos que a contradigam.

As línguas de sinais são consideradas pela lingüística como sistemas lingüísticos legítimos, de modalidade gestual-visual, capazes de proporcionar aos surdos o meio apropriado para a realização de todas suas potencialidades lingüísticas.

No Brasil, a Libras é a língua de sinais que se constitui naturalmente dentro das comunidades surdas urbanas. A pesquisadora Ferreira Brito, em 1984, detectou existência de outra língua de sinais no Brasil, usada por índios da floresta Amazônica, no Estado do Maranhão – a Língua de Sinais Kaapor Brasileira (LKSB).

A Libras possui suas regras próprias e apresenta estruturas sistemáticas em todos os níveis lingüísticos. Expressa sentimentos, estados psicológicos, conceitos concretos e abstratos, processos de raciocínio.

2.3 Aspectos formais da língua de sinais brasileira²

1. Fonologia:

- configurações de mãos;
- alfabeto manual
- uso de uma mão

² De acordo com Karnopp e Quadros, 2001

- usos de ambas as mãos com a mesma configuração
- uso de ambas as mãos com configurações diferentes,
- uso de movimentos simétricos, uso de movimentos alternados,
- exploração dos pontos de articulação dentro do espaço de sinalização

2. Morfologia:

- marcação de plural,
- de intensidade,
- de modo,
- de tempo,
- de forma,
- de tamanho,
- classificadores,
- incorporação de negação

3. Sintaxe:

- exploração do uso do espaço (organização de objetos e referentes presentes e não-presentes);
- uso da marcação de concordância nos verbos com concordância
- uso dos elementos necessários para marcação de concordância com verbos sem concordância (auxiliar, ordem linear, topicalização, foco)
- uso de estruturas complexas (interrogativas, relativas e condicionais)
- uso de topicalização
- uso de estruturas com foco
- uso de marcação não-manual gramatical para realização de concordância, perguntas QU e sim/não, negação, topicalização e foco

4. Semântica

- emprego de relações de significado no nível lexical (antonímia, sinonímia, homonímia, do polissemia, etc.)
- exploração dos aspectos relacionados ao significado da sentença

5. Pragmática

- exploração de implicaturas
- figuras de linguagem
- formas de polidez na linguagem

2.4 Aquisição da escrita

A evolução da escrita³, que está intimamente ligada ao processo civilizatório, não foi linear, houve mistura de muitos sistemas e variantes ao longo do tempo. A evolução da escrita, usada no mundo ocidental, corresponde a um aumento da geratividade, com a redução progressiva do número de unidades mínimas que se tem de aprender para poder escrever. Ela evoluiu, no sistema alfabético, de milhares de ideogramas, a centenas de sílabas para apenas cerca de quarenta relações grafema-fonema.

Os primeiros registros escritos são os pictogramas – desenhos que representavam analogicamente objetos e eventos.

Seguiram-se os ideogramas ou logogramas – representações padronizadas que facilitavam o reconhecimento por um maior número de pessoas.

Surge então, a idéia de incorporar aos registros escritos elementos das línguas faladas para tornar o significado mais claro e unívoco, pois acontecia à polissemia, isto é: multiplicidade de significados possíveis de se atribuir às figuras. O rebus, que então surgiu, foi uma figura para evocar não os significados visualmente aparentes, mas sim aqueles formados pelo encadeamento dos sons da palavra. Ao tornar os sons visíveis, o rebus passou a permitir representar conceitos abstratos com muito maior clareza. Os rebus já eram usados, junto aos hieróglifos e misturados a ideogramas para acrescentar pistas. Por exemplo, um rebus de um ramo cujo som era (re) colocado junto à figura que representava pagar para significar – (reembolsar).

³ Resgate histórico à partir de Problemas de Leitura e escrita (Capovilla, 2000) e Alfabetização e Linguística (Cagliari, 2002).

Os silabários, que foram à etapa seguinte, ainda tinham uma baixa geratividade. Por exemplo, o sistema cuneiforme da Mesopotâmia continha quase 600 sinais, o que dificultava muito sua aprendizagem.

A invenção do sistema de escrita alfabético foi devida à percepção de que a escrita pode ser organizada mais eficientemente representando cada som da língua por um sinal específico. Esse tipo de organização reduz muitos os sinais necessários, pois em uma língua os sons em geral somam menos de quarenta. A introdução das vogais surgiu apenas no primeiro milênio antes de Cristo na Grécia.

A escrita alfabética é um sistema funcional complexo que tem sua origem na análise dos sons da linguagem, da separação de certos sons do fluxo da linguagem e de sua transformação em fonemas constantes e generalizados. Esse primeiro passo que implica a função integrada do sistema áudio-articulatório cria a potencialidade para a escrita. O passo seguinte é a identificação desses sons, nos diversos contextos sonoros em que aparecem, e a análise de sua dependência das posições que ocupam nas diferentes palavras. Apenas quando correm essas condições torna-se possível traduzir os fonemas em grafemas, que podem ser representados mediante ações motoras e desenvolver o sistema de movimentos uniformemente conexos, característicos da escrita, quando convertida em uma atividade automática.

É necessário pontuar que em todo o desenrolar desse complexo funcionamento participam as conexões preliminares que se estabelecem em relação com a linguagem interna e que, por meio de um feedback contínuo jogam o papel de alimentador e regulador do processo. A escrita tem a intenção de poder ser lida por alguém por isso a escrita tem sempre uma motivação.

A escrita alfabética é um sistema gerativo que possibilita ler qualquer palavra nova. Ela permite a auto-aprendizagem pelo leitor. O processo aos poucos contribui para criar uma representação ortográfica de cada palavra, que será então lida pela rota lexical, o que acontece com as palavras já bem conhecidas e que aparecem com freqüência.

A configuração atual de uma língua está na relação entre os seus elementos e não no valor intrínseco deles. Os elementos individuais adquirem sentido, conforme se posicionam, dentro da configuração particular que constitui uma determinada língua.

Quanto ao significado dos elementos, ele é arbitrário, atribuído pela comunidade falante, ou sinalizante, que vai incorporando novos vocabulários, ou no caso das línguas de sinais novos sinalários⁴, em uma construção que é social.

2.5 Escrita alfabetização e letramento

O modelo descrito de evolução da escrita ao longo da evolução cultural da humanidade parece se repetir na ontogênese, durante o processo de alfabetização.

A criança começa desenhando e contando histórias longas sobre seus desenhos, nessa fase, para ela, o desenho e a escrita são indiferenciados. Aos poucos a escrita vai se diferenciando do desenho, a criança vai construindo hipóteses e fazendo experimentações até chegar a busca de uma correspondência termo a termo entre os fragmentos gráficos e segmentações sonoras, sendo conforme Ferreiro e Teberosky”...a consideração das propriedades formais da escrita e a correspondência com segmentos sonoros o final da gênese”. (Ferreiro 1999, pg. 103)

A passagem de uma estratégia para a seguinte durante o processo da aquisição é acompanhada de um aumento na competência da leitura e escrita. A alfabetização é apenas o primeiro passo no exercício da leitura e da escrita, é a capacidade mínima de ler e escrever em uma determinada língua.

O letramento difere do simples ler e escrever porque pressupõe um entendimento do uso apropriado dessas capacidades dentro de uma sociedade que está fundamentada no texto impresso. Assim a lectoescrita requer um envolvimento autônomo e ativo com o texto impresso e destaca o papel do indivíduo no gerar, receber e atribuir interpretações independentes às mensagens.

Signorini assim define o letramento, ”conjunto de práticas de comunicação social relacionadas ao uso de materiais escritos, e que envolvem ações de natureza não só física, mental e lingüístico discursivas como também social e político ideológica” (Signorini,2001, apud, Lodi,et al, 2002, pg. 35)

O nível de letramento que permite um bom funcionamento social varia de uma cultura para a outra e também dentro de uma mesma cultura. Assim os níveis de letramento necessários ao funcionamento social podem variar. É importante, porém que exista uma interação entre as exigências sociais e a competência individual. Para que isso ocorra, a

⁴ Sinalário: conjunto de expressões que compõe o léxico de uma determinada língua de sinais

escola precisa proporcionar ao indivíduo a condição de leitor ativo suficientemente apto para que, a partir de suas próprias necessidades, consiga gerar, receber e atribuir interpretações independentes às mensagens.

2.6 Registro da cultura surda

Do ponto de vista da cultura surda, o uso da língua oral de seu país, como única opção de escrita significa não só que as relações pessoais entre surdos que são contemporâneos uns dos outros, mas que estão distanciados no espaço, bem como, as manifestações dos surdos de outras épocas, precisam ser mediadas e registradas em forma escrita numa língua que não é a própria, o que implica, necessariamente, na intervenção de um processo de adaptação entre as línguas de sinais e falada que estão em questão.

Para compreender a leitura é preciso haver uma complementação entre o conhecido, que está na nossa cabeça, e o desconhecido, que está no papel; entre o que está atrás e o que está diante dos olhos. Teatro, narrativas, literatura surda em geral, só podem ser escritos após serem vertidos para uma língua falada, mesmo quando criados originalmente em língua de sinais. Os surdos não podem construir sua própria escrita de acordo com sua maneira de sinalizar.

As pessoas surdas também acham a língua de sinais, como qualquer outra língua, uma maneira poderosa de expandir sua criatividade e prazer artístico. Teatros nacionais de surdos em vários países fizeram programas de grande sucesso. Artistas surdos têm conseguido mostrar linguagem de sinais em suas pinturas, ilustrações ou trabalhos esculturais. Pessoas surdas de talento criam poesia e humor em língua de sinais. (YERKER, Anderson, ex-presidente da FMS, 1981).

A escrita, o poder e a tecnologia são parceiros nas narrativas ocidentais da origem da civilização. A Cultura Surda está minimamente registrada, porque as situações que os surdos vivem, não conseguem escrever em sua própria língua.

No decurso da última década, apesar da contínua relutância dos defensores do método oral, programas bilíngües/biculturais foram incrementados em vários países europeus. Diferentes abordagens pedagógicas têm caracterizado esses programas. Na Alemanha um projeto piloto contempla um bilingüismo contínuo dentro da sala de aulas. Na Suécia a língua de sinais é a única língua de instrução e a língua oral/escrita do país é vista em termos de segunda língua estrangeira. Na França o programa “*Deux langues pour*

une Educación” oferece à criança surda uma área de suporte em língua de sinais de tempo integral.

Com esses enfoques, o desenvolvimento intelectual e cultural dessas comunidades surdas tem evoluído e o caminho natural dessa evolução passa pela aquisição de uma escrita própria que pode proporcionar o acesso a um novo patamar em suas expressões culturais e comunicativas. Com a aprendizagem da escrita de sinais, os surdos vão ter a oportunidade de desenvolver uma nova cultura, que é a cultura surda escrita, um pouco diferente da cultura surda sinalizada.

No presente trabalho o ponto de partida é a identidade situacional da pesquisadora, que toma a decisão de tentar posicionar-se a partir da consistência de padrões percebidos que têm sentido para si e para outros, mas muitas vezes não estão em conformidade com normas culturais vigentes.

O MEC⁵ está patrocinando uma grande mudança na educação dos surdos no Brasil, cujo projeto de implementação está previsto para se estender por dez anos e cujo objetivo primeiro é a inclusão da população surda nas escolas de ouvintes. Com esse objetivo inicia a capacitação de professores ouvintes no uso da língua de sinais e introduz a figura do instrutor surdo.

As lideranças surdas, embora reconheçam o avanço que constitui validar a língua de sinais, e o esforço feito pelos responsáveis pelo ensino especial para promover uma grande mudança na educação dos surdos no Brasil, pontuam que as mudanças precisam ser estruturais. O poder de decisão nas escolas e classes para surdos continua só com os ouvintes e os surdos ainda são vistos, em muitas escolas, apenas como instrutores de língua de sinais, ainda assim, substituíveis por professores ouvintes que muitas vezes, dominam muito mal essa língua. A inclusão, conceito bonito e desejável, pode funcionar como exclusão. Exclusão da plena comunicação e da real participação.

O concurso e apoio de educadores ouvintes são indispensáveis, mas esses devem estar comprometidos com as mudanças necessárias, que estão alicerçadas em paradigmas científicos comprovados e verdades já bem conhecidas, mas que, algumas vezes, continuam longe da prática das escolas que recebem surdos.

Se há o que reconstruir, não é o surdo, mas sim, o projeto educacional destinado a ele. E, nesse sentido, apenas os integrantes dessa comunidade, como surdos, podem contribuir, de modo efetivo, para a educação das crianças surdas. Ignorar sua competência, neste momento

⁵ MEC – Ministério da Educação e Cultura.

de nossa história, passou a ser encobrir uma evidência. A adoção de uma filosofia educacional, consistente, que dê conta de um projeto educacional para surdos, não pode ignorar a interlocução constante. Não há apenas surdos a ensinar, mas ouvintes e surdos a aprender como educar surdos. Os últimos 100 anos de educação de surdos no Brasil, foram mais do que suficientes para aprendermos como não educar surdos e, também, como não formar educadores de surdos. (Fernandes, 2003. pg. 55).

Passadas mais de quatro décadas dos movimentos surdos, respaldados pelos achados científicos, estarem mobilizados em favor do respeito à sua especificidade cultural e lingüística, o processo mostra dificuldade de avançar e por em prática aquilo que os surdos consideram seu direito: o de aprender e se expressar em sua própria língua e desenvolver, já a partir da escola, sua própria cultura.

Uma educação de qualidade para os surdos não pode ignorar todo o contexto da cultura surda, privilegiando a deficiência e esquecendo o mecanismo de compensação, a língua de sinais, que os próprios surdos, historicamente, já demonstraram utilizar com naturalidade e eficiência.

A criança não vive a partir de sua deficiência, mas a partir daquilo que para ela resulta ser um equivalente funcional. Tudo isso seria certo se, desde já o modelo clínico-terapêutico não se obstinasse tanto em lutar contra a deficiência, o que implica, em geral, originar conseqüências sociais ainda maiores. Reeducação ou compensação, essa é a questão. Obstar-se contra o déficit, esse é o erro. (Skliar, 1997, pg. 12)

O poder negado às pessoas surdas e a seus líderes de gerir e ministrar sua própria educação foi tomado por uma ação arbitrária de lideranças dos professores ouvintes no célebre e triste Congresso de Milão⁶ e condenou os surdos a um retrocesso em suas vidas que durou cem anos. A ação foi radical e abrangente banindo todos os professores surdos que, naquela época, já eram em número significativo nas escolas de surdos. Esses não tiveram condições de resistir.

A partir do final do século XIX o menosprezo às necessidades dos surdos e o desrespeito às suas possibilidades foi se acentuando, pela educação equivocada, até que, com o passar do tempo, eles chegavam a ser facilmente confundido com débeis mentais.

⁶ O oralismo passou a ser adotado oficialmente a partir do Congresso de Milão em 1880, quando foram excluídas todas as possibilidades do uso das línguas de sinais na educação de surdos. A partir de então, ela foi proibida nas escolas de surdos e em instituições que acolhiam surdos, inclusive nas suas próprias organizações.

A ação foi muito grave, pois passaram quase cem anos antes que pesquisadores ouvintes percebessem o descompasso da prática pedagógica nas escolas de surdos com as descobertas das neurociências e da psicologia cognitiva e dessem publicidade a esse fato para que as comunidades surdas tivessem o poder de começar a articular novas ações.

Os professores surdos representam para a criança surda um modelo adulto e é importante que ela possa formar o conceito de que a pessoa surda pode ser um adulto viável, pode liderar, pode agir com independência, pode exercer um papel relevante na sociedade. As sutilezas do poder e as implicações do mesmo com as responsabilidades dele derivadas, bem como, a maioria das percepções importante para o jogo da vida, só podem ser percebidas e exercitadas entre iguais. Sem a possibilidade de construir sua identidade a pessoa surda fica para sempre imatura e dependente.

Na educação de surdos, além do deslocamento cultural entre professor e aluno, ainda se intensifica a distância por não se compartilhar o mesmo código lingüístico, incluindo aquelas escolas que consideram a língua de sinais, mas que, no entanto não a vivem de forma efetiva. (Giordani, 2003. pg. 58)

A questão da dependência dos surdos mistura-se com a questão da deficiência. Essa supõe uma dependência em maior ou menor grau. Podemos dizer também que ninguém é totalmente independente, seja um Estado, seja uma pessoa. Quando lutamos pelo direito de termos professores surdos estamos lutando por um grau maior de independência. O grau que estamos aptos a exercer. Uma pessoa surda tem intelectual e fisicamente o mesmo potencial de uma pessoa ouvinte. Se ela puder se comunicar na língua de sinais não vai ter impedimento para desenvolver-se tanto como um ouvinte, então a questão da dependência, fica condicionada apenas às disponibilidades de poder usar sua língua para comunicar-se com a maioria ouvinte, e também de poder apropriar-se dos conhecimentos de toda a humanidade, da qual ela também é herdeira.

Outro argumento que sustenta a resistência a uma mudança radical nas escolas de surdos é aquele de que os surdos não sabem bem o português. Alguns professores surdos que sabem se expressar em português, falado e escrito, conseguem trabalhar em escolas, a grande maioria não sabe português e fica excluída de qualquer possibilidade. O que podemos observar é que muitos desses surdos têm inúmeras qualificações para serem professores. Para a criança surda será esse o fator mais importante? Será que é mais importante para um aluno surdo que seu professor saiba português ou que consiga interagir com ele em uma língua comum aos dois, com ida e volta?

Os educadores surdos pontuam que usar as duas línguas simultaneamente é um procedimento desvantajoso para o surdo porque essa prática supõe professores ouvintes. O que acontece quando o professor é ouvinte é que muitas vezes, até sem perceber, ele usa sua língua e faz junto alguns sinais, o que não se constitui em uso da Libras. O aluno surdo não vai compreender, ou vai compreender apenas partes, porque o professor não está se expressando em Libras, mas em uma língua que não existe, uma mistura das duas línguas.

Na escola de surdos, ou na classe de surdos incluída em uma escola regular, que trabalhe uma efetiva educação bilíngüe, o aluno surdo pode construir sua auto-estima dentro de um grupo de usuários da mesma língua, não se sentirá inferior e inadequado por ser a cada momento confrontado com o colega que capta rapidamente todos os estímulos sonoros, enquanto ele precisa se esforçar para mais adivinhar do que compreender. Terá pleno acesso aos conteúdos e exercerá seu direito a uma educação de qualidade.

A subordinação da língua de sinais à língua portuguesa, e a hegemonia dos professores ouvintes nas escolas e classes de surdos, faz com que muitos surdos desvalorizem sua própria língua e junto com ela a si próprios. Essa desvalorização já havia se tornado evidente para o pesquisador Roch Ambroise Bébien que trabalhava no INJS⁷ de Paris, antes do malfadado Congresso de Milão, onde a língua de sinais era usada pelos alunos e, como hoje acontece muitas vezes, usada, mas pouco conhecida pelos professores.

Eu não me canso de advertir que eu não ouço falar aqui mais do que da linguagem familiar dos surdos, que ninguém a aprende, que é a expressão imediata e sem arte de seus pensamentos. É apenas sob esse ponto de vista que os sinais são vistos; pois mesmo que eles sirvam para o desenvolvimento do pensamento, nós, os professores, não vemos mais do que as palavras que eles devem tornar inteligíveis. Nós não consideramos, a língua de sinais, mais que em relação à língua francesa, ao formato da qual nós queremos adaptá-la. Mas como essa linguagem difere eminentemente de todas as outras línguas, nós fomos obrigados a torturá-la para enquadrá-la exatamente dentro de nossos costumes, e ela foi algumas vezes desfigurada ao ponto de se tornar ininteligível (Bébien, 1817)⁸.

Aqui no Brasil existem mais ou menos 120 associações de surdos, espaços onde foi preservada e desenvolvida a língua de sinais e onde se constrói a cultura surda. Essas comunidades surdas surgiram pelo motivo de que, na época, as escolas de surdos proibiam comunicar com a língua de sinais então os surdos fundaram muitas associações, para ter possibilidade e liberdade de comunicação entre eles.

⁷ INJS – Institut National de Jeunes Sourds de Paris

⁸ Tradução de Mariana Rossi Stumpf - Essai sur les sourds-muets, 1817.

Dentro das associações de surdos a falta de reconhecimento de uma identidade surda faz com que muitas vezes os surdos pensem que os ouvintes sabem mais as informações do que os surdos e esse momento está mudando bem devagar. O sujeito se constrói pelos seus contatos com o meio e vivendo situações diferenciadas de representação. As situações de poder do próprio surdo ainda são poucas se comparadas às do mundo ouvinte. Nas associações de surdos podemos observar as identidades surdas de formas diferenciadas e aparecem as lideranças e as lutas pelo poder como em qualquer outra comunidade.

Os surdos que vivem em condição de subordinação parecem estar vivendo na “terra do exílio” e este é o ambiente em que vivem a maioria dos surdos que são filhos de pais ouvintes. É o ambiente da cultura dominante. (Perlin, 1998. pg. 72).

As aparências sempre jogam contra os surdos em relação às suas reais capacidades. Por sua dificuldade de falar e de compreender aquilo que o ouvinte diz, a tendência natural desses, é menosprezar a mensagem da pessoa surda pela forma como ela aparece. Com a língua de sinais os surdos podem, através do intérprete, compreender e ser compreendidos e os ouvintes ficam no mesmo nível, precisando também do intérprete.

Nesse momento, os relatos dos surdos, demonstrados os fracassos de sua educação, ocorre no Brasil à lei federal de oficialização da Língua Brasileira de Sinais – Libras. Os educadores surdos propõem uma nova concepção para sua educação que aprofunda a discussão para além dos métodos e práticas escolares, propondo a construção de uma identidade surda, diferente da identidade ouvinte e incluindo nessa educação a escrita de nossa língua de sinais que pode se constituir num novo território para fortalecer as pessoas surdas. A escrita de língua de sinais como ferramenta de comunicação, por sua natureza, permite construir um modelo teórico a partir do real e expressar a coerência desse modelo inventando as relações entre os elementos e possibilitando elaborar um ponto de vista sobre o mundo, passando do conjuntural expresso pela língua de sinais para o estruturado, expresso pelo texto

A alfabetização em SignWriting poderia criar uma ruptura interessante, uma vez que obrigaria a escola, ao menos por um momento, a não pensar no/em português, nem, (talvez) em um currículo em português, língua que estaria, como disciplina, na condição de segunda língua. Ou seja, ao menos por um momento, a escola teria que desnaturalizar a compreensão que tem do aluno surdo, teria que se rever também a seus objetivos e métodos. (Souza, 2002, pg. 142)

2.7 A escrita da língua de sinais

O atraso cognitivo dos surdos pode ser produzido pela limitação que eles têm em realizar trocas simbólicas com seu meio, provocado pela falta de um instrumento simbólico e de um ambiente que os estimule a representar suas trocas afetivas e assim evoluir significativamente.

“Pensar sobre a surdez requer penetrar “no mundo dos surdos” e “ouvir” as mãos que, com alguns movimentos, nos dizem o que fazer para tornar possível o contato entre os mundos envolvidos, requer conhecer a “língua de sinais”. Permite-se “ouvir” essas mãos, pois somente assim será possível mostrar aos surdos como eles podem “ouvir” o silêncio da palavra escrita”. (Quadros, 1997, pg. 119).

A escrita real, que responde a uma situação, a uma motivação, supõe compreensão do modo de sua construção. Na escrita real a criança precisa criar os elementos e as relações entre eles que não podem ser pré-estabelecidos.

A construção da escrita passa pela experimentação de hipóteses. Na teoria de Piaget, “o conhecimento objetivo aparece como uma aquisição, e não como um dado inicial”. (Piaget, apud Ferreiro, Teberosky, 1988, pg.33). A criança quando aprende a escrever constrói suas estruturas cognitivas e simultaneamente reconstrói o sistema da escrita. Para que a criança se aproprie da escrita como um sistema de representação, ela precisa diferenciar os elementos e as relações próprias ao sistema e também, compreender a natureza do vínculo entre o objeto do conhecimento e sua representação.

Ao dar aulas para crianças surdas pude observar que muitos alunos pensavam que o português escrito era a escrita da língua de sinais usada por eles. Existe muita confusão, entre as duas línguas que, entre outros fatores, limita os resultados também das aprendizagens de leitura e escrita em português.

“Um leitor que não é falante assume estratégias perante a língua diferente do que faz um falante. Cria de certo modo uma “língua nova”, em grande parte baseada nas regras de sua própria língua, misturando regras que ele inventa como estratégia pessoal ou que pensa que descobriu na língua estrangeira. Tudo isso vai formando o conhecimento que ele tem dessa língua.” (Cagliari, 2002. pg. 154)

Sabemos que é preciso considerar os conhecimentos anteriores do educando para que ele possa criar novos significados, relacionando o novo com o já existente na sua estrutura cognitiva, esse processo é inerente à própria compreensão do “contexto” e

constitui o fundamento da aprendizagem significativa. As crianças surdas que se comunicam por sinais precisam poder representar pela escrita a fala delas que é visoespacial. Quando as crianças conseguem aprender uma escrita que é representação de sua língua natural têm oportunidade de melhorar todo o seu desenvolvimento cognitivo.

Em minhas aulas experimentais observei que depois que as crianças aprendem os símbolos da escrita da língua de sinais, aparecem muitas idéias e variações na sua escrita, pois cada um está à vontade para expressar seu pensamento, sem a insegurança de tentar encontrar a palavra da língua oral, que procura, e não encontra, quando encontra não sabe bem se era aquela a palavra certa. Com a imensa maioria dos surdos, quando escrevem em uma língua oral, acontece o mesmo que acontece com um ouvinte que não sabe o suficiente de uma língua estrangeira na qual precisa se expressar; ele vai simplificando o máximo possível para conseguir passar a mensagem e muitas vezes usa palavras que não significam aquilo que pensa.

Mesmo que a criança surda, quando lê uma língua oral, consiga converter as letras na soletração digital correspondente ela não vai obter o sinal lexical que ela está acostumada a usar no dia a dia em sua língua de sinais, e essa é uma crucial diferença em relação à criança ouvinte.

Já nos primeiros estágios do desenvolvimento da linguagem é possível distinguir dois aspectos da fala que, posteriormente, constituirão a base psicológica de todos os processos verbais: o aspecto nominativo, que se reduz à designação de um objeto ou conceito definido, e o aspecto predicativo, que consiste no fato de que uma palavra ou frase designativa dada, comunique alguma idéia, se refira a alguma atividade concreta e tenha o significado correspondente que originalmente não era expresso e só podia ser obtido por referência ao contexto prático, à situação em que se pronunciava a palavra. O aspecto predicativo da linguagem está intimamente relacionado com os motivos básicos que dirigem a atividade do indivíduo. Está ligado com suas intenções, com seu pensamento. A oração é a manifestação do pensamento ela é a característica fundamental da linguagem ativa.

A principal dificuldade dos surdos, quando escrevem uma língua oral não é o léxico e sim a sintaxe. Como é pela sintaxe que a língua se define, pois a função geradora está contida no campo sintático, a dificuldade em adquirir a sintaxe da língua falada é o que acontece de mais grave na escrita do surdo, o que faz com que seus textos sejam muitas vezes incompreensíveis.

Vygotsky (1934) diz que, na língua materna, os aspectos primitivos da fala são adquiridos antes dos aspectos mais complexos. Estes últimos pressupõem certa consciência das formas fonéticas, gramaticais e sintáticas. No caso de uma língua estrangeira, as formas mais elevadas se desenvolvem antes da fala fluente e espontânea. As teorias intelectualistas da linguagem que privilegiam a relação entre signo e significado têm um fundo de verdade no que diz respeito à aquisição de uma língua estrangeira .

A relação dos surdos com a língua de sinais é a mesma do ouvinte com a língua materna, ele não tem consciência das estruturas gramaticais de sua língua, mas as usa corretamente, e adquire fluência sem esforço. Para aprender uma língua estrangeira o aprendiz ouvinte só alcança o resultado positivo depois de um estudo árduo e demorado. Já o surdo acresce, a dificuldade natural de aprender uma língua estrangeira, o fato de não ter o mapeamento oferecido pela fala e o fato, ainda mais relevante, de não possuir, em grande parte das vezes, uma língua de sinais consistente.

A criança transfere para sua nova língua o sistema de significados que já possui na sua própria língua e quando ela aprende a ver sua língua como um sistema específico entre muitos, passa a conceber seus fenômenos dentro de categorias mais gerais e isso leva à consciência das operações lingüísticas.

Os seres humanos precisam de comida para sobreviver, assim como precisam da linguagem para se comunicar uns com os outros. Num determinado momento da história essa forma de comunicação passa a ser objeto de reflexão e estudo. É o que aconteceu com as línguas orais que têm uma forma escrita.

Há muitas línguas orais que não possuem uma escrita. Seus usuários talvez não sentiram necessidade dessa representação, ou não conseguiram um sistema que representasse adequadamente suas línguas. As comunidades surdas, não são comunidades isoladas, com uma cultura de língua ágrafa, mas participam da vida urbana e do mundo contemporâneo que é cada vez mais dependente da escrita. As comunidades surdas urbanas precisam de um nível adequado de leitura e escrita compatível com a sociedade em que vivem.

A escrita preenche funções específicas: comunicação à distância, fixar traços do passado, agendar atividades, anotar rapidamente dispondo de apenas lápis e papel, etc. Descobrir essas funções pressupõe usar uma escrita com significado. A escrita exige um trabalho consciente e consiste numa tradução a partir da fala interior. A fala interior é uma

fala condensada e abreviada. A escrita é detalhada e exige uma ação analítica deliberada capaz de construir uma estruturação intencional da teia do significado.

Existe um período ótimo do desenvolvimento em que o organismo é particularmente sensível a certos tipos de influência. Os anos escolares são, no todo, o período ótimo para o aprendizado de operações que exigem consciência e controle deliberado; o aprendizado dessas operações favorece enormemente o desenvolvimento das funções psicológicas superiores enquanto ainda estão em fase de amadurecimento.

Nas atividades escolares a leitura e a escrita de língua de sinais vai permitir um trabalho muito mais consistente com a língua de sinais que precisa ser completa e bem construída, para possibilitar ao surdo o acesso a todo conhecimento.

Quando nos comunicamos passamos não apenas uma mensagem, mas a nossa maneira de ver, sentir e ler o mundo. A pessoa bicultural se define como aquela que participa da vida de duas culturas, que se adapta a uma e a outra.

A criança surda deve ser preparada a vir a ser uma pessoa bicultural, quer dizer membro das culturas surda e ouvinte, mesmo que ela tenha a dominância de uma cultura em relação à outra. Nós defendemos o direito da criança surda a ser bicultural e bilíngüe.

A utilização da língua de sinais por um surdo supõe um relacionamento específico dele com seu mundo, uma outra maneira de ser e então outra maneira de entrar na língua escrita. É preciso contrapor o paradigma da diferença ao da deficiência.

As comunidades surdas tiveram seu processo de busca e criação de uma escrita interrompida pelos mais de cem anos da exclusão de suas línguas que, de tão desqualificadas, nem eram cogitadas para objeto de pesquisas sérias.

Quarenta anos após as primeiras propostas de reabilitação das línguas de sinais, nós pensamos, que uma escrita da língua de sinais, pode ampliar as possibilidades de estudos aplicados às línguas de sinais e o acesso á cultura escrita da população surda. Nesse contexto, a incorporação da aprendizagem de uma escrita da língua de sinais ao currículo da educação dos surdos, pode fazer a diferença, entre propostas apenas superficiais e mudanças estruturais realmente eficazes para sua educação.

“Uma consequência direta do bilingüismo pleno e instruído pelas pesquisas em Neuropsicológica Cognitiva é a proposta de uma solução teoricamente informada para os problemas de leitura e escrita dos surdos. Desse ponto de vista, a solução proposta para resolver as dificuldades de leitura da coletividade dos cidadãos Surdos, tornando-os capazes de ler habilmente qualquer texto, consiste em fazer com que a decodificação desse texto produza diretamente os

sinais lexicais da língua materna com que eles pensam e se comunicam,...do mesmo modo, a solução fundamental para resolver as dificuldades de escrita da coletividade dos Surdos, permitindo que eles sejam capazes de escrever habilmente qualquer idéia, consiste em fazer com que os sinais lexicais da língua materna, com que eles pensam e se comunicam sejam conversíveis diretamente em texto...”. Mas isto tudo só é possível pela substituição do código alfabético que mapeia diretamente a fala, por um outro código que mapeie diretamente o sinal”. (Capovilla, 2001, Dicionário vol.II pg.1507).

No século XIX, Bébian⁹ (1817) escreveu que, em seus numerosos trabalhos havia traçado um caminho para a educação dos surdos e que, outro, mais hábil, ou mais bem assessorado, encontraria o fim desse caminho. Sua posição era equilibrada, realista e moderna. Ele não pode ser reduzido apenas a um defensor dos sinais, era sim, partidário de uma educação que começando pelos sinais, pois dizia, essa é a única maneira de comunicação com uma criança surda, chegaria à maioria com o surdo possuidor de duas línguas: a língua de sinais, inclusive escrita, e a língua de seu país, esta somente na sua forma escrita. Bébian predisse, mas foi necessário chegarmos aos anos 60 para que os trabalhos do americano William Stokoe retomassem o caminho esboçado por ele.

2.8 Sistemas de Notações Escritas de Línguas de Sinais

Há vários tipos de notação para as línguas de sinais dos surdos. Algumas dessas notações comportam muitas centenas de símbolos cuja reprodução é muito volumosa. Descrevo resumidamente algumas das mais relevantes:

2.8.1 A notação de Stokoe

Stokoe (1919 – 2000) e a sua equipe de lingüistas da Universidade Gallaudet, a quem devemos o estabelecimento do caráter lingüístico das línguas de sinais, também criaram uma notação que parte de cinco elementos:

- O lugar, onde nos encontramos, 12 posições.
- As configurações de mãos, que são dez.
- Os movimentos indicando ação, com 22 símbolos.
- A orientação, quatro indicações.

⁹ Tradução livre de Mariana Rossi Stumpf – Essai sur les sourds-muets, 1817.

- Os sinais diacríticos com duas possibilidades.

O sistema criado por Stokoe não tinha o objetivo de servir para o uso comum dos surdos, mas sim de atender à uma necessidade particular dele, que era estudar as línguas de sinais, nesse aspecto seus estudos são referenciais para alguns pesquisadores das línguas de sinais.

Configurações das mãos conforme Stokoe

	A	Punho fechado		I	Como "I"
	•A	Punho fechado, polegar estendido		K	Como "K"
	B	Mão plana		3	Como "3"
	••B	Como "B" mas dedos curvos		R	Como "R"
	5	Dedos estendidos como "5"		V	Como "V"
	C	Mão curvada como "C"		W	Como "W"
	E	Mão contraída		X	Índice curvo
	F	Como "F"		Y	Mínimo e indicador estendidos
	G	Indicador aponta		8	Médio e polegar em contato
	H	Indicador e médio apontam (antiga forma do "H")			

FIGURA 1: CONFIGURAÇÕES DAS MÃOS – STOKOE

2.8.2 Notação de François Neve

A notação de François Xavier Neve, pesquisador na Universidade de Liège, (1996) deriva daquela de Stokoe, mas é mais completa.

Ela utiliza códigos que tornam possível uma numeração e um tratamento informático dos signos. A escritura é feita em colunas verticalmente de cima para baixo, em uma só coluna quando a mão dominante sinaliza. Em duas colunas quando se utilizam as duas mãos. Os signos são anotados na seguinte ordem:

Configuração <<CO>>

Localização <<LO>>

Orientação <<ORI>>

Ação <<ACT>>

1-2-3-4-5-20		Como em datilologia	
A-B-C-D-E-F-G-I-L-M-N-O			
P-Q-R-S-T-U-V-W-X-Y-Z			
	Bico de pardal		Asas de águia
	Cabeça de elefante		Garra de urso
	Pinça		Colher
	Chave		Plano
	Pregos		Colina
	Pistola		Cabrito
	Cornos		Percevejo
	Lhama		Bico de pato
	Duplo colchete		Gueia de crocodilo

FIGURA 2: CONFIGURAÇÕES DAS MÃOS – FRANÇOIS XAVIER NÈVE

2.8.3 O Hamnosys - 1989

Inventado na Universidade de Hamburgo, Alemanha, por Prillwitz, Vollhaber e seus colaboradores. Esse sistema foi objeto de diversas versões para a informática. Distingue principalmente:

- As configurações de mãos
- As orientações de dedos e da palma
- As localizações sobre a cabeça e o tronco
- Os tipos de movimentos
- A pontuação

As modalidades de movimentos

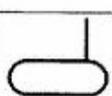
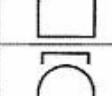
		Punho fechado			Punho fechado, polegar estendido
		Mão plana			Punho fechado, polegar dobrado
		Punho fechado, indicador estendido			Mão dobrada
		Punho fechado, indicador e médio estendidos			Mão arredondada
		Punho fechado, indicador e médio em V			Quatro dedos dobrados
		Mão em 4			

FIGURA 3: CONFIGURAÇÕES DAS MÃOS – FORMAS BÁSICAS – HAMNOSYS

2.8.4 O Sistema D` Sign de Paul Jouison - 1990

É um sistema muito elaborado. Infelizmente seu criador morreu antes de poder explicar completamente seu método. Segundo a Dra. Brigitte Garcia (2000), que recuperou suas notas e escreveu uma tese sobre a pesquisa lingüística da Língua de Sinais Francesa - LSF incluindo o estudo do trabalho de Jouison, a representação escrita proposta por ele não é uma simples notação isolada, mas visa a ser uma autêntica escrita. O autor dá exemplos de frases sinalizadas inteiramente transcritas em D`Sign. Sua ambição foi, a de trabalhar sobre longas seqüências de discursos sinalizados espontaneamente em filme, de descobrir as unidades constitutivas da LSF, que, segundo ele, não são nem os signos convencionais, nem os parâmetros de Stokoe que se limita a uma descrição de sua forma visual.

Suas unidades-símbolos se organizam em famílias:

A escolha dos dedos

A escolha dos braços

As imagens

Os eixos de rotação

Os deslocamentos

As zonas do corpo e do espaço

m< ḡpāvūēĥ·Ēūlvz·vè ζpāvφύlvz·j m<
 Ιβ̄αθ'αφ̄jxl Ιψ>γνὸύus vè ζpāvφύlvz·j vé
 φ̄ē'p̄αυ'έζj>δ·lvz̄ vé jυυĒ·λ π>θ'igpL ùπ>
 jυυĒv·φαωz' πvé Ιυυάvθ>·jv Εζψjυφαιē·
 λL·φαωz·πvéèz·ψm̄jv m< vé φ̄ē'ψxυē
 ·θ̄π>λL·I>ψυαθm̄jv m< vé φ̄ē'ψ>δωs·nφxcψυL
 m< (φ̄ē'θ)ψ>δω·ψ'π>v φ̄ē'ψυē·αv Ι>ψυαθm̄jv
 m< vé π̄ēxφ'p̄jαĉ·vLλ zπ̄ēxφ'p̄jαĉ·vLλ·ψm̄jv
 θ'εp̄ēωs Εζψjυφαιē·λL·φαωzέ ψm̄jév
 ζpāvφύlvzè Ιψαθὸωm̄'' ζpāv·xπLvφ·è (mλ
 φ·θ''p̄υφē·εcμ̄jα·p̄v̄·p̄ūs) vφ φ·φ''p̄υφē·εcμ̄j
 α·p̄v̄·p̄ūs vφ φπ̄js π̄ñ>θ'p̄> ē'ψxγās φ·
 φ''p̄υφē·εcμ̄jα'φj'ūsφαωz πcφe'ψxγās·ñcψκsz
 ·πcxās·z φ·θ''p̄υφē·εcμ̄jγ·ē ζpāvφύlvz
 π<é·jψĒv·θυυ·πδè' π>·jψυυαv·δsθx̄x̄ Ιβ̄γvθ'ζp̄jφ
 ·παλL·π>v̄

FIGURA 4: EXEMPLO DE D`SIGN DE PAUL JOUISON

2.8.5 O Sistema SignWriting - 1974

O sistema de escrita para línguas de sinais denominado SignWriting foi inventado há cerca de 30 anos por Valerie Sutton, que dirige o Deaf Action Committee (DAC), uma organização sem fins lucrativos sediada em La Jolla, Califórnia, USA. Sua origem está em um sistema que a autora criou para notar os movimentos da dança.

Conforme as publicações do DAC o sistema pode representar línguas de sinais de um modo gráfico esquemático que funciona como um sistema de escrita alfabético, em que as unidades gráficas fundamentais representam unidades gestuais fundamentais, suas propriedades e relações. O SignWriting pode registrar qualquer língua de sinais do mundo

sem passar pela tradução da língua falada. Cada língua de sinais vai adaptá-lo a sua própria ortografia. Para escrever em SignWriting é preciso saber uma língua de sinais.

Os lingüistas que trabalham com a escrita de língua de sinais, pelo sistema SignWriting o consideram como um sistema de escritura mista, majoritariamente fonográfico, do ponto de vista interno, mas possuindo uma leitura “ideográfica” de um ponto de vista externo.

O sistema comporta aproximadamente 900 símbolos. Entre esses símbolos, muitos trazem mais precisão à notação dos símbolos gestuais, mas não são indispensáveis à compreensão de um enunciado escrito por um locutor de uma determinada língua de sinais. A quantidade do número de símbolos que o SignWriting coloca para a notação dos elementos manuais revela a complexidade desses movimentos na composição das línguas de sinais.

Quais elementos são pertinentes, qual o status que ocupam em uma determinada língua de sinais, se eles têm sentido, ou não, são perguntas que não têm uma única resposta. Essas perguntas, são os surdos usuários do sistema que ao correr do uso, poderão ir respondendo, e/ou modificando. Cada língua de sinais precisará ir construindo suas próprias respostas.

A Dra. Boutora descreve assim a apresentação gráfica de um signo pelo sistema SignWriting:

“Retângulos virtuais compreendem um conjunto de símbolos alinhados verticalmente. Um conjunto de símbolos representa um signo, quer dizer uma unidade lexical eventualmente associada a um complemento de informações gramaticais, os signos são separados por um espaço. No interior de um “signo etiqueta” ou “pilha”, os símbolos são colocados verticalmente segundo a lógica do corpo humano. Assim o círculo que configura a cabeça suporta os símbolos que representam os elementos manuais. Os elementos não manuais (essencialmente os movimentos da face e o olhar) são inscritos dentro do círculo cabeça.” (Boutora, 2003, pg. 80)¹⁰

O sistema, como acontece com aqueles adotados pelas línguas orais sofreu ao longo de sua existência, evoluções na forma e/ou adaptação dos elementos estruturais de escrita.

No decênio que foi do ano de 1986 ao de 1996, o SignWriting sofreu suas maiores transformações que foram a passagem do ponto de vista receptivo para o ponto de vista

¹⁰ Traduzido por: Mariana R. Stumpf

expressivo, de uma parte, e de outra, a da localização gráfica dos elementos que compõe o sinal gestual.

A primeira dessas modificações concerne ao ponto de vista do leitor/escritor. Até então, líamos um texto em SignWriting como olhamos uma pessoa sinalizar, na nossa frente, do ponto de vista receptivo. À partir, da metade dos anos 80, com o concurso de dois usuários ativos do SignWriting, o ponto de vista expressivo substitui o receptivo. Essa modificação levou o DAC a reformular inteiramente a literatura em SignWriting, com o novo sistema. A mudança profunda pareceu essencial à comunidade internacional dos usuários do sistema. Para eles o papel de uma ELS é o de anotar aquilo que o escritor produz sinalizando, como ele vê, e não como uma notação de ponto de vista receptivo que inverte a perspectiva, como em um espelho e que teria mais de transcrição do que de escrita.

A segunda modificação está relacionada à organização dos elementos gráficos dentro de um determinado sinal gestual. Essa mudança foi impulsionada por um grande número de usuários da forma manuscrita. E resultou na organização “empilhada”. Os símbolos manuais colocados sob o círculo que representa a cabeça, e que contém símbolos ilustrando as mímicas faciais. Cada “signo-pilha” com os elementos organizados dentro de um “triângulo ideal” uma “pilha” substituindo a anterior organização que era numa linha horizontal.

As últimas evoluções sofridas pelo SignWriting mudam o sentido da leitura do texto com a apresentação em colunas, começando pela coluna da esquerda.

Contrariamente, às duas modificações anteriores, essa mudança não afetou profundamente o sistema, pois o sentido da leitura não mudou definitivamente e os escritores continuam escolhendo escrever no sentido horizontal ou no sentido vertical.

2.8.6 Estrutura do sistema SignWriting - Representação da sinalização e da espacialização

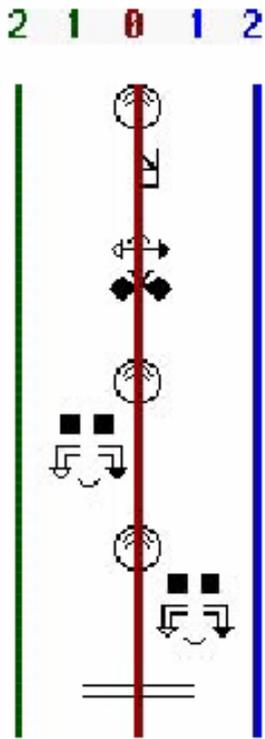
As línguas de sinais utilizam três dimensões espaciais essencialmente para a marcação das relações sintático-semânticas. O sinalizador atribui a um lugar, uma data ou um protagonista do enunciado uma porção do espaço de sinalização. Com esse procedimento ele cria um referencial espacial, temporal de atuação. Quando a porção do espaço está demarcada ela é apontada pelo sinalizador cada vez que ele precisar fazer

referência ao objeto que ele colocou lá. Em teoria, podemos criar quantos referenciais sejam necessários para o discurso.

Na última versão do SignPrinting¹¹, descrita aqui, a notação e leitura do texto se efetua em colunas da esquerda para a direita. Uma coluna comporta três trilhos: O trilho do meio representa o eixo central que passa pela cabeça e o meio do corpo em posição neutra; os trilhos da esquerda e da direita permitem delimitar duas sub-colunas simétricas em relação à trilha central. Essas duas sub-colunas e os dois trilhos externos servem para criar referências de deslocamentos em relação à posição neutra do corpo e da cabeça. Passamos a dispor então de quatro posições possíveis sobre um mesmo eixo horizontal. Essa escrita em colunas procura solucionar o interrogante de como escrever uma língua tridimensional num espaço plano como é o papel.

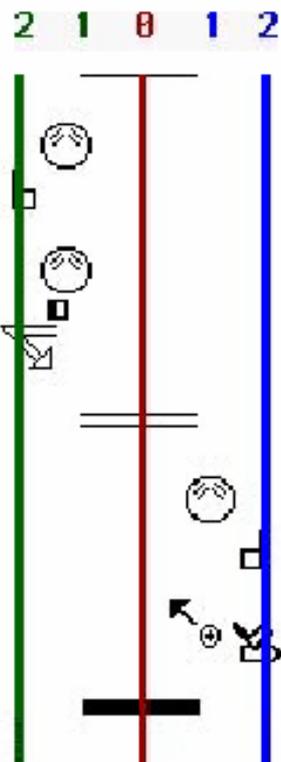
O trabalho de adaptação do SignWriting à Libras foi a primeira etapa de uma caminhada que a comunidade surda brasileira, com o apoio de pesquisadores, deverá empreender para conseguir uma escrita que dê conta de todas as suas necessidades em sua própria língua.

¹¹ <http://dbs.cordis.lu/cordis-cgi/srchidadb> - 18 de setembro de 2005.



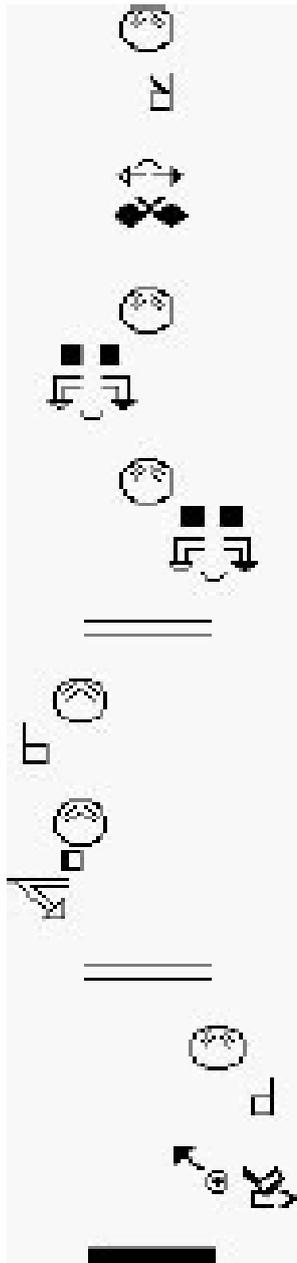
Colocação à esquerda e direita no centro. A cabeça e o corpo estão ao centro, mas as mãos se movem à esquerda e à direita.

FIGURA 5: A CABEÇA E O CORPO ESTÃO AO CENTRO.



A cabeça se move para a passagem 1, as mãos para a passagem 2. O corpo desloca-se para fora do centro situando a cabeça na passagem 1.

FIGURA 6: O CORPO DESCOLA-SE PARA FORA DO CENTRO.



Exemplo de uma
sentença em colunas.

FIGURA 7: UMA SENTENÇA EM COLUNA

Como grafar o sinal escrito

Abaixo eu coloco um exemplo com cinco possíveis formas de grafar o sinal escrito “surdo”. As cinco grafias estão certas. Chegará o momento que uma das formas será estandardizada por uma determinada língua de sinais, mas no momento podemos encontrar e ler o sinal em qualquer uma das cinco grafias.

O SignWriting tem muitos símbolos e o escritor pode decidir qual é importante e qual não é importante. Se você percebe que o sinal não pode ser lido sem colocar dois

símbolos de contato, você pode escrever os dois símbolos. Mas se o símbolo não vai ser confundido colocando apenas um contato, é só um que você deve colocar.

Na Dinamarca, já há alguns anos, eles decidiram só escrever contato quando absolutamente necessário. E, como o sinal de surdo, é muitas vezes executado sem um real contato com a face e desde que a posição da mão torna claro que o sinal começa em cima e termina tocando mais embaixo, eles escrevem apenas um contato. O sistema é flexível.



FIGURA 8: SINAIS DE SURDOS

Os elementos manuais anotados pelo sistema são a configuração, a orientação e o movimento. Dentro desses parâmetros o SignWriting distingue diferentes tipos de contato efetuados entre a ou as mãos e o resto do corpo.

Existem dez grupos de símbolos para as mãos. As mãos são agrupadas de acordo com quais dedos são usados. Esses dez grupos são o começo da “Sequência-de-Símbolos-SignWriting”, que é a ordem dos símbolos usada para procurar sinais em dicionários escritos em SignWriting.

O SignWriting é dividido em dez categorias: mãos, contato das mãos, faces, movimentos do corpo e da cabeça, ombro, membros, inclinação da cabeça, localização, movimento de dinâmicas e pontuação. Estas categorias são divididas em grupos.

As configurações de mãos de todas as línguas de sinais estão incluídas. Todos os dez grupos estão listados nas páginas seguintes.

Após estudo e análise da língua de sinais e dos editores existentes, propomos a estrutura descrita abaixo para representar os sinais. Esta estrutura é formada por aspectos que consideramos relevantes para caracterizar os sinais.

Estrutura

A estrutura é composta de informações referentes às mãos, movimento, expressão facial e corpo. O SignWriting abrange parâmetros que o sistema de Stokoe e a maioria dos sistemas não incluem. A expressão facial e os movimentos do corpo são muito importantes para as línguas de sinais.

Mão

As informações das mãos, direita e esquerda, consistem em configuração da mão, dos dedos e do braço.

Mão (direita/esquerda):

Configuração de mão:

Grupo:

Sentido:

Palma:

Posição:

Configuração dos dedos:

Local:

Configuração do braço:

Plano do antebraço:

Ângulo do antebraço:

Plano do braço:

Ângulo do braço:

Movimento

O movimento pode ser dos dedos (movimento interno) ou da mão (movimento externo). Um movimento pode ser composto de um ou mais movimento de dedos, movimentos de mãos e contatos.

Composto:

Movimento dos dedos (interno):

Movimento interno:

Frequência:

Dedo (s):

Movimento da mão (externo):

Contato:

Tipo de contato:

Frequência:

Local da mão em contato:

Local em contato com a mão:

Movimento:

Tipo de movimento:

Posição:

Frequência:

Tamanho:

Dinâmica:

Expressão facial

A estrutura contém informações sobre a expressão facial, formada por expressões e movimento das diversas partes do rosto.

Expressão Facial:

Testa:

Sobrancelha:

Olhos:

Olhar:

Bochecha:

Nariz:

Boca:

Língua:

Dentes:

Outros:

Corpo

Quanto às partes do corpo, a estrutura é formada por informações referentes às configurações e movimentos do ombro, tronco e cabeça.

Corpo

Ombro:

Posição:

Movimento:

Tipo de movimento:

Frequência:

Dinâmica:

Tronco:

Posição:

Movimento:

Tipo de movimento:

Frequência:

Dinâmica:

Cabeça:

Posição:

Posição (nariz):

Posição (cima-baixo):

Posição (direita-esquerda):

Movimento:

Tipo de movimento:

Frequência:

Dinâmica:

Itens da estrutura

Posicionamento dos dedos das mãos com a grafia correspondente no sistema SignWriting.

Grupo 1		Indicador
Grupo 2		Dedos indicador médio
Grupo 3		Polegar indicador médio
Grupo 4		Quatro dedos
Grupo 5		Cinco dedos
Grupo 6		Dedo mínimo
Grupo 7		Dedo Anular
Grupo 8		Dedo médio
Grupo 9		Indicador polegar
Grupo 10		Polegar

Tabela 1: grupos de símbolos no SignWriting

Três configurações básicas de mão: mãos circular, aberta e fechada (tabela 2). Os outros símbolos de mão são variações destes símbolos básicos.

		Punho Fechado
		Punho Aberto
		Mão Plana

Tabela 2: configurações básicas de mão no sistema SignWriting

Adicionar linhas para os dedos

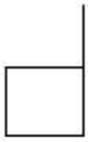
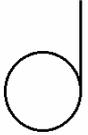
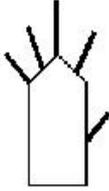
		Mão Indicadora
		Mão - D
		Mão Aberta

Tabela 3: Adicionar linhas para os dedos

Ponto de Vista Expressivo

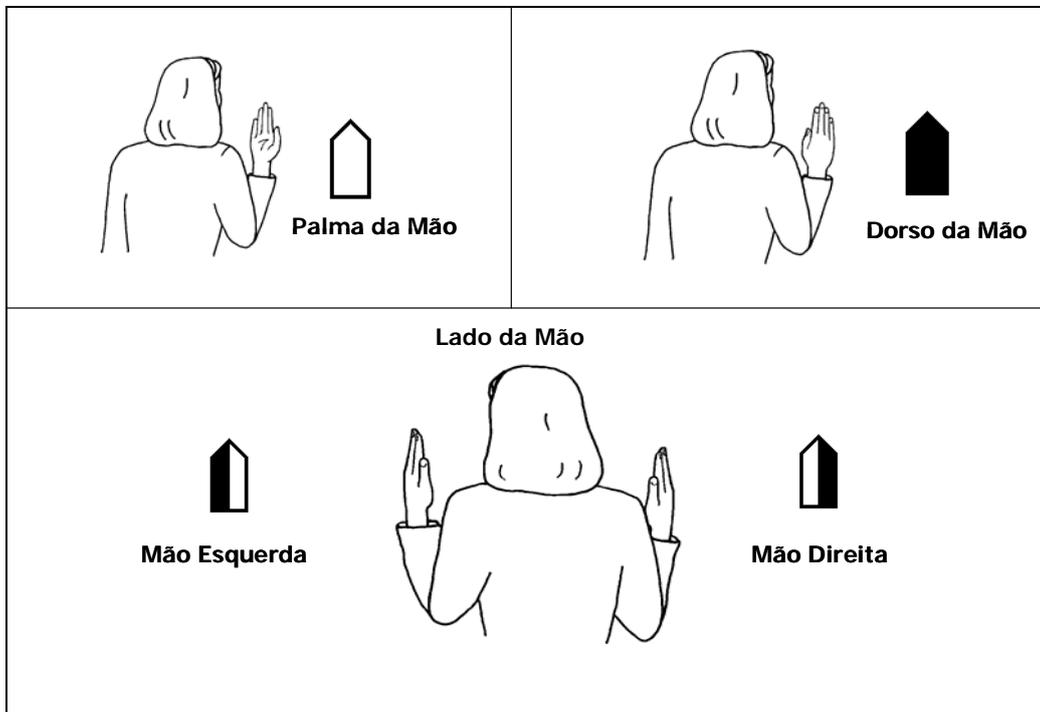


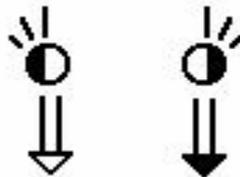
FIGURA 9: PONTO DE VISTA EXPRESSIVO

Sentido

Indica o sentido da mão em relação ao plano.

Há sinais que, embora fonologicamente possam ser executados indiferentemente com qualquer uma das mãos, a representação será escrita, necessariamente, com a mão direita ou com a mão esquerda devido à posição dos dedos. Por exemplo, o sinal certo pode ser executado com a esquerda ou com a direita, mas mostrará os dedos posicionados conforme a mão que foi usada no enunciado.

Sinal escrito “certo”
executado com a mão
esquerda



Sinal escrito “certo”
executado com a mão
direita

FIGURA 10: SINAL DE CERTO

Palma da mão

Indicativo da posição da mão referente à palma. A parte branca do desenho indica o lado da palma da mão, a parte preta, as costas da mão.

O sistema SignWriting tem sete símbolos que podem representar a mão sem especificar se essa mão é a direita ou a esquerda.

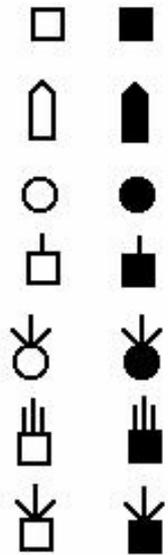


FIGURA 11: SÍMBOLOS DE CONFIGURAÇÕES DE MÃOS SEM ESPECIFICAR QUAL DELAS.

Regra de Grafia do Sinal: Sempre escrever a posição do Contato

É importante escrever duas mãos encontrando-se uma com a outra. A grafia escrita no entorno do sinal é como um pequeno universo. A posição do contato é o centro do sinal escrito, e os símbolos de movimento e contato estão relacionados a este centro.

Correto	Incorreto
posição de contato é o centro do sinal	sinal está muito extenso, e o foco é perdido.

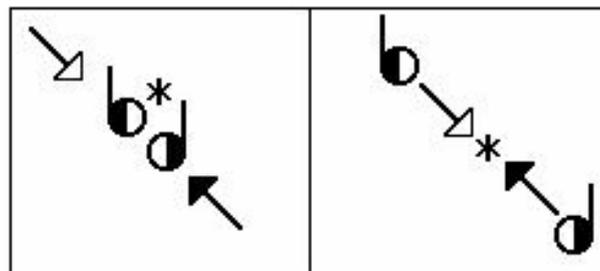


FIGURA 12: A POSIÇÃO DO CONTATO.

Posições de contato são importantes porque elas reforçam o significado do sinal. Os olhos focalizam a posição de contato quando estamos lendo. Isto foi comprovado em um grupo de surdos adultos que são especialistas em SignWriting (Deaf Action Committee - DAC), e descobriram que quando a posição de contato não foi focalizada os leitores liam os sinais escritos muito devagar e com dificuldades, mas quando os sinais foram escritos juntos focalizando a posição de contato eles foram lidos rapidamente e com mais facilidade. Quando escrevemos a **Posição de Contato** também criamos sinais escritos menos extensos e mais compactos, ocupando assim menos espaço nos parágrafos. Veja os exemplos abaixo:

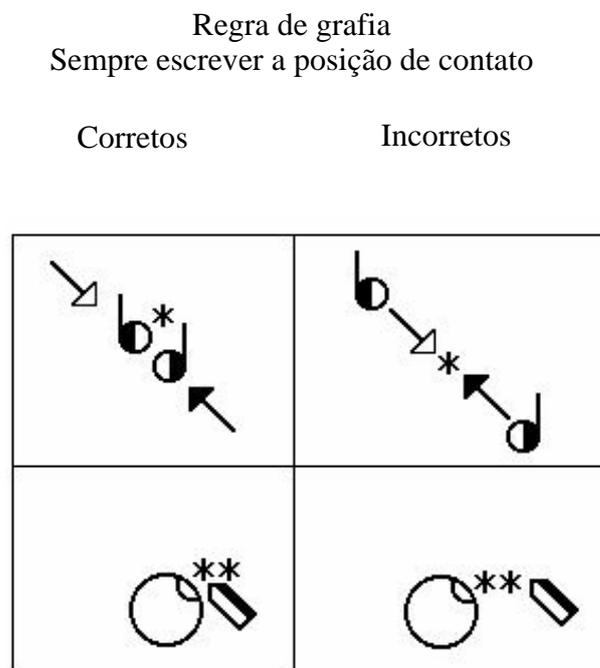


FIGURA 13: REGRA DE GRAFIA

Sinais compostos: A maioria dos sinais são escritos com uma configuração de mão acrescida de locação e movimento, contato e expressões não manuais constituindo uma “pilha” (sinal escrito completo). Alguns sinais, que chamaríamos sinais compostos, podem representar duas configurações numa única “pilha” resultando uma representação mais econômica.

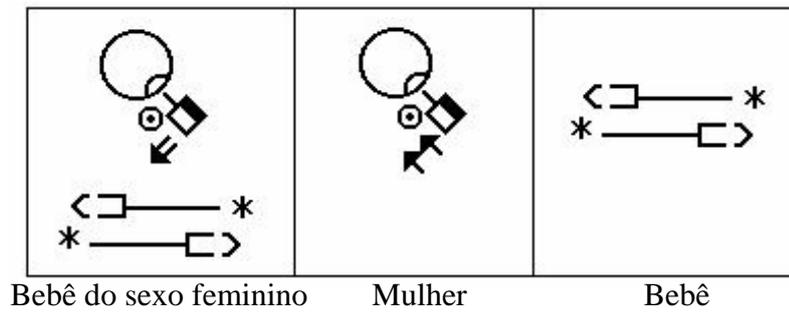


FIGURA 14: SINAIS COMPOSTOS

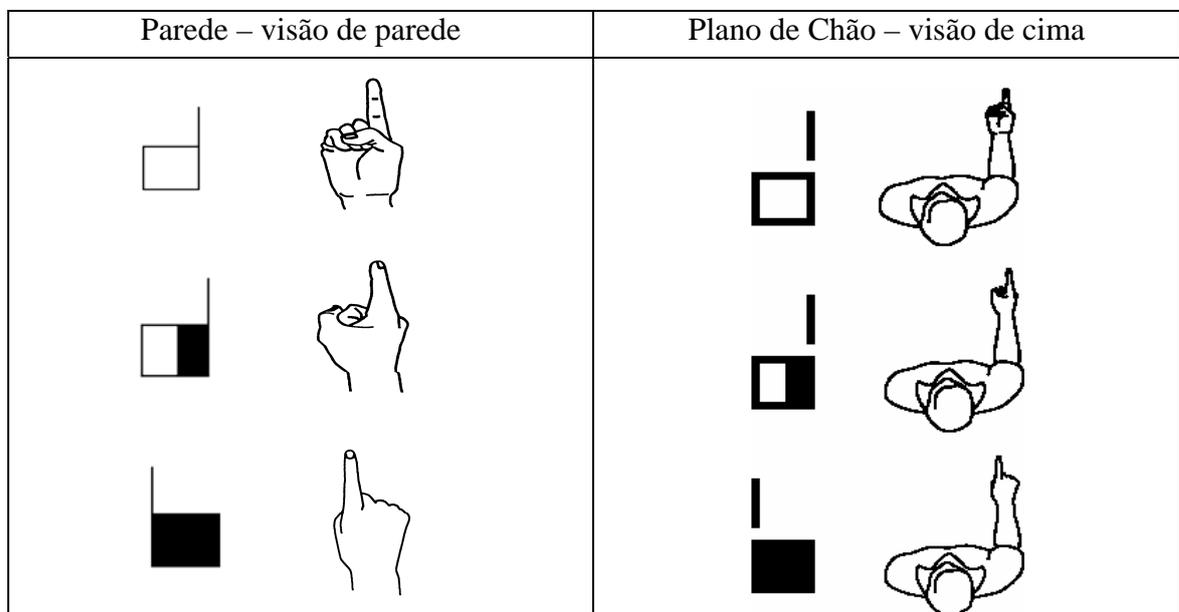


FIGURA 15: ORIENTAÇÃO DA PLANA

Rotação de Mão

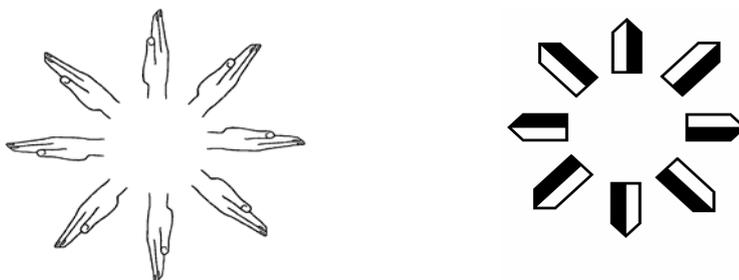


FIGURA 16: ROTAÇÃO DE MÃO

Configuração dos dedos

Cada grupo de configuração de mão possui várias configurações referentes à posição dos dedos.

Grupo 1: Dedo Indicador



Indicador
Indicador com o punho fechado



Flexionado
Indicador flexionado com punho fechado



Curvado X
Indicador curvado com punho fechado



Mão D
Indicador com punho aberto

Tabela 4: Grupo 1

Grupo 2: Dedo Indicador e Médio



Mão-2
Dedos Indicador e Médio Espalhados



Flexionado
Mão-2 com dedos flexionados



Mão-U
Mão-2 com dedos unidos



Curvado-U
Mão-U com dedos curvados



Mão-N
Mão-U com dedos para frente



Mão-R
Mão-U com dedos cruzados

Tabela 5: Grupo 2

Grupo 3: Polegar, Indicador e Dedos Médios

	Mão-3 Dedos Polegar, Indicador e Médio Espalhados
	Flexionado-3 Mão-3 com dedos flexionados
	3-Dedos-O Curvado-3 com dedos juntos
	U com Polegar Mão-U, Polegar para fora
	Mão-Pato-Aberta Mão-3 com dedos para frente
	Mão-K Mão-3, Polegar toca articulação do dedo Médio
	Mão-Pato-Fechada Mão-3, pontas dos dedos encostadas

Tabela 6: Grupo 3

Grupo 4: Quatro dedos



Mão-4
Quatro dedos abertos



Mão-B
Mão-4 com dedos juntos



Mão-E
Mão-B, com dedos flexionados

Tabela 7: Grupo 4

Grupo 5: Parte 1: Mão plana

Mão espalmada: mão aberta, cinco dedos estendidos ou apenas com a junta média dobrada.



Mão-5
Mão com dedos estendidos afastados



5-Curvados
Mão-5 com dedos curvados
na articulação do medial



5-Curvados-com-polegar
Polegar estendido, para o lado



Mão-5-com-polegar-para-frente
Polegar estendido, para a frente



Mão-esticada
Cinco dedos unidos



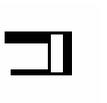
Mão-estendida-com-Polegar
4 dedos unidos, Polegar para o lado

Tabela 8: Grupo 5 – parte 1

Grupo 5: Parte 2: A Mão em ângulo
Cinco dedos flexionados estendidos



Ângulo Fechado
5 Dedos estendidos para a frente
pontas dos dedos se tocando



Ângulo Aberto
5 Dedos estendidos para a frente
pontas dos dedos não se tocam



Ângulo Aberto Afastado
5 Dedos retos para a frente
dedos afastados



Ângulo-com-Polegar
4 dedos para a frente, polegar para o lado



Ângulo-sem-Polegar
4 dedos para a frente, polegar para dentro

Tabela 9: Grupo 5 – parte 2

Grupo 5:

Parte 3: A Mão-C

Cinco dedos flexionados ou curvados nas três articulações



Mão-C
Cinco dedos para frente curvados



C-afastado
Mão-C com dedos afastados



Mão-C com polegar para o lado
Mão-C, polegar estendido para fora



Mão-O
Pontas dos dedos se tocando, dedos
puxados para trás



O-caracol
Mão-O com pontas dos dedos tocando
articulação do polegar



O-curvado
Mão-O, dedos curvados se tocando

Tabela 10: Grupo 5 – parte 3

Grupo 6: Dedo mínimo

	Mão-W Dedo mínimo e polegar se tocam
	Mão-3 Dedo mínimo e polegar se tocam fechado
	Mão-Terça Mão-3, Dedos unidos
	Mão-3 para frente mão-3, três dedos para frente
	Mão-I-Amante Punho fechado com dedo mínimo flexionado
	Mão-I Punho fechado com dedo mínimo para cima
	Mão-Y Mão-I com Polegar para fora
	Mão I-Love-You Mão-Y com Indicador para cima
	Mão-Banheiro Dedo mínimo e Indicador para cima

Tabela 11: Grupo 6

Grupo 7: Dedo anelar



Mão-droga
Dedo anelar e polegar se tocam

Tabela 12: Grupo 7

Grupo 8: Dedo médio



Mão-Só
Dedo médio e polegar se tocam



Mão-Doente
Mão-Só, dedo médio e polegar para a frente.



Mão-Jesus
Mão-Só com polegar para o lado.



Mão-Profissão
Mão-Só, dedo médio e polegar se tocam

Tabela 13: Grupo 8

Grupo 9:

Parte 1: Polegar e Indicador se tocam outros dedos para cima



Mão-Certo
Indicador e Polegar se tocando,
outros dedos para cima



Mão-Certo aberta
Mão-Certo, Polegar e Indicador para a
frente



Mão-Certo reta
Mão-Certo estendida, pontas dos dedos
tocando



Mão-T
Mão-Certo estendida, polegar entre o
indicador e o dedo médio



Mão-F
Mão-Certo estendida, polegar toca o lado de
fora do indicador

Tabela 14: Grupo 9 – parte 1

Grupo 9:

Parte 2:

Polegar e Indicador afastados outros dedos para baixo



Mão-L
Punho com polegar e indicador afastados



Mão-G
Punho com polegar e indicador juntos



Mão-Revolver
Mão-L com polegar flexionado



Fechado L – dobrado
L – dobrado, indicador e polegar se tocam



Mão-L com O
Mão-L com Indicador e Polegar fazendo O



Mão-L com C
Mão-L com Indicador e Polegar fazendo C



Fechado
Polegar e indicador para frente



Mão-passarinho aberta
Mão-G com indicador e polegar para frente
sem tocar



Mão-passarinho fechada
Mão-G com indicador e polegar para frente
se tocando



Mão-sete
Mão-passarinho com a frente do indicador

Tabela 15: Grupo 9 – parte 2

Grupo 10: Polegar

	Mão-Onze Polegar para cima
	Mão-Onze aberta Polegar aberta
	Mão-A Polegar junto
	Mão-S Polegar na frente
	Mão-Figa Polegar entre indicador e médio

Tabela 16: Grupo 10

Movimentos: podem ser classificados em movimentos de mãos e de dedos. A figura 17 ilustra alguns símbolos para movimentos.

	Mão direita para cima
	Mão esquerda para cima
	Mão direita para frente
	Mão esquerda para frente

FIGURA 17: TIPOS DE SÍMBOLOS DE MOVIMENTOS

Contato: existem seis formas de representar o contato dos símbolos que compõe o sinal, seja mão com mão, mão com corpo ou mão com cabeça. A figura 18 apresenta todos os símbolos de contatos.

*	Tocar
+	Pegar
*	Entre
#	Bater
⊙	Escovar
⊗	Esfregar

FIGURA 18: TIPOS DE SÍMBOLOS DE CONTATOS

Seis símbolos de contatos

 Papai		Contato
 Entrar		Escovar
 Brabo		Esfregar
 Pagar		Bater
 Voltar		Entre
 Maravilha		Pegar

FIGURA 19: SEIS SÍMBOLOS DE CONTATOS

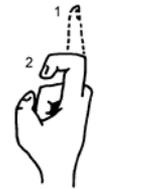
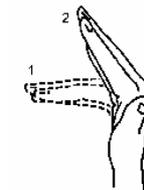
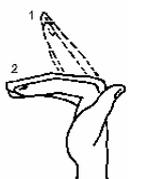
		Dedo flexiona na articulação medial			Dedo estende na articulação proximal
		Dedo estende na articulação medial			Dedos flexionam e estendem na articulação proximal conjuntamente
		Dedo flexiona na articulação proximal			Dedos flexionam e estendem na articulação proximal separadamente

FIGURA 20: SÍMBOLOS DE MOVIMENTOS DOS DEDOS

Expressão Facial: sobrancelhas

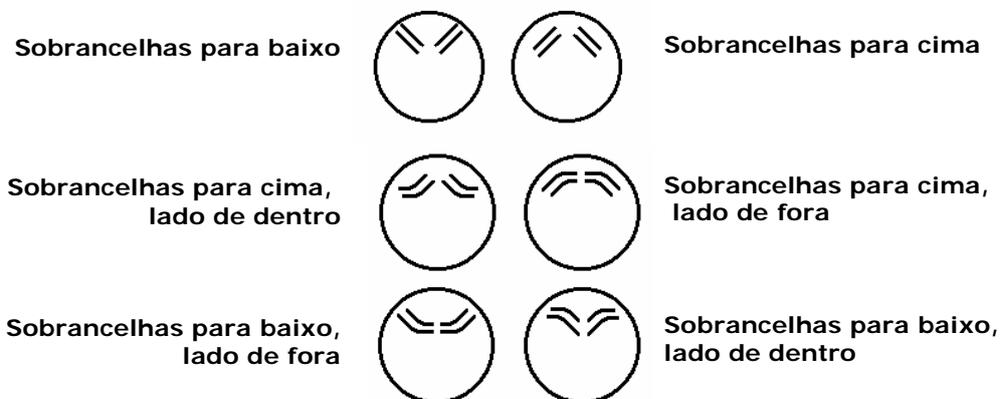


FIGURA 21: SOBRANCELHAS

Expressão Facial: Boca

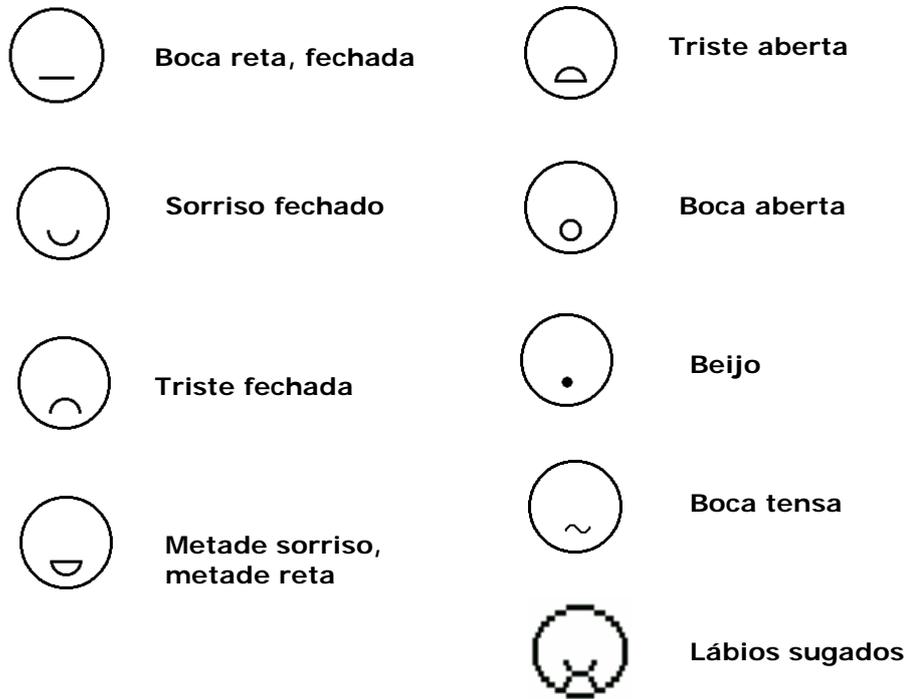
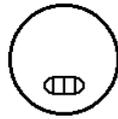


FIGURA 22: BOCA

Expressão Facial: dentes



Dentes

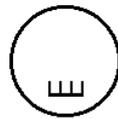
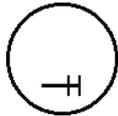
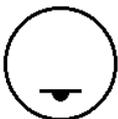
Dentes superiores
tocando a línguaDentes superiores
Tocando lábio inferiorMordida do lado esquerdo
do lábio

FIGURA 23: DENTES

Expressão Facial: língua

Metade da língua para cima
(boca fechada)

Língua para fora, no centro

Língua para cima
(boca aberta)

Língua na bochecha direita

FIGURA 24: LÍNGUA

Expressão Facial: Olhos



FIGURA 25: OLHOS

Expressão Facial: Bochecha

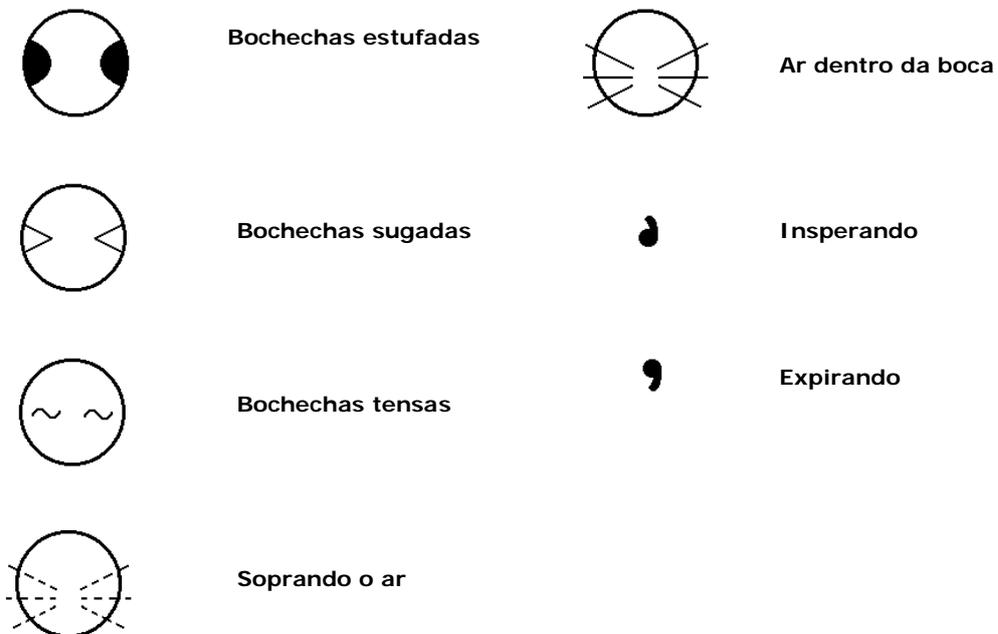


FIGURA 26: BOCHECHA

Expressão Facial: Nariz



FIGURA 27: NARIZ

Expressão Facial: Outro



FIGURA 28: OUTRO

Movimento de Cabeça

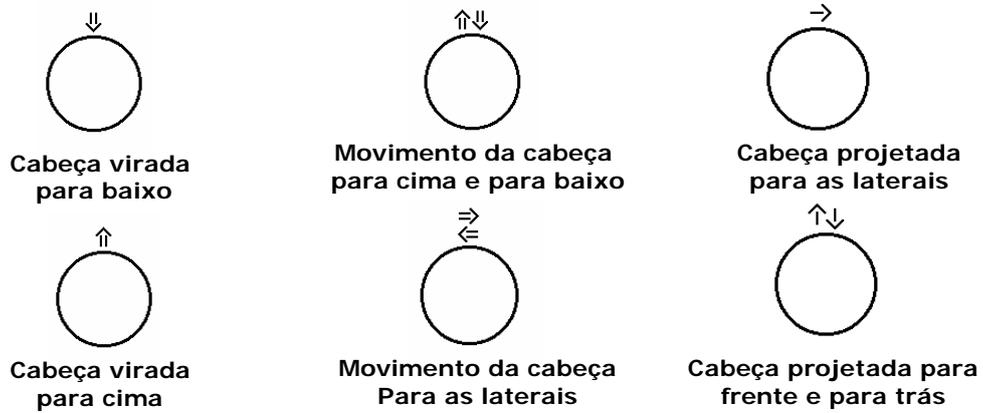


FIGURA 29: MOVIMENTO DE CABEÇA

Corpo: SignWriting inclui símbolos que mostram a posição dos ombros, cabeça, tronco e braços.

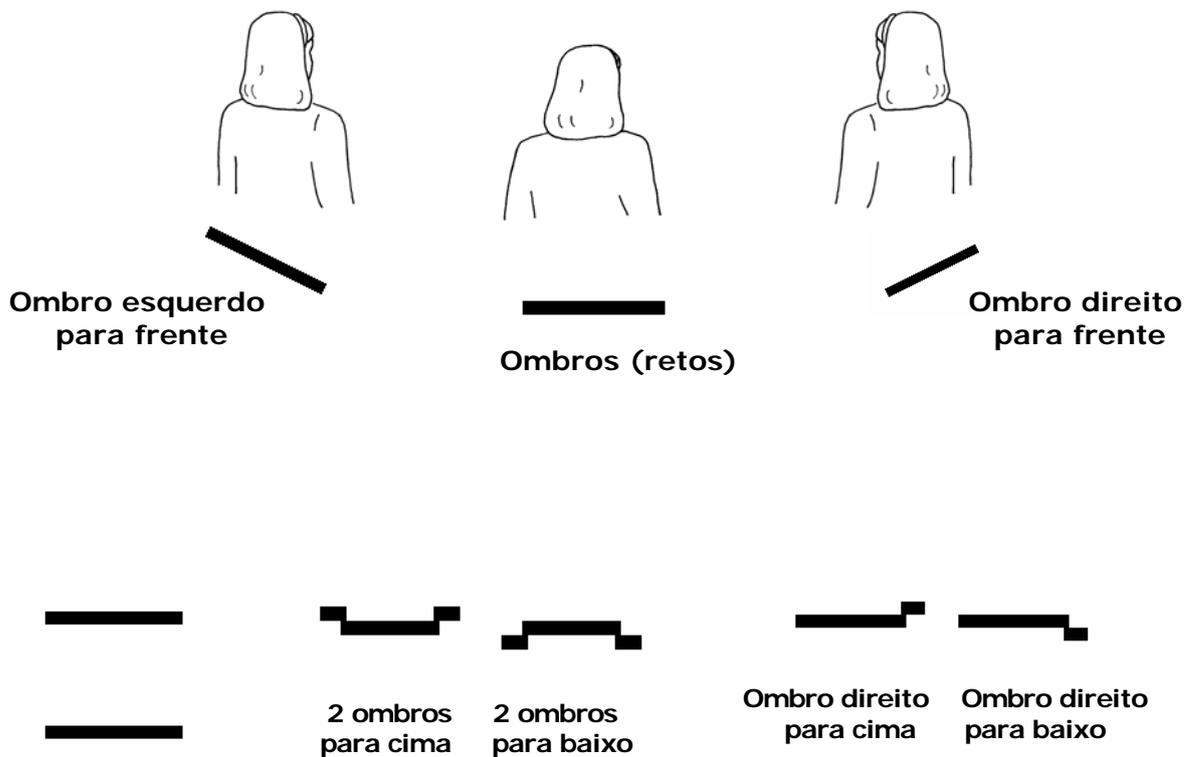


FIGURA 30: CORPO

Por exemplo:



FIGURA 31: EXEMPLOS DE CORPO

Posição de cabeça é representada por uma linha sobre o símbolo dos ombros

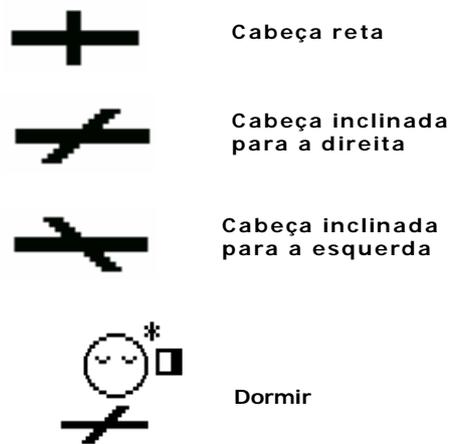


FIGURA 32: POSIÇÃO DE CABEÇA

SignWriting inclui um símbolo que representa uma vista de cima dos ombros. Este símbolo é usado para mostrar a distância entre o corpo e as mãos.



FIGURA 33: OMBRO

Posição de tronco

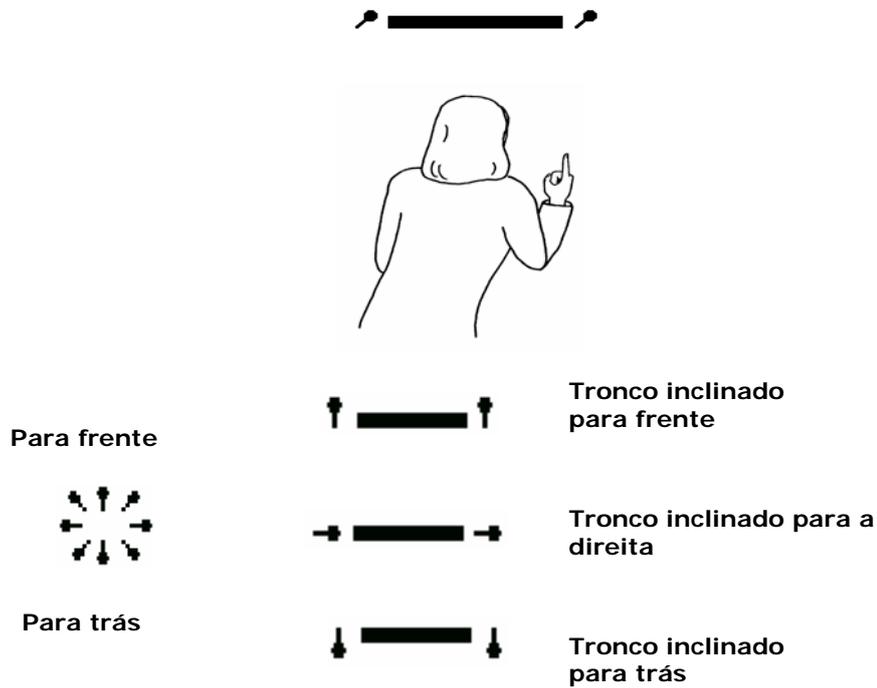


FIGURA 34: POSIÇÃO DE TRONCO

Posição dos Braços: o sistema SignWriting eventualmente apresenta linhas para os braços: quando o braço estiver em contato ou cruzado. Por exemplos, sinais escritos de braços.



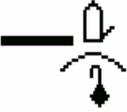
Bebê



Braço

FIGURA 35: POSIÇÃO DO BRAÇO

Dinâmica: são adicionados aos símbolos de movimento para representar as “dinâmicas do movimento”. Também podem ser adicionados às expressões faciais e às configurações de mão em casos especiais como os classificadores.

	Linha de simultaneidade – ambas mãos movem-se ao mesmo tempo.	 Grande
	Linhas de movimento alternado- A direita move numa direção, enquanto a esquerda move na direção oposta.	 Futebol
	Uma mão move enquanto a outra está imóvel – A mão direita move, enquanto a esquerda mantém-se imóvel. Quando a esquerda move, a direita mantém-se imóvel.	 Desenvolver
	Movimento lento	 Passado

	Movimento suave	 Bonito
	Movimento rápido	 Confusão
	Movimento tenso	 Complicado
	Movimento relaxado	 Preguiça

Tabela 17: Dinâmicas

O Espaço de Sinalização

O plano parede corta o corpo como uma porta, de lado a lado. Movimentos paralelos com o plano parede são para cima e para baixo. São escritos com setas de dupla haste.

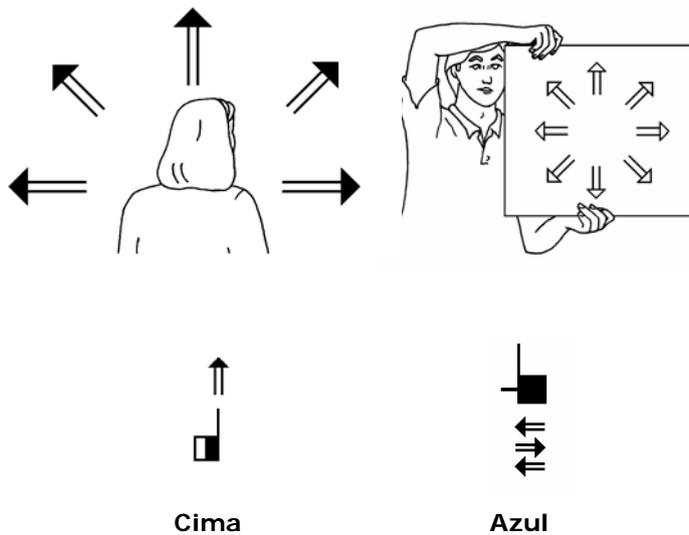


FIGURA 36: PLANO PAREDE

O plano chão corta o corpo como um tampo, de mesa, da frente para trás. Movimentos paralelos com o plano chão são para frente e para trás. São escritos com setas de haste simples.

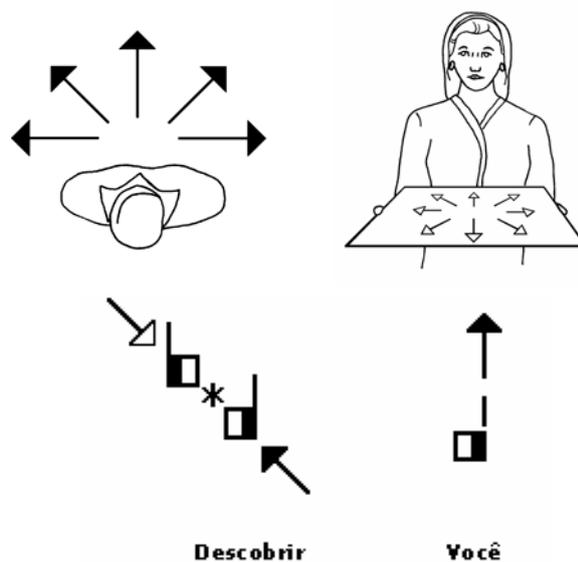


FIGURA 37: PLANO CHÃO

Movimento Circular

O SignWriting inclui símbolos que representam movimentos circulares feitos pelo seu cotovelo ou pulso. Por exemplo, círculo a partir do cotovelo (circundução) considerando o seguinte símbolo de movimento.

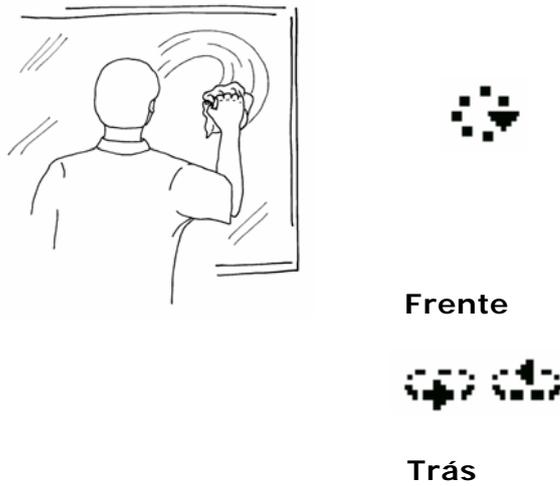


FIGURA 38: MOVIMENTO CIRCULAR

Este símbolo pode apontar para oito diferentes posições, com a seta indicando a posição inicial do movimento.

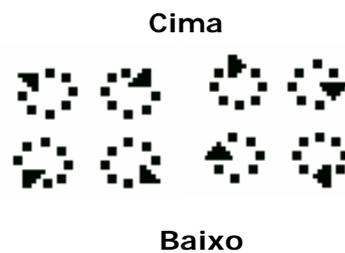


FIGURA 39: POSIÇÕES DE MOVIMENTO CIRCULAR

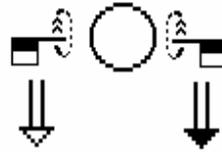
Há ainda outros tipos de símbolos de movimentos em círculos:



Movimento
dos braços
para baixo



Movimento dos
pulsos



Movimentos dos
dedos

FIGURA 40: EXEMPLOS DE SÍMBOLOS DE MOVIMENTOS EM CÍRCULOS.

Símbolo de Pontuação

Esta lição explica a pontuação na escrita de língua de sinais. No final, há uma lista descrevendo cada símbolo de pontuação.

█	Final da sentença (.)	(())	Parênteses ()
	Pausa normal (pausa curta)	// \\\	Aspas (" ")
█	Símbolo colocado no final de uma pergunta (?)		
█	Parecido com o ponto-vírgula (;)		

FIGURA 41: PONTUAÇÃO



SignWriting é utilizado no mundo todo.

FIGURA 42: EXEMPLO DE PONTUAÇÃO

Alfabeto Manual

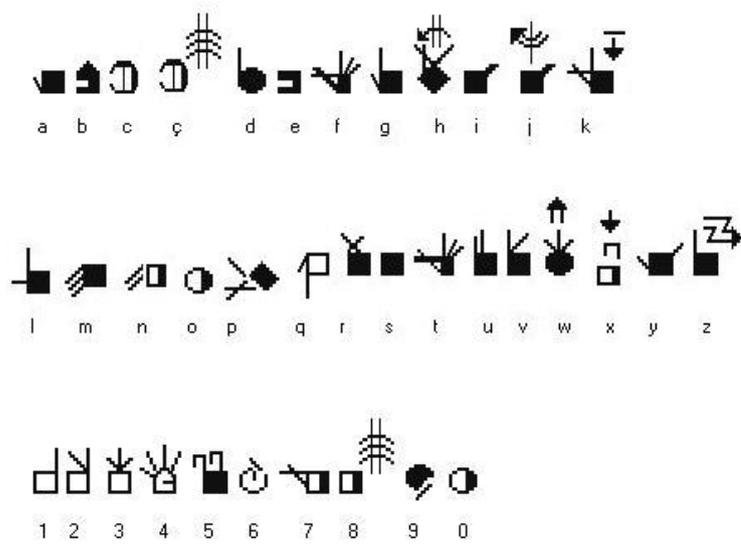
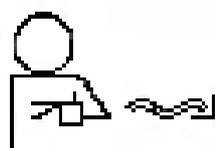


FIGURA 43: ALFABETO MANUAL

Formas de transcrever em SignWriting

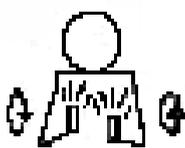
Conforme o Manual de SignWriting (1996) há três formas de se escrever os sinais utilizando o sistema SignWriting.

1. Escrita com o corpo inteiro: utiliza a figura completa do corpo, uma forma mais fácil de ser entendida pelos iniciantes. Esta forma é utilizada na Dinamarca pelas crianças surdas, intérpretes e familiares. Também foi utilizada para criar dicionários na Dinamarca. O diagrama a seguir ilustra sinais dinamarqueses escritos através de um programa chamado TegnBank desenvolvido pela lingüista Karen Albertsen do Centro Surdo de Comunicação Total:



DANSK

Danish



TEGN

Sign



SPROG

Language

2. Escrita de língua de sinais padrão em SignWriting: utiliza a figura com símbolos tornando o sinal uma unidade visual. É a forma considerada padrão no uso da escrita da língua de sinais que vem sendo usada nos Estados Unidos e em outros países como o Brasil.
3. Escrita simplificada ou escrita à mão: é uma forma simplificada da escrita padrão que exclui alguns símbolos de contatos de maneira a facilitar a redação escrita a mão. A escrita simplificada não é baseada em nenhuma língua de sinais. É um sistema genérico simplificado para anotar qualquer movimento ou posição do corpo rapidamente. Pode ser definido como uma notação estenográfica, onde apenas os elementos indispensáveis a uma decodificação posterior são anotados. Assim, se você escreve uma língua de sinais, no sistema simplificado, quando depois for ler suas notas, vai precisar de um anterior conhecimento dos sinais da língua, porque a verdadeira natureza das anotações simplificadas dos movimentos é a de deixar fora algumas informações que aparecem na escrita padrão em favor da rapidez.

Quanto à pergunta de quando se deve e quanto tempo se leva, para aprender a escrita simplificada Sutton coloca que costuma organizar a aprendizagem em três etapas:

- Escrita do SignWriting
- Literatura em SignWriting
- Escrita simplificada

Sutton conclui dizendo que coloca a escrita simplificada no final, quando a pessoa consegue escrever uma história em SignWriting.

O exemplo a seguir ilustra a forma simplificada de escrita em SignWriting na transcrição de nosso Hino Nacional adaptado à língua brasileira de sinais-Libras:

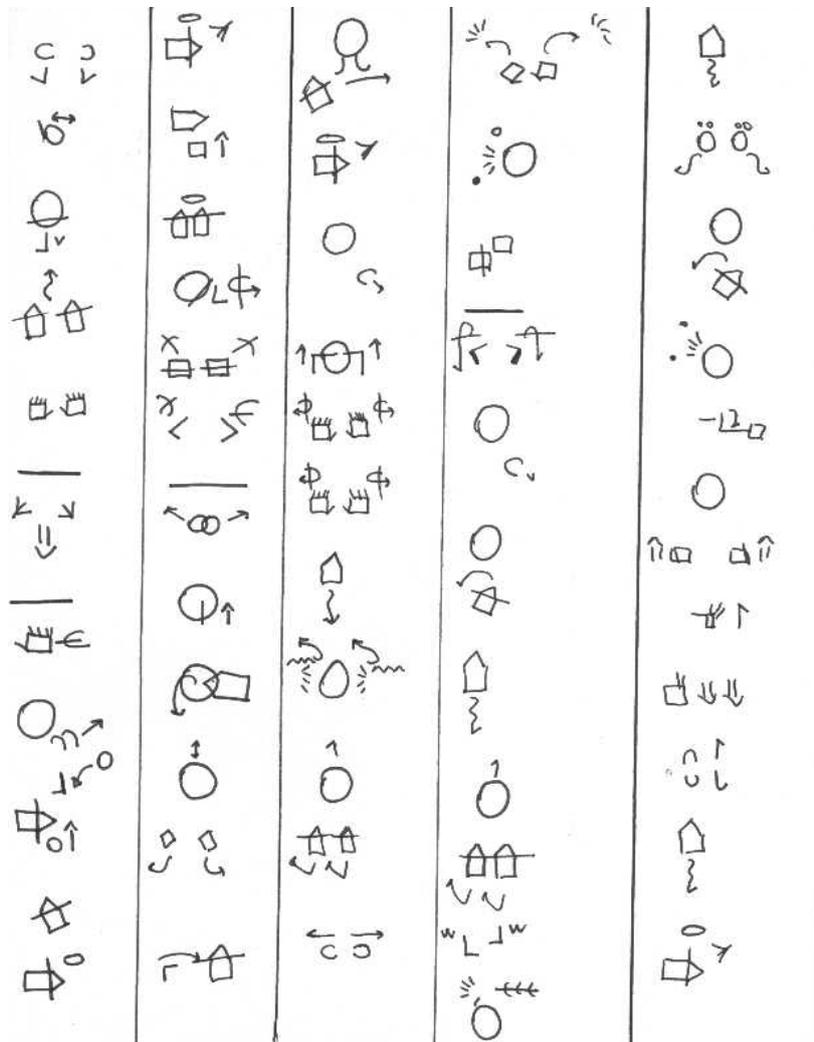


FIGURA 44: FORMA SIMPLIFICADA

Hino Nacional adaptado à Libras em SignWriting padrão

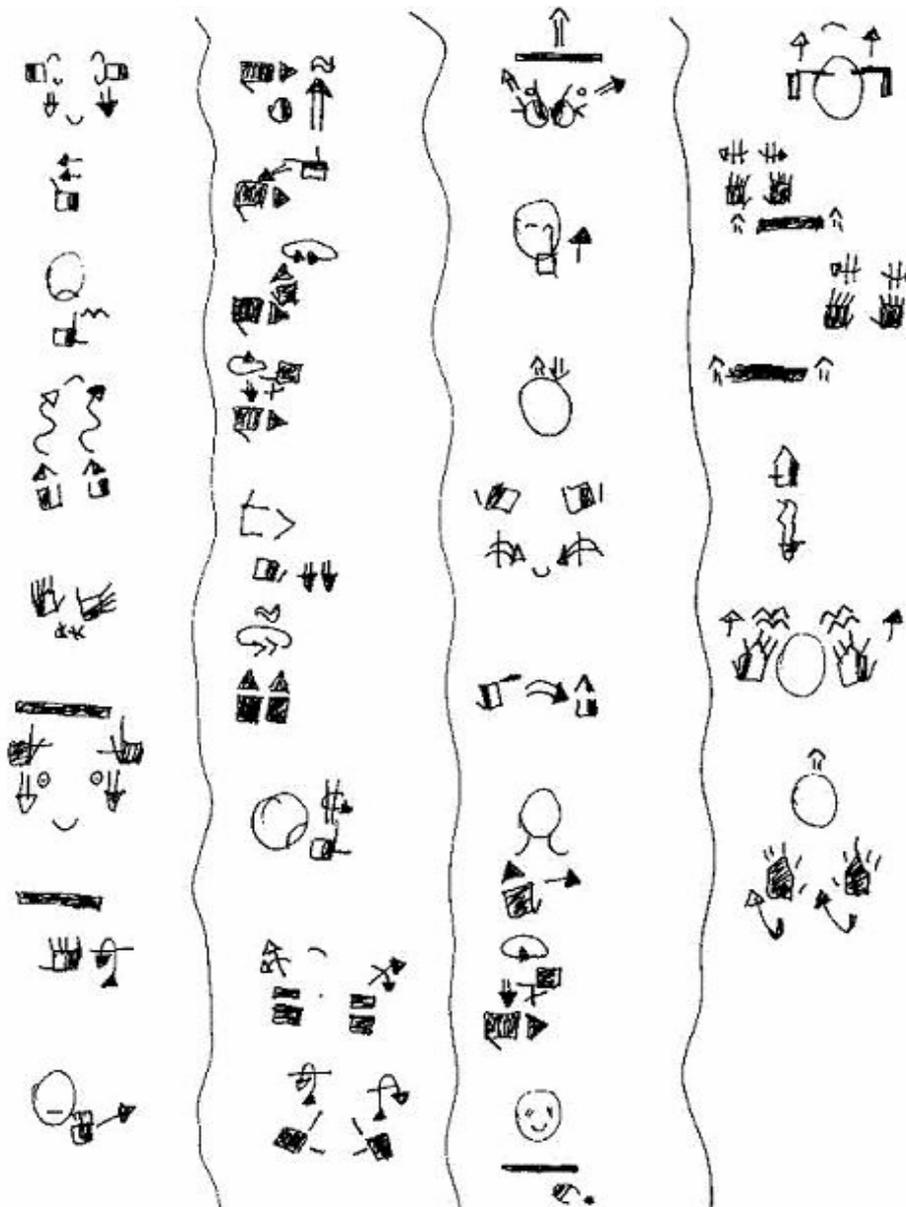


FIGURA 45: FORMA PADRÃO

O sistema SignWriting é apresentado por seus criadores como uma escritura alfabética. Essa afirmação sempre causa perplexidade devido à natureza espacial das línguas de sinais.

Boutora (2003) responde a esse questionamento dizendo que SignWriting é um sistema elaborado sob duas influências fonéticas. Aquela de ter sido elaborada dentro de uma cultura onde a escrita da língua oral é fonética e a segunda, dentro de um marco teórico onde os componentes mínimos da LS são semelhantes a fonemas, o que conduz a

ver a semelhança entre os elementos gráficos mínimos e as letras. Assim se olharmos um símbolo veremos que ele comporta, de um lado elementos que indicam a articulação do signo gestual e de outra parte, possibilitará diretamente o acesso ao sentido pela percepção global do símbolo gráfico.

As línguas de sinais são flexionadas como as línguas orais. Assim como um verbo em português pode ser flexionado assim também os símbolos escritos. Se numa frase em SignWriting há um verbo direcional flexionado, a direção do movimento e a orientação das mãos jogam um papel funcional. Em um mesmo símbolo escrito nós podemos encontrar informações lexicais e gramaticais. Ainda assim notamos que o sistema comporta elementos ideográficos como os sinais de pontuação e que certos elementos gráficos de um símbolo se relacionam fortemente com o princípio ideográfico. Coloca então, a autora, a hipótese de que o sistema se caracteriza como ideofonográfico. Isso aproxima o sistema das escrituras ocidentais de dominância fonética.

Ao concluir sua tese, Boutora afirma que o sistema SignWriting, para escrita das línguas de sinais dos surdos, satisfaz os critérios que definem um sistema de escritura:

“É uma forma gráfica que está apta a assegurar as funções da escrita, da possibilidade de distanciamento da língua, passando pelo armazenamento e transmissão de informação. Sua evolução acontecerá pelos objetivos de adaptação às novas práticas e situações. Veremos com o tempo se o sistema se adapta às novas línguas ou se são as línguas que se adaptarão à escrita”. (Boutora, 2003, pg. 95).

3 OBJETIVOS

Considerando o que foi apresentado a minha pesquisa pretende identificar ou investigar:

- **Como as crianças e jovens surdos se apropriam da escrita da língua de sinais?**

E tem como sub-questões:

- As crianças surdas sentem prazer em aprender a ELS ? Essa aquisição amplia sua principal ferramenta de construção do conhecimento e inserção no mundo, que é a LS?
- Como é o processo de apropriação da ELS pelas crianças surdas?
- As crianças surdas, usuárias das LS, podem evoluir da aquisição para o letramento pelo uso do sistema SignWriting?
- Como o acesso ao computador por meio de softwares com ELS pelo sistema SignWriting pode dar suporte a aquisição da ELS?
- Como usar a escrita em SignWriting para a transcrição de corpus vídeos editados em língua de sinais com a utilização de um editor de textos?

4 PROBLEMA DE PESQUISA

O reconhecimento da língua de sinais dos surdos aconteceu a partir da metade dos anos sessenta, com a publicação em 1965 da pesquisa do americano William Stokoe, criador de um movimento para inserí-las nas escolas de surdos de onde tinham sido expulsas por iniciativa de um Congresso de educadores de surdos, o já citado Congresso de Milão. Á partir desse congresso (1880) difundiu-se que a educação de surdos precisava estar centrada no ensino da fala, da leitura labial e no aproveitamento dos restos auditivos, por poucos que fossem.

Após o trabalho de Stokoe seguiram-se pesquisas que procuraram descrever e analisar a língua de sinais e ficou evidente que o preconceito contra a língua de sinais não tinha fundamentos científicos, pois a compreensão das idéias não depende de ouvir palavras, mas sim da construção de uma linguagem interna construída pelo sujeito em interação com seu meio, capaz de fixar e combinar idéias, ou como escrevem Karnopp e Quadros á partir de seus estudos da Libras e das comunicações entre os surdos brasileiros

“Todos esses estudos concluíram que o processo das crianças surdas adquirindo língua de sinais ocorre em período análogo à aquisição da linguagem em crianças adquirindo uma língua oral-auditiva. Assim sendo, mais uma vez, os estudos de aquisição da linguagem indicam universais lingüísticos. O fato do processo ser concretizado através de línguas visuais-espaciais, garantindo que a faculdade da linguagem se desenvolva em crianças surdas, exige uma mudança nas formas como esse processo vem sendo tratado na educação de surdos”. (Karnopp e Quadros, 2001 pg.221).

Não é a surdez em si, a causa dos maiores problemas dos surdos e sim alguma das conseqüências da surdez principalmente a dificuldade e distorção da vida comunicativa que ocorrem nos casos de surdez congênita ou pré-verbal em que a criança, nascida em uma família ouvinte, fica impedida de adquirir a linguagem. Capacidades lingüísticas e intelectuais existem. Há obstrução no desenvolvimento dessas capacidades.

A decorrência lógica dos fatos apontados pelas proposições desses pesquisadores é a de que os bebês surdos precisam ser expostos, logo que a surdez é detectada, á língua de sinais e a continuar com ela na escola, pois, para os surdos, ela é instrumento apropriado e indispensável a suas aprendizagens de nível superior.

O reconhecimento oficial da Libras e o programa de formação de instrutores surdos de língua de sinais, que começou a ser implementado pelo MEC à partir de 2002, demonstra que

os surdos já são percebidos, oficialmente no Brasil, como possuidores de uma língua e culturas próprias e que precisam de uma educação que leve em conta a língua e a cultura surda.

Esse reconhecimento está em acordo com as constatações dos lingüistas de que toda pessoa precisa adquirir uma língua que lhe seja natural e possa dar conta de todas suas necessidades comunicativas para poder construir sua própria representação do mundo através da linguagem e dele participar.

Entre os especialistas em educação de surdos é consenso que o uso da língua de sinais como forma de comunicação dentro da sala de aulas é condição indispensável para que a educação aconteça, pois sem interação efetiva, aluno professor, professor aluno e aluno com seus pares, o processo educativo não pode avançar. No entanto, o impacto que a língua de sinais possa ter no letramento de crianças surdas ainda foi muito pouco explorado por pesquisadores em educação e o fato de que, se a educação bilíngüe usa duas línguas, aprender a escrever nas duas línguas seria uma consequência lógica para a criança surda, apenas começa a ser pesquisado nas escolas e classes para surdos.

Em relação aos processos de aquisição de duas línguas orais, as pesquisas apontam para o fato de que essas aquisições são criticamente determinadas por processos de integração e diferenciação dentro de um mesmo sistema lingüístico e também através de diferentes sistemas lingüísticos. A observação desse pressuposto aponta para a necessidade de que a criança surda tenha a oportunidade de realizar esses processos comparando, integrando e diferenciando sua língua natural, aquela que ela consegue adquirir perfeitamente, a língua de sinais, com a língua de seu país em sua forma escrita, para poder adquirir essas duas línguas, a fim de conseguir um bom desenvolvimento de sua linguagem e uma inserção positiva no mundo.

A realização dessas operações de diferenciação e integração, entre a língua de sinais e a língua oral do país, demanda que aquela não seja tratada apenas como facilitadora da comunicação, mas sim como objeto de estudo, visto que, comprovadamente é dotada de todos os atributos lingüísticos encontrados nas outras línguas.

O conhecimento do conceito metalingüístico supõe que para refletir sobre a linguagem é necessário poder colocar-se fora dela, poder observá-la, e isso está intimamente relacionado com a possibilidade de ler e escrever. A razão pela qual ler e escrever é um instrumento de reflexão metalingüística é a de que para poder realizar essa tarefa é necessário avaliar os significados precisos dos termos e das relações gramaticais entre eles para poder compreender ou escrever textos. A realização das operações metalingüísticas se processam naturalmente

durante o trabalho escolar de escrita das línguas mesmo que não aconteça a aprendizagem formal dos termos gramaticais correspondentes.

Assim como a escrita de língua de sinais não tem ainda reconhecimento formal na educação dos surdos, também a língua de sinais tem muito pouco espaço nos currículos das escolas e classes especiais. A escrita visual direta da língua de sinais SignWriting pode levar ao bilingüismo pleno. Enquanto isso, pelas dificuldades de ensinar que apresenta e a necessidade que representa como instrumento de inserção social, o português escrito poderá contar com um referencial lingüístico consistente na L1 (Libras) que possibilitará trabalhar a L2 (português escrito) com propriedade.

5 MÉTODO

5.1 Pesquisa-ação: uma escolha de prática social

A opção metodológica da pesquisa qualitativa, mais especificamente a modalidade Pesquisa-Ação, parece oferecer a nosso trabalho uma perspectiva epistemológica adequada.

Ela não é neutra; possui características de prática científica que busca a produção de conhecimento para uso coletivo; estabelece uma prática pedagógica que propõe um novo saber de caráter transformador e finalmente supõe uma prática política na ação conscientemente organizada.

As origens da Pesquisa-Ação se confundem com épocas ou situações de tumulto e tensionamentos sociais. Suas raízes encontram-se nos Estados Unidos no jornalismo de investigação que precedeu o levantamento social, seus objetivos foram inicialmente denunciar os maiores problemas que as pessoas tinham de enfrentar nas comunidades industrializadas, seguidamente apresentando dados para que as pessoas agissem. Nos anos 30, fotógrafos utilizavam a fotografia para revelar os níveis de pobreza e desespero na América dos tempos da depressão.

Na América Latina a ação como prática social parte de 1969 inserida em um amplo movimento das ciências sociais latino-americanas. Sua finalidade não é apenas a de descrever ou analisar a situação das classes dominadas em si mesmas e estudar essas relações de dominação, também não só descrever as características objetivas e subjetivas dos grupos dominados, por importante que isso possa ser em termos de conhecimento científico, ela além de buscar compreender a situação objetiva e concreta dos fatores que constituem a situação de dominação, bem como a percepção que dela têm os dominados, trabalha junto com o grupo, produzindo os conhecimentos necessários para implementar ações que estejam na linha das transformações para conseguir um desenvolvimento integrado.

No Brasil ela teve um precursor o Método Paulo Freire, (também chamado Método Psicosocial) iniciado na década de 60. Preocupado inicialmente com a alfabetização de adultos depois foi reconstruído e sistematizado, com objetivos mais amplos por diversos teóricos e grupos.

A modalidade Pesquisa-Ação tem como perspectiva epistemológica não conceber a verdade como preexistente nos fatos ou dados sociais mas sim construir verdade a partir de aproximações sucessivas aos objetos investigados. Nesta perspectiva o que se busca é a

compreensão qualitativa do social. Essa visão, leva a pesquisa a uma necessária ruptura com as pré-noções do senso-comum e da percepção imediata, precisamente porque estas noções escondem, camuflam o real.

O objeto social, pelo fato de estar constituído de sujeitos, não nos pode levar a esquecer que os fatos sociais não são transparentes, nem necessariamente conscientes. A pesquisa-ação não é neutra, ela requer de quem a pratica um claro compromisso com o grupo dominado tendo um conteúdo e um propósito políticos de transformação.

Enquanto prática, sua estratégia central é a participação na produção de conhecimento e na organização e articulação de uma ação coletiva, conscientemente concertada.

Embora seu ponto de partida seja a realidade específica dos grupos, seu conhecimento requer a ampliação e superação, através do desvelamento de suas relações com o contexto global e com a própria história. Para isso é necessária a teoria como iluminadora da prática.

Historicamente contextualizando, a pesquisa-ação, após o período – mais americano - de emergência e consolidação que precedem a Segunda Guerra Mundial e os anos sessenta; seguiu-se o período de radicalização política existencial, mais europeu e canadense, desde o final dos anos sessenta até nossos dias.

Conforme Valentini (2003) em Quebec, a Pesquisa-Áção utilizada é dita integral por André Morin, numa linha teórica ligada aos “sistemas abertos em tecnologia educativa”. A pesquisa integral defendida por ele também tem uma forte implicação social sem perder o rigor metodológico. No entanto o contrato e a participação entre os sujeitos da pesquisa é mais aberto e negociado. Ela tem uma característica libertadora na medida em que os professores/pesquisadores se responsabilizam pela sua emancipação, auto-organizando-se.

O foco do problema situa-se na questão da mudança. Se por muito tempo o papel da ciência foi descrever, explicar e prever os fenômenos, impondo ao pesquisador ser um observador neutro e objetivo, a pesquisa ação adota um encaminhamento oposto pela sua finalidade: servir de instrumento de mudança social. Ela está mais interessada no conhecimento prático do que no conhecimento teórico. Os membros de um grupo estão em melhores condições de conhecer sua realidade do que as pessoas que não pertencem ao grupo. Ela postula que não se pode dissociar a produção de conhecimento dos esforços feitos para levar à mudança. O que impõe manter temas dos trabalhos de pesquisa que sejam do interesse dos sujeitos.

Faz também parte da credibilidade da pesquisa ação que a escrita seja coletiva. Isso não quer dizer que todos os textos devem ser escritos coletivamente, mas o conjunto do relatório deve conter partes escritas pelo maior número possível de membros do pesquisador

coletivo. O pesquisador profissional aceita desde o início os inconvenientes do sistema: o relatório não é apresentado sob uma forma rigorosamente acadêmica. Encontrar-se-ão trechos mais pessoais, às vezes ingênuos, ao lado elementos descritivos e teóricos.

A Pesquisa –Ação submete seus resultados, previamente negociados dia a dia entre o pesquisador e os participantes da pesquisa, a toda a coletividade para provocar sua avaliação. Os dados retransmitidos permitem conhecer sua percepção da realidade e permitir uma avaliação mais apropriada dos problemas detectados.

Os professores/pesquisadores percebem o processo educativo como um objeto que pode ser pesquisado, reconhece a natureza social e as conseqüências das mudanças e compreendem a pesquisa como uma atividade política/ideológica.

“A essência metodológica da proposta consiste em uma abordagem espiral, sendo que os avanços ocorrem à partir das reflexões permanentes sobre as ações. Nessa abordagem em espiral, um objeto de estudo pode ser olhado mais de uma vez sob ângulos diferentes, pois na vida tudo “flui” e não cabe ao pesquisador de Pesquisa-Ação interromper o fluxo mas ele pode observá-lo, implicando-se, sem querer retê-lo”. (Valentini, 2003. pg. 115).

Conforme Barbier (1996), os princípios metodológicos que permitem compreender a proposta Pesquisa-Ação são: complexidade, escuta sensível, pesquisador coletivo.

A complexidade que resulta do ser humano visto como uma totalidade dinâmica, biológica, social, cultural, psicossocial, cósmica e indissociável. Só a reflexão que leva em conta todos esses fatores poderá chegar ao seu entendimento.

A escuta sensível que supõe colocar-se ao lado do outro, o que acontece, desde o momento da definição do problema, da situação de estudo e das intervenções que ocorrem no processo de aprendizagem análise e discussão dos dados de uma situação real.

O pesquisador coletivo que configura no grupo sujeito da pesquisa, composto pelo pesquisador e os membros, formando um grupo mobilizado, com motivação, e comprometimento, em uma ação sustentada pela reflexão e o desejo de mudanças.

Os princípios do método clínico piagetiano que preconiza a intervenção e observação do pesquisador, tendo o ponto de vista do outro como base, e ao mesmo tempo, tendo a amplitude epistemológica que permite compreender e desvelar o processo pelo qual o aprendiz está passando, constitui-se na opção teórica de como tratar o problema.

Nessa tese, as categorias de análise são as trocas acontecidas nos diversos ambientes de aprendizagem percorridos pela pesquisadora. Os relatos dessas trocas constituem os registros para análise; recortes de como esses aprendizes, enquanto sujeito e grupos,

constroem as suas significações em uma escola de surdos, a Escola Frei Pacífico no Brasil e em algumas escolas públicas na França.

O exame dos dados visa redefinir o problema e encontrar soluções, provocar discussão sobre os resultados e propor novas estratégias de ação.

Interação é sempre um processo de tentativas e existem limitações no relato das experiências humanas. Os relatos das observações focalizadas constituídas por experiências de realização de tarefas propostas para aprender a escrever em SignWriting e a usar o computador utilizando o programa Sign Writer e SW-Edit procuram mostrar o contexto e as experiências vividas pela pesquisadora, o que acontece de forma limitada, pois os encontros pessoais sempre encerram maior riqueza e detalhes do que aquilo que é possível escrever.

Na construção das produções escritas das crianças surdas da Escola Frei Pacífico e das crianças francesas, a metodologia levou em conta o conceito piagetiano de que a criança ao se apropriar de um sistema de representação, o reinventa, isto é, reproduz sua construção através de hipóteses nas tentativas de utilização dos símbolos, diferenciando os elementos e as relações do sistema de representação, bem como, estabelecendo a natureza do vínculo entre a representação constituída pelos símbolos arbitrários e seu objeto do conhecimento.

Da vivência em classe da criança, sempre influenciada por suas experiências familiares, e da comunidade onde se insere, surge à linguagem como meio de expressão de suas emoções e pensamento, desse contexto sociolingüístico vão surgir às oportunidades de leitura e escrita.

O processo de alfabetização em SignWriting utilizado na presente pesquisa teve a preocupação de estimular as competências lingüísticas inatas no indivíduo e levá-lo a adquirir a leitura e a escrita a partir de sua própria linguagem, de seu potencial e de motivações naturais. Diferentemente da alfabetização na língua oral de seu país, que está escrita em toda parte, a criança surda não está exposta a uma escrita da língua de sinais, esse é um dos motivos pelo qual a sensibilização à proposta de aprendizagem é essencial.

A tarefa de sensibilização para a aprendizagem da escrita de língua de sinais foi diferente no Brasil e na França. Aqui, o início da aprendizagem deu-se com a apresentação de uma história com ilustrações e escrita em português. Um diálogo chama a atenção das crianças para o fato de que a história contada pela professora o foi em outra língua, que não o português oral. Depois solicitei às crianças que colocassem a história no papel, mas sem escrever palavras em português. Na aula seguinte mostro os cartazes escritos em língua de sinais, visando tornar o aluno sensível a existência de uma escrita própria para representar os

sinais. O kit Libras, os outros poucos livros existentes de histórias infantis em SignWriting, os cartazes e os jogos didáticos complementaram o material didático disponível nas salas.

Na França a tarefa de sensibilização, cujo plano foi organizado pela equipe de professoras da escola, propôs às crianças uma atividade na qual elas, náufragas em uma ilha, eram solicitadas a escrever uma mensagem de pedido de socorro, com lápis e papel, para enviar a um barco que estava longe, mas podiam avistar (eu representava o barco). Essa mensagem não podia ser escrita em francês. A brincadeira previa prêmios e as mensagens produzidas continham desenhos de ilhas, barcos, mãos apontando caminhos e mapas.

Projeto anexo nº. 3.

Depois da tarefa de sensibilização, começo a mostrar que o sinalizado pode ser escrito. Os símbolos do SignWriting vão aparecendo, aos poucos, inicialmente associados à narrativa. Sigo a ordem do manual para o ensino formal da escrita, mas essa ordem não limita o diálogo nem a satisfação das curiosidades e dúvidas que vão surgindo. Respondo às perguntas com a solução apropriada ao caso, não importa que essa solução só vá ser abordada formalmente bem mais tarde. A criança tem sua pergunta respondida e, embora não consiga captar bem todo o alcance da resposta, vai seguindo adiante. Gradativamente sua compreensão do sistema vai se ampliando.

Os encontros eram planejados e as atividades propostas para os alunos, de acordo com o desenvolvimento e os recursos de cada grupo que se apresentava à pesquisadora. No entanto alguns procedimentos foram comuns a todos os grupos, principalmente os que envolvem a questão da identidade surda, que não é uniforme, mas possui traços comuns evidentes em qualquer grupo de surdos.

A criança surda, quando passa a fazer parte de uma comunidade surda, é batizada pela segunda vez. Em seu grupo de surdos ela vai ser conhecida por um sinal próprio que não tem qualquer relação com seu nome na língua oral de seu país. Os surdos têm muito aguçada sua percepção visual e sempre encontram algum traço característico que destacam e sinalizam. O consenso dentro do primeiro grupo surdo de convivência vai sancionar aquele sinal como sendo o nome da pessoa, que ira acompanhá-la para sempre, dentro das comunidades surdas. Por exemplo, meu nome é Marianne em português. Meu nome como membro de comunidade surda é escrito assim em SignWriting.



FIGURA 46: SINAL ESCRITO DE MARIANNE

Para a criança surda, aprender a escrever seu nome em escrita de língua de sinais tem um significado importante para sua auto-estima e possibilita sentir-se um sujeito surdo com identidade surda. Ele sente que não está só. Ele pertence a um grupo e tem um nome próprio dentro desse grupo que é uma marca de pertencimento. Uma criança surda que vive em uma família de ouvintes sente felicidade por estar adequada e incluída no grupo. Aprender a escrever seu nome surdo garante motivação e interesse, pois o significado dessa aprendizagem é carregado de emoção que ativa a mente. O nome surdo de cada criança escrito em SignWriting é uma das construções que todas as turmas fizeram em conjunto no quadro. Essa aprendizagem também influencia o relacionamento dos alunos entre si, assim como a forma de pensarem e refletirem a respeito de sentimentos de grupo e solidariedade.

O oferecimento de um sistema democrático e participativo de vida, dentro da sala de aulas, que respeita e olha o aluno, enxergando-o como ele é, a comunicação estabelecida em nossa língua natural para realizar um trabalho comum, propicia que o próprio grupo gere regras de convivência e aceite com seriedade a necessidade de atenção e respeito para que se configure um espaço de trabalho produtivo. Nas produções infantis anexas podemos observar como as crianças vão construindo sua escrita em SignWriting. Desenham os objetos, desenham mãos sinalizando, começam a observar os símbolos apresentados pela pesquisadora e vão conseguindo diferenciá-los qualitativa e quantitativamente, compreendem que eles correspondem aos sinais da Libras e aprendem a estabelecer correspondência entre os sinais e os símbolos do SignWriting.

A decomposição do sinal escrito, relacionando os diferentes elementos gráficos mínimos, representados pela escrita, com os elementos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semântico-pragmáticos da língua sinalizada permite ao aprendiz compreender o processo e tentar construir sua própria escrita.

“A escrita da língua de sinais capta as relações que a criança estabelece com a língua de sinais. Se as crianças (surdas) tivessem acesso a essa forma de escrita para construir suas hipóteses a respeito da escrita, a alfabetização seria uma consequência do processo. A partir disso, poder-se-

ia garantir o letramento do aluno ao longo do processo educacional.” (Quadros, 2003).

Nos relatos que tratam da aquisição do SignWriting, e do uso do programa Sign Writer, pelas crianças, procurei descrever com espontaneidade e ilustrar com as produções infantis as tentativas de interações para que, mesmo com as inevitáveis limitações, chegassem a esse relato recortes da realidade que permitam tornar efetiva a comunicação da mensagem.

Organização dos Estudos

Nessa pesquisa diferentes tipos experiência forneceram dados para a análise:

- i) Experiência de ensino de ELS para crianças surdas numa escola no Brasil, introduzindo o SignWriting e usando software de apoio;
- ii) Experiência de ensino de ELS para crianças e jovens surdos em três escolas na França;
- iii) Experiência de transcrições de corpus vídeos para ELS na França.

Essas duas últimas experiências estão integradas ao projeto LS-script.

Para fins de análise foram organizados dois estudos. O primeiro estudo trata da aquisição da ELS por crianças surdas (utilizando dados do Brasil e da França) e o segundo estudo trata das contribuições da tecnologia na apropriação da ELS.

6 RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

6.1 Primeiro Estudo

Características dos participantes:

A primeira parte da coleta de dados aconteceu no contexto de uma sala de aulas de uma escola de surdos de Porto Alegre.

Turma de segunda série com sete alunos.

	Nome	Idade
1.	A	8
2.	D	10
3.	I	9
4.	L	8
5.	N	8
6.	T	8
7.	V	9

Tabela 18: Turma de 2ª série

Ambiente Escolar

Escola de Surdos no Brasil

A escola de Ensino Fundamental Frei Pacífico, é particular, católica e para surdos. Ela conta com três professores surdos, dez professores ouvintes e 108 alunos surdos, cursando desde o jardim até a 8º série; é uma escola bilíngüe.

A disciplina de língua de sinais que é proporcionada às turmas das 5^o até a 8^o série consta de duas aulas por semana, à tarde, fora das atividades obrigatórias do currículo de classe e são dadas por um professor surdo. A escola existe há 49 anos com grande apoio da Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora Aparecida – CIFA.

A escola tem curso de língua de sinais para as famílias dos alunos surdos. Também tem psicóloga e assistência social. Oferece aula de informática, projeto de artes e reciclagem de papéis e teatro. Anexa à escola existe uma clínica fonoaudiológica que atende pessoas de fora da escola e também alunos, em horários diferentes do escolar, algumas fonoaudiólogas são boas conhecedoras da língua de sinais.

Os estudantes selecionados cursam a segunda série com idades de oito até dez anos. Eles estão sendo alfabetizados em português por uma professora que ficou surda faz pouco tempo. Ela utiliza português apoiado por alguns sinais da Libras e compreende bem quando eu ou as crianças sinalizamos.

Meu trabalho com os alunos começou em abril, aconteceu as terças e sextas-feiras das 14:00 às 15:30 horas, com muitas interrupções ocasionadas por outras atividades propostas pela escola ou por compromissos meus. No total foram 22 horas de trabalho com as crianças.

A integração da família ao trabalho que a criança está realizando na escola é sempre uma necessidade, mais ainda, quando se trata de um trabalho experimental, como foi o que realizamos. As interações com os pais constaram de encontros, nos quais expliquei o que é o sistema de escritas de sinais SignWriting e o objetivo da pesquisa. Como houve a solicitação, por parte dos pais, dei também algumas oficinas para apropriação do sistema. Foram 10 horas de trabalho, com um grupo que constava de dezoito pais ou mães e duas irmãs de crianças surdas da escola.

Para coleta de dados foram realizados encontros semanais durante um ano. Para a coleta de dados do primeiro estudo foram dois encontros semanais durante um semestre. Para a coleta de dados do segundo estudo, um encontro semanal durante o semestre seguinte.

Materiais utilizados nas aulas:

- Caderno para os exercícios.
- O quadro verde amplo que ocupa toda a parede em frente aos alunos.
- Livros infantis em SignWriting: Cachos Dourados, Cinderela Surda, Rapunzel Surda, A fumaça, Viva as diferenças, A árvore surda, Ivo e Adão e Eva.
- Mini-Dicionário que faz parte do kit Libras é Legal editado pela Feneis com patrocínio Petrobrás.

- Jogo de memória constando de um baralho com cartas contendo os símbolos e pares que precisam ser encontrados com as configurações de mão correspondentes.
- Jogo de memória com desenhos de animais, frutas, objetos de uso diário personagens e cartas com o sinal escrito em SignWriting.
- Jogo de dominó contendo de um lado figuras com a palavra escrita em português embaixo e do outro lado em SignWriting.
- Dominó com figuras de um lado e SignWriting no outro.
- Cartaz com o alfabeto manual com o desenho das mãos e a letra em português embaixo e cartõzinhos para posicionar corretamente sobre ele com o alfabeto manual em SignWriting.
- Jogo de memória para escolher e combinar cartas com palavras em português e cartas em SignWriting.
- Um cartaz do calendário com todos os sinais escritos em SignWriting, dos meses, outro cartaz com os dias da semana também escritos em SignWriting.
- Um cartaz grande, bem trabalhado, com uma tabela com muitos sinais escritos e as palavras correspondentes em português.

Escolas com classes de surdos na França

A França tem uma longa e importante tradição na educação dos surdos. Foi na França que nasceu a primeira escola para surdos o Institut National de Jeunes Sourds de Paris – INJS, que existe ainda hoje com o mesmo nome, dele partiram professores surdos e professores de surdos para fundar respectivamente a única universidade exclusiva para surdos a Gallaudet University de Washington e o Instituto Nacional dos Surdos – INES, fundado no Rio de Janeiro, no tempo do Império, que hoje persiste e é ligado ao MEC.

O reconhecimento do direito dos surdos a uma educação bilíngüe foi estabelecido na França pela lei 91 – 73, artigo 33 de 18 de janeiro de 1991: “Na educação dos jovens surdos, a liberdade de escolha entre uma comunicação bilíngüe – língua de sinais e francês escrito – e uma comunicação oral é de direito”.

A promulgação desse decreto foi precedida de uma longa caminhada de educadores, pesquisadores, familiares de surdos e surdos que constou de ações, experimentações, textos, movimentos sociais, conferências, estabelecimento de serviços especializados, testes, notas ministeriais, circulares do ministério de educação relativas à organização escolar, a exames e concursos públicos, decretos descrevendo ações de acompanhamento às famílias incluindo

serviços especializados a domicílio, aos cuidados médicos e técnicos, ao desenvolvimento da comunicação, desenvolvimento da personalidade e integração social.

Em 25 de novembro de 2001 é o Parlamento Europeu que reconhece a Língua de Sinais dentro da escolaridade: “A Língua de Sinais deve ser reconhecida como uma língua completa e como tal, ser objeto de um referencial”.

A educação em língua de sinais francesa corresponde à escolha da Língua de Sinais como primeira língua da criança surda. A língua de sinais é a língua dentro da qual a criança se construirá enquanto indivíduo e nela será educada. Deverá ter acesso o mais cedo possível, a ela, pois o encontro da criança surda com sua língua de sinais marca o ponto de partida do reconhecimento de sua pessoa e seu acesso direto a uma língua, pois que, ela é visual.

O bilingüismo é o objetivo visado pela criança surda. Ela deverá adquirir duas línguas: a língua de sinais e a língua falada de seu país em sua forma escrita. (leitura e escrita). Para adquirir esse objetivo a escola precisa em suas práticas trabalhar de forma diferente, usando uma pedagogia que possibilite ao educando atingir esse objetivo.

O trabalho de articulação e aquisição da língua oral pode ter lugar dentro de uma educação, mas fora da escola. A língua oral não é necessária, dentro da escolha educativa do bilingüismo. Vinte anos de educação precoce bilíngüe, vinte anos durante os quais modificações nessa educação aconteceram e permitiram observar seus excelentes resultados levaram os defensores do bilingüismo a pesquisar, uma nova e ambiciosa meta, que é a de analisar a possibilidade de introduzir a escrita de língua de sinais nas aulas de línguas de sinais das classes bilíngües.

Surgiu então o - projeto LS-Script – anexo nº. 1.

O projeto LS-Script é subvencionado por três ministérios franceses: da Pesquisa, da Cultura e do Trabalho. Previsto para durar dois anos de 14/12/2004 a 14/12/2006. Nele atuam cinco parceiros:

IRIT da Universidade Paul Sabatier (Toulouse-informática)

LIMSI Orsay (informática)

IRIS (Toulouse)

WebSourd (Toulouse)

SFL Universidade Paris 8 (lingüística)

Seu objetivo, responder à pergunta: Quais formas de escrita para os surdos? Centrado no contexto do ensino bilíngüe, onde a questão é crucial.

1 – Identificar as necessidades e as expectativas em matéria de formas gráficas para a Língua de Sinais Francesa – LSF.

2 – Propor as bases de um formalismo gráfico para a LSF.

3 – Propor as representações na informática centradas sobre o sistema gráfico e ferramentas informáticas para ajudar à escrita e a leitura.

4 - Trabalho inicial de informantes sobre o SignWriting com o objetivo de introdução ao formalismo gráfico propriamente dito.

A associação IRIS esteve na origem do ensinamento bilíngüe na França. Logo depois de uma primeira experiência em Poitiers e Nancy, ela abriu uma classe na Haute-Garonne em 1985. Uma experiência que começou em uma escola privada, La Prairie em Toulouse, antes de acontecer na escola pública. À partir de 1989 estendeu-se a maternal Sajus de Ramonville ao Liceu Arènes, também em Toulouse, passando pelo colégio André Malraux de Ramonville. Em 1998, o reitorado da Haute-Garonne entregou o primeiro diploma de bacharelado a um surdo na França, educado em sua língua de sinais, graças ao desenvolvimento do ensino bilíngüe: francês escrito – língua de sinais.

O IRIS é um Instituto de Pesquisas sobre as Implicações da língua de sinais, ele teve como um de seus fundadores o Prof. Patrice Dalle, pai de uma jovem surda, que foi meu orientador durante minha pesquisa em Toulouse.

Esse instituto criado em 1988 considera que a língua de sinais é a língua natural dos surdos, ele tem por objetivo organizar, gerar e participar de diferentes atividades, estudos e pesquisas sobre a língua de sinais, a pedagogia em língua de sinais na educação das crianças surdas e sobre o papel da língua de sinais na integração social e profissional dos surdos.

A Associação propõe também iniciação e formação em língua de sinais, e ainda formação destinada ao ensino da língua de sinais.

Na qualidade de parceiro institucional com a Educação Nacional e Ação Social, a Associação orienta o desenvolvimento de um percurso educacional em língua de sinais desde o maternal até o término, nos estabelecimentos de ensino regular de Ramonville – Saint-Agne e Toulouse.

O Instituto gera ainda, com o apoio do Conselho geral, uma prestação de acolhimento e acompanhamento social e de trabalho em ações de integração de pessoas surdas no meio profissional.

Para acompanhar essas ações exercidas por profissionais usuários da língua de sinais, surdos e ouvintes, IRIS criou também um setor audiovisual e multimídia e também um centro de informação e documentação.

Essencialmente baseado em Toulouse, o Instituto instalou uma associação filiada em Bourdeaux em 2001. Foi o IRIS que me contratou para participar do projeto.

Depois de três anos de parceria estratégica com as sociedades de cooperação WebSourd - programas de pesquisas técnicas e científicas em torno da imagem, das novas tecnologias e da comunicação visual e INTERPRETIS - Associação dos Intérpretes em Língua de Sinais, o IRIS trabalha igualmente na constituição de um pólo de atividades econômicas e científicas regionais em torno da língua de sinais.

O projeto de LS-SCRIPT, sobre as formas gráficas da LSF, contou ainda como parceiros o Departamento de Linguagem da Universidade Paris 8 e o Laboratório de Informática para a Mecânica, Ciências e Engenharia – LIMSI, pertence ao Centro Nacional de Pesquisa Científicas que participa do projeto através do Departamento de Comunicação Homem-Máquina.

O Prof. Dalle é também o responsável pela equipe de TCI do Instituto de Pesquisas em Informática de Toulouse- IRIT, pertencente à Universidade Paul Sabatier de Toulouse.

Para mim foi um privilégio poder participar desse projeto de grande significado para a comunidade surda o qual veio enriquecer minha pesquisa, nessa área, que tem sido o foco de meu trabalho durante nove anos. Os relatos que tratam da experiência francesa são mais estendidos pois lá pude observar e realizar trocas com uma equipe completa de pesquisadores e com várias turmas de alunos. Aqui trabalhei sozinha e apenas com uma turma de crianças surdas, de forma experimental. Pareceu-me interessante relatar em detalhe, as interações com os diversos locais de ensino e pesquisa. O papel para mim designado dentro desse projeto foi o de especialista em SignWriting, explicitado no item nº 25 do Projeto LS - Script, (segue-se tradução do item 25 do projeto).

MINHA PARTICIPAÇÃO NO PROJETO LS – SCRIPT

Uma sensibilização a uma possibilidade de forma gráfica da LSF pelas crianças. Essa sensibilização será desenvolvida por Marianne Rossi Stumpf, especialista de SignWriting: abrangerá as turmas: MS/GS, CP/CE1, CE2 e CM1. (As siglas correspondem às turmas das 4 primeiras séries do ensino primário brasileiro) o trabalho, com as crianças, iniciará em 31 de março e durará até o fim de junho (dez a quinze horas de sensibilização por grupo). Atualmente está em curso de preparação: é necessário adaptar o SignWriting à LSF¹². Anexo nº. 1 (projeto LS-Script).

Para coleta de dados na França foram realizados encontros semanais durante quatro meses, em diferentes grupos: maternal, primário e ensino fundamental, conforme detalham as tabelas a seguir. Os grupos de alunos que não constam do projeto LS-Script foram acrescentados no decorrer da pesquisa.

Características dos participantes

Escola Centre de Ramonville

Turmas	Idade	Datas	Horas	Frequência
CP/CE1 - 5 alunos	7 a 8	31/03 – 16/06	10	2 vezes por semana (quinta e sábado)
CE2 – 6 alunos	9 a 10	8/04 – 03/06	6	2 vezes por semana (sexta e sábado)
CM1 - 7 alunos	11 a 12	1/03 – 16/06	9	2 vezes por semana (quinta e sábado)

Tabela 19: Turmas e atendimentos do primário da Escola Centre de Ramonville

¹² Traduzido por Mariana Rossi Stumpf.

Escola Maternal Saju de Ramonville

Turma	Idade	Datas	Horas	Frequência
MG/GS – 3 alunos	4 a 5	11/04 – 03/06	5	1 vez por semana (sexta-feira)

Tabela 20. Turma e atendimento do maternal da Escola Saju de Ramonville

Colégio André Malraux de Ramonville

Turma	Idade	Datas	Horas	Frequência
8 alunos	12 a 15	17/03 - 16/06	18	2 vezes por semanas (terça e quinta)

Tabela 21: Turmas e atendimentos do Ensino Fundamental do Colégio André Malraux de Ramonville

Ambiente Escolar

Escola Centre de Ramonville

A Escola Centre é uma escola pública regular, de educação infantil, situada em Ramonville, pequena cidade da região metropolitana de Toulouse. É uma escola inclusiva, como é a grande maioria das escolas europeias, onde estudam 18 surdos. Há poucas escolas só para surdos na França. Em Toulouse existe uma, de filosofia oralista, a qual não goza de prestígio entre os membros da comunidade surda que considera seu ensino pouco exigente, na questão dos conteúdos escolares. O seu enfoque é profissionalizante

As turmas de surdos ocupam 3 salas da escola, sendo que duas turmas ficam em uma sala e a terceira turma em outra. As salas são muito amplas e contam com mesas individuais e também uma mesa maior para trabalhar em grupo. Há armário com livros e dois quadros um branco e um negro. A terceira sala é ocupada para o ensino da LSF nela há duas mesinhas redondas e poucas cadeiras. Usam a sala de LSF para filmar em vídeo os alunos sinalizando e projetá-los em um aparelho de TV para corrigir os sinais, há cartazes com desenhos das mãos fazendo sinais.

Escola Maternal Saju

A Escola Saju fica perto da Escola Centre de Ramonville. É uma escola maternal pública, é também inclusiva, com uma classe especial para surdos, onde trabalham duas professoras surdas que atendem, no momento, três alunos surdos. Vou trabalhar nessa escola com duas meninas e um menino que têm entre 4 a 5 anos. As 3 crianças são filhas de famílias surdas. Uma delas tem um irmão que estuda na Escola Centre em uma turma CP/CE1.

Essa classe de maternal com professoras surdas é a única em território francês. Existe uma lei relacionada à segurança de crianças dessa idade que proíbe uma pessoa surda de reger uma classe. Dizem que pode acontecer um incêndio ou algum outro evento que a professora poderia não perceber. O IRIS conseguiu uma autorização especial para organizar essa classe.

A sala de aulas é ampla, são três mesas com cadeiras amarelas, mais duas mesas redondas, um sofá de vime, armário com jogos, armário com livros infantis, quadro-negro, cartazes com o alfabeto bem coloridos, cartazes com os numerais e desenhos dos sinais. Hoje faltou uma das meninas. A professora me apresentou a eles e sentamos todos juntos em uma das mesas.

Colégio André Malraux

O Colégio André Malraux é uma escola regular que inclui oito alunos surdos que optaram pela educação em LSF e estão em quatro níveis diferentes. O Colégio Malraux corresponde da quinta a oitava série do ensino fundamental no Brasil.

Há outros deficientes auditivos que participam das classes regulares e são oralizados. Os oito alunos trabalham em salas de aulas próprias atendidas por professores surdos e professores ouvintes que sabem muito bem a LSF. Esses professores são contratados, alguns pela Educação Nacional e outros pelo IRIS.

Materiais utilizados nas aulas de pesquisa:

Turma: CP/CE1

- Cadernos para os exercícios
- Folhas de resumo de manual de SignWriting
- O quadro amplo que ocupa toda a parede em frente aos alunos.
- Cartões com os desenhos das configurações básicas das mãos
- Jogo de memória constando de um baralho com cartas contendo os símbolos e pares que precisam ser encontrados com as configurações de mão correspondentes

- Dominó colorido com os sinais escritos de dez cores em escrita de LSF
- O primeiro cartaz em SignWriting da LSF diz bem vindo aprender a escrita da LSF
- Cartões de números (1 a 10) em SignWriting da LSF e outros cartões com números arábicos

Materiais utilizados nas aulas de pesquisa:

Turma: CE2

- Caderno para os exercícios
- Folhas de resumo de manual de SignWriting
- Cartaz que demonstra os dois símbolos tipos de movimentos
- Cartões com os desenhos das configurações básicas das mãos
- Jogo de memória constando de um baralho com cartas contendo os símbolos e pares que precisam ser encontrados com as configurações de mão correspondentes

Materiais utilizados nas aulas de pesquisa:

Turma: CM1

- Caderno para os exercícios
- Folhas de resumo de manual de SignWriting
- Cartões com os desenhos das configurações básicas das mãos
- Jogo de memória constando de um baralho com cartas contendo os símbolos e pares que precisam ser encontrados com as configurações de mão correspondentes
- Dominó colorido com os sinais escritos de dez cores em escrita de LSF
- O primeiro cartaz em SignWriting da LSF diz bem vindo aprender a escrita da LSF
- Cartazes com os seus sinais escritos dos alunos
- História de cavalo que não está completa em SignWriting de LSF

Materiais utilizados nas aulas de pesquisa:**Turma: MG/GS**

- Caderno para os exercícios
- Cartões com os desenhos das configurações básicas das mãos correspondentes os símbolos de configurações básicas das mãos
- Cartões com posições e orientações das mãos mostrando como correspondiam os símbolos de configurações básicas das mãos
- Jogo de memória constando de um baralho com cartas contendo os símbolos e pares que precisam ser encontrados com as configurações de mão correspondentes
- Cartazes escritos em SignWriting da LSF, os símbolos de configurações das mãos e imagens correspondentes
- Cartaz com os símbolos básicos de configurações e posições das mãos
- Cartazes com os seus sinais escritos dos alunos

Materiais utilizados nas aulas de pesquisa:**Colégio André Malraux de Ramonville**

- Resumo de manual de SignWriting
- Jogo de memória constando de um baralho com cartas contendo os símbolos e pares que precisam ser encontrados com as configurações de mão correspondentes
- Dominó colorido com os símbolos das configurações das mãos correspondentes os desenhos das configurações das mãos
- Folhas com sinalário de LSF escrita em SignWriting
- Cartaz em SignWriting da LSF diz bem vindo aprender a escrita da LSF e língua de sinais internacional
- Cartazes com os seus sinais escritos dos alunos
- Três folhas sobre a minha viagem a Paris em SignWriting da LSF
- História de cavalo que não está completa em SignWriting da LSF
- Cinco folhas com a história de bebê
- História do ônibus que não está completa
- História dos convidados do gato

6.2 Relatos

Nesse capítulo serão apresentados os relatos das experiências com escrita da língua de sinais no Brasil e na França.

Os relatos constituem-se em diários de campo detalhando as interações e apresentando observações e percepções das crianças surdas e também da pesquisadora. Esses relatos permitem a observação, em classe, da aprendizagem do sistema SignWriting pelas crianças, suas modalidades de apropriação e sua evolução, os potenciais e limites de exploração do sistema.

Os relatos se mantiveram na íntegra para demonstrar um pouco do processo dessa apropriação da escrita e seguindo a idéia de estudo exploratório da tese em que o objeto de estudo é apresentado com a intenção de abrir possibilidades de novas pesquisas futuras e não como respostas prontas a questão.

Coleta de dados: diário de campo

Escola de Ensino Fundamental Frei Pacífico de Porto Alegre

22 de abril de 2003

Hora: 14:20 até 15:15

Cheguei na Escola de Ensino Fundamental Frei Pacífico, encontrei a professora Sandra que é professora da turma de segunda série onde vou trabalhar. Sinto ansiedade para ver se os alunos aprendem a ler e escrever. A professora avisou que vai reunir com as mães dos alunos e me deixou sozinha com a turma na sala de aulas. Os alunos são A, I, L, N, T e V. O aluno D faltou hoje a aula. A professora surda não conhece o SignWriting e pensa que é importante para os surdos aprender a escrever os sinais, mas ela me diz que não tem tempo para ir ao curso de escrita de língua de sinais.

Trabalharei com uma turma de segunda série duas vezes por semana das 14:00 até 14:45 horas. São sete alunos de 8 a 10 anos que utilizam a língua de sinais e têm a disciplina de língua de sinais uma vez por semana com uma professora surda, fluente em Libras. O grupo participa também da hora do conto quando a professora surda conta e trabalha histórias infantis com a língua de sinais.

No primeiro dia mostrei para as crianças um livro: “A Raposa e a Cegonha” e contei a história em Libras, depois conversamos sobre a história em língua de sinais e então pedi que contassem a história no papel, sem escrever palavras do português. Desenharam mãos sinalizando e personagens.

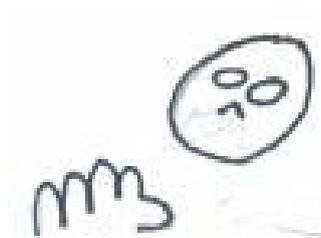


FIGURA 47: SINAL DE LOBO

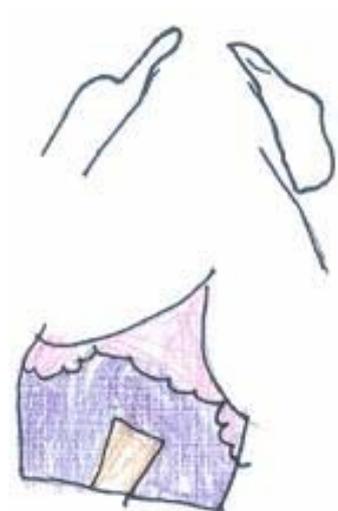


FIGURA 48: SINAL DE CASA E MÃOS FAZENDO O SINAL DE CASA

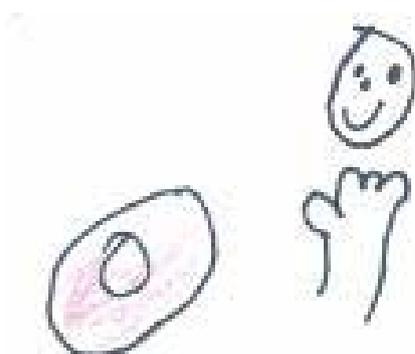


FIGURA 49: SINAL DE COMER E DESENHO DE PRATO

O aluno fez duas tentativas conseguindo na segunda completar a expressão facial associada ao desenho do sinal manual.



FIGURA 50: SINAL DE PÁSSARO



FIGURA 51: SINAL DE PÁSSARO COM EXPRESSÃO FACIAL

24 de abril de 2003

Hora: 14:15 até 15:00

Levei cartazes com os símbolos das configurações das mãos e pedi para eles colocarem na parede da sala de aulas. As expressões faciais das crianças riem quando eu entro na sala de aulas, pois minha expressão facial demonstra felicidade de encontrar com elas.

Os cartazes são simples, um cartaz de calendário com todos os sinais dos meses escritos em SignWriting, outro cartaz com os dias da semana também escritos em SignWriting. Outro cartaz é grande, bem trabalhado, com uma tabela com muitos sinais escritos e as palavras correspondentes em português. Um cartaz com o alfabeto manual em escrita de língua de sinais para poderem visualizar e memorizar os símbolos. A sala de aulas está cheia de cartazes em português que foram feitos pela professora surda. Pouco espaço para os cartazes em SignWriting.

Converso com as crianças explicando que existe uma ELS que é diferente da escrita da língua oral e que aqueles cartazes mostram como é essa escrita. Desenho no quadro o signo escrito em SignWriting para o sinal de mamãe e mostro a eles como corresponder os movimentos às notações gráficas, logo querem saber também o de papai.

Os alunos começam a aprender os símbolos básicos de configurações das mãos SignWriting. Olham os cartazes, sinalizam e fazem as primeiras tentativas de escrever em SignWriting.

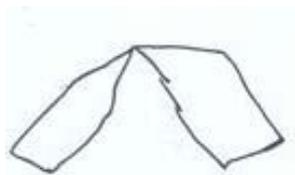


FIGURA 52: SINAL DE CASA

O aluno desenhou o sinal do papai já usando, em parte, o sistema de SignWriting.



FIGURA 53: SINAL DE PAPAÍ

O aluno desenhou o objeto bola, na segunda figura o símbolo de SignWriting correspondente às configurações das mãos em “bola” e na terceira figura o sinal de jogar futebol com o desenho das mãos junto à seta que é símbolo de movimento no sistema SignWriting.



FIGURA 54: DESENHO DE BOLA



FIGURA 55: SINAL DE BOLA

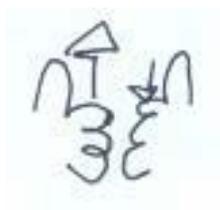


FIGURA 56: SINAL DE FUTEBOL

A aluna desenhou a configuração da mão “dedo indicador” ao lado do símbolo correspondente em SignWriting.

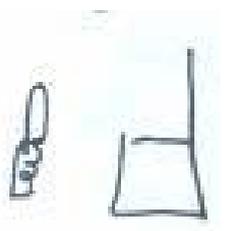


FIGURA 57: DEDO INDICADOR

29 de abril de 2003

Hora: 14:20 até 15:15

Comecei a escrever todos os símbolos das configurações das mãos do grupo um, no quadro-negro e pedi aos alunos para tentar as configurações de mãos que correspondam com os símbolos. Alguns alunos compreendem alguns símbolos e fui mostrando para eles como configurar as mãos.

A supervisora da escola veio me avisar que os pais querem aprender a escrita de língua de sinais na próxima semana, eles perguntaram como é a escrita, onde tem revistas e livros com escrita de língua de sinais. Combinamos com eles a hora para começar na próxima semana quando vou explicar para eles o que é o SignWriting.

Voltamos ao trabalho na sala de aulas. Escrevi quatro sinais escritos no quadro-negro, pedi para eles lerem os sinais. Acertaram três e houve uma dúvida. Mostrei o sinal sobre o qual tinham dúvida. Pedi para cada aluno escrever um sinal escrito no quadro-negro. Uma aluna escreveu o sinal escrito “segunda-feira” no quadro-negro utilizando um símbolo do grupo dois, que ela viu no cartaz dos sinais dos dias da semana. Outro aluno escreveu o sinal escrito de “rosa” que também é do grupo dois. Os símbolos estavam todos certos e só faltou o movimento. Ele tentou escrever as setas, mas não conseguiu então outro aluno ajudou a

escrever o movimento como círculo. Outro aluno escreveu vários sinais junto com as palavras em português. A aluna N escreveu o sinal escrito dela que tem a letra “N” e combina com a configuração do grupo dois. Escrevi no quadro os símbolos de configurações de mão do grupo dois pois eles estão fazendo muitas perguntas e assim poderão pesquisar para construir seus símbolos.



FIGURA 58: GRUPO 1



FIGURA 59: SINAIS DO GRUPO 1



FIGURA 60: GRUPO 2



FIGURA 61: SINAL DE SEGUNDA-FEIRA

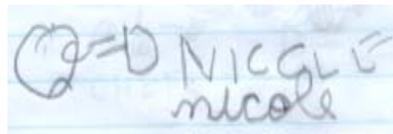


FIGURA 62: SINAL DE NICOLE



FIGURA 63: SINAL DE ROSA

6 de maio de 2003
Hora: 14:15 até 15:00

Na sala do auditório em cima da Escola de Ensino Fundamental Frei Pacífico, fiz hoje, uma apresentação para os dezoito pais e duas irmãs de surdos. Não esperava tantas pessoas interessadas na aula de escrita de língua de sinais.

Todas as terças-feiras, das 13:30 até 14:15 horas esse grupo tem aula de língua de sinais com uma professora surda de Libras. Tem uma mãe que assiste pela primeira vez a aula, os outros sabem um pouco e alguns sabem em nível médio, a língua de sinais. Só um casal do grupo tem um filho que estuda com a mesma professora.

Expliquei aos familiares, o que eu faço na Escola de Ensino Fundamental Frei Pacífico e também sobre a minha pesquisa. Mostrei o livro de Uma menina chamada Kauana e o manual de SignWriting para todos, que pegaram e olharam. Comecei a escrever os símbolos básicos de configurações das mãos no quadro e a mostrar como eles reproduzem os sinais.

Uma mãe me pediu como escrever o sinal escrito “surdo” e outro sinal escrito “ouvinte”, expliquei como é o símbolo e sua correspondência com as configurações das mãos. Algumas mães haviam visto os materiais de escrita de língua de sinais, mas não sabiam o significado, puderam entender o que é isto.

Mostrei como é o ponto de vista expressivo com os símbolos no quadro e eles acompanhavam com as mãos, algumas mães copiaram em seus cadernos. Algumas querem comprar o manual de SignWriting, que não temos para vender. A lingüista, francesa, Boutora¹³ registra, em sua dissertação de mestrado que a utilização dessa notação com sentido pedagógico é muito usada na Dinamarca e na Noruega, particularmente pelos pais ouvintes de crianças surdas que estão aprendendo a língua de sinais. Constitui uma notação que permite às pessoas pouco experientes em LS de tomar notas. (Boutora, 2003, pg. 92).

Na aula seguinte distribuí o material de SignWriting para os pais que ensina como escrever os sinais. Consta de um livro texto com trinta folhas que serve de referência para a escrita dos movimentos da Libras. Inclui diagramas, ilustrações e exercícios. Ele ensina cada símbolo do sistema da escrita SignWriting e oferece aplicações para ler e escrever. As aulas seguintes com os pais começaram com as tentativas de lerem o texto em SignWriting e perguntarem suas dúvidas, depois, aprenderam a escrever os sinais escritos construindo frases.

Tivemos aproximadamente vinte horas aula e eles conseguiram obter uma boa compreensão do sistema. Poderão prosseguir sozinhos se desejarem. A possibilidade de

¹³ Tradução: Mariana Rossi Stumpf

acesso e interação com os pais e colegas, assegura resultados significativos de aprendizagem, também para as crianças pois cria um ambiente envolvido com o mesmo interesse. Fizeram alguns trabalhos em grupo, ou individuais, para construir o dicionário, poesia e historinhas.

Eles gostaram muito das aulas, pois é uma novidade, nunca haviam pensado existir uma escrita que registra a língua de sinais.

6 de maio de 2003

Hora: 15:00 até 15:35

Após a primeira explicação sobre a escrita de língua de sinais com os pais, voltei a trabalhar com a turma de 2º série. Comecei a escrever todas as configurações do grupo três no quadro-branco. O aluno, L, me mostrou cada símbolo de configuração que correspondia à configuração de mão, outro aluno ficou brabo, quer só copiar no caderno e depois mostrar os sinais, continuamos escrevendo e eles copiaram até terminar.

Mostrei cada símbolo da forma de configuração da mão para os alunos, eles me mostram as configurações das mãos para ver se corresponde ou não. A maioria dos alunos acertou só um símbolo de configuração, é mais difícil à correspondência com a mão em “P”. Depois disso, coloquei quatro sinais no quadro-negro para ver se eles entendiam, só erraram o sinal de cavalo que eles pensaram era o de coelho.

Os sinais de cavalo e coelho são muito parecidos e apenas passamos a Páscoa quando houve muita exposição do coelho.

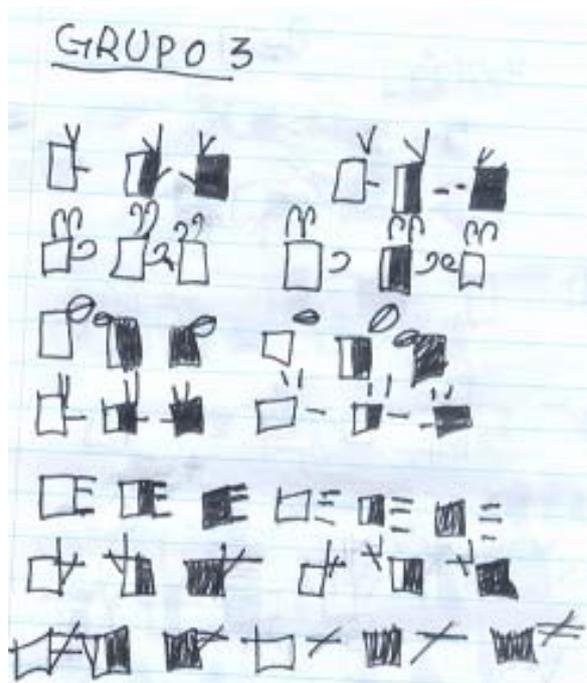


FIGURA 64: GRUPO 3

9 de maio de 2003
Hora: 14:10 até 14:45

Entrei na sala de aula e trouxe o jogo de dominó em SignWriting correspondente às figuras. Eles querem jogar o jogo de dominó. Falei para eles: primeiro vamos aprender os sinais do grupo 4 para vocês jogarem melhor. Depois jogamos e eles estavam entusiasmados com o jogo. Voltamos a trabalhar a escrita. Escrevi só a primeira posição de um símbolo de configuração da mão e eles continuaram escrevendo sozinhos as posições de símbolos de configurações das mãos até completar todas. Percebi que eles compreenderam como funciona e estão adquirindo as posições dos símbolos, pois escreveram rápido. O grupo quatro é mais fácil do que o grupo três, pois são sinais mais usados.



FIGURA 65: GRUPO 4



FIGURA 66: JOGO DE DOMINÓ

13 de maio de 2003

Hora: 15:15 até 15:40

Entrei na sala de aula. As crianças já estavam esperando, sentadas com os cadernos. A professora avisou que precisava conversar com a supervisora. Fiquei sozinha com as crianças, pedi para fazerem duplas juntando as mesas para jogar o jogo de memória das configurações que correspondem com os símbolos. Elas ficaram felizes em jogar, quando terminaram o jogo, pegaram os cartões com símbolos e anotaram nos cadernos.

Três crianças me perguntaram como eram os símbolos para algumas configurações da mão e ficaram jogando até a hora do intervalo.



FIGURA 67: JOGO DE MEMÓRIA

16 de maio de 2003

Hora: 14:00 até 14:55

Comecei a escrever todas as configurações das mãos do grupo cinco, as crianças copiam e fazem perguntas até terminarem as posições das configurações das mãos. Então eu pergunto para elas como são os símbolos das configurações das mãos que correspondem a alguns sinais. Elas mostram suas próprias mãos sinalizando.

Percebi que o L escreve o símbolo que cópia de sua mão, observa quantos dedos tem para corresponder o número certo de linhas dos dedos. Em uma etapa anterior colocava um número aleatório de dedos.

Cada um escreve qualquer sinal escrito, desde que do grupo cinco, no quadro-branco e eu ajudo um pouco para acertar as escritas.

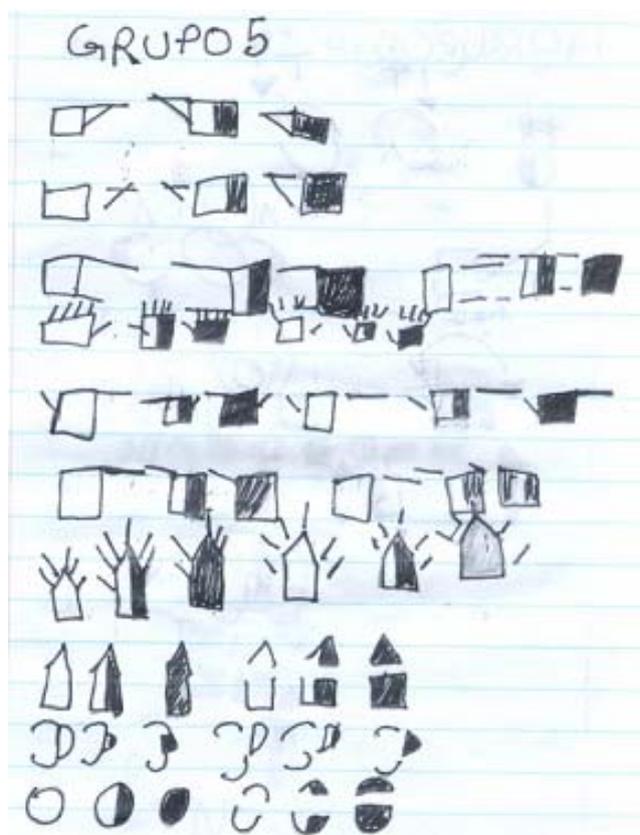


FIGURA 68: GRUPO 5

23 de maio de 2003

Hora: 14:00 até 14:50

Comecei escrever no quadro-branco o último símbolo de configuração do grupo cinco, depois as crianças continuaram sozinhas até terminarem as posições das configurações das mãos. Eu escrevi cinco sinais no quadro-negro para elas significarem os cinco sinais. Algumas significam alguns sinais e logo pedi a cada uma para escrever o alfabeto manual em SignWriting no quadro-branco. As crianças também podiam olhar no cartaz com alfabeto manual, SignWriting e palavras em português. Depois apaguei todas as palavras em português do quadro para elas exercitarem mostrando com o alfabeto manual o SignWriting. Elas mostraram que já sabem. Tiramos fotos das crianças e expliquei que vamos fazer um trabalho bonito sobre seus nomes. Elas estão bem motivadas e já começam a escrever os sinais de seus nomes, mostravam com o alfabeto manual e escreviam em SignWriting no quadro-negro. Algumas olhavam o cartaz com o alfabeto manual e a correspondência em SignWriting. A professora surda ficou admirada de como elas aprenderam com rapidez.

27 de maio de 2003

Hora: 15:00 até 15:30

Trouxe as fotos que cada uma das crianças tirou na aula passada. Em cada foto uma criança mostra o seu sinal e escreve o sinal em SignWriting no quadro-branco, também mostra seu nome em português, com o alfabeto manual. Depois colaram a foto em uma folha com seu nome em português, desenhado em alfabeto manual e sinal próprio em SignWriting, penduraram na parede da sala de aulas.

Comecei a ensinar o grupo seis e as crianças perceberam com rapidez a correspondência com a configuração das mãos.



FIGURA 69: GRUPO 6

30 de maio de 2003

Hora: 14:00 até 14:50

Pedi às crianças que façam revisão do grupo seis e algumas foram escrever no quadro.

Quase sempre duas ou três crianças discutem para escolher o símbolo que corresponde ao sinal. Às vezes ajudo mostrando os tipos de movimentos. Comecei a ensinar os símbolos de contatos e mostrei alguns exemplos. São seis símbolos de contatos, em seguida, pedi a elas que escrevam sinais que contenham os símbolos de contatos. A maioria das crianças escreve os sinais sem colocar símbolos de contatos. Hoje algumas colocaram, outras não.

3 de junho de 2003

Hora: 14: 55 até 15:35

As crianças pediram que eu trouxesse o livro infantil, escrito em SignWriting, Cachos Dourados. Elas leram e sinalizaram com as mãos o que está escritos no livro. Depois fazem duplas e uma conta a história para a outra.

Entreguei a elas folhas com desenhos para escreverem uma redação que conte o que está no desenho. Elas escolheram os desenhos. As crianças ainda não aprenderam todos os símbolos. Vimos até o grupo seis.

Observei algumas crianças inventarem alguns símbolos, que não são do SignWriting, para representar partes do sinal pois, ainda não aprenderam todos. Um aluno escreveu os símbolos de SignWriting escolhendo a forma vertical de escrita pois o livro Cachos Dourados, apresenta as frases na posição vertical. Nas frases, que ele escreveu, não aparece o grupo de símbolos de contato, mas já usa os vários tipos de símbolos de movimentos.

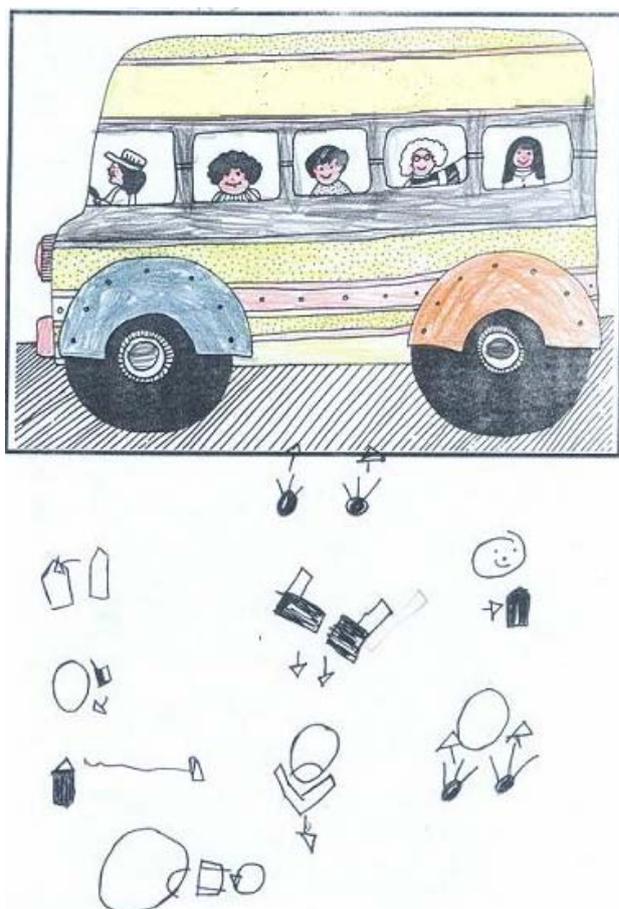


FIGURA 70: REDAÇÃO EM SIGNWRITING

Interrupção da pesquisa

Neste período viajei para a Europa com três objetivos ligados à pesquisa: Visitar uma escola de surdos da Alemanha onde um professor trabalha com o sistema SignWriting há três anos, ir a Bristol conhecer um Centro de Estudos Surdos e assistir uma Conferência em Paris.

Na Alemanha observei que as crianças têm grande destreza na leitura do sistema SignWriting de escrita, contam com muitos materiais didáticos em SignWriting. O professor relatou que trabalhar a escrita de língua de sinais é uma ferramenta importante e maravilhosa. Porém uma grande limitação, do meu ponto de vista, é que lá usam o SignWriting apenas para leitura. As crianças recebem conteúdos traduzidos para o SignWriting mas não aprendem a escrever. Devem escrever só em alemão. Do ponto de vista dos surdos essa limitação remete a uma desvalorização de nossa língua e a uma atitude de dar pouca importância àquilo que temos a dizer.

A ELS é tratada apenas como uma ferramenta útil para chegar à compreensão dos conteúdos e de uma melhor performance na escrita da língua alemã. São objetivos válidos e importantes, mas reducionistas do ponto de vista das pessoas surdas, que valorizam sua própria cultura gostam de se expressar, também por escrito, em sua própria língua.

O segundo objetivo foi o de conhecer o Centro de Estudos Surdos da Universidade de Bristol, Inglaterra. Lá é intenso o uso de tecnologias projetadas para facilitar a vida dos surdos em suas comunicações na vida diária.

O terceiro objetivo foi de assistir em Paris a 5º Conferencia Internacional de História dos Surdos.

19 de agosto de 2003

Hora: 14:10 até 15:05

Entrei na sala de aulas onde estão as crianças da segunda série. Elas me olharam e ficaram felizes que voltei a trabalhar com elas e perguntaram por que estava demorando a voltar. Logo mostrei algumas fotos da visita que fiz a Europa e da escola alemã. Mostrei as fotos com as crianças surdas na sala de aulas lendo com o SignWriting. Um aluno me perguntou se esta foto é de verdade. Sinalizei para ele que é verdade, o professor está ensinando, como nós aqui, que estamos aprendendo o SignWriting. Perguntaram se continuo a lecionar para elas e falei que sim.

Retomamos os cadernos, uma criança quer entregar sozinha e então dei os cadernos para ela entregar. Escrevi os símbolos básicos das configurações das mãos para revisar, pedi que elas me mostrassem com as mãos delas e estão corretas; só uma criança estava tentando lembrar e precisei ajudar um pouco.

Mostrei a elas o material de um aluno ouvinte, que fez o curso de SignWriting na Feneis e coloquei alguns sinais escritos prontos, no quadro, para trabalhar a leitura.

Depois escrevi outros sinais escritos no quadro para as crianças decompor identificando cada configuração, uma criança me perguntou qual a primeira configuração na ordem do símbolo do sinal escrito. Discutimos juntos como separar os símbolos identificando as configurações e se existe uma ordem. Continuamos essas discussões até o final da aula.

22 de agosto de 2003

Hora: 14:00 até 14:45

Coloquei na mesa alguns dos livros infantis com a escrita de língua de sinais para as crianças escolherem um livro para ler. Depois cada uma contou para a classe o livro que havia lido.

Comecei a ensinar o grupo sete e oito para as crianças e elas lembram as posições dos símbolos das configurações das mãos. O grupo sete só tem um símbolo pois não tem muitos sinais que combinem com o grupo sete. Por isso, logo comecei a ensinar o grupo oito, mais usado, no quadro-negro.



FIGURA 71: GRUPO 7 E 8

26 de agosto de 2003

Hora: 14:05 até 15:00

Logo que entrei na sala de aula, vi que algumas crianças faltaram à aula. Escolhi só jogar os vários jogos de memória. O jogo de dominó que tem de um lado as mãos sinalizando e do outro os símbolos do SignWriting e o jogo de memória tem os desenhos das mãos sinalizando para procura o correspondente símbolo em SignWriting. Elas me perguntaram o

que significam alguns dos sinais escritos e discutimos como são as posições das mãos, até tirarem suas dúvidas. Indiquei o mini-dicionário para elas procurarem os sinais escritos.



FIGURA 72: JOGO DE MEMÓRIA

29 de agosto de 2003

Hora: 14:00 até 14:45

As crianças me perguntaram se hoje vamos aprender o grupo nove pois querem terminar os grupos para fazer outras atividades na aula de SignWriting. Então comecei a escrever o grupo nove no quadro-negro. Só as primeiras posições símbolos das configurações das mãos e elas continuam a completar com os símbolos correspondentes às posições das outras configurações das mãos. O grupo nove tem muitos símbolos, como o grupo cinco, quando terminamos já era quase o final da aula. Fizemos poucos exercícios.

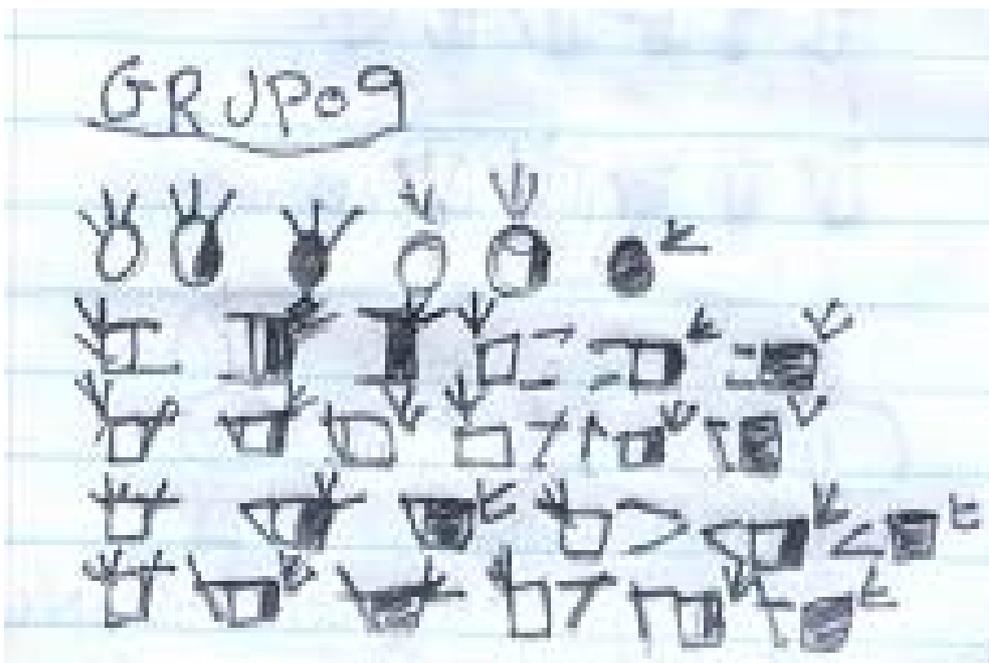


FIGURA 73: GRUPO 9

2 de setembro de 2003

Hora: 14:20 até 15:35

As crianças pegaram os cadernos para começar a aula de SignWriting. Comecei a escrever os símbolos das configurações das mãos do grupo dez e também todas as orientações de posições dos símbolos das configurações das mãos do mesmo grupo. As crianças copiaram no caderno e, logo depois, perguntei a elas o significado de cada símbolo de cada configuração da mão. Elas me mostraram com facilidade, apenas o último símbolo de configuração da mão ainda não significaram. Mostrei o sinal escrito do último símbolo e elas entenderam e continuamos a escrever os sinais do grupo dez.

É o último grupo de configuração da mão. Eu fiz o sinal “moto” com a configuração da mão do grupo dez para as crianças escreverem o sinal escrito para “moto” no caderno e elas começaram a escrever com os símbolos certos, falta aprender como escrever o símbolo de movimento. Um aluno escreveu o símbolo de movimento no quadro-negro e outra menina não aceitou e foi apagar. Ela escreveu de uma forma um pouco diferente colocando dois símbolos de movimento, perguntei por que dois símbolos de movimento.

O sinal “moto” só tem um movimento e o menino escreveu só um símbolo de movimento. O importante é que eles próprios estão construindo o símbolo de movimento, para completar o sinal escrito de “moto”.



FIGURA 74: GRUPO 10



FIGURA 75: SINAL DE MOTO

5 de setembro de 2003

Hora: 14:00 até 14:50

As crianças disseram: agora que terminamos o grupo dez, o que fazemos na aula hoje? Perguntei para elas se lembram o grupo um ou dois e algumas lembram, mas não de tudo. Então fizemos revisão dos diferentes grupos. Distribui as folhas com os desenhos das formas das configurações das mãos para construir as posições dos símbolos que correspondem à configuração da mão. Os alunos escolhem a configuração da mão, cortam e colam no caderno e escrevem. Algumas crianças esqueceram quais os símbolos e discutimos usando o quadro-verde. Escrevo alguns símbolos difíceis no quadro para discutirem. Em mais duas aulas fizemos as mesmas atividades.

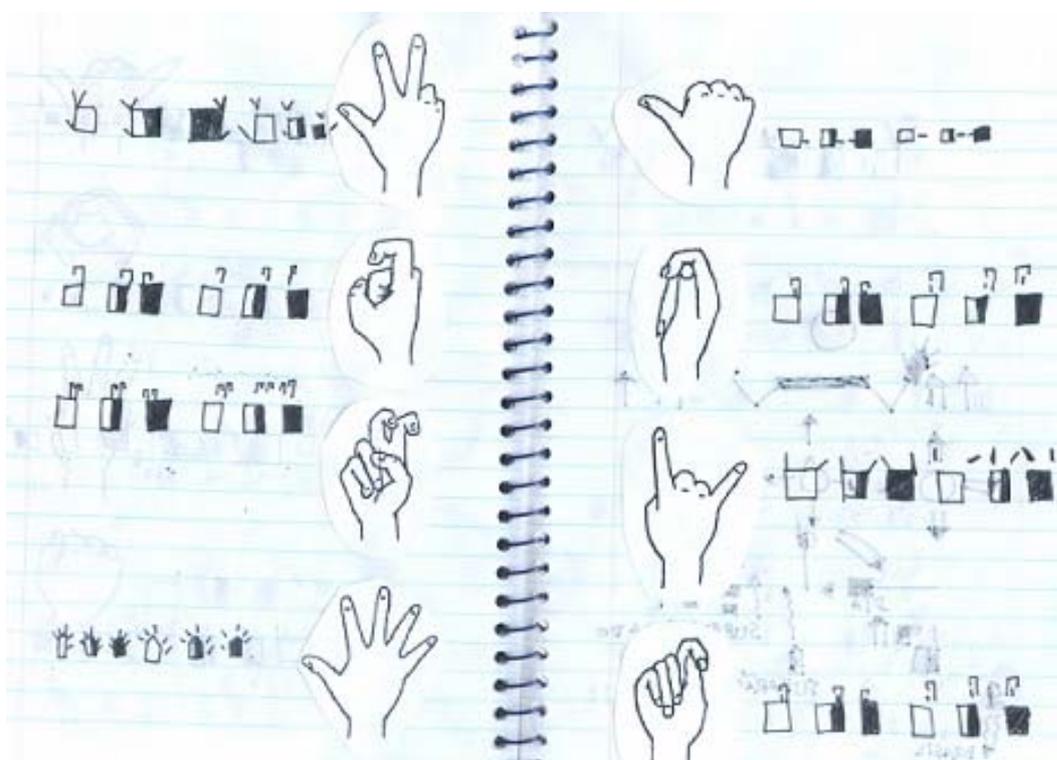


FIGURA 76: CONFIGURAÇÃO DA MÃO

12 de setembro de 2003

Hora: 14:10 até 14: 50

Hoje está chovendo, duas crianças faltaram à aula e estão presentes só cinco crianças. Coloquei um cartaz com três frases em SignWriting na parede, embaixo do quadro e chamei todas as crianças para ler o cartaz. Tem uma frase que diz que duas crianças se beijam, elas gostaram e riram. Perceberam rápido o sinal escrito beijo e me falaram que as crianças não podem beijar.

Começamos a escrever juntas três frases com SignWriting no quadro. Três frases sobre a aula de hoje em que duas crianças faltaram. Escreveram os sinais dos alunos que faltaram hoje a aula. Construímos juntos no quadro-verde e perguntei várias vezes para elas como escrever combinando o símbolo com a posição da mão, perguntando também sobre a necessidade, ou não, de colocar o símbolo de contato.



FIGURA 77: FRASE EM SIGNWRITING

16 de setembro de 2003

Hora: 14:00 até 14:40

Nós jogamos de apresentar o sinal. Cada aluno escolhe uma cartinha que apresenta os quatro tipos de grafia: o sinal completo (pilha) em SignWriting, desenho do animal, dactilologia escrita em SignWriting e português. Cada aluno apresenta o significado do cartão fazendo o sinal em Libras e depois coloca no quadro-negro, os outros alunos copiam no caderno. Eles gostaram muito do jogo.

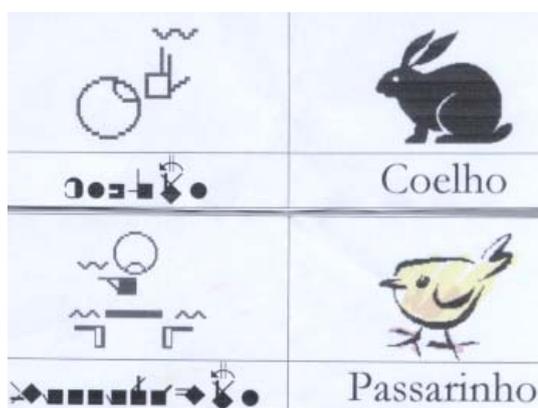


FIGURA 78: JOGO DE MÍMICA

30 de setembro de 2003

Hora: 14:00 até 14:45

Comecei a ensinar os diversos tipos de movimentos para as crianças de forma ordenada. Antes eles colocavam, se queriam e conforme a observação de cada um, alguma correção só era feita se solicitada. Elas olham no quadro-negro quando escrevo os símbolos e acompanham lendo com suas mãos. Perguntei para elas o que estão observando e o que são as setas simples e as setas duplas. Depois de algumas respostas, expliquei quais são as diferenças entre setas simples e duplas. Escrevi sinais escritos e não coloquei os símbolos de movimentos no quadro, pedi para elas complementarem com os símbolos de movimentos no caderno.

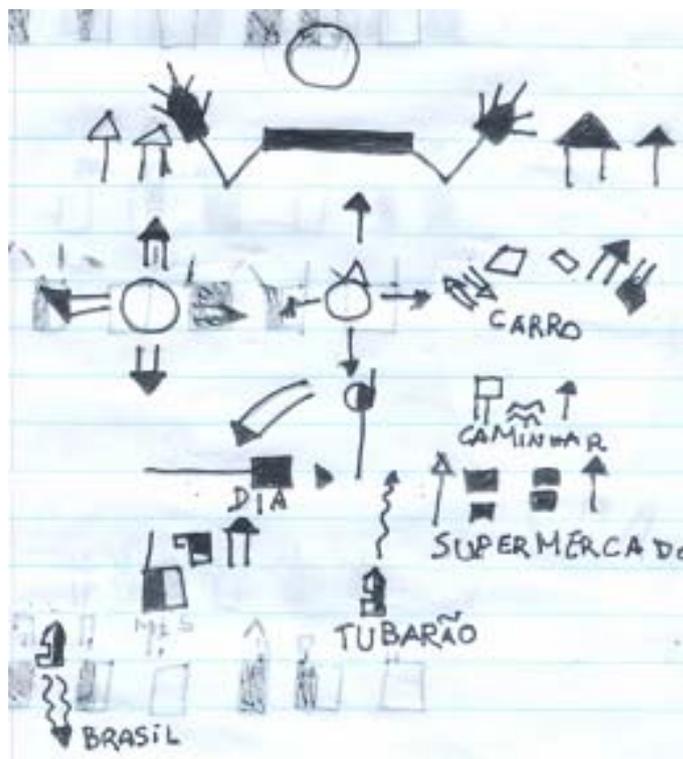


FIGURA 79: SÍMBOLO DE MOVIMENTO

14 de setembro de 2003

Hora: 14:00 até 15:00

Trouxe bombons com cartõezinhos com o nome de cada uma em SignWriting, pelo motivo do dia das crianças. Pedi para colarem os cartõezinhos na capa do próprio caderno. Distribui folhas brancas para escreverem os sinais em SignWriting com as canetas coloridas. Elas escreveram sobre o Dia das Crianças em uma folha. Depois elas prenderam na parede da sala de aulas. Uma aluna colocou os sinais e escreveu em alfabeto manual em SignWriting, não havia mais o cartaz do alfabeto manual em SignWriting, na parede, que recolhi no mês de maio. A aluna me pediu para escrever duas letras do alfabeto manual em SignWriting no quadro, “h” e “j” pois são as letras mais difíceis. Escreveu a palavra criança em alfabeto manual do SignWriting, só trocou o lugar do “c” símbolo de movimento tremendo, que ficou embaixo de “c”, normalmente o símbolo de movimento tremendo fica em cima de “c”.

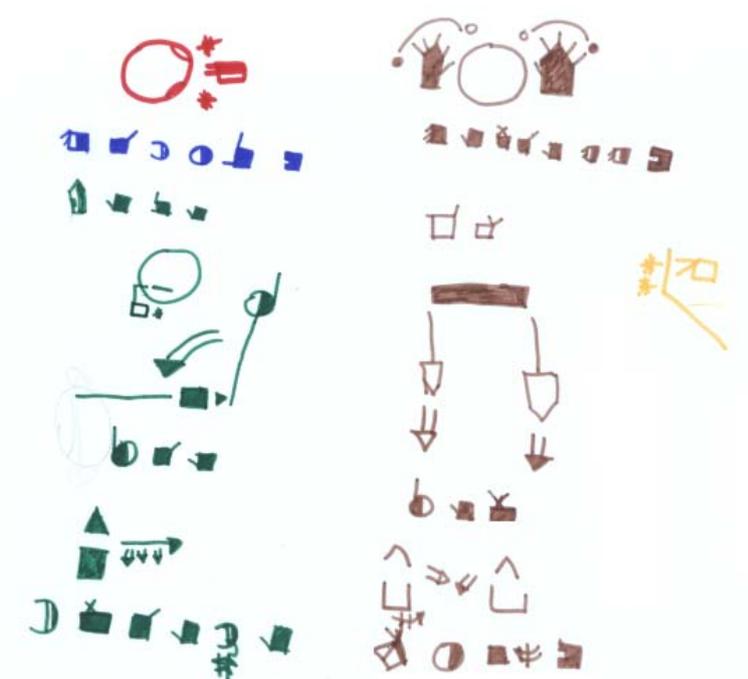


FIGURA 80: DIA DAS CRIANÇAS

Relatos da França

Quando apresentei minha proposta de pesquisa em janeiro de 2004, coloquei como prática projetada, para dar continuidade à mesma, a construção e experimentação de um curso à distância, de escrita de língua de sinais para professores de surdos, quando, juntos poderíamos analisar e explorar os relatos das atividades de aprendizagem do SignWriting das crianças na escola, buscando novos enfoques metodológicos, novos recursos de informática e outros caminhos possíveis, capazes de ampliar e aprimorar essa pesquisa.

No entanto, contatos de meu orientador com o trabalho que está sendo realizado na França, nessa área, me colocaram a possibilidade de participar da primeira parte de um importante projeto de pesquisa sobre a ELS que está sendo realizado lá. A participação contemplou a oportunidade de trabalhar junto a um grupo de pesquisadores extremamente qualificado, cujo foco nesse projeto, é justamente a escrita de língua de sinais. Não temos notícia de outra equipe assim habilitada e reunindo justamente os campos da educação de surdos, da lingüística aplicada à língua e sinais e da informática que tenha se debruçado sobre esse objeto de estudos.

Posterguei então, para outra ocasião, o curso à distância e fui para a cidade de Toulouse, onde permaneci seis meses. Os relatos têm um caráter diferente dos da primeira parte, pois aqui não se tratou de uma pesquisa exploratória alicerçada em um projeto metodológico próprio, mas sim de uma pesquisa, também exploratória, mas cuja proposta metodológica não foi feita por mim e dentro da qual representei uma pequena parte. Minha participação pontual permitiu que ampliasse meus conhecimentos, ao trabalhar com uma equipe multidisciplinar que trouxe para minha, até então, pesquisa isolada muitas novas percepções e interrogações.

Essa parte da pesquisa relata as interações que se dão entre a pesquisadora e várias turmas de estudantes surdos franceses da cidade de Toulouse e também com outros grupos de pesquisadores surdos, de escrita de língua de sinais, linguistas e doutorandos em informática franceses.

Cheguei em Toulouse no dia 20 de janeiro, quando fui convidada pelo Prof. Dalle a assistir a uma reunião de surdos, pais de surdos e educadores na Escola Centre de Ramonville. Os relatórios seguintes dão conta de minhas atividades que se desenrolaram em Toulouse, Paris e Poitiers.

O Prof. Dalle, responsável pela equipe TCI da Universidade Paul Sabatier – UPS, e fundador do IRIS, será o orientador de minhas atividades ligadas ao PROJETO LS-SCRIPT. A Escola Centre de Ramonville foi escolhida para o trabalho de sensibilização ao uso do SignWriting, dentro do marco do projeto. Ramonville fica situada na região metropolitana de Toulouse.

Dia: 22 de janeiro de 2005

Reunião de assembléia geral na Escola Centre de Ramonville – Toulouse - da Associação de Pais de Crianças Surdas de Midi- Pyrénées - APES.

A sistematização do moderador, prof. Dalle, também presidente da APES, registrou as seguintes demandas das famílias presentes ao evento:

- Informações sobre a problemática da comunicação, troca de experiências.
- Informações sobre o que está sendo feito no exterior.
- Educação precoce.
- Ajuda na montagem de projetos.
- Aperfeiçoamento do site da APES para que contenha mais informações.
- Promoção de encontros de pais e crianças.

- Informação aos profissionais que acolhem as crianças surdas em integração e aos pais de crianças surdas em geral que existe uma escolha a fazer e que aponta para a língua de sinais.
- Problema do financiamento da aprendizagem da língua de sinais pelos pais.
- Favorecer encontros dos pais com os adultos surdos.
- Informar aos profissionais da saúde o que é um surdo. Apontar que eles são moralmente responsáveis pelos maus resultados de indicações equivocadas ocasionadas pela desinformação.
- Elaboração de um projeto nacional para as associações.

Dia 31 de janeiro de 2005 – a Escola Centre de Ramonville e seu funcionamento

Ao chegar, à escola, fui recebida pela responsável pela coordenação pedagógica dos alunos surdos na Escola Centre de Ramonville.

A coordenadora dos trabalhos com os alunos surdos é uma professora surda, que o IRIS contratou. Ela mostrou a escola e me apresentou às professoras de classe e às professoras auxiliares, todas as professoras são surdas.

Os objetivos e programas da escola são os mesmos da Educação Nacional. Um lugar primordial é dado à LSF e a aprendizagem do Francês escrito.

O papel proposto para a LSF é o de:

Desenvolver e estruturar a expressão

Consolidar o desenvolvimento psicológico e intelectual

Para descobrir a história e a cultura surda

Para desenvolver o espírito crítico

O papel proposto pelo francês escrito é o de aceder:

À leitura

À produção de diferentes escritas

Como fator de autonomia dentro da sociedade ouvinte

O ensino é ministrado por professores surdos como fator de motivação e projeção no futuro.

Para diversificar os conhecimentos gerais

Para vir a ser um ser bilíngüe (LSF -> língua francesa escrita)

Em direção a integração social e profissional.

São três as turmas: CP/CE1, CE2 e CM1. Cada sala grande, é compartilhada por duas turmas, cujas denominações correspondentes às siglas citadas acima que caracterizam as diferentes séries da educação fundamental de Iº ciclo.

Há também uma sala de aulas para Língua de Sinais Francesa - LSF com televisão, vídeo, vídeo cassete, filmadora e armário com fitas de vídeo. Muitos cartazes com configurações de mãos, desenhos de sinais e fotos de expressões faciais. As salas de aula têm armários com livros, dicionários, cartazes em francês e fotos. Mesas para os alunos, uma mesa redonda grande para trabalhar em grupo, um computador para a professora, dois quadros-verdes, pia e torneira.

Diariamente as aulas começam às 9:00 horas e vão até às 12:00 horas. Eles almoçam na escola e as professoras trazem seus almoços. Reiniciam às 14:00 e vão até 17:00 horas. Todas as quartas-feiras a escola fecha para que as professoras organizem seus planos de aulas.

Todas as quintas-feiras à tarde a coordenadora pedagógica, vai ao IRIS, onde participa de conselho de classe com a encarregada da educação especial da prefeitura, psicóloga e assistente social contratadas pelo IRIS. Às vezes, há aulas nos sábados pela manhã.

Dia 6 de fevereiro de 2005

Participei, como observadora, da reunião de conselho de classe com a equipe IRIS.

Dia 10 de fevereiro de 2005

Hoje a Escola de Ramonville vai ao teatro no Centro Cultural de Ramonville, que fica perto da escola por isso fomos a pé em uma longa fila. Os alunos surdos sentaram no chão do teatro para ficar bem perto do palco. Atrás sentaram os alunos ouvintes. As professoras sentaram nas cadeiras do auditório, mais afastadas. Havia um intérprete que caminhava sempre ao lado da atriz sinalizando tudo o que era falado.

Logo após o término do espetáculo voltamos à escola e a professora iniciou um diálogo com os alunos sobre o papel do intérprete. Foi à primeira vez que eles assistiram ao teatro com intérprete. Conversaram sobre os personagens da peça, a seguir, a professora pediu que escrevessem em francês os pontos positivos e os negativos da ida ao teatro.

À tarde, continuo como observadora da classe, quando a professora me pede para trabalhar geografia com eles por quarenta e cinco minutos.

Trabalhamos os países pobres e os países ricos. Lemos um texto do livro que a professora havia separado. Procuramos os sinais próprios para interpretar o texto em língua de sinais. Tivemos algumas dificuldades com os sinais; quando eles viam que eu não compreendia, ou eles não me compreendiam, tentamos a dactilologia. Expliquei que eu não

sei francês e passamos a recorrer à mímica, foi muito interessante e divertida a aproximação que aconteceu entre os alunos e eu.

Passei para a turma CM1, que estava com uma professora auxiliar surda. Ela havia trazido 6 tipos de queijos para os alunos experimentarem e depois escrever no papel, em francês, a descrição de cada queijo. Faz parte da cultura tradicional francesa o conhecimento dos diferentes tipos de queijo.

Dia 25 de fevereiro de 2005

Reuni-me com Martine Brusque que trabalha como professora de alunos surdos adultos em alfabetização na sala do WebSourd. O Prof. Dalle também estava conosco.

Ela é uma professora surda que conhece bem a LSF. Eles trabalham com esses alunos que desejam ler e escrever o francês para diminuir suas dificuldades de comunicação com os filhos, em seu trabalho e na vida social. A professora Martine estava explicando sobre a identidade surda, o significado da LSF, a cultura surda e etc.

A professora contou-me que um dia levou-os para conhecer um escritor de Toulouse cujo livro havia trabalhado; em outro dia foram visitar uma exposição de artes onde observaram a escrita do japonês. Uma das alunas apontou que era assim que deveria ser a escrita de uma língua de sinais. Conversei com eles sobre minha pesquisa com as crianças surdas que estavam aprendendo a escrita da língua de sinais pelo sistema SignWriting. Mostrei a transcrição em SignWriting dos corpus vídeos que fiz na Universidade Paul Sabatier. Começamos a pensar como organizar um curso de formação em escrita de LSF pelo sistema SignWriting para professores surdos, ouvintes e intérpretes.

Dia 3 de março de 2005

Nesse dia houve uma reunião dos professores de surdos da Escola Centre de Ramonville. Começamos a preparar a próxima reunião dos pais dos alunos surdos da escola para pedir autorização a que se inicie a aprendizagem do SignWriting. Na reunião estavam presentes quatro professoras surdas, quatro professoras auxiliares surdas, a coordenadora pedagógica surda, o Professor Dalle, e eu.

A coordenadora já preparou as autorizações escritas para apresentar aos pais onde também pede autorização para filmar os alunos durante as atividades dessa aprendizagem. A coordenadora do projeto LS-Script, Dra. Brigitte Garcia, lingüista da Universidade de Paris 8, virá de Paris para participar da reunião com os pais.

Combinamos que, obtida a autorização, no mês de abril poderei iniciar minhas aulas com os alunos. Estabeleceremos os dias e horários. Uma professora auxiliar irá me ajudar na confecção de material didático em escrita de língua de sinais francesa. Percebi que algumas professoras não têm interesse no SignWriting e preferem outras atividades como teatro, piscina, leitura de livros etc.

Vou trabalhar com a turma do maternal (4 e 5 anos). Fiquei muito interessada, pois nunca trabalhei antes com crianças tão pequenas. Perguntei para a professora auxiliar como é o plano de aula do maternal, ela me respondeu que devo observar a sala de aulas.

Outra preocupação minha é a de que será muito pouco tempo, as crianças têm férias de 16 de abril até 2 de maio. Fiz proposta às professoras de ensinar a elas a ELS nas férias, mas não aceitaram.

O Prof. Dalle mostrou as adaptações já feitas por nós do SignWriting para a LSF e algumas se interessaram em aprender, mas em outra época.

Uma professora pediu se eu poderia substituí-la por algumas horas, aceitei e ela pediu que eu trabalhasse com as crianças sobre a Cultura Brasileira.

Dia 4 de março de 2005

Houve uma reunião com a equipe de Paris da Universidade Paris 8, com a equipe de informática e a equipe LIMSI na sala do IRIT.

Presentes: quatro lingüistas, e cinco doutorandos de informática, não havia intérprete, pois, todos estavam ocupados. Iniciamos com a apresentação da minha pesquisa, depois fizeram perguntas.

As perguntas deles foram sobre as técnicas de escrita, se os alunos continuam a escrever em SignWriting após a escola, se trocam cartas em ELS, porque eu escolhi o sistema SignWriting. Não completei todas as respostas, pois faltava o intérprete, a maioria dos participantes sabia pouco língua de sinais, e eu sei pouco da língua de sinais francesa. A apresentação não foi tão clara e ficou mais complicada porque eles também não conhecem o sistema SignWriting.

Depois da minha apresentação, o doutorando em informática Gylhem Aznar, que esteve no Brasil, quando observou a minha aula de ELS com as crianças do Frei Pacifico, apresentou seu trabalho sobre como as crianças usaram o software SignWriter. Falou durante uma hora e fizeram perguntas. No grupo estava um lingüista que está criando um sistema de ELS francesa, trabalha com um grupo de surdos e não aceita o sistema SignWriting.

Dia 5 de março de 2005

Fui à reunião dos pais das 9:30 até às 11:30 horas na escola de Ramonville. Compareceram sete pais, um pai ouvinte e os outros surdos. Havia dois intérpretes. No início da reunião o Prof. Patrice Dalle explicou o porquê da reunião aos pais e o que é o projeto LS-Script.

À seguir a lingüista Brigitte Garcia apresentou alguns membros da equipe da Universidade Paris 8 que estavam presentes e me apresentou. Explicou porque a equipe quer pesquisar uma forma de ELS. Este projeto vai durar dois anos para pesquisar, observar e entrevistar.

Os pais precisam autorizar os seus filhos a começar a aprender a ELS pelo sistema SignWriting comigo, a partir do mês de abril.

Ela relatou que fez entrevistas com 31 surdos adultos perguntando o que eles pensam sobre ELS. Configuraram dois grupos de surdos a favor da ELS e outro grupo contra a ELS, eles explicaram porque são a favor ou contra.

À favor:

- ELS aumenta o status social da língua de sinais quando mostra que temos uma escrita própria do surdo.
- A ELS possibilita reconhecer a língua de sinais
- ELS pode ajudar na hora de filmar e depois gravar os sinais
- ELS pode ser colocada no papel, pode-se ler e escrever os sinais
- ELS pode mostrar vários signos dialetos, por exemplo, um sinal de Toulouse que é diferente em Paris e enriquece a língua saber os diferentes signos
- Escrita da língua oral para o surdo é pobre e a ELS é uma escrita que pode mostrar a fluência da LS.
- ELS é mais fácil de usar do que fita de vídeo porque elas são muito volumosas e demandam equipamento.

Contra:

- No ambiente social não tem ELS, na rua e etc..
- É usada só no mundo pequeno dos surdos
- Hoje há novas tecnologias de comunicação e não precisa mais da escrita da LS.
- É muito trabalho para aprender
- É muito importante para os surdos saber bem o francês.
- Pensam que a ELS não é igual ao que o surdo sinaliza e existe limite para escrever os sinais.

A Dra. Garcia explicou sobre como realizou as entrevistas e que é preciso experimentar com os alunos para observar se conseguem aprender a ELS, para ter um resultado concreto. Disse que procurou um especialista para trabalhar esta nova proposta e nesse momento, me chamou para contar o que fiz no Brasil.

A Coordenadora Pedagógica da Escola Centre, deu uma pequena palestra sobre a dificuldade dos alunos de escrever em francês e que as professoras surdas se reúnem sempre para discutir como melhorar o ensino do francês para os alunos. A equipe de pesquisa ajuda muito as professoras a melhorar o ensino e então querem experimentar a ensinar a ELS. Contou para os pais que na sala de aula de LSF, quando os alunos sinalizam, a professora filma e depois a fita de vídeo vai para a aula de francês.

A professora de francês, que também é surda, usa a fita de vídeo com os alunos, quando o aluno assiste na fita de vídeo uma frase que sinalizou escreve a frase em francês.

Explicou como o programa de aula de ELS vai acontecer no mesmo horário da aula de LSF e na sala de aula de LSF, não muda nada, só acrescenta a ELS. O total das aulas de ELS será de dez horas no espaço de dois meses, os alunos não vão aprofundar a aprendizagem da ELS, vão apenas ficar fluentes.

Comentou que o trabalho com as fitas de vídeo tem limitações porque o aluno vê a fita de vídeo, presta atenção na roupa diz que é errada, critica a postura, não percebe o que foi sinalizado. Os sinais na fita de vídeo não ficam claros, cada vez é diferente. A imagem da fita de vídeo, mais relevante, é mesmo o rosto do aluno. O SignWriting pode ajudar muito para não fixar a atenção só no rosto, na roupa, na postura e etc. Mas sim na mensagem.

Logo expliquei sobre minha experiência com os alunos da Escola de Ensino Fundamental Frei Pacifico, mostrei as telas de computador com as fotos. Depois escrevi alguns exemplos no quadro branco e expliquei os detalhes dos símbolos e como os alunos aprendem a ler e escrever os sinais escritos. Uma mãe surda me pediu que eu escrevesse uma frase em ELS no quadro, escrevi uma frase em ELS bem simples “Toulouse aqui bonito”. Perguntei o que é isso para todo mundo, um menino surdo de mais ou menos doze anos, mostrou o sinal correspondente, outra mãe entendeu o sinal escrito “aqui”. A reunião foi muito interessante.

Logo depois disso, a coordenadora abriu para questões. Uma mãe surda levantou rápida e diz que quer que os alunos aprendam bem o francês. Outra mãe surda levantou e diz que a coordenadora já apresentou os problemas e dificuldades dos alunos para escrever o francês. Um pai ouvinte perguntou para mim se os alunos do Brasil sentiram prazer ao escrever a ELS. Falei para ele que eles têm facilidade de ler a ELS e escrever também, só o

grupo de signos de movimentos é mais difícil porque são detalhes. Eles demonstram gostar pois há interesse e fazem as tarefas. Disse também que muitos alunos perceberam que a língua de sinais é outra língua, diferente da língua oral, antes muitos não percebiam.

Um surdo que é da equipe de Paris complementou a minha resposta, sinalizou que a língua francesa já tem uma regra para aprender como escrever frases e uma estrutura de aprendizagem. Nós na língua de sinais não percebemos a estrutura para registrar e as regras, por isso temos dificuldade de escrever as frases em francês. Então este sistema de ELS pode ajudar aos alunos para aprenderem as regras e a estrutura, depois podem entender melhor o francês, mas a ELS não ajuda diretamente a escrever melhor o francês.

Outro pai, que é surdo, perguntou quando nós pais podemos aprender a ELS e a coordenadora respondeu que vai organizar o horário na Escola Centre. A coordenadora diz que no mês de julho as professoras vão ter o curso de ELS.

No final da reunião, os pais assinaram a autorização para que os alunos aprendam a ELS e também será filmada, somente a aula de ELS, para a equipe analisar. Depois de analisar as fitas de vídeo vão deletar.

Dia 8 de março de 2005

Início das atividades de aprendizagem de uma ELS sistema SignWriting com as crianças da Escola Centre de Ramonville - Educação Infantil - Plano de Trabalho

Turmas	Idade	Datas	Horas	Frequência
CP/CE1 - 5 alunos	7 a 8	31/03 – 16/06	10	2 vezes por semana (quinta e sábado)
CM1 - 7 alunos	9 a 11	31/03 – 16/06	9	2 vezes por semana (quinta e sábado)
CE2 – 6 alunos	9 a 10	8/04 – 03/06	6	2 vezes por semana (sexta e sábado)

Tabela 22: Atividades na Escola Centre de Ramonville

Sensibilização a uma escrita que não seja o francês

Foi elaborado, pela equipe, um plano de trabalho visando uma sensibilização à possibilidade de uma escrita que não seja a do francês. Anexo nº. 3.

As atividades propostas para as crianças buscam o objetivo de que elas produzam uma mensagem escrita em papel com o lápis, compreensível, mas sem que para isso usem a escrita do francês, a mensagem será enviada a um destino distante. Na sensibilização entram a narrativa, pantomimas e prêmios.

Eu represento o barco navegando ao longe para quem, elas que são naufragas, abandonadas em uma ilha, deveriam enviar as mensagens.

Recebi muitos papéis que as crianças desenharam. Não escreveram em francês, nem desenharam mãos sinalizando. Desenharam personagens e flechas indicando direções.

Quando terminaram a atividade, as crianças receberam os bombons e sentaram no chão. As professoras perguntaram a elas o que acharam do jogo, uma criança quer outro jogo para ganhar mais bombons, outra diz que queria desenhar as formas das mãos como sinais no papel, mas a professora falou que não pode. A professora explicou para ela que falou que não podia escrever em francês, mas não falou nada sobre a LSF. A criança pensou que não podia desenhar as formas das mãos. Ela é a mais velha de todas as crianças e sabe escrever em francês. O intérprete sentou e assistiu durante todo o tempo. Depois ele irá assistir todas as fitas de vídeo para transcrever para o francês escrito.

Trabalhos em Paris

A equipe de lingüistas, da Universidade Paris 8, que faz parte do projeto, programou para mim uma semana de encontros, em Paris, com diversos grupos ligados aos estudos lingüísticos da LSF e do SignWriting.

As lingüistas que compõe a equipe:

Dra. Brigitte Garcia- professora da Universidade Paris 8 e Diretora do Projeto.LS-Script. Autora da Tese: “Contribution à l’histoire des débuts de la recherche linguistique sur la Langue des Signes Française” – Defendida no ano de 2000, para obtenção do Diploma de Doutorado na Universidade Paris V – Sorbonne.

Dra. Ivani Fuseiller Souza, professora na Universidade Paris 8. Autora da tese:

“Semiogenes des langues de signes, Étude des langues de signes primaires (LSP) pratiquées par des sourds brésiliéens”. Defendida no ano de 2004, para obtenção do Diploma de Doutorado na Universidade Paris 8. Ela é brasileira e mora em Paris há mais de 10 anos.

Profa. Leila Boutora – trabalha no projeto junto com a Dra. Garcia. Autora da Dissertação de Mestrado: “Étude des systèmes d’écriture des langues vocales et des langues signées”. Apresentada em 2003 na Universidade Paris 8.

Dia 22 de março

O curso da professora, doutora em lingüística, Ivani Fusellier Souza é um curso de graduação para professores de língua de sinais francesa com o objetivo de formar professores surdos de LSF.

Os treze alunos surdos vieram do interior, há um único de Paris. O curso acontece sempre durante uma semana por mês, total de trinta e cinco semanas. Um dos alunos surdos estuda o sistema de escrita de LS chamado D’Sign criado pelo lingüista Paul Jouison para continuar desenvolvendo o sistema, que havia ficado abandonado desde que Paul Jouison faleceu em 1991.

De manhã, às 9:30 horas na sala de aula da Universidade de Paris 8, pude assistir a profa. Dra. Fusellier que estava dando aula sobre Língua de Sinais Primária - LSP, objeto de sua tese de doutorado. É uma pesquisa que observou surdos brasileiros que nunca encontraram uma comunidade surda, eles criaram sinais para se comunicar com as pessoas ouvintes. Os sinais que eles criaram são diferentes da Libras. Depois do almoço, apresentei meu trabalho com as crianças surdas brasileiras e o sistema de SignWriting, para esses mesmos alunos surdos, da Profa. Dra. Fusellier.

Assuntos abordados:

- 1 – Apresentação da criação e evolução do sistema SignWriting (La Jolla , site, etc..)
- 2 - Apresentação do sistema de símbolos e seus valores.
- 3 – Apresentação do uso do SignWriting nas classes do Brasil. Visão do conjunto do país.

Descrição do trabalho o mais concreto possível.

- 4 – Discussão com os estudantes: limites lingüísticos do SignWriting, ganhos pedagógicos, projetos.

Foram duas horas de apresentação depois perguntas. Um aluno estudante do sistema de Paul Jouison diz que o sistema de SignWriting é uma imagem que aparece muito, por isso não é boa para a política de educação. Eu respondo que nossa LS também aparece muito, por exemplo: na rua os surdos sinalizam a língua de sinais e as pessoas percebem, pois com certeza aparece, digo também, que ela é bem representada pelo sistema SignWriting. Ele acrescenta que o sistema de Paul Jouison é originário da França. Quando terminei a apresentação a maioria da turma foi escrever no quadro-branco para experimentar como

escrever os sinais escritos. Foi só uma apresentação de meu trabalho, não é um curso de ELS, mas eles mostraram interesse em aprender a escrever a ELS. Demonstrei como escrever alguns sinais escritos que perguntaram. O aluno que estuda o sistema de Jouison copiou os símbolos para poder comparar com o sistema de Paul Jouison. Outro aluno observou que o SignWriting é muito mais fácil de ler do que o sistema de Jouison. Eles pediram cópia do meu trabalho, e o programa de SW-Edit. Deixei cópias para eles. Uma aluna surda é belga, disse que vai divulgar na Bélgica sobre a escrita em SignWriting.

Dia 23 de março de 2005

O curso da profa. Dra. Marie Anne Sallandre é dirigido a estudantes de lingüística. Opção LSF, a maioria ouvintes, na Universidade de Paris 8.

Das 11:45 às 14:00 horas, em uma sala de aulas com uma intérprete, fui apresentar o mesmo trabalho que havia apresentado aos alunos surdos da Dra. Fusellier. Trocamos perguntas e respostas. Gostaram e ficaram admirados com a possibilidade de a língua de sinais possuir uma escrita.

Pediram que demonstrasse como escrever uma frase com o sistema SignWriting escrevi algumas frases para comparar com as mesmas frases em francês. Observamos que a frase em SignWriting não pode ser igual à frase em francês. As estruturas das frases em SignWriting e em francês são muito diferentes e isso aparece quando se escreve e compara duas frases com o mesmo significado.

Dia 23 de março de 2005

No seminário do professor e lingüista Christian Cuxac, na Universidade de Paris 8, o público é de vinte e sete lingüistas, duas surdas e uma intérprete, todos muito interessados na utilização prática e pedagógica do SignWriting. O seminário iniciou às 14:00 e foi até às 16:30 horas.

A primeira apresentação foi da professora e lingüista Dra. Ivani Fusellier Souza sobre a metodologia usada para analisar os sinais e a forma de corpus vídeos com que filmou os sinais da Língua de Sinais Primária – LPS e sobre a pesquisa que realizou em Brasília. Observou, registrou e analisou três surdos que sinalizavam, mas não em Libras, e sim em uma língua de sinais inventada por eles, por isso chamada língua de sinais primária.

Ela está muito interessada em saber se o sistema SignWriting pode ajudar a registrar aquilo que os três surdos sinalizaram. Ela é professora de metodologia de pesquisa e registra os fonemas dos sinais na tabela das imagens de corpus vídeo. Pesquisa a possibilidade de o

sistema de SignWriting poder agilizar o estudo lingüístico. Ela usa uma tabela para colocar junto a uma imagem, abaixo da imagem vai a descrição escrita em francês. Na tabela registra quantos ponteiros, quantas locações, quantas repetições; essa tabela é difícil e demorada de fazer.

Após o intervalo de dez minutos, apresentei o meu trabalho, como aos grupos anteriores, menos os detalhes do sistema SignWriting que o grupo já conhece. A duração da apresentação foi de cinquenta minutos. Em seguida o Prof. Dr. Christian Cuxac abriu para perguntas.

Uma estudante surda perguntou se as crianças surdas do Brasil desenvolveram a escrita da língua oral quando aprenderam a escrita pelo sistema SignWriting. Respondo que não trabalho a escrita da língua oral, mas aconteceu de três surdas, lerem o Hino Nacional Brasileiro, que não conheciam em português, transcrito da língua oral para o SignWriting, entenderam imediatamente e puderam sinalizar em uma apresentação. Outro estudante ouvinte perguntou se fiz avaliações para saber se as crianças surdas que aprendem o SignWriting melhoram seu conhecimento da língua portuguesa e respondo novamente que não avalio nada da língua portuguesa. Avalio se as crianças surdas conseguem escrever os sinais em SignWriting e também se aperfeiçoaram sua LS. Percebi que muitas pessoas têm o maior interesse em saber se aprender a escrever pelo sistema SignWriting ajuda a escrita da língua oral, mas não é essa a pesquisa. A teoria diz que será útil possibilitar comparar como é a estrutura da frase na escrita da língua oral e como é a estrutura da frase escrita em SignWriting. Esse conhecimento deve ser pesquisado por lingüistas.

Outra estudante ouvinte me perguntou se sou a única que trabalha com SignWriting no Brasil e digo que não. Há outros grupos de pesquisa, há um pequeno número de professores de ELS nas escolas de surdos e há vários cursos de ELS para professores e intérpretes.

Um professor de lingüística perguntou quantos símbolo tem o sistema SignWriting. Respondi que depende da língua de sinais do país para a qual o sistema precisa ser adaptado o número de símbolos que cada idioma vai utilizar. O sistema SignWriting original constitui-se de 982 signos de configurações das mãos, movimentos, expressões faciais, tipos de contatos, orientações de vistas, pontuações e dinâmicas. Ele diz que são muitos símbolos, as crianças surdas não conseguem aprender todos os símbolos. A professora e lingüista Marie Anne Sallandre diz que o sistema de escrita chinesa tem cinco mil signos e as crianças chinesas o aprendem durante sua educação. Digo que meu trabalho mostra como as crianças surdas escrevem e lêem usando o sistema SignWriting e que isso é possível. Também que cada língua de sinais vai usar alguns símbolos do sistema, não todos eles.

Acrescento que acredito que as tecnologias de informática vão utilizar o sistema SignWriting tornando mais fácil ler e escrever, e no futuro vai haver tradução para as línguas orais. Hoje já temos programas editores de texto que possibilitam digitar a ELS pelo sistema SignWriting.

Outro estudante ouvinte me perguntou se eu escrevo sempre em SignWriting antes das apresentações, ou no trabalho de todos os dias. Falei que às vezes escrevo em SignWriting, quando me dirijo a outra pessoa que eu sei que conhece o sistema, mas a maioria das vezes escrevo em português, também porque só aprendi o SignWriting depois de adulta. Não coloco o SignWriting nas lâminas das apresentações, pois a maioria das pessoas não conhece o sistema. O sistema SignWriting é muito novo, tem trinta e poucos anos. Nas escolas do Brasil, por exemplo, não faz parte do currículo, tem sido ensinado apenas de forma experimental. A última pergunta do professor Cuxac quer saber se o sistema SignWriting simplificado perde alguns sinais escritos icônicos. Respondi que a escrita simplificada precisa ser mais pesquisada, não há ainda pesquisa sobre simplificação, ela surge do uso continuado para ganhar rapidez, hoje em minha prática observo que na verdade perde alguns dos signos icônicos.

O seminário foi muito interessante e traz novas reflexões para os estudantes de lingüística que querem continuar a estudar os sistemas de ELS, pois já temos muitos documentos sobre a língua de sinais e a escrita está apenas começando. Eu aprendi muito com eles. Penso que é preciso continuar essa reflexão que merece ser longa. Às vezes sinto falta de conhecimentos na área de lingüística.

O lingüista francês Cuxac diz que a língua de sinais dá muito valor ao icônico e a escrita da LS em SignWriting pode perder o icônico. Ele estudou largamente o conceito de iconicidade e seu papel na LSF.

A iconicidade se exprime em LS pela etimologia do léxico propriamente dito, e de outro modo pela organização do discurso.

As palavras em LS são formadas ao longo do tempo. A origem dessas línguas, está na existência de surdos isolados que, por necessidade de comunicar-se com seu ambiente, inventaram sinais baseados na imitação.

Assim, o sinal para dizer <pão> utiliza uma das características do pão que é parti-lo na LSF o sinal usado para pão refere ao gesto de partir, diferente do sinal usado em Libras, que também é icônico, mas escolheu outra característica: a de que o pão é para comer.

Pouco a pouco, uma linguagem mimo-gestual emergiu. Os reencontros entre os surdos progressivamente transformaram essa capacidade de transformar em mímica o ambiente numa verdadeira língua.

O princípio de economia (bem conhecido em lingüística) levou os autores a adaptar sinais sempre mais breves e eficazes. Os sinais se standardizaram até se constituírem em um verdadeiro léxico praticado por uma comunidade de surdos cada vez maior.

Estudando mais detalhadamente como funciona essa iconicidade vemos que a forma de um sinal se fundamenta em um traço característico visual do objeto ou do conceito que ele significa.

Exemplos de iconicidade <árvore> em LS se significa levantando o braço da mão ativa, apoiado verticalmente no outro braço. A mão é aberta. O braço levantado representa o tronco e a mão aberta a folhagem. Assim, a forma geral do sinal <árvore> remete à forma geralmente admissível de uma árvore.

No entanto, é preciso distinguir dois tipos de iconicidade: aquele que concerne ao léxico e outro, muito mais importante, que concerne a estrutura da língua e que chamamos a grande iconicidade.

O léxico se forma a partir de imagens extraídas do mundo sensível e pode durante sua evolução no tempo perder sua característica icônica.

Assim, a língua de sinais do Brasil pode dizer <carro> e continuar icônica mas para dizer <bom dia> perdeu seu caráter icônico. Sabemos que se trata de um sinal standardizado porque seu uso é comum a todos os usuários da Libras.

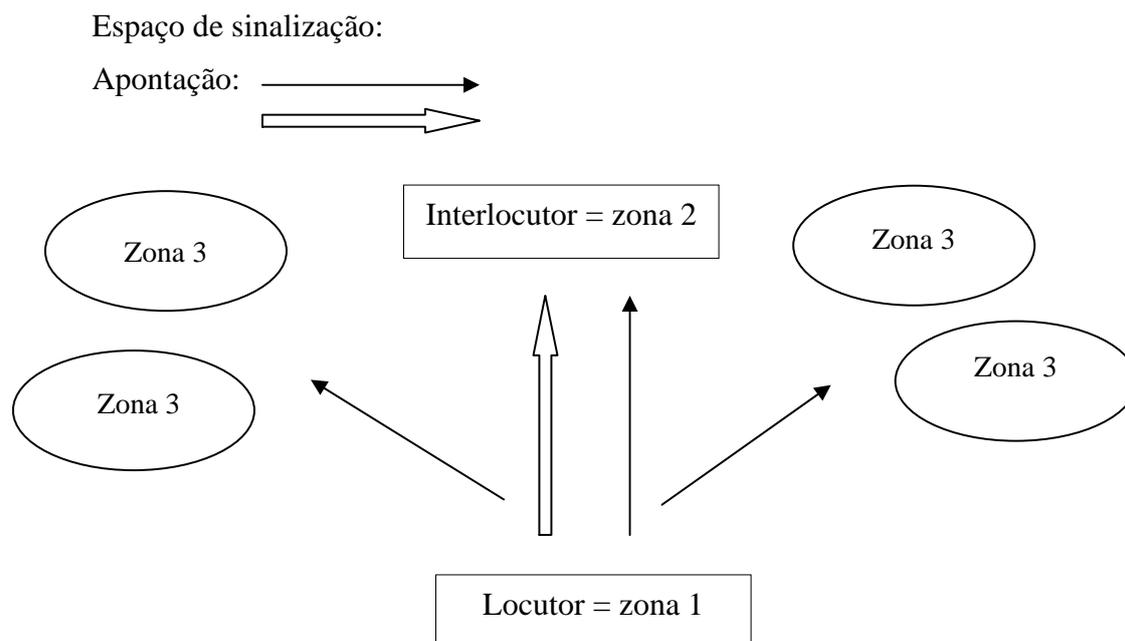


FIGURA 81: ESPAÇO DE SINALIZAÇÃO

À grande iconicidade pertence a organização do discurso. Ela adapta três modos principais: a projeção pessoal, a projeção situacional e a projeção formal.

A projeção pessoal é a forma do discurso que leva o locutor a fazer o papel da <coisa> que ele significa. Por exemplo, podemos falar das ações de um gato nos transformando em um gato.

A projeção situacional é uma forma de discurso que apela para a iconicidade. O locutor coloca no espaço de comunicação (em frente a ele) os objetos ou conceitos que vão interagir. Por exemplo, para dizer uma casa, um carro e uma árvore, nos os posicionamos uns em relação aos outros, na nossa frente.

A projeção formal consiste em modificar um sinal padrão para fazê-lo respeitar uma forma precisa. Exemplo: o sinal de <garrafa> vai se adaptar à forma da garrafa descrita no discurso.

A grande iconicidade e a iconicidade do léxico estão intimamente entrelaçadas. Podemos ainda significar o mesmo conceito conforme as diversas modalidades da iconicidade. Exemplo: o sinal padrão de <carro> se declina facilmente na projeção pessoal, ou na projeção situacional.

A Dra. Garcia pensa que o sistema SignWriting não funciona para representar bem a LSF. Reconhece que a língua de sinais americana se adapta ao sistema SignWriting. Vejo que a língua de sinais americana utiliza muito a dactilologia e os sinais são realizados em pequenos espaços. Lembrei que quando trabalhei com um americano Charles Butler, em Porto Alegre, organizando um dicionário SignWriting, português, inglês tivemos muita dificuldade de comunicação, muitas vezes não entendia quando ele sinalizava na língua de sinais americana. Demonstra uma interferência maior da língua oral, pelo uso mais intenso da dactilologia e acrescenta rapidez á sinalização. A língua de sinais americana usa muito pouco o icônico e torna muito difícil a comunicação com os estrangeiros.

A LSF utiliza muito o icônico, depois transforma o sinal em léxico, por isso conseguem comunicar com facilidade com os surdos estrangeiros ou mesmo com os ouvintes. A língua de sinais internacional é também bastante icônica, permite a rápida aproximação dos surdos de todas as nacionalidades em encontros internacionais.

Dias 20, 21 e 22 de abril de 2005

Voltando a Toulouse iniciamos um curso de formação para quatro pessoas ouvintes da Universidade Paul Sabatier – UPS em Ramonville Os alunos são dois doutorandos de informática, uma estagiária de ergonomia em informática e o professor Patrice Dalle. O total do curso serão dezoito horas em três dias.

Distribuí as cópias do resumo do manual de SignWriting, Distribuí também três folhas que escrevi narrando minha viagem a Paris escritas em SignWriting e outras três folhas de sinalário¹⁴ da LSF. Um dos quatro ouvintes não conhece a LSF e aprende ao mesmo tempo em que aprende a escrita em SignWriting. O tempo para o curso foi curto, eles não têm tempo de completar um curso mais longo e querem saber como funciona o sistema SignWriting.

Dias 25 a 29 de abril de 2005 - Visita de sensibilização sobre SignWriting a cidade de Poitiers

A cidade de Poitiers fica a 350 km de Paris, é uma cidade pequena com mais ou menos 90.000 habitantes. Vim aqui a convite do prof. Michel Lamothe que no ano passado, tive a sorte de conhecer, quando, por dois dias, trabalhou com os surdos de Porto Alegre na Feneis/RS e na Associação de surdos. Ele mantém estreita convivência com as comunidades surdas. Não há nenhum surdo em sua família, mas sua filha e genro, que moram em Toulouse, são intérpretes de língua de sinais. Essa família, principalmente nos primeiros meses de minha estada na França, foi decisiva para meu processo de adaptação, me acolheram com o maior carinho e me ajudaram nas dificuldades que encontrei.

A cidade tem duas escolas para surdos: uma escola especial de orientação oralista e uma escola de integração que trabalha com a educação bilíngüe. Essa foi a escola que visitei, é de educação infantil - da primeira até a quarta série, são perto de 12 surdos integrados.

No Brasil as Escolas de Surdos, em geral, representam um papel de espaço surdo, de aquisição da língua de sinais e até de facilitação das pesquisas da área e busca de qualidade e inovações nas práticas educativas relacionadas à surdez. Na França, não é assim. As escolas de surdos lá, são em geral oralistas, e representam a segunda opção para as crianças surdas. São mais voltadas ao ensino profissional. A opção bilíngüe é exercida dentro das escolas regulares, em classes adaptadas às necessidades dos surdos, com ensino dispensado por professores surdos durante toda a etapa do ensino fundamental. Os alunos, são incluídos na escola da qual fazem parte em algumas atividades comuns com os ouvintes, sempre com o

¹⁴ Sinalário: conjunto de expressões que compõe o léxico de uma determinada língua de sinais.

acompanhamento do intérprete. No ensino médio, os surdos passam a participar das classes regulares de maioria ouvinte, sempre com intérpretes e atenção às suas diferenças. Seu nível de conhecimento equipara-se ao dos ouvintes.

O professor Michel Lamothe é o diretor do serviço de educação bilíngüe para crianças surdas em Poitiers. Em 1980, criou a Associação de duas línguas para uma educação – 2LPE. Esta associação é que, junto com a escola de inclusão, contrata os professores surdos, intérpretes e também professores ouvintes que tenham boa fluência em LSF.

A maioria dos professores surdos não têm certificado com formação universitária, esses professores são contratados pelo serviço de saúde da prefeitura, sob a ótica de que é dever da prefeitura, proporcionar a língua de sinais às crianças surdas para que possam conviver socialmente.

Às crianças ouvintes que estudam na escola de inclusão, o professor surdo também ensina a LSF, para que elas possam se comunicar com as crianças surdas.

A Associação já selecionou três professores surdos para trabalhar na escola de inclusão que não têm formação universitária e cuja língua de sinais é a língua popular dos surdos, não uma língua letrada.

Dia 25 de abril de 2005

Das 18:00 às 20:00 horas fui apresentar meu trabalho de SignWriting para os profissionais da educação de surdos de Poitiers, na casa de cultura e não tive intérprete. Apresentei em língua de sinais para profissionais surdos e ouvintes.

Um professor surdo presente, já havia assistido outra palestra sobre os vários sistemas de escrita para a língua de sinais e não aceita o SignWriting para a escrita diária dos surdos. Manifestou que após minha palestra ficou com outra avaliação, já que sou surda e apresentei uma experiência real com crianças surdas.

O Prof. Michel Lamothe, diz que, também não aceita. Mas que depois de ver a metodologia usada e como as crianças evoluem na escrita de língua de sinais abre sua mente para outra possibilidade, pois, pela primeira vez, viu uma profa. surda trabalhando com esses conteúdos.

Terminado o depoimento pediram para escrever signos no quadro, pois queriam observar como se constrói essa escrita. Apontaram que devemos refletir em como escrever os signos ao mesmo tempo em que são sinalizados.

Dia 26 de abril de 2005

Pela manhã fui à escola primária de inclusão chamada Paul Bert. Observei a turma de CP/CE1 (vinte e quatro crianças), sete surdos e dezessete ouvintes. A professora ouvinte tem boa fluência na LSF, mas não usa a LSF para dar aulas. O professor surdo usa a LSF na sala de aulas e os dois trabalham sempre em conjunto.

A aula iniciou às 8:30 horas, a intérprete chega às 9 horas; tem meia hora para preparar os exercícios que a professora vai pedir e sobre os quais é informada ao chegar. Antes da intérprete entrar na sala de aulas, a professora me apresentou explicando quem eu sou. Logo as crianças começaram a perguntar o que estou fazendo na França e como é o Brasil. Agora a intérprete se encontra na sala. As crianças ouvintes perguntam na língua oral e a intérprete traduz em sinais para mim. Eu respondo em sinais e a intérprete traduz na língua oral para as crianças ouvintes. Quando as crianças surdas sinalizam uma pergunta para mim, não me olham, mas sim, olham para a intérprete, que observa minha resposta e repete a sinalização novamente para as crianças, sua sinalização é em perfeita LSF.

Após uns quarenta minutos entrou na sala o professor surdo e a intérprete saiu. A professora ouvinte entregou os exercícios de matemática para todas as crianças.

A professora ouvinte explicou para as crianças ouvintes, e o professor surdo explicou para as crianças surdas como fazer os exercícios de matemática. As crianças ouvintes perguntam as dúvidas para a professora ouvinte e as crianças surdas perguntam para o professor surdo.

Continuei como observadora na sala de aulas e almocei com os professores surdos na escola. Das 13:30 às 14:45 horas fomos para a sala de informática com as crianças surdas, onde apresentei sobre a cultura brasileira, utilizando o datashow para mostrar coisas do Brasil. As crianças ouvintes foram para a sala de música.

Apresentei durante uns vinte minutos sobre a cultura brasileira e depois sobre o sistema SignWriting. Gostaram muito e quiseram que eu escrevesse no quadro os sinais que perguntavam. Depois, cada um quis escrever o signo de seu nome. Convidei para que cada uma escrevesse no quadro e fui ajudando.

Hora de recreio, trinta minutos. Voltamos à sala de aulas e a professora ouvinte pediu que eu explicasse para todas as crianças, surdas e ouvintes, sobre o sistema SignWriting.

O professor surdo me ajudou na comunicação pois todas as crianças conseguem se comunicar bem com ele. Têm duas crianças novas que não sabem a LSF, o professor surdo sinaliza bem devagar para elas, às vezes a professora ouvinte também sinaliza para elas,

porque são novas. Normalmente, todos os dias, após o almoço as crianças surdas e as ouvintes se separam. As surdas vão para a sala de LSF e as ouvintes para a sala de música.

As crianças surdas e ouvintes mostraram o mesmo interesse pela escrita de língua de sinais e eu tinha dificuldade em diferenciar umas das outras. Fizemos muitos experimentos de escrita de língua de sinais no quadro com a participação do professor surdo e de todas as crianças, revezando-se para escrever sinais no quadro, com a ajuda das crianças sentadas.

Dia 27 de abril de 2005

Fui à Universidade de Poitiers, onde o prof. Lamothe trabalha como professor de educação de surdos. A professora surda Fanny Limisiuon, mestre em lingüística e psicologia da Universidade Paris 8, dá uma aula intitulada “L’étude longitudinale sur l’aquisition de LSF, langue première d’un petit enfant sourd de parents sourds signants”. (Estudo longitudinal sobre a aquisição da LSF, primeira língua de uma criança surda filha de pais surdos sinalizadores) são doze estudantes de letras e não tem intérprete, os estudantes aprenderam LSF em cursos. O trabalho é muito interessante.

Depois de sair da Universidade, fui conhecer A Associação de Duas Línguas para uma Educação – 2LPE de Poitiers, trabalham dois funcionários num escritório e há uma sala de aulas, onde são dados cursos de LSF para ouvintes.

Dia 28 de abril de 2005

De manhã fui à Universidade de Poitiers para apresentar meu trabalho aos vinte e cinco estudantes de letras do Prof. Michel Lamothe. Foram 3 horas de apresentação e práticas para aprendizagem de como funciona o sistema para escrever os signos. Duas surdas que não são estudantes participaram por interesse.

À tarde fui à escola Paul Bert observar a aula de LSF, com um professor surdo e crianças surdas, a aula era sobre o poema “trem alegre” com datashow. A professora surda sinalizava na tela. Terminadas as telas o prof. surdo perguntou às crianças o que haviam entendido. Algumas não entenderam alguns sinais, então ele explicou seu significado. Elas entenderam o poema e o professor entregou um DVD com o poema para cada criança. Vão estudar em casa como sinalizar o poema.

Depois do recreio, fui convidada a apresentar sobre a cultura brasileira para as crianças surdas e ouvintes, porque as crianças ouvintes não haviam assistido, e queriam saber sobre o Brasil. Gostaram muito de conhecer nossa cultura. Um menino ouvinte já conhecia a história

de Maya (lenda indígena) e contou para a classe, em língua oral, enquanto a intérprete traduzia.

Segui para a associação para assistir uma reunião marcada pelos pais de surdos, profissionais e surdos, sobre a organização de uma conferência em julho. Foi muito interessante observar eles interagirem, pois todos usam a língua de sinais. A conferência é sobre educação bilíngüe para os profissionais e famílias de surdos. Analisaram a conferência do ano passado e planejaram como melhorar a desse ano.

Após a reunião, ofereceram vinho, champagne e aperitivos para unir as pessoas que vão trabalhar na conferência.

Reunião do dia 28 de maio de 2005 na Universidade de Paul Sabatier - UPS

A reunião da manhã foi das 10:00 às 12:30 horas e com toda a equipe de Paris. Discutimos o texto sobre minha viagem a Paris que escrevi em LSF. A Dra. Garcia não entendeu alguns sinais escritos de configurações de mãos e tentei explicar escrevendo só um símbolo de configuração de mão no quadro branco mas percebi que ela não quer que tomemos tempo explicando como são as diferenças de símbolos de configurações de mãos.

Ela quer saber do surdo Louis Jean, que é professor de LSF no Colégio de André Malraux, afastado por algum tempo para estudar em Paris na Universidade 8, se ele entendeu o texto sobre Paris. Ele responde que entendeu o texto, mas ele não entendeu toda uma frase. Ele diz que pode perceber que as frases têm a estrutura da LSF. Ele não conhece o sistema SignWriting.

Juliette Dalle, surda também, professora auxiliar do Colégio de André Malraux, diz que entendeu todas as frases. Ela participou de aulas de SignWriting junto com os alunos. Também trabalhou comigo na transcrição da História da Árvore vista por nós no computador.

Há um sinal escrito de diferença (três sinais escritos de diferente repetidos) com o símbolo de face e de olho. Ela quer saber por que eu coloquei o símbolo de face e de olho e respondi que coloquei para eles entenderem melhor o sinal escrito de diferente. Na verdade no contexto não precisa colocar o símbolo de face e de olho. Coloquei porque sei que não conhecem bem o sistema SignWriting por isso escrevi os símbolos bem detalhados para facilitar o entendimento.

O prof.. Louis Jean pergunta por que não coloquei todos os símbolos de expressões faciais no texto, disse que não é preciso colocar todos, só em alguns sinais é preciso colocar o símbolo de expressão facial.

Dra. Garcia perguntou por que eu não coloquei o símbolo de peito no sinal de “eu”. Escrevi o símbolo de configuração da mão de “eu” mais um símbolo de contato, não precisa colocar o símbolo de peito. Está claro. Disse para ela que cada pessoa escreve a escrita de LS com o SignWriting de forma diferente, conforme seu grau de conhecimento e também sua personalidade. Eu pratico há nove anos, escrevo de forma diferente de alguém que está aprendendo. A reunião foi muito complicada. Anexo nº. 5.

À tarde foi tratado o tema da escrita de LSF na educação. Dra. Garcia ficou sabendo há duas semanas que o Colégio de André Malraux está trabalhando o SignWriting. Ela tem interesse só na escola primária e não no Colégio André Malraux. Foi a professora de inglês, Mary Laurent que, como a Profa. Dalle, estão apaixonadas pelo SignWriting, quem me chamaram para trabalhar com os alunos do Colégio André Malraux. Os professores aqui têm bastante autonomia em seu trabalho.

À seguir a Dra. Garcia pediu a coordenadora da escola primária e a profa. Dalle, do Colégio de André Malraux, quais os resultados das aulas de SignWriting. A coordenadora começou explicando que as crianças não sabem o que quer dizer SignWriting, as turmas do CP/CE1 gostam muito de mim pois sou muito simpática. Ela falou que na aula de francês, o aluno não escreveu a palavra em francês, ela pediu que escrevesse o sinal escrito ou o desenho do sinal. O aluno não sabia escrever o sinal escrito. Ela diz que eu ensino muito rápido e não acompanho o trabalho junto com as professoras. Avalia que não era um bom momento para dar essas aulas porque já havia muitas atividades programadas: teatro, passeios, artes, exposição, etc. Preferia que as aulas fossem em setembro quando a agenda estaria mais livre.

Prof. Dalle diz que o projeto do Ministério de Educação demorou ser aprovado e por isso só pude vir em janeiro. Diz que sou a única especialista de escrita de LS, que é difícil encontrar uma pessoa.

Eu vim em janeiro, mas só comecei a dar aulas em fim de março, fiquei preparando o material em LSF, observando as aulas e trabalhando as transcrições, poderia ter começado as aulas antes. Sinto que as professoras da escola primária não têm tanto interesse. No Colégio de André Malraux há mais incentivo. As alunas estudam mesmo em um horário muito ruim para elas, que normalmente é de recreação.

Consegui falar muito pouco na reunião, pedi para o Prof. Dalle mostrar as telas com o trabalho que fiz nas aulas da escola primária, ele começou mas a Dra. Garcia disse que não havia tempo. Falei para ela que ia entregar meus relatórios e ela disse que sim, que iria pedir para a Dra. Fruellier traduzir para o francês. Falei que concordava que às vezes havia

ensinado muito rápido, pois tenho pouco tempo e que não expliquei nada sobre o nome do sistema SignWriting, porque escolhi ensinar os sinais em vez da história e do nome.

O Prof. Louis Jean reclamou de eu não ter feito imagens com os sinais da LSF, falei para ele que não tenho os materiais necessários, nem um dicionário de LSF com os desenhos dos sinais, nem scanner para poder organizar materiais mais ricos.

Outra pergunta dele foi porque não ensino junto o grupo de configurações, outro grupo de contatos e outro grupo de movimentos para as crianças não confundir.

Falei para ele que sempre coloco um novo símbolo de configuração da mão, depois criamos o sinal escrito do sinal que incluía aquela configuração da mão, depois o símbolo de contato e depois o símbolo de movimento para completar o símbolo escrito do sinal. Se ensinar cada grupo separado fica muito complexo, sem significado e mais difícil de aprender. Muita polêmica; dizem que minha metodologia é errada. Prof. Dalle diz que viu as telas com os resultados positivos e negativos do questionário que a Profa. Juliette Dalle e eu fizemos com as opiniões dos alunos do Colégio de André Malraux.

A Dra. Garcia pediu as telas que irão para o site para observar os argumentos dos alunos.

À seguir, o grupo de informática fez uma apresentação até às 18:00 horas. A Dra. Garcia diz que no dia 28 de junho vai dar sua opinião sobre se o SignWriting funciona, ou não. Também vai preparar os próximos seis meses do projeto.

No final da reunião ela diz que acha que não funciona, mas vai analisar as cartas que eu e profa. Dalle trocamos em SignWriting.

Perguntas enviadas por mail para mim pela Dra. Garcia com as respostas que dei:

- Se existem regras para a escritura dos símbolos – em particular para os símbolos representando os movimentos? Sim, existem regras. O significado dos símbolos está explicado no manual do SignWriting, inclusive o significado dos símbolos de movimentos. Mas nem sempre o manual é claro. Muitas vezes se fica em dúvida sobre o significado.
- Quais são os critérios para escolher anotar tal ou tal aspecto do signo? Não existem esses critérios. Quando as pessoas escrevem um sinal, cada um escolhe os aspectos que acha mais importante. O resultado é que existem muitas maneiras diferentes de escrever um sinal. Isso acontece porque os surdos ainda não criaram uma ortografia de sinais, quer dizer, uma maneira padronizada de escrever sinais. Uma das tarefas que precisa ser feita é definir esses critérios, determinando quais aspectos precisam ser escritos, e como precisam ser escritos. Mas essa questão dos critérios não faz parte da definição do SignWriting. O SignWriting é um conjunto de símbolos. Qualquer critério de escolha de aspectos pode ser usado com o

SignWriting. O SignWriting é compatível com qualquer critério de escolha de aspectos de sinais.

- O que quer dizer concretamente – O SignWriting é universal? Quer dizer que o SignWriting é um sistema de símbolos para representar gestos e que não depende do significado dos gestos. Quer dizer que o SignWriting pode representar os sinais de qualquer LS.

Além disso, o SignWriting pode representar gestos que são apenas gestos, quer dizer, que não fazem parte de nenhuma língua de sinais. Pode ser usado, por exemplo, para representar gestos em uma peça teatral ou os movimentos da parte superior do corpo em uma dança, que foi a finalidade para a qual ele foi originalmente criado.

- É possível escrever todas as línguas de sinais? Sim. É isso que quer dizer que o SignWriting é universal.

- O que quer dizer exatamente adaptar o SignWriting a essa ou outra língua de sinais? Adaptar o SignWriting a uma língua de sinais quer dizer selecionar os símbolos que são mais importantes para o uso do SignWriting no dia a dia de uma determinada língua de sinais, e definir um sub-conjunto de símbolos só com esses símbolos (por exemplo, SignWriting para Libras). Os usuários da Libras, não precisam estudar todos os 986 símbolos do sistema.

Isso é importante porque muitas configurações de mãos que estão no SignWriting não são usadas em todas as línguas. No SignWriting, existem configurações de mãos que são usadas só em uma determinada língua de sinais.

- Os elementos de uma legenda se apresentam simultaneamente ao leitor. Qual a ordem de escrita desses elementos dentro de uma frase sinalizada, ou de um signo, que é julgada apropriada?

Os dois modos mais comuns de escrever em SignWriting são: escrever os sinais na horizontal, da esquerda para a direita; e os sinais na vertical, de cima para baixo na mesma ordem em que os sinais são sinalizados.

Quem aprende a ler língua de sinais escrita em SignWriting aprende a ler esses dois modos de escrever e reconhece logo a ordem dos sinais no texto.

Em relação aos símbolos dentro de um sinal escrito, não há ordem específica. Em geral, não é necessário ter uma ordem específica, porque os símbolos ficam organizados no papel de modo análogo àquele que os elementos que representam estão organizados no gesto que constitui o sinal, ao redor do ponto de articulação. O reconhecimento dessa organização dos símbolos é geralmente, muito simples. Ainda assim, existem muitos casos em que é preciso padronizar uma ordem de escrita dos símbolos dentro de um sinal escrito, principalmente, os símbolos que representam contatos, movimentos, etc, porque esses símbolos não tem elementos

correspondentes ao corpo do sinalizador.

Valerie Sutton⁶ definiu uma padronização para essa ordem dos símbolos, mas poucas pessoas utilizam esse padrão. As comunidades surdas é que precisam definir essa padronização, como parte da ortografia de sinais de sua própria língua de sinais.

Dia 1 de junho de 2005

Um grupo de alunos surdos da Finlândia, que troca correspondência com alunos de Toulouse, veio fazer uma visita de quatro dias aos correspondentes daqui do colégio. No grupo estão vinte alunos surdos finlandeses, dois professores ouvintes e um professor surdo. As famílias acolhem as crianças da Finlândia em seus lares. Dentro do programa, foram assistir a uma aula de SignWriting, a professora auxiliar foi me ajudar interpretando na língua de sinais internacional. A aula foi de uma hora e meia. Iniciei mostrando os signos básicos de configurações das mãos, logo distribuimos duas folhas para cada aluno, com os mesmos sinais escritos.

À seguir construíram os sinais do nome de cada um e dividiram quatro grupos para construir uma frase curta em SignWriting no quadro branco. Os professores gostaram e me disseram que dois dos alunos da Finlândia que têm dificuldade de escrever em finlandês escreveram muito bem em SignWriting. Ficaram surpresos pela rapidez.

Dia 4 de junho de 2005

Fui convidada para apresentar o meu trabalho de ELS pelo sistema SignWriting na Associação Action Sourds em Toulouse. Anexo nº. 14.

A apresentação aconteceu no auditório da Casa Cultural de la Mairie (prefeitura), à partir das 14:00 até às 18:30 horas. Havia três palestrantes, sou a última a apresentar para mais ou menos trinta jovens surdos, famílias e profissionais participaram.

Apresentei como é o sistema SignWriting, contei a história dele e sobre os trabalhos com as crianças brasileiras e agora as experimentações com as crianças francesas. Depois mostrei como escrever os símbolos de configurações básicas de mãos na tela, uma mulher distribuiu as folhas e as canetas para cada participante. Eles copiaram os símbolos e pedi p que construíssem qualquer sinal escrito. Perguntaram-me como escrever o sinal escrito e expliquei, com dificuldade, pois não tinha quadro na sala do auditório. Após uns vinte minutos, abri para as questões sobre minha apresentação. A maioria das perguntar foram sobre como o sistema SignWriting funciona em relação ao icônico, aos deslocamentos no espaço (deplacement) e às frases. Mostrei o texto sobre a minha viagem a Paris e fui

⁶ Criadora de Sistema SignWriting nos EUA em 1974.

senalizando enquanto lia o texto na tela. A organizadora propôs uma oficina de SignWriting para o público e marcamos o dia e a hora.

Dia 14 de junho de 2005

Das 18:00 às 20:00 horas, fui à Associação de Surdos em Toulouse. Estavam presentes doze surdos, dois ouvintes e um intérprete para participar da oficina. A organizadora distribuiu o resumo do manual de SignWriting, de boa qualidade e grátis.

A sala é pequena, havia só um mural de papel para registrar os signos e começamos por observar os três símbolos básicos de configurações de mãos. Continuamos explicando os símbolos de configurações de mãos e os dois tipos diferentes de símbolos de movimentos. Um pouco antes de terminar, mais ou menos uns trinta minutos antes, eles conseguiram escrever alguns sinais escritos.

Escrevi uma frase em escrita de LSF no mural “oi, meu sinal é Marianne, tenho trinta e um anos e cresci no Brasil”.

Eles trocaram entre si o sinal escrito de cada um, a idade em anos e o local onde cresceram. Gostaram muito da oficina.



FIGURA 82: OFICINA DE SIGNWRITING NA ASSOCIAÇÃO DE SURDOS EM TOULOUSE

Dia 25 de junho de 2005

Reunião da equipe em Toulouse (IRIS)

Participei como observadora.

Pauta da reunião:

- 1- Recolocar os objetivos do programa, em particular o papel de IRIS.
- 2 - Refletir sobre a fase seguinte (setembro a dezembro – 2005), notadamente sobre as ações concernentes ao SignWriting, sua integração ao programa pedagógico, sua observação e sua avaliação.
- 3- Propor uma micro-formação em lingüística e em semiologia da escrita, pelos lingüistas de SFL Paris 8, aos instrutores de IRIS.

Vocabulário previsto:

SignWriting – ELS - LS-Script, escrita e transcrição: é necessário fixar um léxico em LSF para esses termos.

Definições:

Escrita: comunicação direta e autônoma. Não necessita de aportes falados ou prévios.

Transcrição: transformação dos aportes orais (falados ou sinalizados) sob uma forma gráfica para estudo.

Forma gráfica: tudo que tem a ver com grafismos, é um termo muito mais genérico (podemos mesmo dizer que o vídeo é uma forma gráfica da LSF).

Objetivos:

- a) Objetivos do LS-Script (parte da lingüística)
- b) IRIS – numerosos subprojetos para coletar e sintetizar as observações sobre a utilização do SignWriting, seus aportes e limites no contexto escolar.
- c) Organização da fase seguinte:

No primário, o projeto pedagógico do próximo ano ainda não foi elaborado.

Todos os professores de todos os níveis estão completamente abertos. A organização é mais flexível que a do fundamental. Vai haver um curso de SignWriting, mas sua utilização será feita em todas as disciplinas (além de no curso de LSF).

Para o fundamental, o assunto ainda não foi abordado. Há um professor por disciplina, os professores ensinam de diferentes maneiras, mas os professores do fundamental estão de

acordo em integrar-se ao projeto. O maior problema concerne, ao emprego do tempo: é a educação nacional que fixa os currículos.

Nenhum financiamento está disponível de parte da Educação Nacional; mas a EN está de acordo com que seja montado um projeto desse tipo.

Decidiram definir objetivos diferentes para o primário e para o fundamental:

Primário: como as crianças aprendem SignWriting? (a progressão, as etapas da aprendizagem)

Fundamental: quais usos fazem os alunos do SignWriting? Recolher suas reflexões sobre a LSF e os debates que forem gerados sobre a escrita em geral (tudo que for metalingüística). O ideal seria que a avaliação sobre o SignWriting junto aos alunos se faça durante todo o ano que começa em setembro.

È preciso levar em conta que as classes têm pequeno número de alunos, que as crianças têm diferentes histórias e níveis diferentes de LSF.

Para o primário, o problema vai ser estabelecer a progressão e os suportes: isso demanda uma grande carga de trabalho.

Propõe fazer à mini-formação lingüística durante 3 dias, em duas vezes. È preciso que todos os professores assistam, mas falta ainda estabelecer se essa formação vai ser na base do voluntariado ou se deverá ser imposta a todos. Para fixar as datas é preciso saber quais serão os sábados livres de classes do primário. Anexo n° 15.

Escola Centre de Ramonville

Turmas	Idade	Datas	Horas	Frequência
CP/CE1 - 5 alunos	7 a 8	31/03 – 16/06	10	2 vezes por semana (quinta e sábado)

Tabela 23: Escola Centre de Ramonville

Coleta de dados: diário de campo

Dia 17 de março de 2005

Das 16:00 às 17:00 horas, fui a Escola Centre. Combinamos que no primeiro dia eu iria apresentar a Cultura Brasileira, junto com uma professora auxiliar surda para que os alunos me conhecessem. Usei o notebook para mostrar fotos do Brasil, mapa do Brasil, bandeira, comidas, carnaval, praias conhecidas, animais e flora.

Foi difícil explicar porque eles têm 7 a 8 anos e usei a língua de sinais internacional, que eles não entendem bem, então a professora auxiliar interpretou junto. Tive dificuldade de trocar com eles, alguns me aceitam, outros não, pois a língua de sinais é diferente. No final, fiz perguntas sobre a Cultura Brasileira e eles responderam para a professora auxiliar.

Dia 31 de março de 2005

Das 14:30 às 15:30 horas, fui a Escola Centre. Presentes cinco alunos de sete a oito anos da turma CP/CE1, um menino surdo com família surda, uma menina surda também com família surda, três meninas surdas com famílias ouvintes, todas são fluentes na LSF. A professora informa que duas das meninas têm dificuldades de aprendizagem, é preciso muita atenção com elas para certificar-se de que compreenderam. Informa também que já explicou às crianças qual seria meu trabalho, o que elas iriam aprender e que já posso iniciar ensinando diretamente o SignWriting.

Nós ficamos na sala com classes individuais. Distribuí as folhas brancas para cada um, escrevi três símbolos básicos de configurações das mãos no quadro negro e mostrei como correspondem aos movimentos das mãos, eles acompanharam com suas mãos, depois copiaram os símbolos básicos de configurações das mãos na folha branca. Uma aluna escreveu com dificuldade os símbolos em tamanho grande na folha branca, outra aluna reclamou para ela para não escrever o símbolo tão grande e outro aluno escreveu os símbolos desordenados na folha branca. Percebi que seria melhor usar os cadernos como eles usam nas aulas de LSF. Perguntei a professora auxiliar se não poderíamos usar o caderno para melhorar a orientação e ela diz que outro dia vamos resolver o que usar, se o caderno, ou a folha branca. Continuamos usando as folhas brancas e trabalhamos com três símbolos básicos de configurações para logo continuar com as orientações de posições de parede e de chão.

Dia 7 de abril de 2005

Depois disso, fui à escola Centre de Ramonville das 14:30 a 15:30 horas, com os cinco alunos de CP/CE1 e a professora auxiliar. Distribuí os cartões com os desenhos das configurações básicas das mãos, vistos na aula passada.

Revisamos os quatro desenhos das mãos que combinam com os quatro símbolos e eles escreveram no mesmo cartaz branco da aula passada.

Percebi que os cartazes não são bons para escrever os sinais escritos porque eles ficam desordenados e perdem a inteligibilidade, falei novamente com a professora auxiliar, dizendo que eles precisam de cadernos apropriados para aprender a escrever e poder ler.

Ela concordou e vai conversar com a coordenadora pedagógica da escola. Continuamos o exercício de cartões, pedi para eles construírem um sinal escrito com o mesmo símbolo do cartão, cada aluno mostra um sinal escrito para ver se todos concordamos, e assim sucessivamente, cada aluno com sua proposta.

Trabalhamos na construção dos símbolos no cartaz e depois cada um escreve um símbolo no quadro negro. Os alunos acompanhavam a escrita de cada símbolo lendo e muitas vezes propondo modificações. Cada sinal escrito precisa ser lido e compreendido por todos os alunos.

Dia 14 de abril de 2005

Das 14:30 às 15:30 horas, fui à Escola Centre trabalhar com a turma de CP/CE1. Uma das crianças faltou e os outros participaram, junto com a professora auxiliar. Sentamos à mesa redonda, jogamos um jogo de memória bem mais simples do que aquele que usei no Colégio de André Malraux. Elas já aprenderam os símbolos e gostaram muito de jogar.

Depois jogamos o dominó e percebi que elas não gostaram porque têm que esperar uma volta completa para tornar a jogar.

Peguei os cadernos sobrados da turma CE2 e distribuí para as crianças. Anotaram os novos sinais escritos e símbolos que aprenderam nos cadernos. Em seguida foram para a sala de laboratório, aprender a plantar, junto com os alunos ouvintes.

Dia 16 de abril de 2005

Das 11:00 às 12:00 horas vieram as duas meninas da turma CP/CE1, os outros alunos faltaram e também a professora auxiliar não está. Peguei os cartazes que elas escreveram na primeira aula e perguntei se sabiam sinalizar, elas entenderam o que são os símbolos e me mostraram as mãos que combinam com os símbolos das configurações. Uma consegue, a outra têm dificuldade. Dei exemplos de sinais escritos combinando com os símbolos, elas me mostraram os símbolos no caderno para ver qual era o sinal escrito correspondente.

Distribuí folhas que mostram símbolos das configurações com a posição de orientação de parede e de chão. Mostrei sinais que combinam com esses símbolos. Uma delas escreveu no quadro com o SignWriting - tenho uma irmã - construiu o sinal escrito de irmã usando o símbolo de orientação; quis copiar a frase no caderno e a colega também copiou.

Dia 12 de maio de 2005

Das 14:30 às 15:30 horas, fui a escola Centre. Trabalhei com a turma de CP/CE1 com cinco alunos, coloquei dois cartazes no quadro. O primeiro cartaz em SignWriting da LSF diz: bem vindo aprender a escrita da LSF. Nós lemos e sinalizamos juntos, perguntei para eles se lembram às orientações das configurações das mãos e eles mostraram as mãos que correspondem às orientações das configurações.

Perguntei para eles se sabiam ler sozinhos o cartaz, cada um leu o cartaz sinalizando. Eles copiaram a escrita que estava no cartaz no caderno.

Coloquei outro cartaz com os símbolos de movimentos para revisar com eles. Exemplifiquei com dois tipos diferentes de símbolos de movimentos e mostrei os sinais da LSF que poderiam corresponder àqueles símbolos de movimentos, pedi para que escolhessem outros sinais que apresentassem aqueles aspectos nos símbolos.

Distribui as folhas para eles fazerem o exercício, trabalharam sozinhos e não me perguntaram nada sobre as suas dúvidas. Depois do exercício, pedi para eles construírem, cada um o sinal de seu nome no caderno e depois passar a limpo na folha branca. Escrevemos juntos no quadro-negro cada sinal escrito de cada aluno e depois eles copiaram no caderno.

Colocamos na parede da sala de aulas a folha branca na qual cada um escreveu o seu sinal escrito com caneta colorida.



FIGURA 83: O CARTAZ NO QUADRO-NEGRO

Dia 21 de maio de 2005

Das 10:50 às 12:00 horas, voltei à sala de aulas mesma da turma de CE2 e fui trabalhar com a turma de CP/CE1, todos os alunos participaram, a professora auxiliar não participou. Escrevi a frase em SignWriting de bem vindo a aula de escrita de LSF no quadro. Lemos juntos à frase sinalizando. Depois perguntei se eles conseguiam sinalizar sozinhos a mesma frase, alguns leram sem dificuldade outros precisaram de ajuda. Em seguida, distribui as folhas de resumo de manual de SignWriting e expliquei os símbolos de vários tipos dos movimentos. Escrevi sinais escritos que correspondem a vários tipos de movimentos no quadro-negro e eles copiaram no caderno. Distribui as folhas para eles fazerem os exercícios e eles continuaram a trabalhar nas folhas.

Após o exercício, jogaram com o jogo de memória e alguns me perguntavam os símbolos das configurações das mãos, eu ia auxiliando com as dúvidas, mostrando como combinar os sinais escritos com as configurações da mão.

Dia 26 de maio de 2005

Das 14:30 às 14:45 horas, trabalhamos só 15 minutos, pois eles precisavam sair. Trabalhei um pouco com três crianças e mostrei os cartões de números (1 a 10) em SignWriting da LSF e outros cartões com números arábicos.

Só fui mostrando os sinais escritos e eles iam me mostrando os sinais dos números. A maioria acertou os sinais escritos dos números.



FIGURA 84: O JOGO DE RECONHECER O NÚMERO

Dia 2 de junho de 2005

Das 14:30 às 15:30 horas. Presentes só dois alunos, depois de vinte minutos chegaram mais dois e um aluno faltou. A professora não participou. Trabalhamos os cartões de três símbolos de configurações básicas das mãos para corresponder com outros cartões com sinalário escolhido que contém os mesmos símbolos de configurações, para que eles compreendam bem quais as diferenças entre as configurações das mãos. Uma aluna tem dificuldade, na primeira vez não entendeu e repetimos até que ela mostrou o sinal com o símbolo de configuração da mão adequado e todos festejaram.

Um aluno pegou um cartão de configuração da mão e foi escrever o sinal escrito de árvore no quadro negro, que é com o mesmo símbolo de configuração do cartão que ele havia pegado.

Logo chegaram as alunas que faltavam. Todos juntos jogaram os dominós coloridos com os sinais escritos de dez cores em escrita de LSF. Pedi para elas que se não entendessem os sinais de cores me perguntassem. Elas vão jogando e perguntando sobre 3 sinais escritos que não compreenderam: os sinais de colorido, laranja e branco.

Quando terminamos de jogar elas quiseram copiar os sinais escritos de cores no caderno.

Comecei a trabalhar pergunta e resposta escrevendo uma frase em SignWriting da LSF no quadro “Qual cor gosta?”. Eles lêem juntos, não conhecem o sinal escrito de gostar então mostrei para eles o sinal de gostar, logo associaram ao sinal escrito e repetiram a leitura da frase completa. Trabalharam nos cadernos com alguns sinais escritos de cores.

Dia 9 de junho de 2005

Das 14:30 às 15:30 horas, escrevi o sinal escrito de “bonjour” no quadro-negro e os sinais escritos de quinta-feira, dia e ano em SignWriting da LSF. Participaram da aula quatros alunos e um aluno novo ficou como observador para entrar na escola em setembro. Dividi em dois grupos, um grupo jogando o jogo de memória (números de 1 a 10) e outro grupo jogando o dominó de cores. Depois eles trocaram os jogos. Após o jogo, escrevi uma pergunta no quadro-negro. “Qual a cor que você gosta?” em escrita de LSF. A maioria de alunos não conhece o sinal escrito de “qual”, outros entenderam a pergunta. Eles foram procurar as cores no jogo de dominó para escrever os sinais escritos de cores nos cadernos.

Depois da resposta, eu escrevi três sinais escritos de cores nos quais estavam faltando os símbolos de movimentos e dos contatos de movimentos de dedos para eles completarem.

Eles escreveram os símbolos completando com os sinais escritos que faltavam no quadro-negro.

Dia 16 de junho de 2005

Das 14:30 às 15:30 horas, presentes quatro alunos. Distribui duas folhas da história do cavalo que não estava completa e dividi em dois grupos. Nós lemos juntos sinalizando cada sinal escrito da história. Alguns não entendem os sinais escritos e me pedem para mostrar o sinal, até terminarmos de ler. Repetimos a leitura para compreender bem a história. Depois dessa leitura pergunto como escrever o final da história que está faltando. Conversamos sobre como eles querem o final da história. Finalmente chegamos a um consenso e todos sinalizaram. Escrevi os sinais escritos da frase construída para finalizar a história no quadro-negro: “correu com força, pulou e sentiu que estava livre na floresta e encontrou outro cavalo”. Uma menina foi escrever os sinais escritos da frase no quadro-negro.

Escola Centre de Ramonville

Turmas	Idade	Datas	Horas	Frequência
CE2 – 6 alunos	9 a 10	8/04 – 03/06	6	2 vezes por semana (sexta e sábado)

Tabela 24: Turma de CE2

Coleta de dados: diário de campo

Dia 8 de abril de 2005

A turma CE2 tem seis alunos. Duas meninas e quatro meninos, sendo uma das meninas e um dos meninos provenientes de família surda. O horário de meu trabalho é das 15:50 às 17:00 horas. Sentamos todos, também a professora, à mesa. Eles já me conhecem de visitas que fiz a escola.

Expliquei como seria nosso trabalho nas próximas sextas e em alguns sábados para aprender a escrita da língua de sinais. Pedi para que cada um sinalizasse seu nome e em seguida escrevessem no caderno

Fui ao quadro onde escrevi os três símbolos básicos de configuração de mãos e expliquei mostrando o que significavam. Perguntaram se era a escrita de Libras ou da LSF e eu expliquei escrevendo com sinais escritos os nomes das duas línguas.

Distribuí duas folhas do resumo do manual de SignWriting. A primeira folha explica como é o ponto de vista que significa como se deve ler o sinal escrito e também traz os três símbolos básicos que havia explicado no quadro. Eles lêem sinalizando.

Escolhemos um símbolo de palma, aprendemos as posições da orientação com o mesmo símbolo e escrevi o sinal escrito de casa no quadro-negro, eles logo perceberam o significado do sinal escrito e copiaram no caderno. Pedi para eles tentarem escrever outros sinais escritos com o mesmo símbolo de palma mudando a posição da orientação. Depois cada aluno foi escrever seu trabalho no quadro e fomos acompanhando e concordando ou sugerindo modificações.

Dia 15 de abril de 2005

Estamos na Escola centre de Ramonville, hoje começando um pouco antes a aula, aproveitando que a professora precisou sair mais cedo. Fizemos uma revisão dos símbolos básicos das configurações e do trabalho da aula anterior. Eles estão bem lembrados e ficam sinalizando os sinais escritos.

Distribuí novas folhas do resumo do manual de SignWriting que explica as relações das configurações das mãos com as diferentes posições da orientação.

Escrevi no quadro dez símbolos das configurações das mãos para eles completarem seis posições de orientação dos mesmos símbolos. Pedi para escreverem com lápis no caderno para poderem apagar e refazer até acertar. Trabalhamos nesse exercício.

A seguir, pedi que formassem duplas, para que cada dupla construísse três sinais escritos com o mesmo símbolo. Cada dupla foi ao quadro apresentar suas construções e corrigimos em conjunto.

Dia 16 de abril de 2005

É o primeiro dia de sábado que dou aula de escrita de LSF na Escola Centre em Ramonville, são três turmas.

Das 9:00 às 9:45 horas trabalhei com a turma CE2; uma aluna faltou e também a professora. Um menino veio me contar que mostrou o manual de SignWriting para seus pais, que também são surdos e começou a ensinar para eles. Disse que seu irmão mais velho, também surdo, estuda no Colégio de André Malraux e os dois juntos estão ensinando aos pais.

Fizemos uma revisão daquilo que eles aprenderam na aula passada sobre os símbolos de configuração das mãos. Distribuí novas páginas do resumo do manual de SignWriting que explicam os tipos de símbolos de movimentos, pedi para eles observarem bem as páginas.

Expliquei como são os dois tipos de símbolos de movimentos diferentes, exemplifiquei com sinais que são compostos com eles e escrevi no quadro negro. Copiaram e então pedi para que construíssem dois sinais escritos com os dois tipos de movimentos: de parede e de chão. Escreveram nos cadernos e depois foram para o quadro para construirmos e corrigirmos juntos.

Distribuí folhas para completarem em casa o exercício de colocar o símbolo de posição da orientação. Pedi que levassem os cadernos para casa para poderem pesquisar o caderno e as folhas.

Dia 20 de maio de 2005

Das 15:50 às 17:00 horas, voltei a trabalhar na Escola Centre com a turma de CE2. Faz quase um mês que tivemos a última aula de escrita de LSF. Hoje estão todos os alunos, a professora não está.

Começamos por uma revisão completa. Escrevi os símbolos das configurações, dos contatos e dos movimentos no quadro-negro. A maioria dos alunos ainda lembra dos símbolos e me mostraram sinais que combinam com os símbolos. Distribuí folhas do resumo do manual de SignWriting com novos símbolos de configurações das mãos, depois escreveram alguns exercícios com os símbolos e puseram as orientações. Não saí contente da aula porque foi muito apressada.

Dia 21 de maio de 2005

Fui à escola Centre trabalhar com a turma CE2 das 9:00 às 9:50 horas. Revisamos os seis símbolos de configuração que aprenderam ontem. Pedi que cada aluno escolhesse um sinal e construísse um sinal escrito com ele. A maioria dos alunos se esforça para escolher os símbolos com tipos de movimentos de parede e de chão.

Coloquei na parede um cartaz que mostra os dois tipos de movimentos. Eles olham e analisam o cartaz para ajudar a construir o sinal escrito.

Depois cada um vai ao quadro escrever o sinal escrito que construiu e a turma concorda ou não. Vou explicando porque é preciso escrever de uma forma ou de outra.

Distribuí folhas do resumo do manual com os símbolos de posições de face e escrevi alguns sinais escritos como exemplo. Eles continuam a escrever sozinhos nos cadernos.

Dia 27 de maio de 2005

Após a escola maternal, fui para a Escola Centre e chegada na sala de aulas a professora me informou que hoje eu não teria aula. Perguntei por que e ela respondeu que os alunos estão em outras atividades.

A coordenadora pediu-me para fazer cartazes sobre a escrita do SignWriting, pois ela vai apresentar em um fórum, aqui em Toulouse, convidada pelo IRIS.

Dia 3 de junho de 2005

Organizei três grupos, de dois alunos cada, para jogar o jogo de memória que conta com cartas onde estão símbolos do SignWriting e outro conjunto de cartas com o desenho de mãos sinalizando. É preciso encontrar a carta com o símbolo que corresponde ao desenho das mãos sinalizando. A professora passou para dar uma olhada. Alguns alunos me perguntaram os sinais escritos que eles não conhecem e mostrei os sinais correspondentes para continuarem jogando. Quando terminou o jogo pegaram os cartões e copiaram no caderno para treinar os símbolos correspondentes aos sinais.

Terminaram de copiar e começaram a me mostrar os sinais que combinam com os três símbolos de básicos de mãos. Trabalhamos consultando o manual, mostrando os sinais escritos e escrevendo no quadro.

Escola Centre de Ramonville

Turmas	Idade	Datas	Horas	Frequência
CM1 - 7 alunos	9 a 11	31/03 – 16/06	9	2 vezes por semana (quinta e sábado)

Tabela 25: Turma de CM1

Coleta de dados: diário de campo

Dia 31 de março de 2005

A professora de CM1 me apresentou aos sete alunos dessa turma. O período que vou trabalhar será das 15: 50 às 17:00 horas.

Ela já explicou qual seria meu trabalho e eu iniciei perguntando seus nomes. É uma turma muito alegre e educada e mostraram seus sinais com prazer.

A professora pediu que saíssemos um momento da sala e então me disse que um dos alunos tem dificuldades de aprendizagem. A turma é fluente em LSF.

A professora distribuiu cadernos novos para eles usarem em minhas aulas. Ela sentou atrás da turma para observar a aula.

Mostrei três símbolos básicos de configurações de mão, escrevendo no quadro-negro em nível já avançado e expliquei como combinamos os símbolos com as mãos pela orientação de posição.

Pedi que eles procurassem sinais que combinassem com as três configurações propostas. Eles foram mostrando e fui escrevendo e explicando no quadro-negro. Compreenderam logo que a escrita da LSF é bem diferente da escrita do francês. Começaram a fazer perguntas de como escrever os sinais escritos, fui trabalhando as indagações no quadro e eles iam copiando nos seus cadernos. Mostrei os símbolos de configurações básicos de parede e de chão. A professora repetiu no quadro a explicação para um aluno que não entendeu, eu não havia percebido que ele não tinha entendido. Antes de terminar a aula perguntei se tinham ficado interessados, responderam que sim e combinamos continuar na próxima aula.

Dia 7 de abril de 2005

Hoje só temos cinco alunos, pois dois foram a uma reunião com a psicóloga. A professora sentou atrás, como na aula passada. Distribui duas folhas de resumo do manual de SignWriting que preparamos junto com o Prof. Dalle e eles pegaram os cadernos. A professora distribuiu pastas para eles colocarem as folhas.

Expliquei como funciona o ponto de vista que está exemplificado na primeira folha. Eles foram lendo as folhas do resumo experimentando com as mãos as configurações. Pedi que tentassem cada um construir um sinal escrito e escrevesse no caderno. Perguntaram sobre o símbolo de movimentos (seta simples e seta dupla) de parede e de chão. Expliquei no

quadro e também como combinar os sinais com os símbolos de movimentos. Após ter sinal escrito no caderno cada um vai no quadro escrever o seu e a turma analisa par ver se concorda ou se existem modificações a fazer. Vão copiando nos cadernos.

Sentamos todos à mesa redonda e jogamos o jogo de memória com os cartões de formas das mãos e os cartões dos símbolos.



FIGURA 85: CADERNO DO ALUNO

Dia 14 de abril de 2005

Encontrei a turma de CM1 muito animada para aprender novos símbolos. Hoje falta apenas um aluno. Distribuí três folhas do resumo de manual de SignWriting. Logo percebi que foi muito material de uma só vez. Sei que tenho pouco tempo para ensinar e fico em dúvida se devo apressar para que recebam todo o material ou se devo ir mais devagar para ter certeza de que possam aprender certo.

Comecei a trabalhar passo a passo com cada folha. Expliquei no quadro, duas vezes para dar mais tempo, antes que copiassem nos cadernos. Pedi para irem ao quadro escrever novos símbolos. Trabalhamos em conjunto, eu ajudando, eles ao final, copiando nos cadernos. Mostrei e expliquei sete novos símbolos de configuração das mãos e pedi para que trabalhassem em casa. Um aluno perguntou para a professora se precisava trabalhar o SignWriting em casa. A professora da classe disse que sim, precisa estudar.

Dia 16 de abril de 2005

O período foi das 9:45 às 10:30 horas. Faltavam dois alunos e sentamos, junto com a professora da classe, em uma mesa.

Eles me mostraram os cadernos com o que tinham trabalhado em casa. Olhei e em seguida fui ao quadro para explicar os erros de configurações de mão que observei. Uma das alunas não conseguiu entender como escrever seis posições de orientação com o símbolo da configuração. Coloquei mais dois símbolos para repetirmos o exercício feito em casa. Revisamos todos em conjunto. Distribui novas páginas. Um aluno quer escrever uma frase. Expliquei a eles que hoje tinha preparado duas páginas para dar a eles com os símbolos de contato para completar sinal escrito. Depois ele poderia escrever as frases. É preciso conhecer esses sinais escritos para poder escrever as frases. Na volta das férias já poderiam escrever frases, pois teriam os elementos básicos. Chamei a atenção para que observassem como o símbolo de contato combina com o sinal e fomos trabalhando no quadro, escrevendo as sugestões e corrigindo juntos. Distribui um exercício para fazer em casa.

Dia 21 de maio de 2005

Fui para a outra sala da escola Centre, no horário das 9:50 às 10:30 horas, com a turma CM1. Só falta um aluno, a professora também não está. Havia trazido cartazes para colocar na parede, mas como a professora de classe não está, deixei na mesa.

Coloquei no quadro um cartaz que diz bem vindo a aula de escrita de LSF em SignWriting.

Usamos o cartaz para revisar os símbolos de configurações básicos das mãos, dos contatos e dos movimentos. Lemos e sinalizamos todos juntos o que está escrito no cartaz. Eles gostaram do cartaz e penduraram na parede.

Escrevi no quadro os símbolos de contato e de movimentos para lembrarmos. A maioria dos alunos lembra bem. Distribui as folhas do resumo do manual para trabalharmos os símbolos de orientação das posições conforme as perguntas dos alunos. Fizeram os exercícios e reforçamos trabalhando no quadro.

Distribui outras folhas com novos símbolos de configurações das mãos e expliquei os símbolos. Eles construíram sinais escritos que incluem as novas configurações. Aparece o novo símbolo de face, mostrei exemplos de sinais com ele. Eles procuram sinais que incluam o símbolo de face e vamos escrevendo no quadro. Como tema de casa, escrevi três palavras em francês para fazerem a transcrição.

Uma aluna quer construir o sinal de seu nome e combinamos que na próxima aula.

Dia 26 de maio de 2005

O período é das 15:50 às 17:00 horas. Vieram todos os alunos. A professora de classe não está. Um aluno me mostrou que tinham colocado todos os cartazes que eu havia trazido na parede.

Sentamos a mesa e abriram os cadernos para construirmos os sinais escritos de cada um. Uma aluna opina que é fácil, outro aluno diz que pode ser fácil ou difícil, depende do sinal escrito. Pedi que tentassem primeiro nos cadernos para depois irmos ao quadro e finalmente cada um colocaria o seu sinal escrito em uma folha branca para pendurar.

Trabalhamos assim até que todos colocaram a folha com seu nome pendurada no armário. Foi muito alegre porque faziam brincadeiras uns com os outros sobre como escrever seus nomes.

Quando terminamos faltavam dez minutos para terminar o tempo e aproveitei para conversar com eles sobre suas opiniões sobre a aprendizagem da escrita de LSF. Eles gostam e só acham difíceis os símbolos de movimento que são confusos e precisa treinar bastante. Querem muito ler textos em SignWriting da LSF. Um aluno quer ir ao Brasil para ver as crianças usarem a escrita de LS.



FIGURA 86: OS CARTAZES COM OS SEUS SINAIS ESCRITOS QUE OS ALUNOS PENDURARAM NO ARMÁRIO.

Dia 2 de junho de 2005

Das 15:50 às 17:00 horas, só uma aluna faltou. Dividi em três grupos para jogarmos o jogo de memória com os símbolos de configurações das mãos correspondentes aos desenhos das mãos sinalizando. A professora estava trabalhando com a nova aluna na sala de aulas.

Os alunos pegaram os cartões do jogo de memória e copiaram no caderno para treinar os símbolos com as configurações das mãos. Terminaram de copiar e me mostraram os sinais com aquelas configurações. Pedi a eles para consultarem o resumo do manual de SignWriting para escolher os três símbolos de configurações básicos de mãos e trabalharmos os sinais construindo os sinais escritos no quadro. Anotaram os sinais escritos no caderno e alguns tinham dúvidas sobre os símbolos de T, F, P, D e indicador. Depois disso, eles escreveram os seus próprios nomes nos cadernos.

Dia 16 de junho de 2005

Das 15:50 às 17:00 horas, só estavam dois alunos os outros foram à reunião. Eles jogaram o jogo de dominó de cores, depois do jogo, escrevi uma pergunta para eles “Qual gosta cores?” em SignWriting da LSF no quadro. Eles responderam no caderno e um dos meninos me perguntou como escrever o símbolo de vírgula que escrevi no quadro-negro.

Dei para eles a história do cavalo que não está completa. Nós lemos juntos os sinais e eles querem completar a escrever. A menina estava cansada, e escreveu um final bem simples. O outro aluno que estava animado com a história do cavalo escreveu o final muito bem, perguntando como escrever alguns símbolos de movimentos.

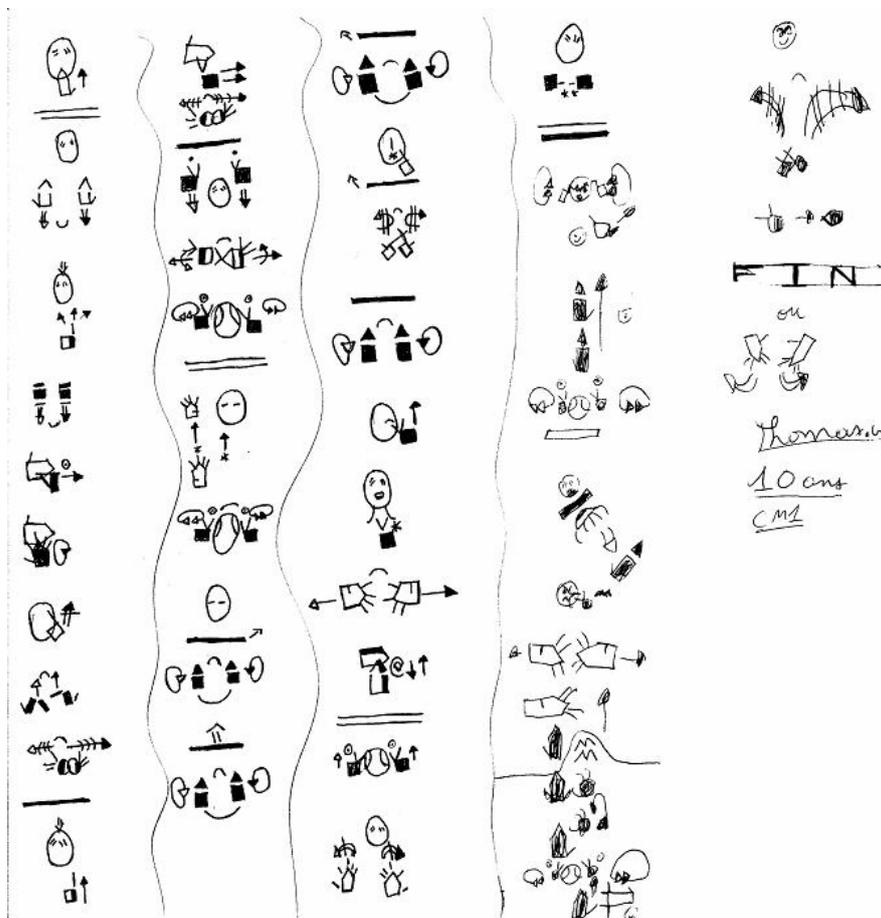


FIGURA 87: O ALUNO ESCREVEU A HISTÓRIA DO CAVALO COMPLETA

Escola Maternal Saju de Ramonville

Turma	Idade	Datas	Horas	Frequência
MG/GS – 3 alunos	4 a 5	11/04 – 03/06	5	1 vez por semana (sexta-feira)

Tabela 26: Turma de MG/GS

Coleta de dados: diário de campo

Dia 11 de abril de 2005

Meu horário será das 14 às 15:30 horas. Cheguei cedo para observar as crianças que estão trabalhando com uma professora surda, que é ajudada por uma professora auxiliar, também surda.

A professora deu um caderno para cada um. Expliquei que era para trabalhar uma outra escrita diferente do francês, uma escrita para escrever os sinais. Mostrei cartões com os símbolos básicos das configurações, posições e orientações das mãos mostrando como correspondiam o símbolo dos sinais escritos. Eles quiseram usar as canetas coloridas para copiar alguns símbolos nos cadernos novos. A menina logo cansou e foi brincar com a boneca acompanhada pela professora auxiliar. O menino quis continuar, então fiz três sinais e mostrei cartões com os símbolos escritos correspondentes. Ele identificou um deles. Quis olhar os cartões com os símbolos tentando ler e sinalizar. Mostrou-me o sinal de sábado, de celular, de você, de não. Pedi para ele escrever o sinal escrito de carro no caderno, procurou o cartão com o símbolo, identificou e copiou. Conseguiu ler vários sinais escritos e copiou alguns no caderno.



FIGURA 88: CADERNO DE MENINO

Dia 13 de maio de 2005

Das 14:45 até às 15:15 horas na escola maternal, estão três crianças e a professora auxiliar. A professora de classe não está. Trouxe cartazes escritos em SignWriting da LSF, os símbolos de configurações das mãos e imagens correspondentes para prender na parede.

As crianças sentaram à mesa. Coloquei no quadro-negro um cartaz com os símbolos básicos de configurações e posições da mão. O menino lembrou totalmente dos símbolos. A menina que estava na aula anterior não lembra nada e a terceira aluna é a primeira vez que está comigo. Pedi para que tentassem sinalizar com a mão os símbolos dos cartazes, depois copiaram no caderno. As meninas têm dificuldade de copiar, desenham bem grande.

A professora auxiliar ajudou uma das meninas. Pegamos o livro de histórias que eles estão usando. Olhamos a capa e conversei com eles sobre a história, pedi para fazerem o sinal do nome da personagem principal que está na capa do livro. Mostraram o sinal e escrevi o símbolo do sinal escrito no quadro e eles copiaram no caderno. A professora auxiliar escreveu o nome em francês do personagem no quadro-negro e o aluno copiou o nome do personagem no caderno acima do sinal escrito do personagem.

O menino perguntou como é o símbolo de movimento, se é para a frente ou para cima. Escrevi no quadro dois símbolos de movimento, um para cima e outro para a frente, expliquei. A pergunta me surpreendeu, porque poucos perguntam e ele é muito pequeno tem só cinco anos. Continuamos trabalhando os sinais e símbolos de mais algumas personagens do livro.

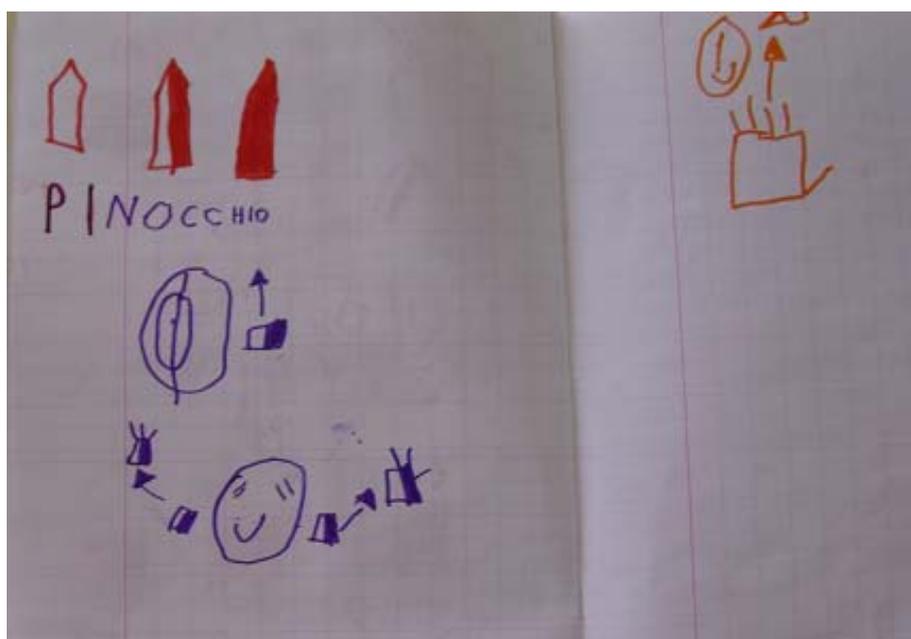


FIGURA 89: OS SÍMBOLOS DE PERSONAGENS DO LIVRO

Dia 20 de maio de 2005

Às 14:45 horas fui à escola maternal, a professora me avisou que o menino foi ao médico e que as duas meninas não querem aula de escrita de LSF. Avisaram que a próxima aula será só com o menino.

Dia 27 de maio de 2005

Cheguei às 14:30 horas e a coordenadora me avisou de que havia trocado o horário para as 15:00 horas. Na sala de aula não estavam mais os cartazes com os signos que havia colocado na aula anterior. A professora auxiliar estava organizando a sala e as crianças chegaram com a professora de classe, o menino sentou direto na mesa onde eu estava, as duas meninas sentaram também, mas a professora as chamou para outra mesa.

O menino foi buscar seu caderno e começou a me mostrar às personagens do livro de histórias com seus sinais escritos no caderno, ia lendo e sinalizando, procurando a personagem correspondente. Não lembrava apenas uma das personagens que tínhamos visto na aula anterior, então construímos juntos o sinal escrito daquela personagem.

Perguntei se ele queria continuar construindo os sinais escritos de personagens do livro ou se gostaria de construir o sinal escrito de seu nome. Ele escolheu o sinal escrito de seu sinal. Perguntei como escreveríamos o aspecto do símbolo de face. Ele disse que é um círculo. Escrevi no quadro-negro o símbolo de face e no quadro branco o símbolo de configuração da mão. Perguntei qual a metade que devia ser pintada de branco, qual a de preto. Ele respondeu certo e pintei a cor no quadro-negro.

Ele copiou no caderno seu sinal escrito e dei-lhe uma folha branca para que pudesse escrever seu nome nela e pendurar na parede. Ele quis construir os nomes das duas colegas e depois de escrever, um em cada folha, pendurou os três, na porta do armário e chamou as colegas para olhar.



FIGURA 90: OS TRÊS SINAIS ESCRITOS COM OS NOMES DOS ALUNOS

Dia 3 de junho de 2005

Das 14:20 às 14:45 horas na escola maternal, trabalhei com o menino e a professora auxiliar que está organizando os materiais na sala de aula. Nós sentamos à mesa, coloquei os cartões de jogo de memória na mesa, os cartões com desenhos em forma de configurações de mãos e outros cartões com símbolos de configurações de mão. Os cartões não foram virados e pedi para ele pegar um cartão com um símbolo e procurar o cartão com o desenho do aspecto configuração de mão correspondente. Ele aprendeu os novos símbolos de configurações de mãos e procura sozinho o cartão com o desenho correspondente à forma. Pedi para ele pegar o caderno e escrevi os três símbolos de configurações básicas de mãos no caderno. Ele escolhe os cartões de símbolos que incluem os aspectos dos três símbolos básicos. Em alguns sinais escritos ele tinha dúvidas e indiquei onde estavam os três símbolos básicos. Peguei cada cartão já visto e pedi para ele pensar algum sinal que contenha o símbolo. Não encontrou os sinais para dois símbolos e ele diz que no outro país tem estes dois símbolos, ele me pediu para na próxima aula trazer outro jogo, pois gosta de jogar.

Colégio André Malraux de Ramonville

Turma	Idade	Datas	Horas	Frequência
8 alunos	12 a 15	17/03 - 16/06	18	2 vezes por semanas (terça e quinta)

Tabela 27: Turma de colégio

O currículo é o proposto pela Educação Nacional sendo que os alunos das classes regulares têm aulas de LSF em caráter opcional e os que optaram pela educação em LSF têm essas aulas em caráter obrigatório. Esses alunos recebem as aulas de todas as disciplinas em LSF. O francês escrito e também o inglês escrito são lecionados por professoras ouvintes que usam a língua de sinais francesa.

Trabalhei com os alunos e as professoras durante dezoito horas para ensinar a escrita de língua de sinais pelo sistema SignWriting. Esta turma do Colégio Malraux não constava do projeto de LS-Script elaborado pela diretora Dra. Garcia e equipe.

A professora de inglês da escola foi quem me convidou para dar aulas aos alunos. Logo depois os professores do Colégio Malraux ficaram muito interessados e pediram para assistir o curso de formação em SignWriting, infelizmente não consegui dar, pois já havia marcado muitos compromissos de trabalhos em outros lugares.

A professora auxiliar surda que participou de todas as aulas e com quem trabalhei bastante em transcrições e outros trabalhos, vai dar o curso de formação de SignWriting para eles no próximo semestre. A diretora do projeto de LS-Script ficou interessada no movimento do Colégio Malraux em direção ao sistema SignWriting e então colocou também essa escola no projeto de LS-Script para analisar se os alunos sentem prazer ao escrever com o sistema SignWriting nos próximos seis meses.

Coleta de dados: diário de campo

Dia 9 de março de 2005

Fui ao Colégio de André Malraux, em Ramonville, é perto da Escola Centre. A professora de inglês quer muito que eu ensine a ELS para os oito alunos surdos de diferentes níveis.

Ela é ouvinte e fluente na LSF. Então mostrou as salas de aula com os alunos surdos de mais ou menos doze a quinze anos. Há também professores surdos trabalhando.

A professora de inglês tem material de SignWriting, não sabe como usar e está muito interessada. Ela mostrou aos alunos o material de SignWriting há três anos atrás mas não encontrou a forma de trabalhar com a ELS. Eles estão muito interessados e eu quis muito começar a trabalhar com eles. Marcamos para segunda-feira que vem, pois eles querem que eu apresente sobre a Cultura Brasileira e na aula seguinte começamos trabalhar a ELS. Eu me senti bem com eles, perguntaram quantas horas, quais dias poderia ir, se precisava alguma coisa e etc. Todos os dias os oito alunos vão para a escola de manhã e almoçam lá. Normalmente o horário de almoço é das 12:00 às 14:00 horas, depois do almoço, eles escolhem alguma atividade e sempre o grupo de surdos fica conversando separado dos outros grupos de ouvintes.

A professora de inglês fez uma proposta para depois do almoço eles aprenderem a ELS e logo aceitaram. Eu posso ensinar das 13:00 às 14:00 horas terças e quintas-feiras.

Dia 14 de março de 2005

De tarde, as 12:45 horas, fui ao Colégio André Malraux em Ramonville e encontrei a professora de inglês. Entramos na sala de aulas dela e os oito alunos chegaram pois acabaram o almoço.

Os oito alunos se apresentaram escrevendo os nomes e fazendo os sinais deles e eu também apresentei os meus nome e sinal. Perguntei: o que vocês pensam do país Brasil? Eles me disseram ter a imagem do futebol mais famoso do mundo. Começamos a conversar sobre o que o Brasil tem e perguntei a eles: O que tem a França? Eles me responderam com poucas informações e as duas professoras ajudaram a responder.

Mostrei os números da população brasileira, também os números da população brasileira surda. Eles disseram que os números são maiores que os da França. Perguntei a eles qual o número da população francesa de surdos e eles dizem que não sabem. Quantas

associações de surdos têm aqui em Toulouse? Conhecem alguma? Há escolas só para surdos? Fiz muitas perguntas para eles sobre o mundo dos surdos. Não pensam sobre isso.

Um aluno prometeu que vai pesquisar para me responder na próxima aula. As duas professoras gostaram muito das minhas perguntas, pois os oito alunos vão refletir sobre a existência de uma comunidade surda, porque eles convivem com a integração na escola de ouvintes e não percebem que há muitos surdos aqui na França.

Continuamos conversando sobre a Cultura do Brasil até às 14:00 horas. Marcamos para na próxima aula começar a aprender a escrita de língua de sinais francesa.

Dia 17 de março de 2005

Às 13:00 horas no Colégio de André Malraux, com oito alunos surdos de diferentes níveis do Ensino Fundamental, distribuí os oito resumos do Manual de SignWriting, um para cada aluno e um para a professora de inglês que também está participando.

Logo eles começaram a ler o resumo de manual de SignWriting e comecei a explicar o que é o Manual e eles demoraram a olhar para mim. Este manual vai ajudar a compreender como escrever os sinais e quais os símbolos que correspondem às configurações das mãos. O resumo do manual de SignWriting tem 105 páginas e na última folha escrita em francês estão os desenhos correspondentes às partes da face que são representadas pelo SignWriting, os nomes dos diversos tipos de contato e os símbolos correspondentes aos movimentos de dedos e mãos.

Depois de uns quinze minutos, chegou a professora auxiliar na sala acompanhada de dois alunos que tem pouca fluência na língua de sinais. A professora auxiliar ficou ajudando os dois alunos.

Continuamos a aula, observando como é o ponto de vista, mostrei os símbolos básicos das configurações das mãos e depois as posições das mãos. Logo escrevi alguns exemplos de sinais dos símbolos básicos das configurações das mãos.

Um aluno perguntou por que há símbolos de setas simples e duplas, expliquei a regra de que a seta simples indica o movimento de chão e a seta dupla indica o movimento em relação à parede.

Outro aluno quer saber como fazer para escrever o sinal escrito que ele quer, escrevi no quadro branco e ele reconheceu que este é o sinal francês, explicou que pensou que o manual de SignWriting servia só para Língua Brasileira de Sinais - Libras. Fizeram vários

exercícios escrevendo sinais escritos com os símbolos básicos de configurações das mãos e as posições.



FIGURA 91: PRIMEIRO DIA, QUANDO DISTRIBUÍ O RESUMO DO MANUAL DE SIGNWRITING

Na figura a menina usou a régua para escrever o sinal escrito



FIGURA 92: ALUNA USOU RÉGUA



FIGURA 93: A PROFESSORA AUXILIAR EXPLICA PARA A ALUNA COMO LER O SINAL ESCRITO



FIGURA 94: A PROFESSORA AUXILIAR EXPLICA PARA OS ALUNOS USANDO O QUADRO.

Dia 29 de março de 2005

Voltei ao Colégio de Andre Malraux das 13:00 às 14:00 horas na sala de aulas com a professora de inglês, sete alunos, um deles está faltando. A maioria dos alunos não trouxe o resumo de manual de SignWriting, pois não sabiam que hoje ia haver aula.

Comecei a revisar os símbolos básicos das configurações das mãos, eles lembraram e me mostraram as mãos configurando os sinais. Foram rápidos para lembrar os símbolos. Logo comecei a explicar os símbolos de movimentos de parede e chão, são os mais simples do símbolo de movimento e trocamos exemplos de sinais escritos em LSF.

Depois disso, coloquei quatro símbolos do grupo 1 no quadro branco e eles escolheram um símbolos do grupo, para escrever o sinal escrito na folha do resumo de manual de SignWriting.

Terminaram o exercício e cada um escreve no quadro-branco o sinal já escrito no caderno, os outros alunos concordam com o sinal escrito, ou não. Corrigimos juntos sempre. Outro aluno quer colocar mais sinais escritos no quadro branco e deixei ele continuar a escrever no quadro á vontade. Logo a aula terminou.

Dia 31 de março de 2005

Fui ao Colégio das 13:00 às 14:00 horas. Na sala de aula estão oito alunos, a professora de inglês e a professora auxiliar. Todos os alunos trouxeram o resumo do manual de SignWriting. Fizemos uma revisão rápida dos símbolos de contatos e símbolos de movimentos. Eles entenderam rapidamente a correspondência desses símbolos com os sinais manuais. Pedi para escolherem um aspecto do símbolo do resumo do manual para construir um símbolo, depois cada aluno mostra para outro o colega ao lado se entende o símbolo. Eles discutem como são os sinais escritos e depois escrevem no quadro branco para ver se todos concordam com compreensão. Percebi que a turma está começando a compreender como construir o símbolo e trabalhou com interesse.



FIGURA 95: ALUNA ESCREVENDO UM SINAL ESCRITO NO QUADRO-BRANCO

Dia 5 de abril de 2005

Fui ao Colégio às 13:00 horas, apareceram sete alunos e um faltou; veio a professora auxiliar; a professora de inglês estava ocupada. Pedi para eles escreverem os símbolos que não alcançamos corrigir na aula passada no quadro branco. Um aluno esqueceu o resumo de manual de SignWriting. Nós discutimos juntos para chegar a um acordo sobre os sinais escritos que os alunos escreveram no quadro, depois copiaram nos cadernos. Sempre coloco novos aspectos dos símbolos no quadro para eles aprenderem a construir. Quando terminamos a correção, uma aluna me avisou que não pode vir à próxima aula. Perguntei por quê? A professora auxiliar escreveu uma frase curta em SignWriting no quadro dizendo o porquê da aluna não poder vir. Eu respondi com outra frase em SignWriting no quadro. Os outros alunos que também vão faltar a próxima aula. (vão ter outra atividade coletiva) também querem responder no quadro. Formaram uma dupla, um ajudando o outro. Eles escreveram e discutiram quais os símbolos apropriados até formar uma frase em SignWriting. Nós construímos três frases no quadro branco.

Dia 7 de abril de 2005

Fui ao Colégio das 13:00 às 14:00 horas, estava só uma aluna, um outro aluno faltou, está também professora auxiliar. A turma maior dos alunos foi passear em Londres com a professora de inglês. Somos só os três e então juntamos três mesas. Nós trouxemos o resumo de manual de SignWriting e a professora auxiliar me mostrou que elas escreveram muitos sinais escritos na folha para eu corrigir. Então corrigimos juntas. As dificuldades são os diferentes símbolos de movimentos e fui explicando como são usados. Depois a professora auxiliar surda explica melhor repetindo para a aluna, pois ela estava observando, mas não estava compreendendo bem nossa discussão.

A professora auxiliar mostrou uma configuração de mão para a qual não encontrou o símbolo no resumo de manual de SignWriting e então fomos colocando os vários elementos até formar o símbolo que corresponde àquela configuração da mão.

A professora auxiliar trabalha sempre junto com esta aluna para reforçar as aprendizagens, pois ela tem dificuldades, mas ela é ótima, na aprendizagem do SignWriting e sempre reclama que a hora passou rápido e é pouco tempo de aula.

Dia 12 de abril de 2005

Fui ao Colégio às 13 horas para trabalhar uma hora com os alunos que ainda estavam almoçando a quem a professora auxiliar foi chamar. Começamos às 13:20 horas. Escrevi sete símbolos no quadro e pedi para eles lerem em conjunto, precisaram de alguma ajuda para reconhecer todos. Continuamos fazendo exercícios com as mesmas configurações das mãos usando posições e orientações mais difíceis.

Depois revisamos os diversos tipos de símbolos de movimentos. Dividi a classe em dois grupos, um grupo escreveu os sinais escritos com um tipo de movimento e o outro grupo com outro tipo de movimento. Depois foram escrevendo todos no quadro com o acompanhamento de toda a classe.



FIGURA 96: ONDE ESTOU EXPLICANDO SOBRE OS SÍMBOLOS DOS VÁRIOS TIPOS DE MOVIMENTOS

Dia 14 de abril de 2005

Fui ao Colégio, das 13:00 às 14:00 horas. A professora auxiliar se encontra na sala e a professora de inglês não pode participar porque está organizando o programa de recepção a um grupo de estudantes surdos que vêm da Finlândia.

Os alunos estão agitados, pois na próxima semana começam as férias da primavera. Uma aluna veio me mostrar uma frase que escreveu, por sua conta, em casa. Ficou muito contente quando sinalizei a frase o que significou que eu entendi e ela acertou.

Propus jogarmos o jogo de memória e o dominó dos símbolos. Fizemos dois grupos, tendo depois de um tempo trocado o jogo. Aprenderam novos símbolos e exercitaram a leitura disputando; aquele que não acertava tinha de voltar ao começo. Gostaram muito de jogar e pediram para continuar na volta das férias.

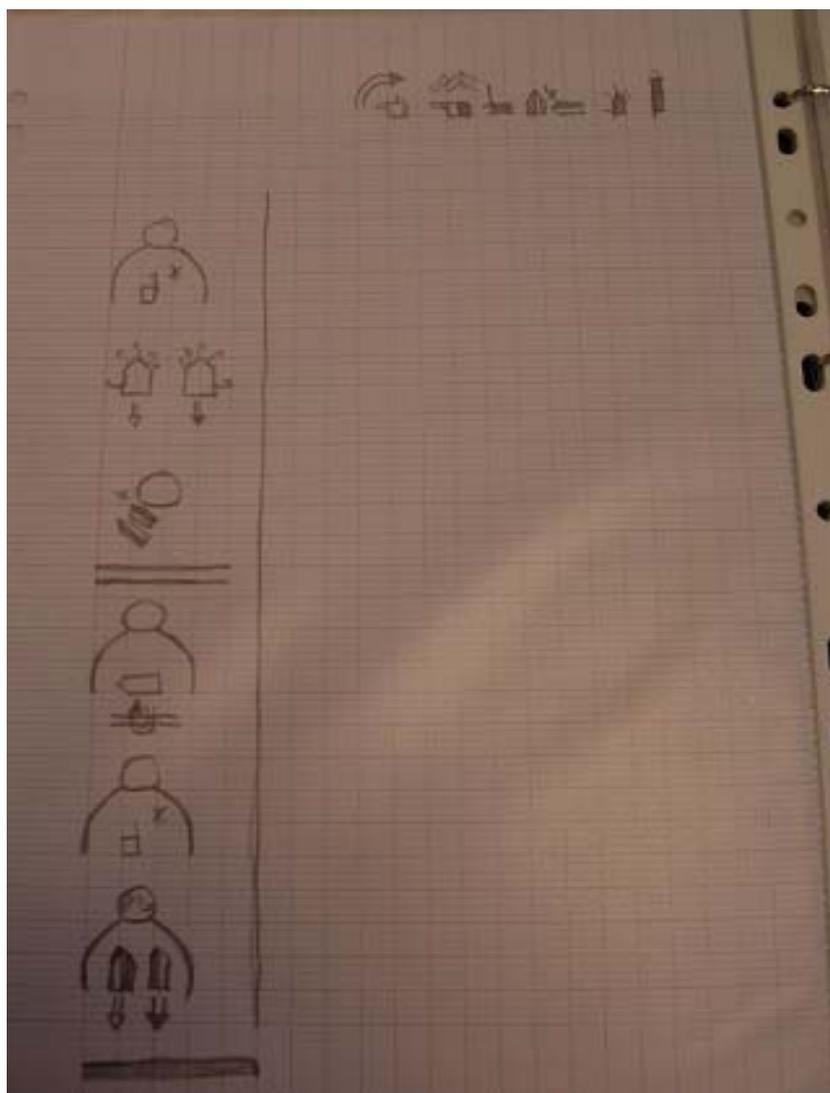


FIGURA 97: FRASES EM SIGNWRITING

Dia 3 de maio de 2005

Cheguei as 13:00 horas na sala de aula. Os oito alunos chegaram na sala às 13:15 horas e percebo que eles perderam um pouco o ritmo, pois terminaram as férias de primavera e esta é a primeira semana de retorno às aulas. A professora de inglês e professora auxiliar participam também.

Escrevi os símbolos de movimentos e os doze símbolos de contato no quadro branco, pedi para eles lerem. Alguns trouxeram o resumo de manual de SignWriting. Eles me mostraram cada símbolo que corresponde aos sinais e perguntaram pelos dois símbolos de contato que eles não lembram.

Depois de tirarmos as dúvidas, aprendemos os novos símbolos de olhos e nariz. Pedi para eles escreverem sinais escritos que contenham símbolos de olhos e nariz no quadro branco. Cada um constrói um sinal escrito no quadro, após, nós corrigimos juntos. Eles copiam nos cadernos e continuamos a estudar o resumo do manual de SignWriting examinando e comentando a lista com o resumo das configurações das mãos.

Logo, eu distribuí as duas folhas de sinalário da LSF em SignWriting para consultar em casa. Passei também outro exercício de posições das configurações das mãos para fazer de tema em casa.

Dia 10 de maio de 2005

Às 13:00 horas fui ao Colégio, os alunos chegaram as 13:15 horas na sala de aulas e a professora auxiliar não aceitou a forma como os alunos chegaram na sala. A professora auxiliar conversou com eles e eu fiquei quieta, os que querem se interessar ficam na aula os que não têm interesse devem sair, pois a aula não é obrigatória mas a disciplina precisa ser observada. A maioria dos alunos reclama que o horário é ruim, pois para chegar às 13:00 horas tem que correr para almoçar e voltar em seguida. A professora auxiliar explicou que a aula de escrita de LSF é muito importante, pois aqui na França não tem outra professora e falta pouco para eu ir embora. O aluno diz que a escrita de LSF não serve para o trabalho no futuro e a professora auxiliar diz que a escrita da LSF é a forma de escrita da nossa própria língua. Ao final da discussão, dois alunos saíram da sala de aulas, três ficaram, dois alunos faltaram e um aluno foi para o consultório da psicóloga. Os três alunos que ficaram, me pediram trocar o horário e aí nós tentamos acertar o horário juntos, mas não conseguimos um horário como eles gostariam.

Começamos a ler juntos as folhas que distribuí para eles com outro sinalário de LSF escrita em SignWriting e conversamos sobre as duvidas que surgiram.

Expliquei para eles os símbolos de movimentos e posições de configurações das mãos. Continuamos o estudo do resumo do manual de SignWriting e logo a professora auxiliar mostrou uma carta para eles lerem e sinalizarem juntos. Eles adoraram ler a carta que eu escrevi para a professora auxiliar. Um aluno me pediu para trazer mais textos em escrita de LSF. Anexo nº. 6.



FIGURA 98: ELAS ESTÃO LENDO A CARTA E SINALIZANDO.

Dia 12 de maio de 2005

Ceguei no Colégio às 13:00 horas. Cinco alunos vão participar e três alunos desistiram. A professora de inglês e professora auxiliar surda participam na sala de aulas. Distribui as folhas brancas e grossas para eles escreverem seus sinais escritos próprios. Depois cada um escreve o sinal escrito no quadro branco e mostra para o colega se concorda com o símbolo do sinal. À seguir copiaram o símbolo do próprio sinal na folha branca. Colocaram na parede de sala de aulas. Também colocaram os três sinais escritos dos sinais dos três alunos que desistiram cada um em uma folha branca.



FIGURA 99: ELES ESTÃO CONSTRUINDO OS SINAIS ESCRITOS DOS SINAIS DOS SEUS NOMES NO QUADRO.



FIGURA 100: ELE COLOCOU OS CARTAZES NA PAREDE.

Dia 19 de maio de 2005

Das 13:00 às 15:00 horas fui ao Colégio. Hoje só quatro alunas chegaram na sala de aulas, a professora auxiliar participou e trouxe quatro cartazes brancos para construir os sinais escritos de bem vindo Finlândia. Dois cartazes em SignWriting da LSF de bem vindo Finlândia e outros dois cartazes em SignWriting da língua de sinais internacional de bem vindo Finlândia. Elas construíram no quadro branco e depois passaram a limpo nos cartazes. Discutiram como escrever os sinais escritos no quadro, aparecem muitas discussões, pois cada vez é maior o conhecimento do sistema SignWriting. Finalmente elas concordaram. Os cartazes foram colocados nas paredes. O grupo da Finlândia vai visitar a Toulouse nos dias trinta de maio a três de junho, são dezessete alunos surdos com três professores.

A aula terminou as 14:00 horas com a luz piscante que está sempre nas salas de aula. Fiquei observando como a professora auxiliar fica com duas alunas que têm mais dificuldade para reforçar a aula de LSF e de SignWriting. Elas fizeram um trabalho com o alfabeto manual escrito em um cartaz bem grande e discutiram como escrever os símbolos em SignWriting correspondentes às letras p, m, n e b.

Fiquei muito interessada, pois as duas alunas e a professora auxiliar continuam trabalhando o sistema de SignWriting e conseguem colocar o cartaz na parede às 15:00 horas. Anexo nº. 13.



FIGURA 101: ELAS ESTÃO CONSTRUINDO O SINALÁRIO PARA O CARTAZ DE BEM -VINDO

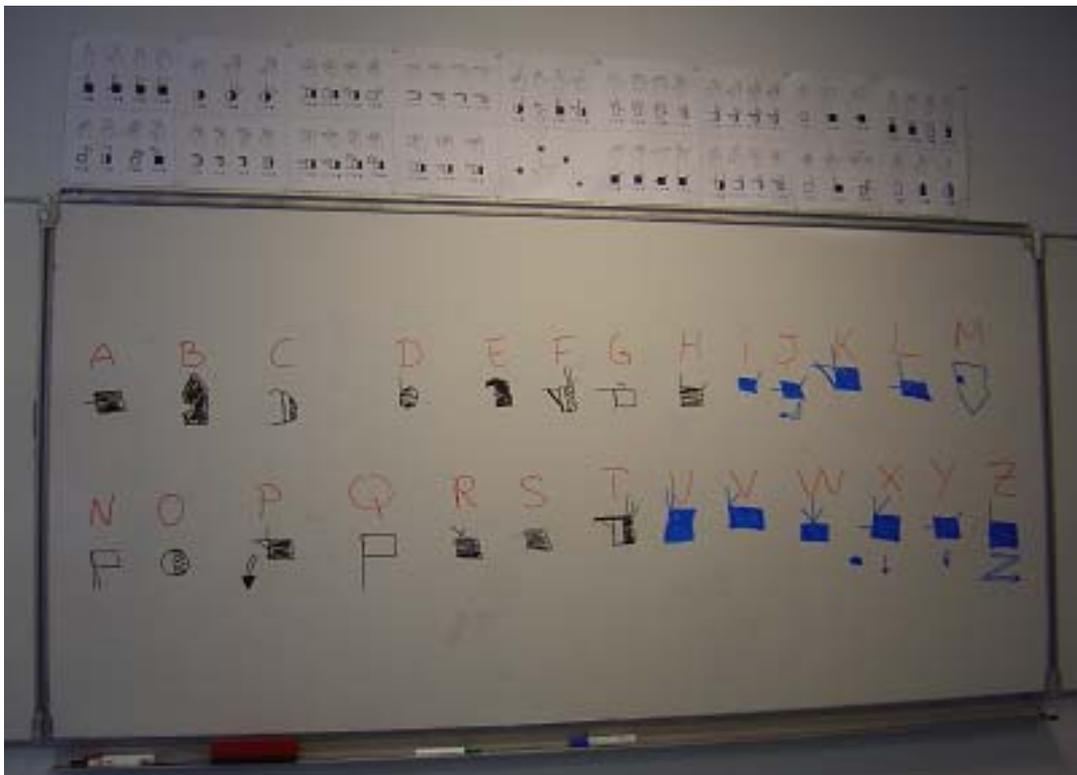


FIGURA 102: ESTE TRABALHO DE PROFESSORA AUXILIAR COM DUAS ALUNAS.

Dia 23 de maio de 2005

Às 16:00 horas fui ao Colégio e comecei as 16:10 horas. Na sala de aulas chegaram quatro alunas e a professora auxiliar. Logo distribuí três folhas para cada uma contando sobre a minha viagem a Paris que escrevi em SignWriting da LSF. Pedi para elas marcarem com um círculo os sinais escritos que não entendam. Elas começaram a ler e iam sinalizando. Duas alunas me perguntaram sobre um símbolo de contato que não conhecem e mostrei exemplos de sinais que contém aquele símbolo de contato.

As três folhas têm setenta e dois sinais escritos. Uma aluna marcou vinte e seis sinais escritos que não entende, outra marcou vinte e dois e duas marcaram oito sinais escritos. Considerei muito boa a compreensão pois tiveram poucas aulas de escrita de SignWriting. Depois continuamos trabalhando um pouco os símbolos de configurações das mãos.

Das 17:00 às 18:30 horas, a professora de inglês e professora auxiliar pediram que desse o curso de escrita de SignWriting para elas. Tinham dúvidas sobre os símbolos de movimentos e os símbolos de contatos.



FIGURA 103: ELAS ESTÃO LENDO O TEXTO SOBRE MINHA VIAGEM A PARIS.

Dia 26 de maio de 2005

Cheguei às 13:00 horas na sala de aulas, escrevi uma frase em SignWriting da LSF no quadro branco; sei que elas gostam de ler. Escrevi a frase “bonjour, hoje quero discutir com vocês o que pensam da aula de escrita de LSF se gostam ou não”. As alunas sentaram e leram, uma aluna chegou perto do quadro e sinalizava enquanto lia a frase. Outra aluna me perguntou por que esta pergunta. Falei para ela que queria conversar com elas sobre o que pensam da aula, se é interessante ou não. Porque, como já havia dito a elas, meu trabalho é de pesquisa e é importante a opinião delas.

Observação da participação dos jovens do Colégio

Para enriquecer nossa observação com melhores dados elaboramos, a professora Dalle e eu, algumas perguntas que poderão auxiliar a definir a qualidade das interações e trazer sugestões à pesquisa. Pedimos respostas positivas ou negativas, que fossem bem sinceras.

Colocamos também observações sobre o SignWriting para que aprofundassem seu pensamento sobre o assunto.

1 - Vocês gostam de fazer os sinais escritos?

2 - É aborrecido?

3 - É confuso?

4 - Qual a parte que gostam mais?

5 - Qual a parte que não gostam?

6 - As crianças têm o hábito de escrever sempre em francês. Não há sinais escritos em cada lugar como há em francês.

7 - No início do trabalho ninguém imaginava que havia uma escrita da língua de sinais.

8 - Alguns estudantes pensaram que aquela escrita era a da Libras, por associarem minha pessoa ao Brasil.

9 - No início trabalhamos com as crianças desenhos misturados com os símbolos.

10 - Depois de algumas aulas as crianças compreenderam a diferença entre a escrita e os desenhos e também que era a escrita da LSF.

11 - Quando mostro um novo símbolo de configuração da mão, nós procuramos o sinal que corresponde, depois formamos frases com dois ou três sinais escritos.

12 - As crianças gostam de escrever cuidadosamente em seus cadernos.

13 - Todo grupo tem alunos com diferentes ritmos de aprendizagem.

14 - Os alunos são motivados para aprender.

15 - Eles refletem sobre como construir um sinal escrito.

16 - As crianças gostam de escrever seus nomes em LSF, sentem-se valorizadas.

17 - No início o trabalho parece difícil, depois percebem que fica mais fácil. Há alunos que gostam de pesquisar a língua de sinais e descobrir como construir os sinais escritos.

18 - Eles colaboram muito comigo e também entre eles.

19 - O sistema funcionou bem, se há dificuldades ainda não apareceram.

20 - A maior limitação é a falta de material escrito.

21 - Os jogos são um recurso importante para as aprendizagens e também para desenvolver comportamentos positivos de convivência, organização, cooperação e de aprender a partilhar.

22 - As crianças adoram jogar.

Respostas dos alunos:

O horário no Colégio foi negativo porque tínhamos que almoçar rápido e ir para a aula, ficávamos cansados. Seria melhor colocar a aula de SignWriting da LSF no horário das outras disciplinas. A dificuldade de escrever os sinais escritos está nos símbolos de movimento, são complicados. Não há problema com os símbolos de configurações das mãos.

No resumo do manual de SignWriting deveria haver explicações escritas em francês, alguns alunos acham difícil de entender assim como está.

Gostam muito de ler textos em SignWriting e de ler quando escrevo no quadro. Querem continuar a ler textos.

Querem que façamos perguntas para que respondam em escrita de língua de sinais.

Acham interessante, no começo não entendiam, agora entendem, um pouco.

È uma novidade, podem criar histórias em quadrinhos, como o livro “Manga” (japonês). Acham bonito escrever na vertical.

Para melhorar sugerem fazermos muitas leituras e aprender bem os símbolos de movimentos.

Querem continuar as aulas de SignWriting da LSF.

Querem aprender a língua de sinais internacional em SignWriting.

Querem escrever cartas para mim, para manter os contatos quando eu for embora.

Sobre se a escrita do SignWriting da LSF ajuda a desenvolver a LSF, responderam que sim, amplia os conhecimentos das configurações das mãos. Quando vêem um símbolo passam a refletir sobre qual o sinal que corresponde ao símbolo e prestam atenção nos diferentes aspectos.

Sugestão de uma aluna para aprender melhor os símbolos de movimento: tirar uma foto de um sinal, colocar o símbolo de movimento na foto e outro símbolo completo do sinal para ajudar a entender o símbolo de movimento.

Outra sugestão: o desenho do sinal com o símbolo ao lado, faltando o símbolo de movimento para colocar.

Gostam dos jogos didáticos.

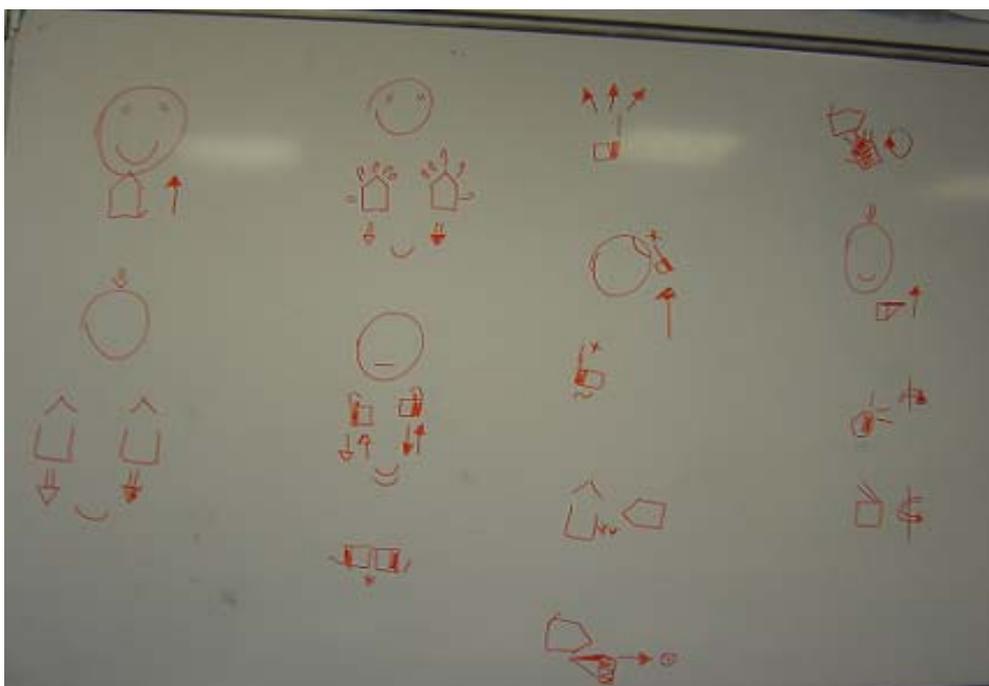


FIGURA 104: EU ESCREVI A PERGUNTA: O QUE PENSAM DA AULA DE SIGNWRITING, NO QUADRO BRANCO.

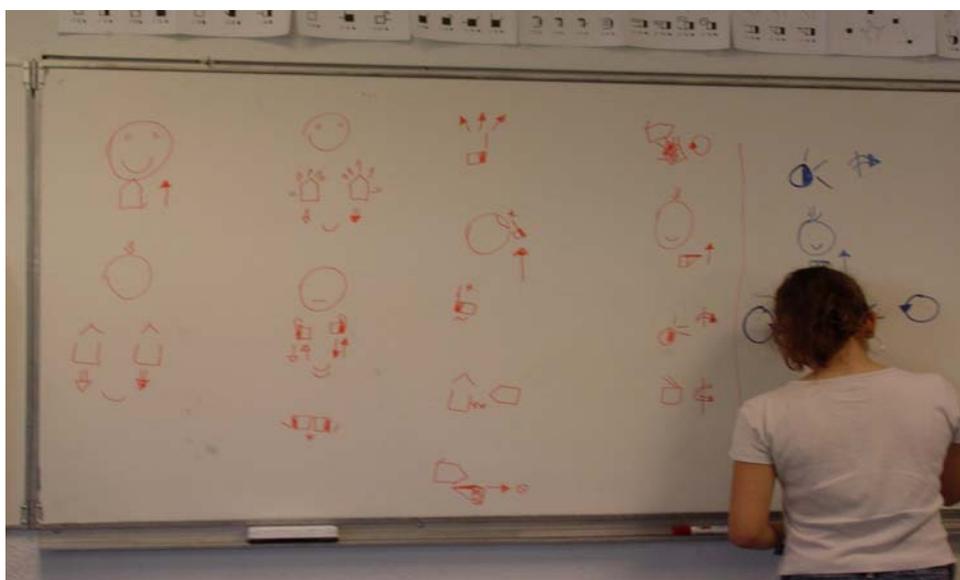


FIGURA 105: ALUNA RESPONDENDO A PERGUNTA NO QUADRO BRANCO

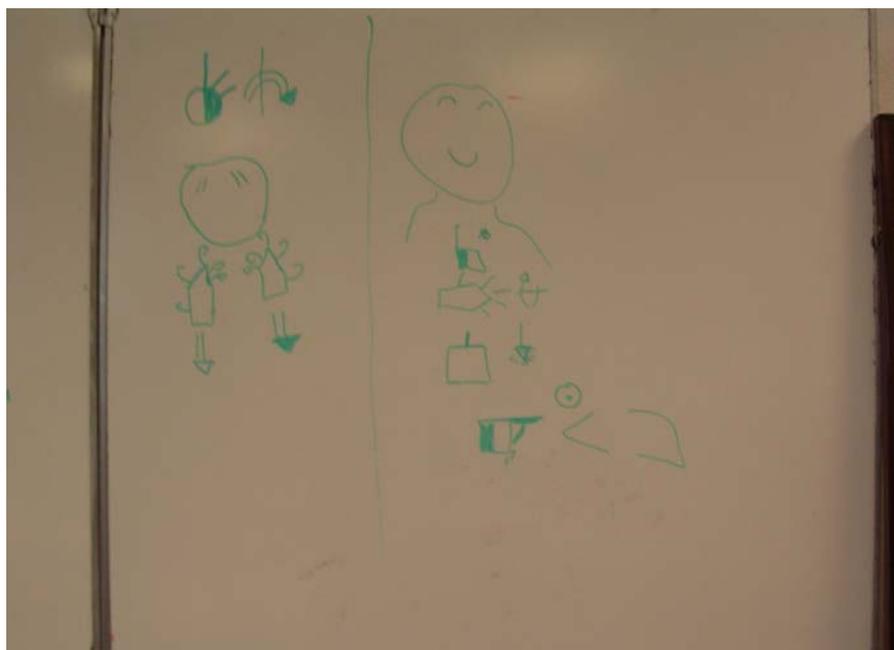


FIGURA 106: OUTRA ALUNA RESPONDENDO NO QUADRO BRANCO

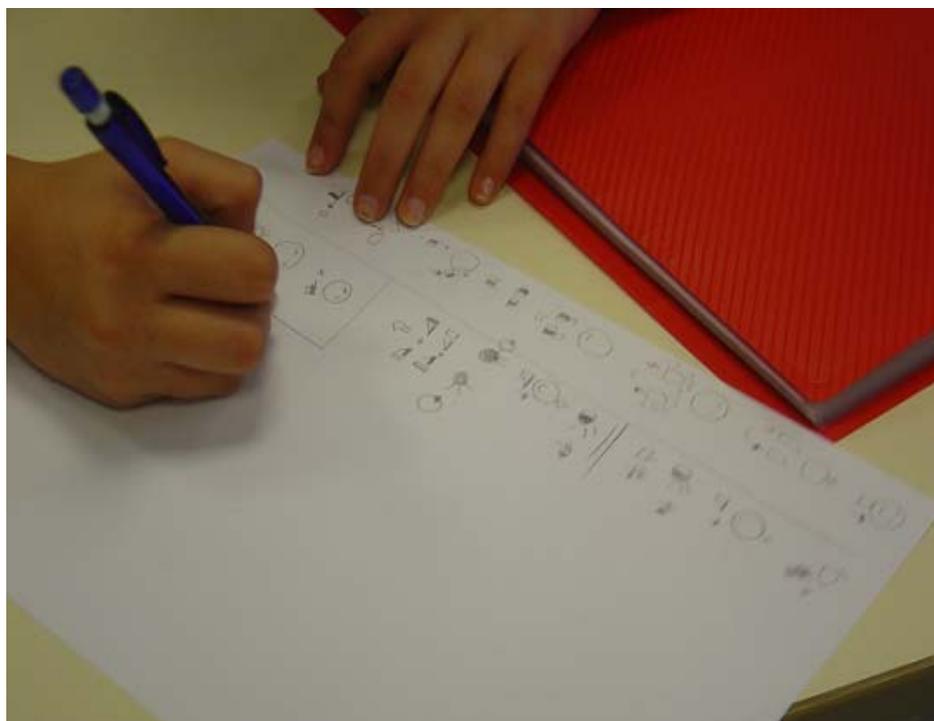


FIGURA 107: ALUNA COPIOU O QUADRO BRANCO

Dia 6 de junho de 2005

No Colégio Malraux, as quatro alunas chegaram as 16:10. A aula irá até às 17:00 horas. Voltei a distribuir as folhas com o texto de minha viagem a Paris e perguntei quais as dúvidas que ainda têm sobre os sinais escritos. Elas me apontaram alguns sinais escritos que escrevi no quadro para explicar. Anexo nº. 5. Depois elas fazem nova leitura do texto. Distribui folhas com a história do cavalo que não está completa para que elas completem a história.

Perguntei a elas se preferem escrever em grupo ou individual. Elas vão completar de forma individual e passaram a discutir como escrever os símbolos do corpo. Escrevi no quadro e expliquei os símbolos de corpo, movimentos de cabeça e braços. Uma aluna terminou a história do cavalo e tivemos tempo de olhar, Foi muito bem. As outras vão continuar em casa. Abaixo, história completa do ônibus:

História do ônibus completa:

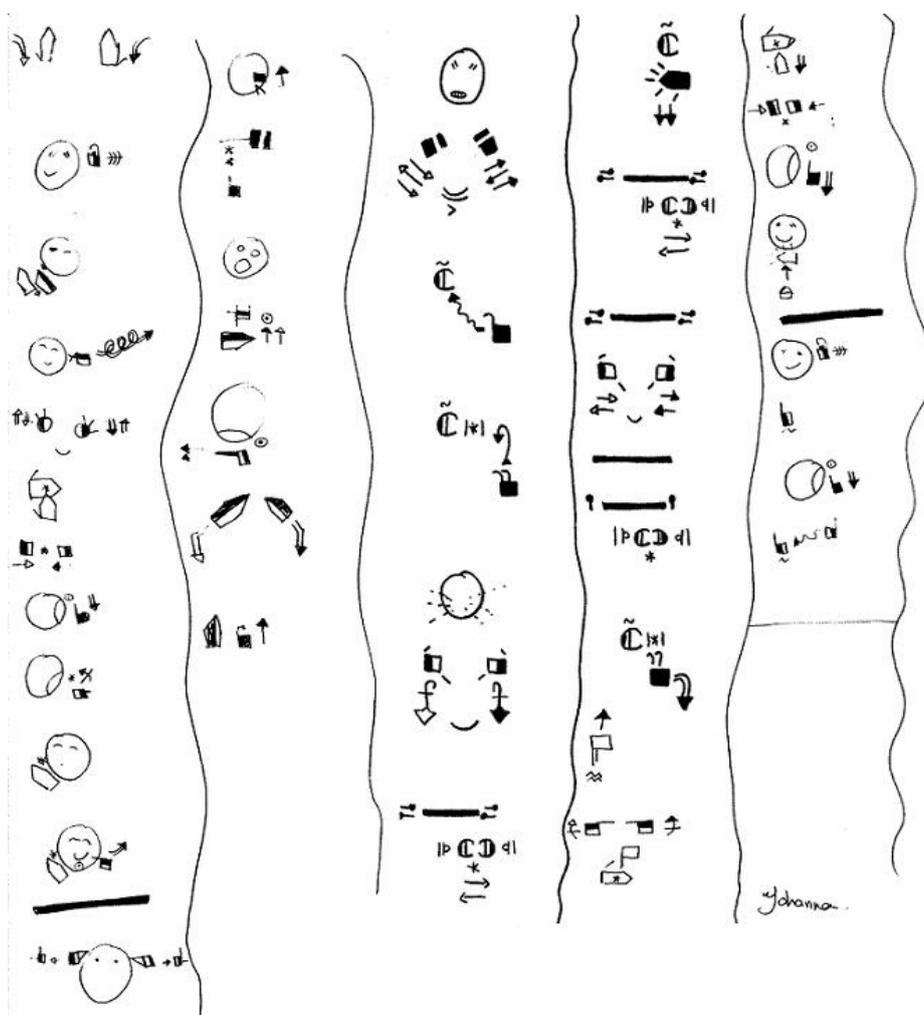


FIGURA 108: ALUNA ESCREVEU A HISTÓRIA DO ÔNIBUS

Dia 9 de junho de 2005

A aula foi das 13:00 às 14:00 horas. Escrevi a metade da história do bebê no quadro branco, e pedi para copiarem, pois o xérox não está funcionando. Só a professora auxiliar e duas alunas participaram na sala de aulas. Copiaram a história na folha, lemos o texto no quadro e conversamos sobre as dúvidas que surgiram. A história tem muitos símbolos do peito com movimentos e também movimentos dos braços e de como o bebê caminha. As dúvidas foram em sua maioria sobre as notações desses símbolos que representam os movimentos do corpo.

Dia 13 de junho de 2005

A aula foi das 16:10 às 17:00 horas. Fui ao Colégio e três alunas chegaram a sala de aulas, mas uma delas, precisou sair para uma aula de reforço. Distribuí as cinco folhas com a história do bebê completa, para cada uma delas. Usei o retroprojektor com lâminas da história do bebê e lemos juntas. A professora auxiliar participou. Surgiram novas dúvidas sobre os símbolos de movimentos e os espaços que os símbolos ocupam. Anexo nº. 11.

Depois de lermos algumas frases, perguntei se queriam contar o começo da história. Terminamos de ler a história, sendo a primeira leitura na qual analisamos cada sinal escrito. Na segunda leitura que lemos com o retroprojektor elas entenderam melhor. Gostaram muito da história do bebê e foram capazes de responder perguntas. Quem caminhou? Quem sentou? Porque usei os símbolos de parênteses? Porque escolhi um símbolo e não o outro?

Uma aluna fez uma pasta para colocar histórias em SignWriting da LSF para estudar, ela me mostrou a pasta, feliz.

Dia 16 de junho de 2005

A aula, no Colégio Malraux, foi das 13:00 às 14:00 horas. Quatro alunas e a professora auxiliar participaram. As três alunas que estavam na aula anterior continuaram a trabalhar para terminar a história do ônibus e depois terminaram também a história do cavalo com a mesma proposta de completar a história de uma forma mais extensa e elaborada. Algumas vezes elas me perguntaram como escrever os símbolos de movimentos e escrevi os sinais escritos no quadro-branco.

Distribuí a história dos convidados do gato para uma das alunas e para a professora auxiliar para que lessem a história. A história dos convidados do gato tem sete páginas e três questões. A professora e a aluna me perguntaram sobre os símbolos de movimentos que são os mais difíceis. Anexo nº. 10.

As outras alunas terminaram as histórias do ônibus e do cavalo e distribuí a história dos convidados do gato para elas. Uma aluna foi sentar junto com outra colega que já havia lido a história. Todas as alunas leram e compreenderam a história, mas não entenderam algumas questões. É a primeira vez que a história tem questões. Conversamos sobre as questões. No final da aula, elas sabiam que era a última, deram-me um presente de lembrança de Toulouse. Anotamos nossos mails para trocar correspondências. Uma aluna me deu uma carta como despedida. Anexo nº. 7.

Formação de professores de SignWriting em Toulouse

O curso de SignWriting para os professores, foi realizado na Escola Centre. Nos dias 20 a 30 de junho, de manhã das 8:30 às 12:30 horas e de tarde das 13:30 às 17:30 horas, com duas turmas diferentes, uma a da manhã e outra a da tarde. São oito professoras surdas divididas entre os dois turnos. São professoras de primária e maternal. O curso previa 24 horas, mas não foram suficientes para a aprendizagem de todo o sistema.

Também dei o mesmo curso para os quatro professores do Colégio de André Malraux, lá mesmo, em outros horários, constando de 20 horas de curso, também insuficientes.

Foi uma pena precisar separar os três cursos pela indisponibilidade de horários dos professores. Caso pudéssemos ter juntado poderíamos trabalhar mais horas e enriquecer as práticas pelas trocas de experiências, exercícios e muitas coisas. Não consegui trabalhar os softwares de SignWriting com eles, pela falta de tempo.

A correspondência

A professora auxiliar Juliette Dalle e eu, trocamos cartas em SignWriting adaptado à LSF e adoramos a experiência.

A primeira carta que escrevi para Juliette levei de casa para a sala de aula dos alunos do Malraux. Ela é professora lá e estava aprendendo junto com os alunos, desde o início das aulas de SignWriting. Ela progrediu rapidamente, recebeu minha carta, leu, respondeu e continuamos a nos corresponder em SignWriting, mesmo agora, que estou aqui no Brasil.

Na última carta que recebi dela os sinais escritos já estão muito bem organizados. As cartas são informais, incluem desenhos e canetas coloridas. Ela, quando começou, usava lápis, pois às vezes queria modificar o sinal já escrito e depois trocou para caneta preta. Anexo nº. 6.

7 RESULTADOS E ANÁLISE

Esta pesquisa foi realizada com o objetivo de compreender como as crianças e jovens surdos se apropriam da escrita da língua de sinais e de que forma o acesso ao computador por meio de softwares com ELS, pelo sistema SignWriting, pode dar suporte a essa aquisição.

Os resultados foram organizados em dois estudos, o primeiro contempla a apropriação da ELS e o segundo o apoio das tecnologias para essa aquisição. Não contamos ainda com outros estudos de apoio sobre essa aquisição que utilizem uma fundamentação construtivista, por isso ao apresentar os resultados estou destacando o processo metodológico e apresentando de forma detalhada às interações e produções dos alunos. Na Escola de Ensino Fundamental Frei Pacífico o processo de aquisição pode ser mais detalhado e melhor planejado, levando em conta os pressupostos teóricos piagetianos nas interações com as crianças. Houve tropeços e inadequações resultantes de minhas limitações e também do caráter inovador da proposta que foi uma experimentação. Foi uma pesquisa exploratória com a intenção de levantar possibilidades e indagações que espero, incentivem muitos outros pesquisadores, a construir novos conhecimentos nessa área.

Nas escolas francesas as atividades foram limitadas a um projeto que já estava posto e que era o de sensibilizar os alunos e professores a uma possibilidade de uma escrita de língua de sinais. No projeto constava também a aquisição do sistema SignWriting pelos professores da escola fundamental para que, depois de minha volta ao Brasil, pudessem continuar o trabalho com seus alunos. Meu papel lá foi pensado em um contexto de exigência de adequação às demandas da equipe de lingüistas e pesquisadores, autores do projeto. Como acontece nas interações humanas, nem tudo o que foi projetado aconteceu e muitas atividades não previstas se concretizaram. Minhas narrativas desse período trazem, em minha apreciação, a riqueza de oferecer a comunidade surda brasileira e a seus educadores e pesquisadores a visualização de um ensino bilíngüe já bastante amadurecido em um país de grande tradição cultural. Contudo, as interações fogem muitas vezes á metodologia proposta para adequar-se às condições do contexto que me condicionou às exigências do projeto LS-Script.

7.1 Primeiro Estudo

Este primeiro estudo pretende responder as questões de pesquisa relacionadas a como as crianças e jovens surdos se apropriam da escrita da língua de sinais e como sua leitura e escrita evoluem para uma comunicação escrita espontânea e natural adequada às mensagens que eles se propõe a compor.

Piaget chama função semiótica àquela que possibilita ao sujeito representar objetos ou situações que estão fora de seu campo visual por meio de imagens mentais. A representação é a condição básica para o pensamento existir. O que constitui a função semiótica e faz com que a criança ultrapasse a atividade sensório-motora é a capacidade de representar um objeto ausente por meio de símbolos ou signos, o que implica diferenciar e coordenar os significantes e os significados.

Na criança, o período sensório-motor, durante o qual os objetos só existem interdependentes da atividade do sujeito, é anterior à função semiótica. Nesse período, falta a evocação do ausente, o tempo e o espaço. Quando a criança consegue imitar um modelo ausente ela mostra que adquiriu a função semiótica. A representação permite que a criança organize o espaço e o tempo e se diferencie dos objetos. Pode então recordar e planejar. Associar suas ações no espaço e no tempo. Reconhecer-se como diferente dos outros indivíduos.

Sobre os sistemas de representação Ferreiro (1985), que acolhe a teoria piagetiana, ao analisá-los, diz que esse é um processo seletivo que retém alguns dos elementos, propriedades e relações do real e que o omitido é aquilo que deve ser re-introduzido no momento de interpretar. Quanto aos sistemas de representação ela diz, que a construção de uma primeira forma de representação adequada costuma ser um longo processo histórico, até se obter uma forma final de uso coletivo.

Quando a criança escreve, ela expressa suas idéias graficamente, por meio de um sistema cujo uso supõe a compreensão da sua forma de construção. Construir a escrita significa conseguir criar os elementos adequados à expressão das idéias e estabelecer entre eles a relação apropriada que reflita no texto a gramaticidade da língua. Para o usuário natural de uma língua, no caso as crianças surdas usuárias das línguas de sinais, essa compreensão da estrutura da língua acontece naturalmente ao ser posta em contato com a LS, como acontece com a criança ouvinte quando adquire a língua oral de seus pais. Foi partindo da tese de que a criança surda não difere, em seu desenvolvimento cognitivo da criança ouvinte, que os

teóricos do “Centre D'éducation de L'ouïe et de la parole de Montbrillant, Suisse”, nos anos 80, sustentaram a passagem de um ensino unicamente oralista para uma perspectiva de ensino bilíngüe, tomando como referencial o Construtivismo Piagetiano.

Considerando, a partir de Piaget (1947/1977), que toda criança constrói suas ferramentas intelectuais sobretudo na ação e na experimentação e acrescentando do sócio-construtivismo, a importância das relações sociais nas aprendizagens, demos particular atenção à participação ativa do sujeito e aos trabalhos de grupo, em nossas tentativas de propiciar às turmas de crianças e jovens, com quem trabalhamos, a aquisição do sistema de escrita SignWriting.

A metodologia utilizada possibilitou o desenvolvimento da escrita de língua de sinais em momentos distintos de interação, inspirados no método de exploração crítica das situações experimentais, objetivando explorar os conhecimentos das crianças nas atividades de aquisição do sistema SignWriting.

Partimos do interesse das crianças despertado pelo próprio objeto de conhecimento proposto e em conversas em sinais, para com a utilização dos recursos didáticos disponíveis, iniciarmos a apropriação do sistema SignWriting de escrita de língua de sinais.

Etapas da apropriação:

A progressão das hipóteses sobre a escrita segue a linha do desenvolvimento psicogenético que por sua vez reproduz algumas das etapas-chaves da evolução da história da escrita que vai do pictograma ao sistema puramente alfabético dos gregos. Esse fato permite supor que é necessária uma série de processos e reflexões capazes de superar obstáculos para tomar consciência de certas propriedades fundamentais da linguagem. Essas tomadas de consciência, acontecidas no plano social, desempenham um papel semelhante no caso individual que exige da criança, uma tomada de consciência do que ela faz com a linguagem quando fala para, ajudada pelo professor, passar desse saber fazer empírico para um saber conceitual.

Estudiosos da alfabetização das crianças em línguas orais, de diversas nacionalidades propuseram várias etapas que precisam ser vencidas pelas crianças no desenvolvimento da leitura e da escrita. Com base na teoria piagetiana, Ferreiro, (1982, 1985 e 1999) observa que a escrita infantil segue uma linha de evolução regular, dentro da qual podemos distinguir três grandes períodos e pontua, que graças à teoria de Piaget, pode descobrir um sujeito que reinventa a escrita, para fazê-la sua. Ela identificou no processo de construção do sistema de

escrita os níveis que o caracterizam de forma ampla, sendo que em seu interior ainda cabem múltiplas subdivisões, das quais não tratamos, por serem construções específicas da escrita das línguas orais.

No entanto, nossas tentativas da apropriação do sistema SignWriting, tiveram em mente essas etapas amplamente caracterizadas, quando realizamos nossas experiências, estabelecendo as relações possíveis no tratamento desse objeto de conhecimento, funcionalmente idêntico, mas essencialmente diferente.

Períodos de evolução da escrita infantil conforme Ferreiro:

O primeiro período é o da distinção entre os modos de representação icônico e não-icônico. A origem gráfica comum do desenho e da escrita faz com que apareçam inicialmente, para a criança, como marcas indiferenciadas no papel. A distinção entre o que é próprio do desenho representativo e o que é parte da escrita começa a ser estabelecida a partir dos 4 anos.

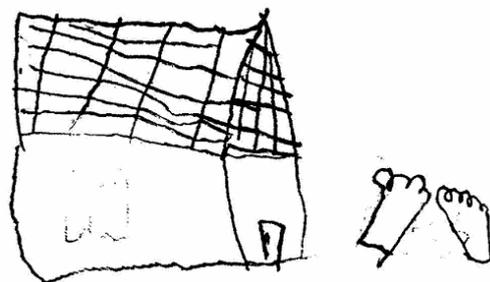
Tentativa de relacionar o primeiro período proposto por Ferreiro com a descrição das atividades das crianças:

No início exploramos a distinção entre os modos de representação desenho e escrita da língua oral mostrando, a cada página, o livro ilustrado de histórias infantis e as escritas em língua oral que acompanham as ilustrações. Dialogamos sobre a história, sobre as ilustrações e sobre as escritas. Reconhecemos que elas correspondiam à língua oral. A experiência de trabalhar a história no papel é habitual para as crianças, pois, a professora da classe conta histórias e mostra os livros ilustrados e escritos em português para as crianças, que em seguida, exprimem no caderno ou em folhas brancas, sua compreensão das histórias. Elas estão aprendendo a escrever a língua oral, pois são crianças de segunda série, com 8, 9 e 10 ano, que já estão sendo alfabetizadas em português.

As crianças não sabem que existe uma ELS, não viram nada do sistema SignWriting. Mas, trabalhamos juntas em língua de sinais e eu sinalizei que era professora de língua de sinais e que comigo não iriam escrever as palavras da língua oral.

As produções das crianças, reproduzidas abaixo, permitem observar que elas já diferenciam o que é desenho, e o que é escrever a história. Mostram compreender também a possibilidade de uma representação escrita dos sinais diferente da escrita da língua oral.

Nas produções podemos perceber que a diferença entre desenho e escrita está bem estabelecida, uma vez que desenharam os personagens e, ao lado, procuraram representar os sinais desenhando as mãos, não aparecem letras ou palavras escritas em português.



FIGURAS 109: DESENHO E SINAL DE CASA

No segundo período acontece a construção das formas de diferenciação dentro da própria escrita é o do controle progressivo das variações sobre os eixos qualitativo e quantitativo.

Depois que a criança consegue distinguir entre o desenho e a escrita ela começa a preocupar-se e a construir hipóteses sobre as diferenciações que acontecem no interior de cada uma dessas linguagens. No caso da escrita da língua oral, as crianças dedicam um grande esforço intelectual na construção de formas de diferenciação entre as diversas escritas. As variações se referem ao número de letras e a sua variedade. No uso do SignWriting observam as variações dos elementos que formam os símbolos.

Em nosso trabalho a observação conjunta, professor e alunos do trabalho das crianças que, ao contar a história, desenham mãos sinalizando é ponto de partida, para o diálogo seguinte, que introduz a possibilidade do sistema SignWriting como representação da língua de sinais. Aparecem os cartazes com símbolos do SignWriting.

Conforme Piaget (1970) a função semiótica possibilita à criança representar um objeto ausente por meio de um símbolo, ou de um signo, e a representação nasce da diferenciação e da coordenação combinadas, correlatas entre significantes e significados. Ao trabalhar a leitura e a escrita dos sinais pelo sistema SignWriting as crianças precisam tanto interpretar como produzir os elementos e suas relações a partir da reconstrução do sistema. A forma de fazer isso é ir adquirindo a representação simbólica pela observação dos sinais escritos. Trabalhamos conjuntamente a escrita para que a criança atue, não somente lendo, mas também, desenhando e escrevendo no quadro e no caderno.

Pela produção escrita das crianças podemos identificar as primeiras tentativas de associar o desenho das mãos sinalizando a uma representação correspondente do sistema SignWriting. Como o sistema tem referências também ideográficas muitos sinais escritos são reconhecidos rapidamente. A identificação começa a acontecer também em relação aos eixos

quantitativo e qualitativo quando começam a perceber as diferenças existentes entre os diversos elementos que compõe um sinal escrito (uma pilha).

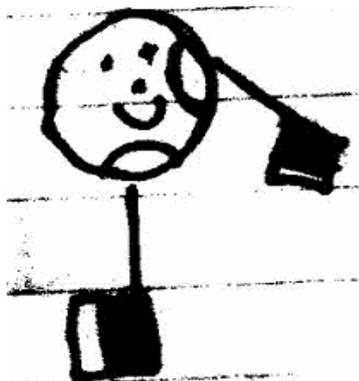


FIGURA 110: SINAL DE SURDO.

O terceiro período identificado por Ferreiro é a fonetização da escrita (que se inicia com um período silábico e culmina no período alfabético). É quando a criança vai descobrindo quais as partes da escrita (suas letras) podem corresponder a outras tantas partes da palavra oral.

Em nosso trabalho pensamos que esse período poderia ser relacionado ao reconhecimento da correspondência entre os elementos do símbolo em SignWriting com o correspondente sinal manual. Os primeiros elementos a serem reconhecidos são os três símbolos básicos de configuração da mão: punho fechado, punho aberto e mão plana. Observamos essas configurações nos cartazes e estabelecemos a correspondência dos três símbolos com as mãos sinalizando. Continuo explicando como são adicionadas linhas para os dedos nos mesmos símbolos básicos de configurações das mãos.

Procuramos associar o critério de fácil memorização do símbolo com o critério de significado para que o primeiro sinal pudesse ser uma aprendizagem simples e prazerosa para as crianças e também para os alunos maiores. Por exemplo, na Escola de Ensino Fundamental Frei Pacífico, o primeiro sinal trabalhado foi o de “mamãe” que corresponde ao dedo indicador estendido com a mão de lado, essa posição faz parte do grupo 1. Esse sinal possibilitou ampliar as experiências a serem relatadas pelas crianças e gerar uma cadeia de sugestões de outros sinais, que fomos escolhendo, de forma a ir introduzindo o sistema de escrita, obedecendo ao critério de iniciar pelo grupo um e ir avançando ordenadamente na série de grupos até chegar ao grupo 10.



FIGURA 111: SINAL DE MAMÃE.

Esse ordenamento não é rígido, pois permite o ir e voltar, nas construções do sinalário e das frases, mesmo de pequenos textos. As leituras e construções vão avançando de forma natural de acordo com os interesses manifestados pelas crianças. No entanto a organização em grupos norteia as aquisições formais.

Embora exista o critério de ir avançando, no processo de aquisição da ELS pelo sistema SignWriting, a partir dos dez grupos de configurações e, essa aprendizagem, inclua a cópia de listas das combinações possíveis para cada configuração, elas sempre são apresentadas antes da formalização, dentro do contexto do sinal escrito completo, que compreende a expressão facial, a configuração de mão, os símbolos de contato e de movimentos. A formalização vem num segundo momento quando os alunos já entenderam bem do que se trata.

Incentivamos ainda, a cópia dos sinais já construídos por elas, ou já apresentados a elas, como forma de aumentar a possibilidade de retenção na memória, de cada um dos detalhes específicos de um símbolo já compreendido.

A cópia de modelos perfeitos não apenas amplia o número de leituras de formas corretas, como estimula, de maneira natural, o processo de análise estrutural, que permitirá fazer com que ocorra a leitura real. O ensino da escrita poderá ser concomitante ou não ao processo, dependendo do nível de habilidade motora do aluno.

Na Escola de Ensino Fundamental Frei Pacífico, onde as crianças já escreviam em português, foi natural para elas utilizar à escrita de língua de sinais. Na França, com as crianças do Ensino Fundamental e com as do Colégio de André Malraux também. Ao contrário, na Escola Saju, com as crianças do maternal, as tentativas de escrever só foram bem sucedidas com um dos alunos. Segundo Piaget (1947/1977), o período perfeitamente propício à aprendizagem de sistemas reversíveis, como o da escrita, se dá a partir dos sete ou oito anos de idade, quando o conhecimento se constrói no indivíduo de uma forma já operacional,

embora ainda preso às percepções sensoriais. Essa idade mencionada representa uma média, portanto algumas crianças, poderiam se mostrar capazes de descobrir a leitura antes por apresentarem as citadas características operacionais, outras depois, mas elas seriam a exceção, não a regra.

As trocas simbólicas se constituem no elemento imprescindível para o desenvolvimento da representação por permitirem ao sujeito a interação afetiva com o meio. Não é a falta da língua em si que produz atraso cognitivo no surdo, mas à limitação em realizar trocas simbólicas com seu meio, provocado pela falta de um instrumento simbólico e de um ambiente adequado capaz de solicitá-lo e de exercitar sua capacidade representativa.

A limitação na aquisição da língua oral, mesmo na sua representação escrita constitui uma barreira a todas as aprendizagens escolares, fato exaustivamente relatado pelos professores de surdos.

Não é diferente a interpretação de Piaget (1970) que na obra *O Nascimento da Inteligência na Criança*, pela análise de várias condutas representativas, sugere a existência de elementos comuns entre elas e denomina esse mecanismo função semiótica, que é comum a todas elas. A interação entre as diversas condutas representativas como desenho, escrita e língua oral evidencia-se nas transformações que ocorrem, ao mesmo tempo, em cada uma dessas representações e isso acontece porque todas são processos do mesmo sujeito. Esse sujeito piagetiano que constrói o conhecimento por meio de suas interações com o objeto e ao mesmo tempo constrói-se como sujeito numa interdependência contínua entre a experiência e a razão. Pode-se aprofundar mais essa relação entre os processos de apropriação da ELS com o processo de aquisição da escrita da língua oral das crianças surdas.

As experiências realizadas, com a aquisição do SignWriting parecem guardar relação com as grandes etapas da alfabetização em língua oral das crianças ouvintes, propostas por Ferreiro que se fundamenta na teoria de Piaget. Acrescenta, a meu juízo, dois componentes fundamentais ao processo de alfabetização que, habitualmente não se evidenciam, quando a alfabetização em língua oral é desenvolvida com as crianças surdas:

1 – O aspecto afetivo - A criança surda quando se depara com a aprendizagem do SignWriting sente-se gratificada, sente-se feliz. O reconhecimento de que sua língua de sinais também é importante, também pode ser escrita, a relação que se estabelece entre os colegas para cooperar e trocar conhecimentos, as produções animadas, o poder contar em casa que são possuidores de um conhecimento reconhecido pela escola, são fatores entre outros, de apropriação de um sentimento de auto-estima, do qual elas muitas vezes carecem e de empenho em aprender.

2 – O aspecto de evolução na aprendizagem - A rapidez com que elas conseguem adquirir o sistema, começam a ampliar seu sinalário e a construir mensagens faz com que se sintam estimuladas a avançar. As dificuldades que encontram são dificuldades possíveis de serem superadas, ao contrário das encontradas na escrita da língua oral, que ensinada aos surdos, com os mesmos métodos que aos ouvintes, não respeita o raciocínio nem a lógica da criança surda.

Resultado da observação da participação dos alunos nas aulas de escrita de língua de sinais pelo sistema SignWriting

O processo de alfabetização em SignWriting e a evolução para o letramento, na minha percepção, mostrou-se funcional nas situações de aprendizagem ocorridas durante as interações realizadas com as crianças da Escola de Ensino Fundamental Frei Pacífico e também nas experiências de que participei na França. Apareceram diferenças individuais, no ritmo da aprendizagem, na memorização dos conteúdos, no interesse por aprender, mas nenhum aluno deixou de participar por não conseguir, ou de ir avançando em suas aquisições.

Se há alguma dificuldade de representação no sistema, a ser estudada, não apareceu nas atividades com as crianças. Há que considerar que as interações em língua de sinais das crianças da Escola de Ensino Fundamental Frei Pacífico ficaram em um nível de pouca complexidade, considerando que usam a Libras há muito pouco tempo e as aulas da língua acontecem só uma vez por semana. Como é natural, o conhecimento elementar da língua condiciona também as atividades da escrita.

Em Toulouse, tivemos aproximadamente menos horas aula com cada turma, mesmo assim conseguiram obter uma boa compreensão do sistema. Os alunos maiores poderão continuar a aquisição do SignWriting sozinhos, se desejarem.

Foi proveitosa e interessante a experiência realizada com os familiares na Escola de Ensino Fundamental Frei Pacífico. Os pais passaram a valorizar mais a Libras e a reforçar as aprendizagens da língua e a comunicação em sinais com seus filhos.

A proposta de minhas intervenções previstas no Projeto LS-Script foi a de sensibilizar os diversos grupos da escola primária (educação infantil) para a possibilidade de uma escrita de sinais e de iniciar a aquisição do sistema até onde fosse possível. Aos professores seria ministrado um curso para aprender o sistema e depois poderem dar continuidade ao processo, junto aos alunos.

Aconteceu que o apelo da inovação, que constitui essa aprendizagem mobilizou outros grupos para o contato com o SignWriting, como foi o caso dos alunos do Colégio Malraux (ensino fundamental), da associação para uma educação bilíngüe de Poitiers, do grupo da associação de surdos de Toulouse e também, a curiosidade do Prof. Dalle em ver como seria a tentativa com as crianças do maternal.

Essa última experiência levou à conclusão de que para essa faixa etária é necessária uma abordagem diferente daquela experimentada com as classes das crianças maiores que já estão sendo alfabetizadas na língua oral.

Na escola maternal a leitura dos sinais escritos deveria ser apenas uma leitura lexográfica, de signos escritos representando sinais e frases do interesse das crianças dessa idade, muitos cartazes com poucos signos escritos. Poderíamos também contar muitas histórias e mostrar os sinais grafados para que pudessem ir observando a escrita de língua de sinais em muitas situações.

A aprendizagem da ELS pelo sistema SignWriting evidenciou que não é muito diferente da aprendizagem da escrita das línguas orais e uma etapa de sensibilização à sua escrita, idealmente, deveria se equiparar com a das crianças ouvintes que, antes de começarem sua alfabetização, já tiveram inúmeros contatos com a escrita da língua oral em todo seu entorno.

Não penso que o SignWriting só possa ser aprendido por crianças já alfabetizadas na língua oral. O que acontece é o fato de que as crianças precisam estar prontas para iniciar a alfabetização formal em SignWriting, como as crianças ouvintes precisam estar prontas para iniciarem a alfabetização formal da língua oral.

Minha experiência ao trabalhar com os alunos do fundamental da Escola Centre consistiu numa troca de aprendizagens: aprendi a LSF com eles e ensinei como escrever os sinais escritos nas aulas de SignWriting.

Um impedimento importante a melhores resultados foi o de não ter podido acompanhar e participar das reuniões pedagógicas e planos de aula. Seria muito mais rico o processo se tivesse podido trabalhar com as professoras um planejamento integrador, para o dia a dia, no qual os sinais escritos correspondessem ao que elas estavam trabalhando com os alunos. Isso não aconteceu, entre outros motivos, porque houve resistência do grupo de professores a uma tecnologia nova que não lhes pareceu interessante e foi praticamente imposta.

A turma de CM1 gostava muito das aulas de SignWriting e mostrou mais interesse do que as turmas de alunos mais novos. O tempo reduzido prejudica as interações com crianças,

quanto mais jovens as turmas, mais necessidade de tornar as aprendizagens uma brincadeira. As atividades eram planejadas de acordo com os grupos, mas as várias implicações que eu tinha como professora visitante e estrangeira, portadora de uma proposta muito diferenciada, com um objetivo concreto a ser implementado, em um curto espaço de tempo, impuseram limites aos encontros que nem sempre estiveram perfeitamente adequados ao desenvolvimento e aos recursos dos grupos.

A ação interessada se manifestou principalmente na manipulação dos jogos e materiais, corrigir colegas que estão escrevendo no quadro, chamar o professor para perguntar, trazer e caprichar no caderno.

Os jogos didáticos são recursos importantes para a aprendizagem da leitura e da escrita, desenvolvem também as atitudes de comportamento, convivência, organização e participação. As crianças gostam muito de jogar.

Quando do término do curso de formação, para as professoras, elas manifestaram a intenção de organizar o currículo para poder trabalhar o SignWriting com os alunos. Elas passaram a acreditar que os alunos vão aprender melhor o francês se entenderem como é a estrutura da língua de sinais e souberem como a escrever.

Ilustro com alguns fragmentos da pesquisa de campo essas considerações:

As aulas seguintes com os pais começaram com as tentativas de lerem o texto em SignWriting e perguntarem suas dúvidas. Depois, aprenderam a escrever os sinais escritos construindo frases. Tivemos aproximadamente vinte horas aula e eles conseguiram obter uma boa compreensão do sistema. Podem continuar sozinhos se desejarem. A possibilidade de acesso e interação com os pais e colegas, assegura resultados significativos de aprendizagem, também para as crianças, pois cria um ambiente envolvido com o mesmo interesse. Fizeram alguns trabalhos em grupo, ou individuais, para construir o dicionário, poesia e historinhas.

Querem mais jogos, avisei que vamos deixar para outro dia.

Escrevi só a primeira posição de símbolo de configuração da mão e eles continuaram escrevendo as posições de símbolos das configurações das mãos até completar todas. Percebi que eles estão adquirindo as posições de símbolos, pois escreveram rápidos. O grupo quatro é mais fácil do que grupo três, pois são de sinais mais usados.

Depois escreveram os sinais de seus nomes, mostravam com o alfabeto manual e SignWriting no quadro-negro. Alguns olhavam o cartaz com o alfabeto manual e a correspondência em SignWriting. A professora surda ficou admirada de como eles aprenderam com rapidez.

Fui à sala de aula da professora surda onde estão as crianças, elas me olharam e ficaram felizes porque voltei a trabalhar com elas e perguntaram por que estava demorando a voltar.

Comecei a trabalhar pergunta e resposta escrevendo uma frase em SignWriting da LSF no quadro “qual cor gosta?”. Eles lêem juntos, não conhecem o sinal escrito de gostar então mostrei para eles o sinal de gostar, logo associaram ao sinal escrito e repetiram a leitura da frase que entenderam completamente.

Sentamos a mesa e eles abriram os cadernos para construirmos os sinais escritos de cada um. Uma aluna opina que é fácil, outro aluno diz que pode ser fácil ou difícil, depende do sinal escrito. Pedi que tentassem primeiro nos cadernos para depois irmos ao quadro e finalmente cada um colocaria o seu sinal escrito em uma folha branca para pendurar. Trabalhamos assim até que todos colocaram a folha com seu nome pendurada no armário. Foi muito alegre porque faziam brincadeiras uns com os outros sobre como escrever seus nomes.

Distribuí a história do cavalo, que não está completa. Nós lemos juntos os sinais e eles querem escrever a historia completa. A menina estava cansada, e escreveu um final bem simples. O outro aluno que estava animado com a história do cavalo escreveu o final da história muito bem, perguntando como escrever alguns símbolos de movimentos.

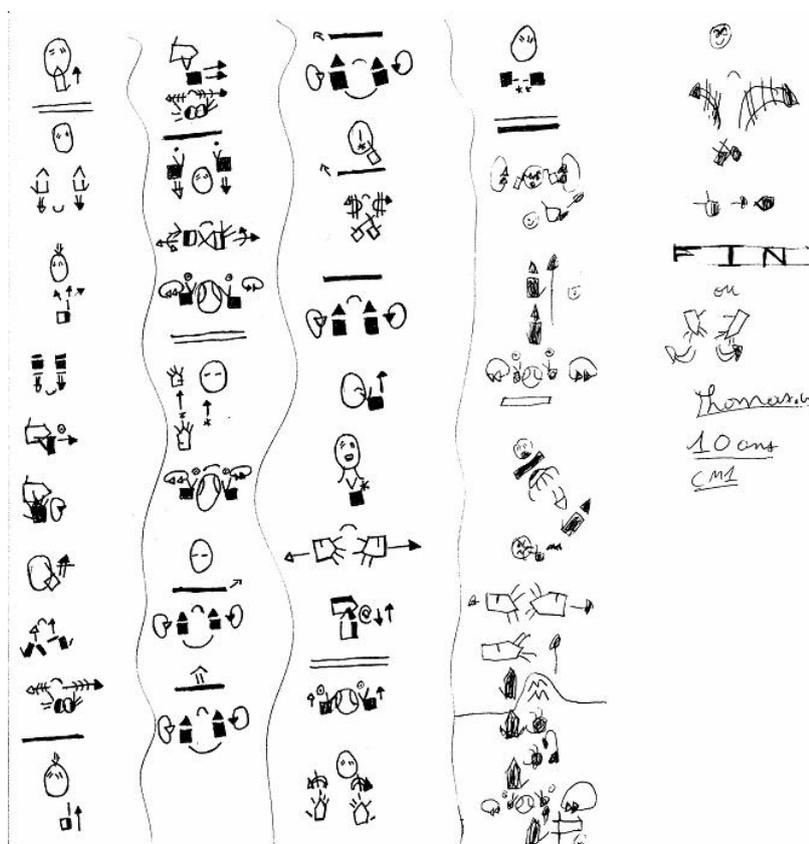


FIGURA 112: O ALUNO ESCREVEU A HISTÓRIA DO CAVALO.

Uma aluna fez uma pasta para colocar histórias em SignWriting da LSF, para estudar, ela me mostrou a pasta, feliz.

Gostam muito de ler textos em SignWriting e de ler quando escrevo no quadro. Querem continuar a ler textos.

Sobre se a escrita do SignWriting da LSF ajuda a desenvolver a LSF, responderam que sim, amplia os conhecimentos das configurações das mãos. Quando vêem um símbolo passam a refletir sobre qual o sinal que corresponde ao símbolo prestam atenção nos diferentes símbolos.

Também ajuda muito a identificar espaço certo onde sinalizar, que antes não percebiam. Elas aprenderam à língua francesa e as regras de estrutura, logo que começaram aprender a ELS perceberam que não sabiam que a LSF também tem regras de estrutura.

7.2 Segundo Estudo

Experimentos realizados nas aulas de informática com o sistema de escrita de língua de sinais SignWriting e o uso de softwares educacionais

Essa segunda parte da pesquisa trata da ajuda que a informática, por meio de softwares educativos específicos, pode dar às crianças surdas em sua aprendizagem do sistema SignWriting. Assim, nesse segundo estudo, pretendo responder a duas questões de pesquisa que tratam de como o acesso ao computador por meio de softwares com SignWriting pode apoiar a aquisição da ELS e de como usar a escrita de SignWriting a partir de um editor de textos para transcrições de vídeos em língua de sinais.

Na primeira parte apresento os software que utilizam SignWriting fazendo uma breve avaliação. Na segunda parte trato de como foi o processo de utilização do software como apoio a aquisição da ELS, apresentando vários momentos dessa atividade.

Na terceira parte trato da transcrição que transforma dados sinalizados, que estão em vídeo, numa forma gráfica para poder estudá-los. O termo formas gráficas é bastante genérico, podemos mesmo dizer que um vídeo é uma forma gráfica. No caso a funcionalidade buscada, pela equipe de lingüistas do projeto, é a de permitir a produção direta de enunciados escritos em LSF não em um sistema de transcrição construído sob o princípio da língua oral, mas em um sistema que parta das especificações lingüísticas das línguas de sinais. A notação em palavras da língua portuguesa que aparece abaixo das escritas em SignWriting é um dado que acrescentei para ampliar a possibilidade de estudo aos pesquisadores brasileiros.

8 SOFTWARES UTILIZADOS NA PESQUISA

As ferramentas para produção escrita construída com as novas tecnologias que usam os softwares educacionais de SignWriting vão aumentar muito nossas possibilidades de comunicação pois que colocam a cultura própria do surdo como foco de atenção.

O SW-Edit criado pelo grupo de pesquisas da Universidade Católica de Pelotas – UCPel como parte do projeto SignNet (<http://sign-net.ucpel.tche.br>) pode ser descrito como uma interface projetada para pessoas surdas visando à edição de textos por meio do sistema de ELS denominado SignWriting. Possui outras funcionalidades como:

- Inclusão de textos escritos em português
- Inserção de figuras e imagens
- Base de dados expansível
- Possibilidade de fazer traduções
- Dicionário de sinais

Foi concebido para auxiliar o usuário surdo na criação de textos em língua de sinais, baseado no sistema de representação de sinais SignWriting. O sistema consiste de um editor, chamado SW-Edit, para criação dos textos propriamente ditos, e da ferramenta AlfaEdit, que auxilia na atualização dos conjuntos de símbolos utilizados no editor. Ambos foram desenvolvidos especialmente para os surdos, com interfaces que exploram a capacidade de interpretação visual dos surdos através da utilização de figuras onde normalmente seriam utilizados textos.

Rafael P. Torchelsen
 Antônio Carlos Rocha Costa
 Graçaliz P. Dimuro

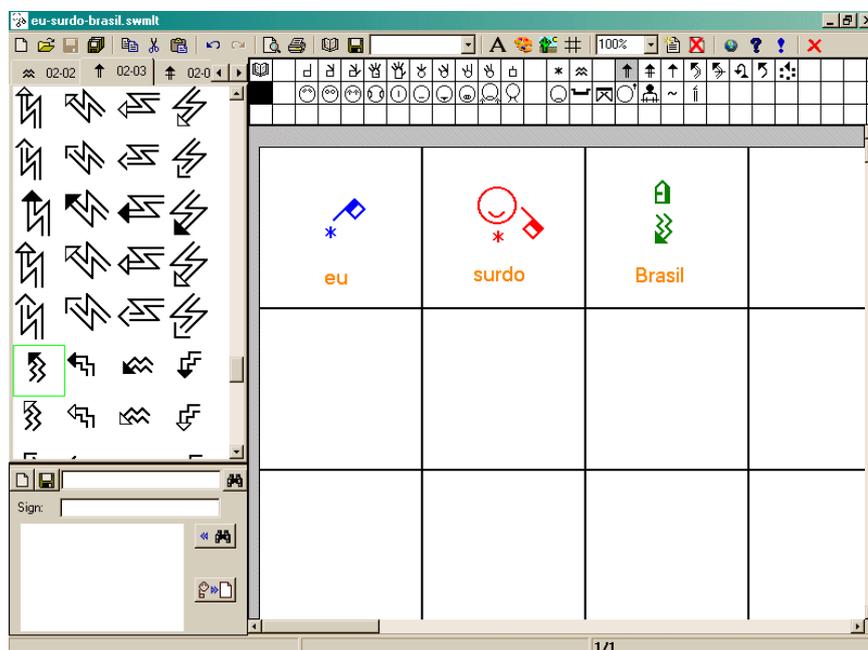


FIGURA 113: SOFTWARE DE SW-EDIT.

Como usar o SW-Edit:

Clica o símbolo que quer... move o símbolo na caixa.

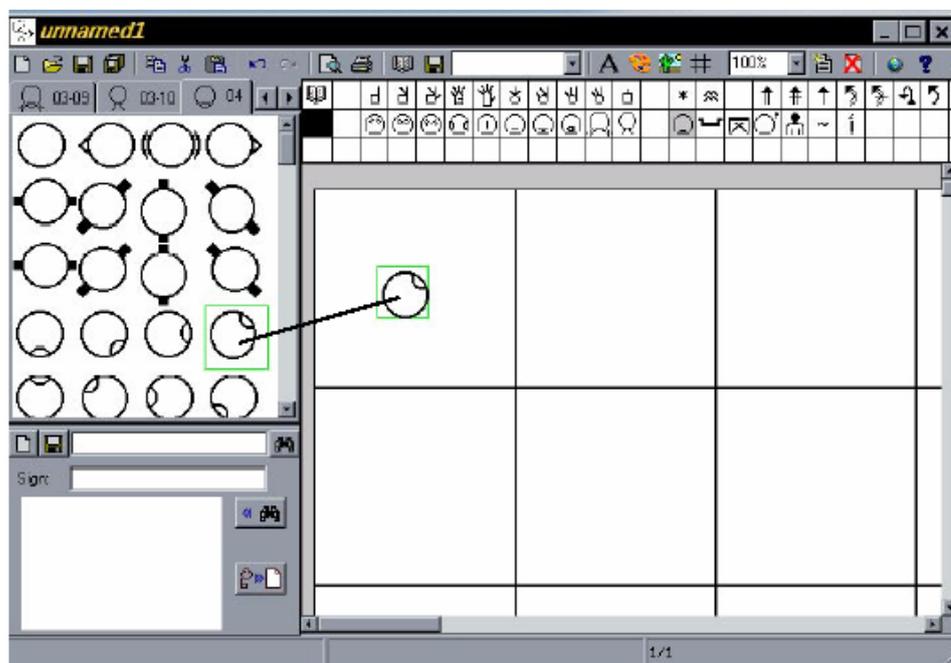


FIGURA 114: SÍMBOLO NO TEXTO.

Repete o processo. Clica o símbolo do grupo, e então clica o símbolo, e move o símbolo na caixa.

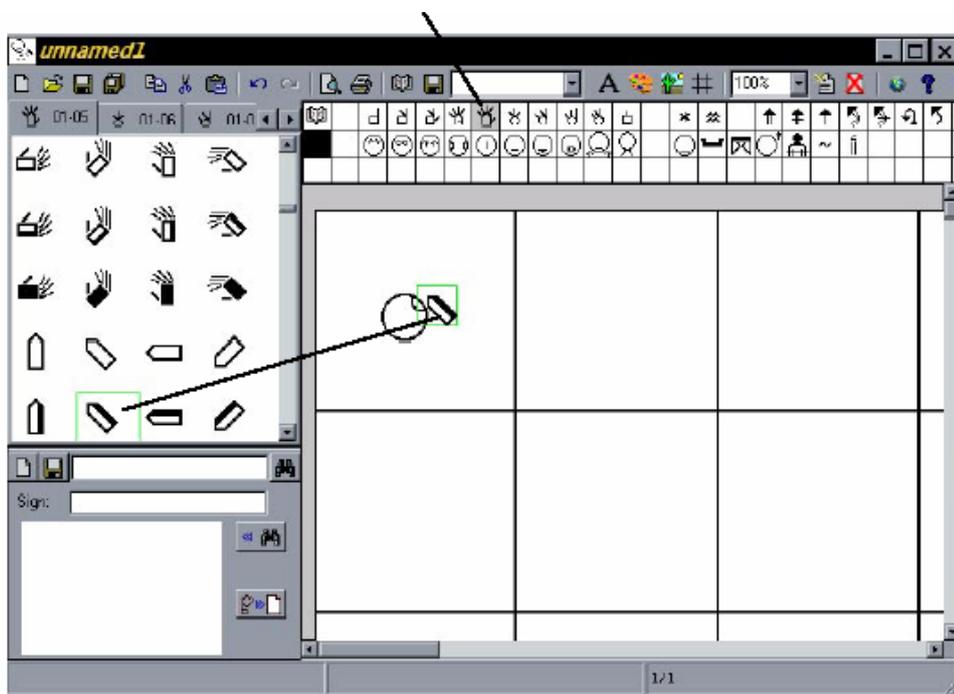


FIGURA 115: ESCOLHA OS SIGNOS.

8.1 O Sign Writer

O Sign Writer é um editor de textos em língua de sinais para o sistema operacional DOS, desenvolvido em 1986, por Richard Gleaves ligado ao Deaf Action Committee - DAC. O programa Sign Writer possibilita gerar um texto em SignWriting, inclui um conjunto de dicionários contendo traduções de palavras usuais de mais de uma dúzia de línguas de sinais. Isso ajuda bastante não só na utilização do programa como tal, mas também no aprendizado do sistema Sign Writer.

O Sign Writer não é indicado para o aprendizado da língua visto que foi desenvolvido para pessoas que já tenham conhecimento e habilidade para se comunicar através dessa língua. Sinais, dactilologia e português podem ser escritos no mesmo arquivo. A configuração dicionário de sinais lhe dá rápido acesso a sinais já impressos. É necessário informar as configurações de mãos, os movimentos, o tipo de contato e as expressões faciais quando existirem e forem relevantes.

Toda a escrita de língua de sinais é feita através do teclado onde as teclas correspondem aos grupos do SignWriting. Por exemplo, a tecla da letra 'A' no teclado corresponde ao grupo 1, a tecla 'S', ao grupo 2, e assim sucessivamente, conforme ilustrado na figura 116. Após aparecerá, na parte inferior da tela, até dez variações do símbolo/grupo escolhido. Por exemplo, ao ser digitada a tecla referente ao número 1, aparecem os símbolos para expressão facial baseadas naquele tipo de sobrancelha, conforme a figura 116. Para escolher uma entre as diversas variações de sobrancelha, deve-se, novamente, selecionar a tecla que corresponde à posição do símbolo na fileira mostrada.

Valerie Sutton - Center for Sutton Movement Writing - <http://www.signwriting.org>

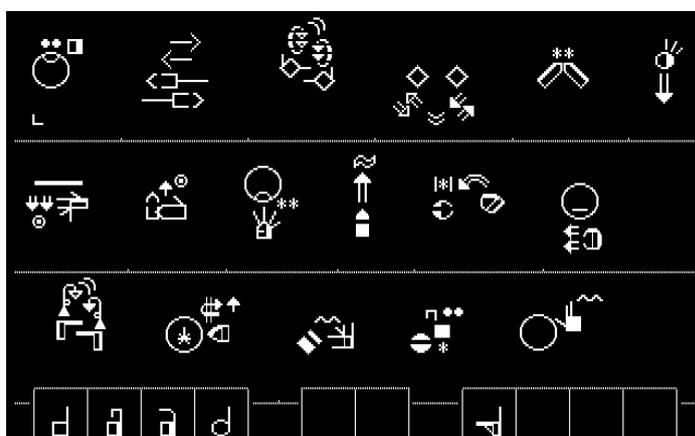


FIGURA 116: SIGN WRITER – OPÇÃO ESCRITA DE LÍNGUA DE SINAIS

Manual do Sign Writer – teclado do Sign Writer

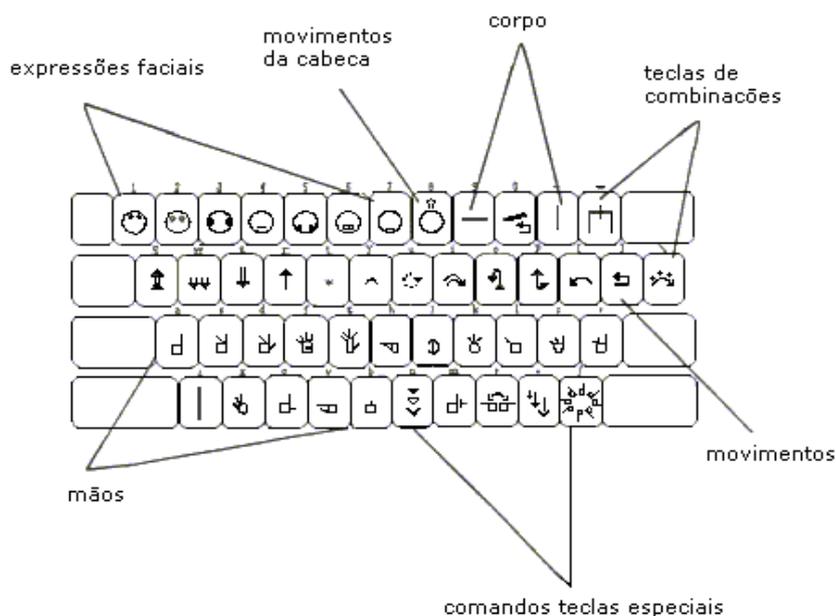


FIGURA 117: TECLAS ESPECIAIS

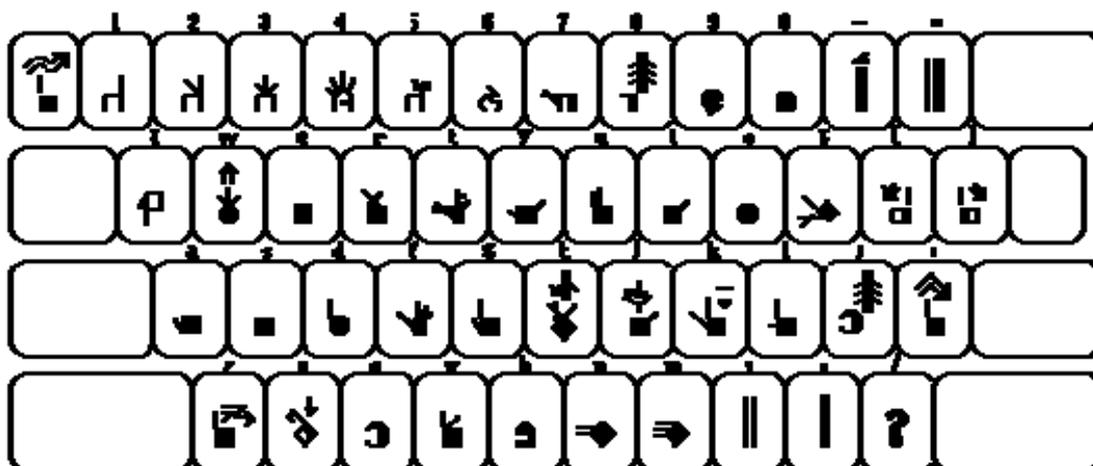


FIGURA 118: TECLADO DE SIGN WRITER

Lugar dos Dedos

1. Cada tecla do teclado representa um grupo de símbolo. Por exemplo, os símbolos na tecla A são todos da posição da mão que usa o dedo indicador. Aperte a tecla A. Aparecerão pequenas janelas (no fundo ou na parte mais baixa) da tela. No interior das janelas estão todas as posições da mão que usam o dedo indicador.

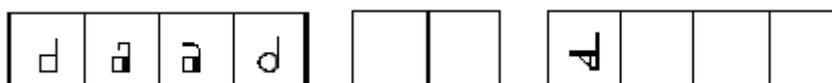


FIGURA 119: LUGAR DOS DEDOS

2. As 10 janelas representam as teclas da fila do meio. A fila do meio é a segunda fila de teclas no seu teclado. As teclas dessa fila são: A S D F G H J K L ;

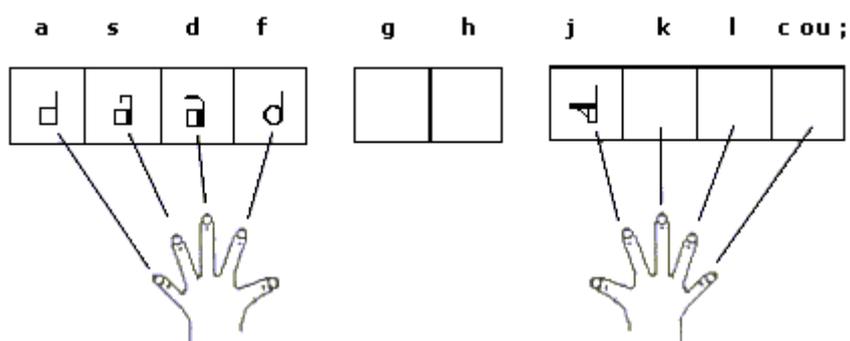


FIGURA 120: OS DEDOS NAS TECLAS

3. Seus dedos devem descansar suavemente nas teclas quando você digita Sign Writer. Os dedos da sua mão esquerda devem descansar nas teclas J K L ;. Isto vai ajudar você a digitar rapidamente.

Comandos Gerais:

Escolher (ALT + E): Escolher um pedaço de um sinal escrito para escrever

Para piscar (ALT + E ou ALT + ,): Para de piscar o sinal escolhido

Copiar (ALT + C): Copiar um pedaço de sinal escrito. Primeiro escolhe, depois copia

Apagar (ALT + A): Apaga o sinal escolhido

Margem (ALT + M): Junta na linha do cursor

Refazer (ALT + R): Refazer ALT + C ou ALT + A

Obter (ALT + O): Copiar sinal selecionado de um arquivo para outro

Transferir (ALT + T): Colocar o cursor no início ou no fim do arquivo, ou no sinal selecionado

Cancelar (ESC): Cancela escolha.

Comandos para editar sinais

N: quando pinta mão (palma vertical, lado vertical, dorso vertical, palma horizontal, lado horizontal, dorso horizontal). Quando pinta flecha (mão direita, esquerda, as duas juntas)

M: para de piscar e move o cursor ao redor do sinal

,: vira sinal para esquerda ou direita

. : muda tamanho do sinal

; : gira o sinal

8.2 SignPuddle 1

O original SignPuddle⁷ está hospedado no SignBank. É ativamente usado em muitas línguas de sinais e possui vários adicionais fora dele.

- Ferramenta de dicionário on-line
- Criar sinais escritos
- Pesquisar o símbolo ou explicações
- Criar sinais no e-mail
- Editar destaques simples

SignPuddle 2

Atualmente está sendo desenvolvido. Ficou pronto para testes no fim de maio de 2005. O primeiro dicionário será disponibilizado quando tenha assegurado sua qualidade.

1. Aperfeiçoar a versão do Sign Puddle 1
2. Massiva simplificação e clareza
3. Ajuda on-line com um único click
4. Suporte multilíngüe com código único
5. Hospeda versões de textos

Para usar o SignPuddle é preciso escrever a palavra em português no campo para o dicionário on-line mostrar o sinal escrito correspondente. Para escrever um e-mail escreve -se as palavras em português no campo. Clica botão de submeter que edita o mail com escrita de língua de sinais.

⁷ <http://signbank.org/signpuddle/sgn-BR/index.php>



FIGURA 121: O SITE DE SIGNPUDDLE

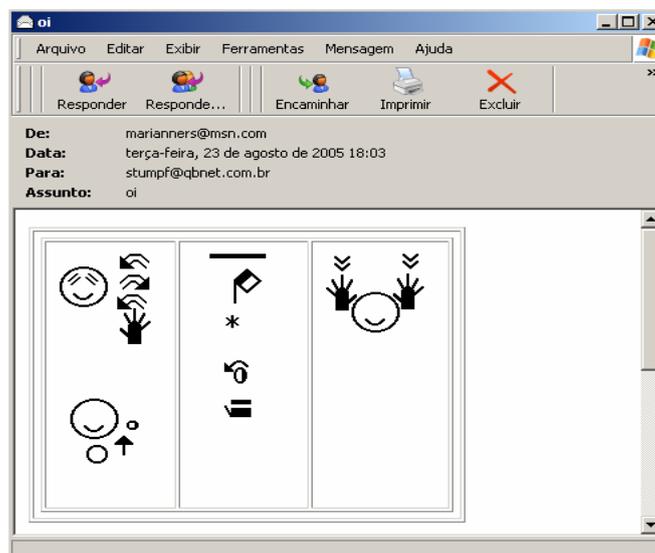


FIGURA 122: E-MAIL EM SIGNWRITING

9 RELATOS

Os participantes do segundo estudo são os mesmos da primeira coleta, ou seja, os mesmos alunos da Escola de Ensino Fundamental Frei Pacífico. O diário de campo consta das narrativas da introdução das crianças ao uso do computador e da apropriação da ELS mediada pelo uso do Software Sign Writer.

A turma é a da terceira série da Escola de Ensino Fundamental Frei Pacífico com sete alunos. Total de 13 horas de trabalho.

Voltei a trabalhar com as crianças na Escola de Ensino Fundamental Frei Pacífico, agora para aulas de informática. Meu trabalho com os alunos começou em abril de 2004, aconteceu às quintas-feiras das 14:15 às 15:30 horas, depois trocamos para as quartas-feiras das 16:30 às 17:30 horas. Esse ano a professora regente da classe é a profa. A que é professora da turma da terceira série, na qual estão as crianças com quem trabalhei no ano passado. Ela é ouvinte e quer aprender a escrita de sinais, às vezes assiste nossa aula. Os alunos são A, L, I, N, T, Al e Ta. Os dois, Al e Ta são novos alunos que ingressaram na turma da terceira série. Todos os alunos sabem bem a língua de sinais e conhecem o SignWriting, os dois alunos novos não conhecem o sistema SignWriting.

A aluna N sempre acompanha a Ta e às vezes N ensina e demonstra para Ta como escrever os sinais escritos. T e A acompanham o Al, às vezes o Al aceita a ajuda, em outras ocasiões ele não quer aprender o SignWriting. A turma de terceira série vai começar a usar o software Sign Writer e para isso precisa conhecer bem o SignWriting, para poder digitar os sinais escritos. A maior dificuldade no trabalho com a turma será a de conseguir incluir dois novos alunos, que não conhecem o sistema SignWriting. Na sala de informática temos seis computadores com Windows 98, em um dos computadores consta Internet. Há mais dois computadores que são próprios dos fonoaudiólogos e não podemos usar, mas estão na sala de informática. O software Sign Writer é compatível com o Windows98.

1 de abril de 2004

Hora: 14:15 até 15:15

Vamos trabalhar na sala de aulas, não na sala de informática. Dei dois cadernos para os dois alunos novos e anotaram seus nomes próprios em português. Revisamos cada símbolo com sua forma de configuração da mão, os alunos mostravam as configurações para ver se correspondiam ou não. Alguns lembraram e escreveram os símbolos no caderno, os alunos

novos acompanharam observando. Dei mais atenção aos alunos novos e fizemos exercícios para revisar algumas configurações das mãos e sua correspondência com os símbolos, ajudei escrevendo no quadro e a classe ia participando com suas propostas. A figura mostra o exercício para ligar o desenho da configuração da mão com o símbolo correspondente.

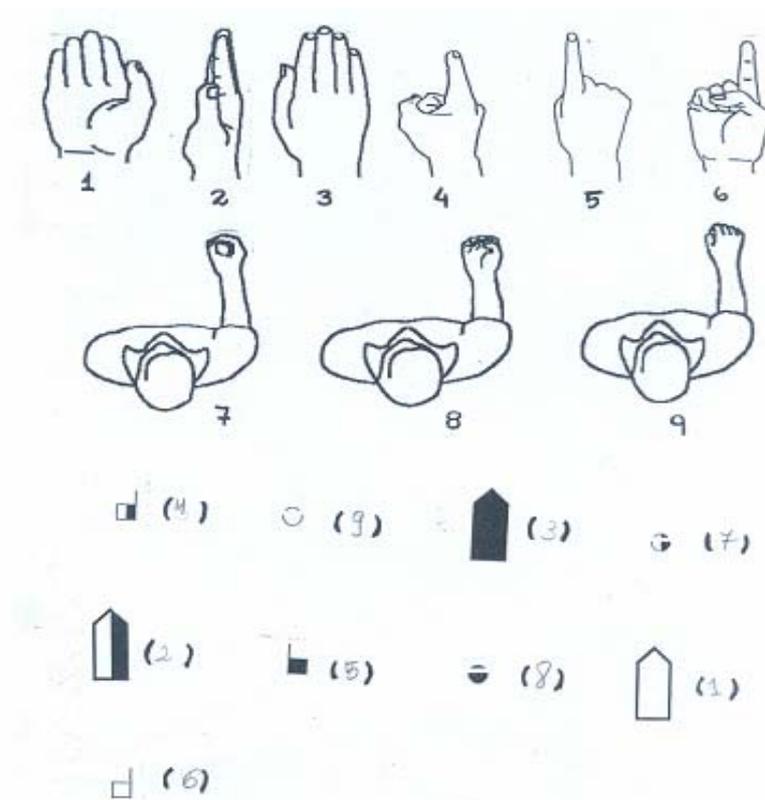


FIGURA 123: O EXERCÍCIO PARA LIGAR O DESENHO DA CONFIGURAÇÃO DA MÃO COM O SÍMBOLO CORRESPONDENTE.

15 de abril de 2004
Hora: 14:20 até 15:30

Continuamos a revisão dos sinais escritos. Fizemos em conjunto exercícios com os elementos dos signos correspondentes às primeiras posições das configurações das mãos e as crianças continuaram a completar as posições com os outros símbolos correspondentes às outras configurações das mãos. Jogaram os jogos de memória com as configurações das mãos e o dominó, utilizaram o cartaz com o alfabeto manual para combinar com os cartõezinhos do alfabeto manual de SignWriting. Depois dos jogos escreveram exercícios em seus cadernos e fiz perguntas sobre o significado de alguns dos sinais escritos na sala de aulas. A figura mostra o exercício para revisar as posições dos símbolos correspondentes às configurações das mãos.

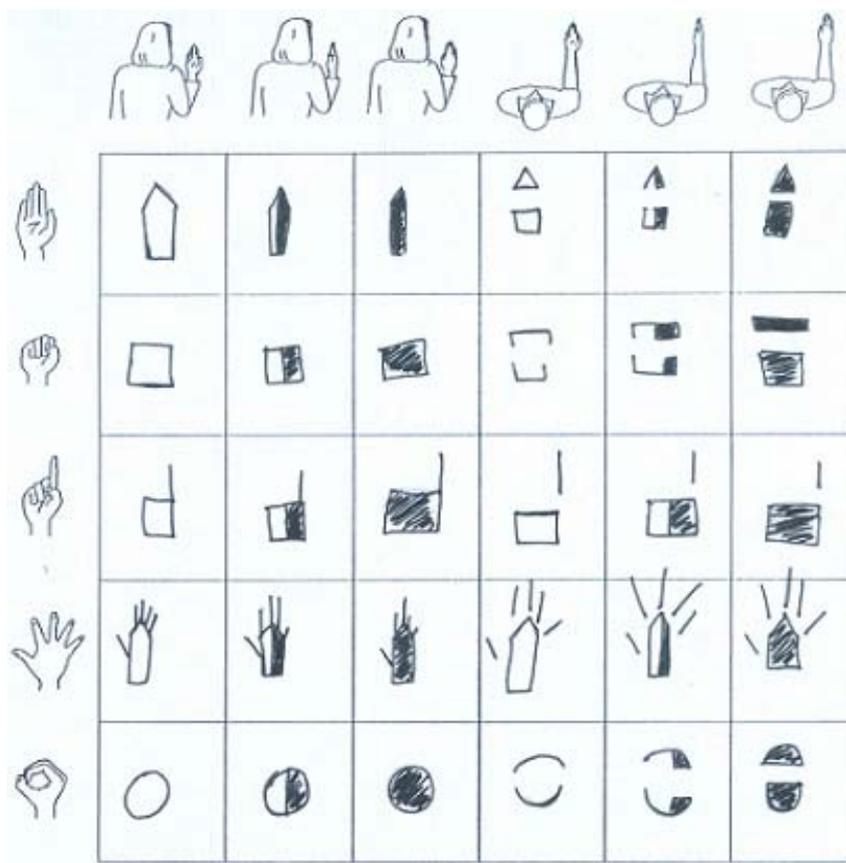


FIGURA:124: POSIÇÕES SÍMBOLOS DAS CONFIGURAÇÕES DAS MÃOS.

22 de abril de 2004
Hora: 14:15 até 15:00

É a primeira vez que entramos na sala de informática, os alunos estavam ansiosos e eu preocupada em saber se os computadores funcionam bem porque o programa Sign Writer é um pouco complicado para usar. Pedi para eles que trabalhassem em grupos de dois ou três e expliquei que a ajuda do grupo é necessária para o trabalho ser mais consistente. Estavam ansiosos por se apropriar do computador. Houve discussões para decidir quem sentava onde. Então mudei meu plano e deixei o programa Sign Writer para outro dia. Quando se acalmaram usamos o programa Paint para desenhar os símbolos que eles aprenderam na sala de aulas. Com um programa mais fácil a ansiedade deles vai baixar e vão conseguir trabalhar em conjunto, mas antes precisam formar o hábito. Começaram a desenhar os símbolos básicos das configurações das mãos e depois pintaram com cores. Continuaram animados.

29 de abril de 2004

Hora: 14:30 até 15:40

Trabalhamos na sala de informática e eles levaram os seus cadernos para revisar os símbolos de SignWriting. Pedi para os alunos desenharem quatro configurações de mãos de livre escolha e em seguida para completar as posições das configurações das mãos que correspondam àquele símbolo. Demoraram porque é difícil usar só o mouse para desenhar os símbolos. Demonstrei como escolher a melhor ferramenta, para usar, e aí começaram a trabalhar mais rápido. Alguns precisam confirmar as configurações das mãos e fazem muitas perguntas. Os dois alunos novos desenharam no Paint e escreveram nos cadernos até o término da aula.

5 de maio de 2004.

Hora: 16:00 até 17:30

Perguntei se poderiam se dividir em três grupos para começarem a aprender o programa Sign Writer na sala de informática. Eles ficaram muito animados e querem trabalhar logo. Então aconteceu uma confusão, cada grupo começou a digitar sem esperar a explicação de como usar o Sign Writer. Disse aos alunos para interromper o trabalho e sentarmos juntos. Olhamos soa tela de um computador e expliquei para eles como digitar para escolher os símbolos e construir o sinal escrito. Foi um grande desafio, sempre um aluno não para de se agitar e outro de perguntar, expliquei que para compreender precisavam se acalmar e recomeçar concentrados.

Dividimos três grupos para três computadores. Não pararam de perguntar como apagar, colocar, voltar e etc. E fiquei desanimada. Pensei que não ia conseguir ensinar.

12 de maio de 2004

Hora: 16:30 até 17:30

Levei as cópias do manual de Sign Writer e expliquei como usar, distribuí-as para os alunos. Entramos na sala de informática, logo dividiram os grupos para ocupar os computadores e mostrei para eles como abrir o programa Sign Writer, também como abrir o arquivo para digitar os sinais escritos. Disse a eles para lerem o manual, mas alguns não liam e perguntavam aos colegas. Começaram a digitar e escolher os símbolos, trocaram, apagaram e brincaram com o teclado para escolher os símbolos. Cada tecla do teclado representa um grupo de símbolos.

Por exemplo: os símbolos na tecla “a” são todos da posição da mão que usa o dedo indicador. Apertando a tecla A aparecerão pequenas janelas (no fundo ou na parte mais baixa) da tela. No interior das janelas estão todas as posições da mão que usam o dedo indicador. No final de aula eles conseguiram aprender e fiquei mais calma. A figura mostra que o aluno está comparando a mão dele com o símbolo.



FIGURA 125: COMPARANDO A MÃO COM O SÍMBOLO.

19 de maio de 2004

Hora: 16:30 até 17:30

Começamos dividindo os grupos, os mesmos da semana passada, eles agora já se sentem bem com os grupos divididos para trabalhar no computador. Levaram os cadernos, canetas e o manual de Sign Writer para a sala de informática. Alguns alunos me perguntaram como abrir o arquivo e como criar um novo arquivo. Começaram a digitar o seu próprio sinal, seu nome em Libras. Também escreveram no quadro-branco para consenso, interpelando outros sobre o símbolo certo, depois copiaram no caderno e digitaram no computador. Perguntavam onde está o símbolo que desejavam escolher no teclado, pois precisam saber qual é a tecla que mostra o símbolo desejado. Disse a eles para consultarem o manual do teclado que mostra todos os símbolos correspondentes às teclas. Ainda não criaram o hábito de usar o manual do teclado. Voltei a explicar como funciona esse manual. Alguns perceberam logo, mostraram para os outros colegas que não entenderam e continuaram pesquisando para construir os seus próprios sinais escritos, eles querem escrever os sinais de

todos no computador. Mostrei para os alunos como salvar o arquivo e percebi que eles não entenderam o que é salvar o arquivo.

26 de maio de 2004

Hora: 16:30 até 17:30

Continuamos com a mesma dinâmica da aula anterior na sala de informática. Os alunos abriram os arquivos sozinhos e ficaram surpresos ao encontrar os sinais escritos dos nomes próprios que ficaram na tela do computador. Começaram a entender o que é salvar o arquivo. Quiseram completar os sinais de todos os alunos.

Depois desse trabalho comecei a ensinar como construir o dicionário de Sign Writer. Chamei todos os alunos juntos e mostrei dois exemplos para eles olharem na tela. Eles continuaram a construir o dicionário utilizando o teclado. Para trabalhar o dicionário primeiro colocamos a palavra em português, depois construímos o sinal escrito que corresponde à palavra. Alguns alunos perguntaram suas dúvidas e pediram para mostrar como fazer. Esta figura mostra alguns sinais escritos pelos alunos.



FIGURA 126: SINAIS ESCRITOS PELAS DUAS ALUNAS

2 de junho de 2004

Hora: 16:00 até 17:30

Entramos na sala de informática e recebemos a visita de um estudioso francês que pesquisa SignWriting e veio observar a nossa aula. Apresentei-o aos alunos, escrevi seu nome em francês e o seu sinal, pois ele trabalha com surdos na França e tem um sinal próprio. Começamos a trabalhar o dicionário e alguns que haviam esquecido como construir o dicionário logo lembraram. Muitas vezes me pediram para escrever palavras em português no quadro-branco, perguntaram menos como escrever os sinais escritos no quadro, percebi que foi mais fácil memorizar os sinais. Não consegui dar toda atenção aos alunos, pois o visitante observava e a turma aproveitou para fazer um pouco de brincadeira.

16 de junho de 2004

Hora: 16:30 até 17:30

Gostaram do dicionário, que é importante, e continuaram trabalhando nele.

Pesquisaram os cadernos onde escreveram os sinais escritos para construir o dicionário. Eles sempre levam os cadernos e os manuais do teclado para consultar os símbolos correspondentes nas teclas.

Perguntaram como digitar as palavras em português e mostrei no teclado como mudar a configuração do Sign Writer para poder digitar as letras. Eles começaram a digitar em português correspondendo as palavras aos sinais construídos na tela e às vezes me pedindo para escrever no quadro. Aprenderam como desligar o programa Sign Writer e depois desligar o Windows98. Alguns conseguiram sozinhos. A figura mostra a aluna consultando o manual do teclado para comparar com o símbolo.



FIGURA 127: MANUAL DO TECLADO

23 de junho de 2004

Hora: 16:30 até 17:30

Eles queriam ver as fotos que tirei na sala de aulas no ano passado e coloquei-as no site. Visitamos o site, no único computador que conta com Internet e olhamos juntos. Riram quando viram as suas fotos, os dois alunos novos ficaram tristes, pois não apareceram no site.

Depois visitamos o site de SignWriting e ficaram interessados. Leram sinalizando o texto que traz os sinais em Língua de Sinais Americana - ASL e não entenderam muitos significados porque não conhecem a ASL. Expliquei para eles que este texto não é do Brasil, é dos EUA. Um aluno me perguntou se foi um surdo que escreveu o texto e falei para ele que sim.

Continuamos visitando vários sites de escrita de língua de sinais até o término da aula. A aprendizagem como desligar o computador melhorou um pouco.

30 de junho de 2004

Hora: 16:30 até 17:30

Começamos a escrever uma frase na tela do computador. Dei o exemplo iniciando com a frase eu gosto de coelho (escolher um sinal escrito de qualquer animal que goste) no quadro-branco. Eles construíram uma frase na tela do computador, complementando com o último sinal que é aquele do animal de que cada um gosta.

Continuaram a trabalhar construindo os sinais escritos de animais no dicionário de Sign Writer, em seguida, colocando na frase completa. Depois desse exercício, escolheram outra frase: Eu gosto de quem da família? E colocavam os nomes. Algumas dúvidas deles eu ajudava, usando apenas o quadro.

7 de julho de 2004

Hora: 16:30 até 17:30

Ligaram o computador e abriram o programa Sign Writer sozinhos, rápido, alguns alunos criaram um novo arquivo e outros abriram o mesmo arquivo da aula passada.

No software aparecem os símbolos e as crianças vão escolhendo aqueles necessários para representar os sinais que elas querem escrever. Aparece também o alfabeto manual que pode ser acessado pela criança conforme a necessidade de construção da frase ou texto. As crianças escolhem os símbolos para construir os sinais e compor as mensagens.

Hoje construíram os sinais escritos da Festa de São João, neste momento estão motivadas para a festa junina. Construímos os sinais escritos de pinhão, pipoca, bolo, chimarrão e etc. Primeiro eles escreviam os sinais escritos no caderno, ou no quadro, depois construíam os sinais no dicionário eletrônico. Também formavam pequenas frases.

Observações sobre o resultado do trabalho de pesquisa em informática com as crianças de Escola de Ensino Fundamental Frei Pacífico:

Depois de realizar as primeiras atividades de introdução à apropriação do uso da tecnologia computador e da ferramenta Sign Writer para a ELS detectou-se a necessidade de proceder algumas alterações na abordagem pois a resposta não estava sendo satisfatória. O programa utiliza apenas o teclado o que torna demorada a procura pelo signo correspondente. Não é colorido, nem usa o mouse, resultando mais difícil de usar do que o programa SW-Edit.

A ansiedade das crianças em usar pela primeira vez o computador demandou que adiasse o início da aquisição do SignWriting e utilizasse um programa mais lúdico que exigisse menor concentração, o programa Paint veio preencher essa demanda.

Na segunda tentativa enfatizamos as interações inter-pessoais e as colaborações em duplas e em grupo. Com as trocas entre duas ou mais crianças as aprendizagens começaram a fluir, o ritmo se acelerou resultando que os obstáculos repartidos foram minimizados.

Essas trocas se mostram de fundamental importância, pois possibilitam vivenciar o conflito de idéias e a diversidade em um ambiente que favorece a compreensão de que há que encontrar um consenso e ceder espaços, valorizando as contribuições individuais para a construção do objetivo comum. Como anteriormente já destaquei a metodologia procurou considerar aspectos do sócio-construtivismo favorecendo a interação e as trocas. Também provocaram o descentramento da figura do professor e substituíram o clima de disputa, pela posse da nova tecnologia, por um clima de solidariedade entre os colegas.

Dentro desse contexto ganha destaque à importância da proposta de trabalho estar comprometida com a vivência das trocas entre as crianças e a valorização da coletividade, premissa presente no desenvolvimento dessa pesquisa.

As escritas eram comentadas no ambiente presencial interferindo nos diálogos e reformulações que iam se constituindo. No entanto, os registros escritos não apresentam argumentações decorrentes das mensagens e contestações das mesmas.

Essa caminhada em direção à efetivação das construções coletivas entre crianças e jovens, em ambientes presenciais, é um processo lento e gradual de interações inter-pessoais, mas para que aconteça é necessário disponibilizar tempo e ambientes apropriados.

Ficou a percepção de que se as crianças tivessem a possibilidade de usar o SW-Edit poderiam aprender melhor. Ainda assim, a interação com a máquina aconteceu dentro de um processo que desafiou as crianças a construir seus conhecimentos, colocando uma ferramenta perfeitamente acessível à sua compreensão como parte de uma proposta que trata com coerência suas reais possibilidades.

Minha crítica ao software SignPuddle é a de que precisa da palavra na língua oral para chegar aos sinais escritos. Não podemos escrever direto o signo escrito como nos softwares SW-Edit e Sign Writer. O desejável num software desse tipo é que não seja preciso escolher uma palavra da língua oral que corresponda ao sinal escrito, pois dificulta a operação e foge ao objetivo de tratar cada língua separadamente.

Há espaço para softwares que contemplem as duas línguas, mas devem ser construídos com vistas a essa proposta.

As crianças ficaram muito motivadas ao usar o computador dispondo de softwares de ELS. Pode estabelecer comparação com outros cursos de informática para surdos que dei, utilizando o Microsoft Word, quando a necessidade de precisar ler e escrever em português impunha inúmeros limites.

Especialmente em relação à disponibilização de softwares temos muitos desafios a vencer porque a língua de sinais é tridimensional e coloca problemas de representação que não são colocados pelas línguas orais caracterizadas pela linearidade. A expectativa é de que, com as pesquisas e experiências, que estão sendo desenvolvidas, por algumas pessoas, em diversos lugares, com o incremento da informática na educação e a influência dos professores surdos criemos novas propostas de aprendizagem para impulsionar as práticas de escrita em SignWriting no computador.

9.1 Relatos das Transcrições

Esses relatos trazem as experiências de transcrições que realizei junto ao Prof. Dalle com o objetivo de proporcionar material de estudo da escrita em SignWriting para os lingüistas e outros pesquisadores que fazem parte do projeto LS-Script, neles fica bem evidente o caráter experimental desse trabalho e a necessidade de estudos que facilitem a transcrição. Na descrição das reuniões também aparecem inúmeros questionamentos de interesse para o futuro da escrita de língua de sinais.

Dia 26 de janeiro de 2005

Particpei da primeira reunião com o Prof. Dalle, em sua residência, quando explicou seu trabalho no Instituto de Pesquisa em Informática de Toulouse –IRIT- e falou sobre o trabalho de transcrição que realizaria junto a ele, naquele Instituto. A Universidade Paul Sabatier conta com um departamento de informática. Ele é diretor do departamento e vai orientar minhas atividades relacionadas ao projeto LS- Script.

Trabalho com o Prof. Dalle na Universidade Paul Sabatier - UPS:

O Prof. Dalle filmou 7 diálogos de dois surdos no IRIS e uma narrativa individual contando a história do cavalo. Entregou-me 7 corpus vídeo com esse material para transcrever em escrita de LSF pelo sistema SignWriting. Esse material, depois de eu haver terminado a transcrição, foi enviado para a equipe de lingüistas da Universidade Paris 8 estudar.

Na primeira etapa eu olhava o vídeo e anotava em um caderno em SignWriting. O trabalho foi demorado, pois precisava olhar e voltar a olhar muitas vezes os vídeos. O Prof. Dalle não informou nada sobre o tema tratado nos diálogos ou na história. No começo, como eu não conhecia quase nada da LSF, perguntava ao Prof. Dalle sobre o significado de alguns sinais. Ele sinalizava e eu anotava no caderno.

Depois de terminada a transcrição manuscrita usei o computador para copiar os sinais escritos usando o programa SW-Edit.

Como foi depois comentado, na reunião de Paris, fiz a transcrição anotando do ponto de vista perceptivo ao invés de fazer do ponto de vista receptivo. Isso prejudicou o resultado.

Também há muitas falhas nessas transcrições na notação dos espaços.

Numa segunda etapa dos trabalhos de transcrição, que aconteceu em junho, o Prof. Dalle pediu para que eu escolhesse um diálogo, do qual não lembrasse nada, para refazer a transcrição e depois compararmos os resultados da primeira e da segunda transcrição do mesmo diálogo.

Na segunda transcrição corriji o ponto de vista para receptivo, e os espaços foram melhor colocados pois comecei a usar três colunas, recurso que não havia utilizado nas transcrições anteriores. Os sinais ficaram mais claros facilitando a leitura; a transcrição ficou com mais páginas. Também o maior conhecimento da LSF me permitiu transitar com facilidade pela compreensão do corpus vídeo.

Dia 22 de março de 2005

A Dra. Garcia ofereceu-me, para ler o resumo de sua tese de doutorado apresentada na Universidade de Paris V em 2000. Conta que quando o pesquisador Paul Jouison faleceu não havia publicado quase nada de seu trabalho, então a Dra. Garcia, reuniu todos os documentos, textos, arquivos, alguns em outros países, outros com amigos e educadores de surdos, onde ele havia registrado os símbolos da LSF criados e escritos por ele. Ela estudou e analisou como funciona o sistema proposto. A conclusão da tese da Dra. Garcia diz que o sistema de

Paul Jouison é muito complexo, diz também que ele tentava criar um sistema pelo qual a escrita da língua pudesse exprimir de forma fluente, rica e imaginativa como flui a língua de sinais nos diálogos entre seus usuários surdos. Não desejava um sistema que restringisse à língua.

Ela é diretora do projeto de LS-Script. Minhas atribuições no projeto foram trabalhar o sistema SignWriting na escola de surdos e fazer transcrições dos trabalhos em vídeo para a escrita de LS. Como sistemática de transcrição, observo na tela do computador os surdos dialogando, depois tento transcrever os sinais escritos no caderno pelo sistema SignWriting, finalmente escrevo os mesmos sinais escritos que escrevi no caderno com o programa SW-Edit.

A Dra. Garcia estudou os vários sistemas de ELS e não tem confiança no sistema SignWriting, pensa que a escrita em SignWriting perde o significado, os sinais escritos não são iguais aos sinais que a pessoa sinalizou. Ela quer analisar como eu escrevo os sinais escritos e também como as crianças surdas de Ramonville escrevem os sinais escritos com o SignWriting. Disse-me que admira muito o meu trabalho como parte da educação, mas ela é lingüista, tem uma visão diferente da minha.

Quando cheguei em Toulouse, fui observar por alguns dias a sala de aulas de LSF das crianças na Escola Centre de Ramonville Adaptei alguns dos sinais que a professora surda usava para o sistema SignWriting. Mesmo sem conhecer a LSF foi possível escrever os sinais em LSF. Depois perguntei para a professora surda se ela reconhecia os sinais escritos, ela me explicou o significado e escrevi as palavras em francês embaixo dos sinais escritos representando alguns sinais da LSF. A Dra. Garcia observou a possibilidade de escrever os sinais escritos representando a LSF sem a mediação e conhecimento da escrita da língua oral.

Dia 8 de fevereiro de 2005

Reunião por vídeo-conferência com a equipe de WebSourd¹, Universidade de Paris 8, IRIT² e Limsi³ na sala de WebSourd. Total de quinze pessoas participando. A reunião não foi produtiva, pois a sala de Paris não conseguia enxergar bem o grupo de Toulouse, nem ouvia a voz. Dois intérpretes na sala de Paris e nenhum intérprete em Toulouse. Em Paris uma pessoa da empresa telefônica TelecomFrance participou da reunião. Concluíram que faltou um fundo escuro para poder enxergar melhor a língua de sinais. Começamos com as apresentações de

¹ WebSourd – projeto ligado ao IRIS que se propõe colocar a internet à serviço dos surdos. Acessibilidade e desenvolvimento de serviços adaptados.

² Institut de Recherche en Informatique de Toulouse

³ Laboratoire d'informatique pour la mécanique et les sciences de l'ingénieur

cada participante. Á seguir apresentei meu trabalho de pesquisa no Brasil, vinte minutos. Foi preciso interromper várias vezes pois a intérprete de Paris não enxergava bem. Logo após minha apresentação discutiu-se como melhorar a tecnologia visual e de som. Problemas com muito ruído da rua e de girar a câmara para acompanhar os movimentos de cada sinalizador.

Á tarde na Universidade Paul Sabatier – UPS, Prof. Dalle e eu estudamos o trabalho de uma equipe que pesquisa softwares que catalogam as configurações de mãos, movimentos, expressões faciais e corporais utilizados pelos lingüistas. Nenhum surdo trabalha com a equipe. Utilizamos para nosso trabalho fitas de vídeo nas quais foram filmados surdos fazendo sinais. Combinamos que eu iria trabalhar na Universidade na transcrição de vídeos em língua de sinais francesa para a escrita de língua de sinais pelo sistema SignWriting. Anexo nº. 2.

Após as 18:00 horas fomos para o IRIS¹⁵ para uma reunião com sete surdos adultos que estão pesquisando a língua de sinais. Reúnem-se, todas as terças –feiras, há três anos. Nesse momento estão pensando em como escrever os sinais no papel ou quadro-branco. Não conhecem nada do sistema SignWriting. Uma jovem surda diz que não existe escrita para LS e outra acredita que deve haver uma escrita parecida com o chinês ou egípcio, diz que é preciso criar uma escrita de LS. È uma discussão viva, uma diz que a França não aceita a LS, a outra diz que a França reconhece a LSF. Usamos a educação bilíngüe, devemos ter uma escrita de LS.

Outra participante pegou um papel onde escreveu um símbolo de contato e me mostrou no quadro-branco um símbolo de movimento que eles criaram. Achei interessante porque eram semelhantes aos do sistema SignWriting. O Prof. Dalle pediu que eu não ensinasse o SignWriting porque a pesquisa do grupo deve ser natural e sem influência de pesquisadores de sistemas de escrita de língua de sinais.

Uma parte do grupo está na Universidade, outros no ensino médio. Um surdo mostrou um símbolo de movimento no quadro e perguntei - o movimento é para o lado esquerdo ou para o direito? Percebeu que o símbolo de movimento não fica claro. Perguntei por que ele não usa uma seta. Pensei que o SignWriting resolve esse problema.

¹⁵ Institut de Recherches sur les Implications de la Langue des Signes - IRIS

Dia 24 de março de 2005 – Paris: Relatório da reunião traduzido a partir do relatório da equipe.¹⁶ Anexo n°. 4.

Presentes:

Marianne Stumpf

Ivani Fusellier

Leila Boutora

Estelle Cailleteau

Brigitte Garcia

Gaëlle Roch

Objetivo: comparação e avaliação da transcrição em SignWriting do extrato CE2 do corpus vídeo.

Situação – Marianne transcreveu esse corpus em SignWriting.

Boutora e Garcia compararam a transcrição de Marianne ao corpus vídeo. Estelle tentou reproduzir em LSF e de compreender a transcrição de Marianne, sem ter acesso ao vídeo.

Prática de SignWriting de Marianne:

Marianne tem uma longa prática de SignWriting em Libras. Marianne ainda descobre a LSF em Toulouse. Ela assiste a um curso em LSF. Depois do curso ela pergunta esclarecimentos sobre o significado desses sinais da LSF que ela anotou em SignWriting. Segundo Marianne, SignWriting é um bom meio de aprender uma LS estrangeira. Aconteceu a Marianne de trocar fax em SignWriting com um colega do Brasil. Seria necessário ter acesso a esse fax para poder ter uma idéia do tipo de trocas possíveis em SignWriting. É a primeira vez que Marianne utiliza o SignWriting para uma transcrição .

Prática de SignWriting de Estelle:

Ela aprendeu sozinha SignWriting a partir do manual de base de SignWriting. Ela não conhece todos os símbolos. Ela teve dificuldades em particular com os símbolos que anotam os movimentos. Aprendendo sozinha o SignWriting ela se apropriou do sistema cometendo alguns erros.

Para o trabalho que lhe foi pedido ela retomou todas as lições de SignWriting e decifrou cada gravura.

¹⁶ Traduzido por Mariana Rossi Stumpf

O corpus estudado é um diálogo, o que colocou problemas para a transcrição em SignWriting. Não há ainda nenhum formalismo para esse tipo de transcrição. Marianne improvisou um sistema de cores para poder distinguir os dois locutores. Durante o diálogo aconteceu que expressões dos locutores se sobrepujam o que não está claramente reproduzido na transcrição de Marianne. Encontramos esse tipo de problema em transcrições nas línguas orais.

O nível de competência da estudante de lingüística em LSF lhe colocou problemas para a compreensão, ainda mais que nós não lhe mostramos o contexto da conversação transcrita. Por isso ela reproduziu os signos transcritos literalmente, sem fazer nenhuma auto-correção.

Boutora e Garcia perceberam no vídeo variações de forma na produção do sinal escrito (INFORMAR). Essas variações foram transcritas por Marianne. Observamos o mesmo tipo de variação para o sinal escrito (MEMBRO), esta vez não aparecem na transcrição. Podemos fazer um paralelo com a transcrição das línguas orais para as quais é também complicado anotar todas as variações (do tipo: je ne sais pas - /j`sais pas).

Também foi observado um problema relacionado à notação da localização dos sinais.

Estelle constatou um problema relacionado à locação dos sinais. Certas locações foram demarcadas na transcrição e parecem não ser pertinentes. Ao contrário, algumas locações pertinentes foram anotadas em espaço neutro.

Foi observado que no site de SignWriting para os trabalhos de transcrição é aconselhado anotar a LS do ponto de vista receptivo (enquanto que em anotações/habituais se utiliza o ponto de vista perceptivo). Marianne não se colocou essa questão do ponto de vista. Ela utilizou o SignWriting como está acostumada a usar habitualmente para esse trabalho de transcrição.

Interrogada sobre suas competências em SignWriting, Marianne deixa perceber que não tem leitura fluente. Ela decodifica os símbolos se fixando primeiro na configuração (contato) depois no movimento e na expressão. Ela tem uma compreensão global para alguns signos comuns como (SURDO) Para os sinais escritos pouco correntes ou complexos ela passa por uma gestualização antes de escrever.

A Dra.Garcia lembra um problema central relacionado à escrita das LS: o forte poder de repetição dessas línguas. É preciso anotá-las com exatidão. Esse problema está ligado à exploração do espaço. Ele parece impossível de ser reproduzido perfeitamente na superfície gráfica. È necessário fazer uma reflexão sobre a estruturação do espaço em LS e tentar

encontrar um meio de anotar essas estruturas que não seja a projeção sobre a superfície gráfica das 3 dimensões do espaço.

Naquilo que concerne a escrita da LSF Dra. Garcia quer evitar um sistema centrado no sinal escrito, ela pensa mais em uma estrutura a nível do morfema do significado. Podemos pensar em uma escrita morfológica do espaço. Com efeito, os espaços construídos em LSF são (pré) semânticos, seria possível devolver esses espaços ao morfema. Poderíamos chegar a um sistema mixto de notação, ao mesmo tempo fonológico e morfológico.

Dia 24 de março de 2005

A descrição a seguir trata da mesma reunião, relatada acima pela equipe de lingüistas, abaixo relatada e anotada por mim, logo após a reunião.

Pela manhã houve uma reunião na casa da Dra. Garcia com sete pessoas, das 9:45 às 12:15 horas.

Participaram: uma intérprete, uma observadora e responsável pela contabilidade do projeto de LS-Script, a mestre em lingüística Leila Boutora, uma estudante de lingüística ouvinte, a professora de lingüística Dra. Ivani Fusellier Souza, e eu. Colocaram questões profundas sobre o sistema SignWriting, nunca havia refletido sobre a maioria dessas questões, que são parte da lingüística, e sempre refleti sobre o sistema SignWriting como ferramenta de comunicação, educação e expressão.

Questões:

2. Como eu escrevo os sinais escritos, se é direto do pensamento ou traduzo passando pela língua oral.
3. Como eu leio o texto em ELS, se faço uma leitura visual direta ou decodifico.
4. Se quando eu escrevo os sinais escritos preciso antes sinalizar o sinal para depois escrever o símbolo.
5. Como escrever a frase representando o espaço de sinalização e a iconicidade.
6. Como eu trabalhei a transcrição do corpus vídeo.

Tentei responder analisando minhas práticas, disse que se eu preciso pensar o sinal antes de escrever o sinal escrito no papel depende do sinal escrito que vou escrever. Por exemplo: conheço muito o sinal escrito de escola e posso escrever direto, rápido, sem antes sinalizar ou imaginar o sinal; quanto a outro sinal que não me é tão familiar, do qual nunca escrevi antes o sinal escrito, devo pensar e até sinalizar para depois escrever o sinal escrito. A

Dra. Garcia observou que na reunião dos pais em Ramonville, eu escrevi uma frase curta no quadro e precisei sinalizar antes. É verdade, a frase era em LSF e eu conheço pouco a LSF.

A minha leitura também depende dos sinais escritos que aparecem, se é um assunto bem conhecido, leio imediatamente. Quando leio o texto em SignWriting que alguém escreveu, de um assunto que é mais complexo, preciso ler cada sinal escrito e algumas vezes vou sinalizando junto.

Em seguida discutiram sobre a transcrição que eu fiz de um texto em SignWriting adaptado a LSF e observaram que não ficou claro. Foi a primeira vez que transcrevi pelo corpus vídeo direto para a escrita em SignWriting da LSF. O texto escrito em SignWriting adaptado à LSF foi dado a estudante de lingüística presente para ler e ela não entendeu quase nada, entendeu só uma frase do diálogo. Ela não viu antes o vídeo onde os dois surdos dialogaram.

Pensei que compreendeu muito pouco, então perguntei a ela se conhece bem o sistema SignWriting e a língua de sinais francesa, ela me diz que sabe pouco o sistema SignWriting e também pouco a LSF. A Dra. Garcia tinha sido informada de que ela conhecia bem os dois: SignWriting e LSF. Assim a experiência ficou prejudicada.

A Dra. Garcia viu o corpus vídeo e leu o texto, achou que os sinais escritos são muito repetidos. Falei que está difícil perceber o sinal no corpus vídeo, apontei também um sinal de LSF que não conheço. De um outro sinal que conheço, escrevi o sinal escrito do sinal numa posição diferente. Também a mim pareceu, que o diálogo não aparecia claramente e por tudo isso não consegui fazer uma transcrição eficiente.

A posição em que os dois surdos estavam fazia com que os sinais não aparecessem bem na tela e a Dra. Garcia concordou; eu não consegui perceber alguns sinais para poder registrar os sinais escritos. Quando fiz a transcrição, algumas vezes, precisei perguntar quais eram os sinais para o Prof. Dalle antes de registrar o sinal escrito.

Ela me perguntou porque eu não transcrevi a frase em SignWriting com a sinalização espacial e registrando a grande iconicidade. Respondi que no Manual e no site da Internet de SignWriting, encontrei pouca informação, mostram só um exemplo de espaço (2 espaços). É preciso pesquisar mais sobre isso que é muito importante, pois a língua de sinais usa muito o espaço, também é preciso pesquisar a forma de escrever vertical e horizontal com os espaços ao mesmo tempo.

Perguntaram em quanto tempo eu transcrevi o corpus vídeo e eu não lembrei.

A LS sinaliza duas coisas ao mesmo tempo até três, ela acontece em três dimensões, o SignWriting como é no papel precisa trabalhar com a linearidade e a superfície plana do papel.

Penso que para analisar bem o sistema SignWriting do ponto de vista da lingüística precisa conhecer bem o sistema e a língua representada por ele, há dificuldades quando não se têm os 2 conhecimentos, também uma equipe é fundamental.

Concordei com elas de que preciso ter o grupo surdo para poder aprofundar a forma de escrever o espaço e não posso estudar sozinha.

A teoria do SignWriting foi originalmente concebida para a língua de sinais americana, a ASL tem poucos sinais icônicos, a LSF tem muitos sinais icônicos e essas questões se tornam mais prementes. Quanto á Libras eu diria que ela é de média iconicidade, se comparada as duas LS antes citadas, precisamos trabalhar essa problemática para que o sistema SignWriting não venha a restringir a língua pela impossibilidade de representar com propriedade as manifestações lingüísticas.

Dia 9 de maio de 2005

De volta a Toulouse, às 14 horas, fui a escola Centre para trabalhar com a professora auxiliar surda na transcrição da fita de vídeo na qual ela sinalizou a história dos convidados do gato, a fita de vídeo está na sala de LSF. Assistimos à história na televisão. Parei três vezes para perguntar a ela minhas dúvidas sobre os sinais da LSF. Ela me explicou os sinais dos animais que são bem diferentes na Libras.

Comecei a transcrever a história dos convidados dos gatos da LSF para o sistema SignWriting. Uso o caderno para escrever em SignWriting e depois utilizo o SW-Edit para digitar no computador. Paramos na metade da história pois a professora auxiliar precisava usar a fita de vídeo com as crianças. Transcrevi rápido, pela falta de tempo, e a transcrição não ficou perfeita. Ao mesmo tempo estou transcrevendo a história do cavalo, com mais cuidado, lá na Universidade Paul Sabatier - UPS.

Dia 23 de maio de 2005

Às 14 horas cheguei na Escola Centre, a professora auxiliar já estava me esperando e então sentamos juntas. Mostrei a transcrição que fiz quando li o texto e trabalhamos nela, ela aportando a LSF e eu corrigindo os símbolos das posições e das configurações das mãos no texto.

Ela me deu fotos de sinais para eu transcrever os sinais escritos dos sinais em cartões. Também coloquei os sinais escritos de movimentos e de contatos pois as fotos não mostram os movimentos como faz a fita de vídeo. Precisamos sentar juntas para conseguir registrar os símbolos na questão dos movimentos, eu perguntando e ela sinalizando, para poder observar qual é o movimento ou contato.

A professora mostrou como trabalha a correção da emissão dos sinais por meio de fotos. Por exemplo: o sinal de açúcar em LSF que consiste no dedo indicador com a ponta em contato com o canto da boca e o movimento “tremendo”. Ela mostra uma foto com o dedo, na posição correta, que é o dedo próximo ao canto do lábio e outra foto com o mesmo dedo, dessa vez mais próximo ao canto do olho. A criança precisa observar o detalhe e escolher a foto que corresponde ao sinal. É uma forma de aperfeiçoar a emissão do sinal, mas não pode ser feita com todos eles e resulta sempre numa aproximação. A ELS pode proporcionar maior efetividade ao estudo das línguas de sinais.

Sistema de notação em palavras para representar a LIBRAS

Esse sistema vem sendo adotado por pesquisadores da língua de sinais do Brasil e de outros países e se resume em utilizar palavras de uma língua oral auditiva para representar aproximadamente os sinais. Acrescentei às transcrições dos corpus vídeos em SignWriting esse sistema de notação para tornar mais transparente aos pesquisadores brasileiros as experimentações realizadas.

Assim a Libras usualmente é representada observando as seguintes convenções, aqui reproduzidas conforme o livro: Libras em Contexto, curso básico. (MEC).

1 – Itens lexicais do Português representam em letras maiúsculas os sinais da Libras. Exemplos: CASA, TRABALHAR, MUITO;

2 – Um sinal que é traduzido por duas ou mais palavras em língua portuguesa, será representado pelas palavras correspondentes separadas por hífen.

Exemplos: CORTAR-COM-FACA, QUERER-NÃO, COMER-MAÇÃ, BEBER-CAFÉ;

3 – Um sinal composto, formado por dois ou mais sinais, que será representado por duas ou mais palavras, mas com a idéia de uma única coisa, serão separados pelo símbolo ^.

Exemplos: CAVALO^LISTRA “zebra”;

4 – A dactilologia (alfabeto manual), que é usada para expressar nomes de pessoas, de localidades e outras palavras que não possuem um sinal, está representada pela palavra separada, letra por letra, por hífen.

Exemplos: J-O-Ã-O, A-N-E-S-T-E-S-I-A;

5 – O sinal soletrado, ou seja, uma palavra da língua portuguesa que, por empréstimo, passou a pertencer à Libras por ser expressa pelo alfabeto manual com uma incorporação de movimento próprio desta língua, está sendo representado pela soletração ou parte da soletração do sinal em itálico.

Exemplos: R-S “reais”, A-C-H-O, QUM “quem”, N-U-N-C-A;

6 – Na Libras não há desinências para gênero (masculino e feminino). O sinal, representado por palavra da língua portuguesa que possui marcas de gênero, está terminado com o símbolo @ para reforçar a idéia de ausência e não haver confusão.

Exemplos: AMIG@ “amiga ou amigo”, FRI@ “fria ou frio”, MUIT@ “muita ou muito”, TOD@, “toda ou todo”, EL@ “ela, ele”, ME@ “minha ou meu”;

7 – Os traços não-manuais: as expressões facial e corporal, que são feitas simultaneamente com um sinal, estão representadas acima do sinal ao qual está acrescentando alguma idéia, que pode ser em relação ao:

a – tipo de frase: **interrogativa** ou ... i ..., **negativa** ou ...neg ...

Para simplificação, serão utilizados, para a representação de frases nas formas exclamativas e interrogativas, os sinais de pontuação utilizados na escrita das línguas orais-auditivas, ou seja: !, ? e ?!

b – advérbio de modo ou um intensificador: **muito rapidamente exp. F “espantado”;**

interrogativa	exclamativo	muito
Exemplos: NOME	ADMIRAR	LONGE

8 – Os verbos que possuem concordância de gênero (pessoa, coisa, animal), através de classificadores, estão sendo representados com o tipo de classificador em subscrito.

Exemplos: **pessoa**MOVER, **veículo**MOVER, **coisa-arredondada**COLOCAR;

9 - Os verbos que possuem concordância de lugar ou número-pessoal, através do movimento direcionado, estão representados pela palavra correspondente com uma letra em subscrito que indicará:

- a variável para o lugar: i = ponto próximo à 1a pessoa,
j = ponto próximo à 2a pessoa,
k e k' = pontos próximos à 3a pessoas,
e = esquerda,
d = direita;

b – as pessoas gramaticais: 1s, 2s, 3s = 1a, 2a e 3a pessoas do singular;
1d, 2d, 3d = 1a, 2a e 3a pessoas do dual;
1p, 2p, 3p = 1a, 2a e 3a pessoas do plural;

Exemplos: 1sDAR2s “eu dou para você”,
2sPERGUNTAR3s “você pergunta para eles/elas”,

kdANDARK´e “andar da direita (d) para à esquerda (e)”.

10- Na Libras não há desinência que indique plural. Às vezes há uma marca de plural pela repetição do sinal ou alongamento do movimento. Esta marca será representada por uma cruz no lado direito acima do sinal que está sendo repetido:

Exemplos: MUIT@ “**mu**ito,**mu**itos,**mu**ita,**mu**itas”
 GAROT@ + “**mu**itas garotas”
 ÁRVORE + “**mu**itas árvores”

11 – Quando um sinal, que geralmente é feito somente com uma das mãos, ou dois sinais estão sendo feitos pelas duas mãos simultaneamente, serão representados um abaixo do outro com indicação das mãos: direita (md) e esquerda (me).

Exemplos: IGUAL (md) pesso@-mu**it**@ANDAR (me)
 IGUAL (me) pessoaEM-PÉ (md)

Estas convenções são utilizadas para poder representar, linearmente, uma língua espaço-visual, que é tridimensional.

Transcrições realizadas na França como parte do Projeto LS – Script

Comentários sobre os diálogos em vídeo na LSF - Conversação transcrições



FIGURA 128: OS DIÁLOGOS EM VÍDEO.

Método representação do dialogo

O processo inicia com o exame do corpus vídeo constituído por um diálogo entre dois sinalizadores. A partir da observação do vídeo vou transcrevendo os diálogos, em uma folha de papel, utilizando o sistema SignWriting para a escrita de língua de sinais.

O diálogo transcorre em LSF, sendo assim alguns sinais que não conheço pergunto qual seu significado ao Prof. Dalle que acompanha a transcrição. Às vezes a mudança de posição dos sinalizadores encobre parte dos sinais tornando difícil sua leitura. A transcrição escrita despersonaliza os interlocutores que no vídeo ficam explícitos.

Na falta de símbolos escritos do sistema SignWriting, formalizando a representação da troca de locutores nos diálogos, improvisei utilizando as cores amarelo e branco. É necessário pesquisar o estabelecimento de uma representação para o sistema.

Contexte : suite de la discussion precedente

Contexte : G, qui habite en province, parle d'une formation qu'il suit à Paris.

G parle des trajets qu'il doit faire pour aller à cette formation à Paris

D demande si c'est au CNEFEI

G explique que c'est à l'université de Paris 8

G et D discutent sur les noms des participants à cette formation des 13 personnes.

G explique qu'il va à Paris une ou deux semaines par mois ce qui est lourd. La formation est intéressante, mais les transports sont compliqués car Paris 8 est au nord de Paris et G loge chez un ami au sud de Paris, ce qui l'oblige à faire une heure et demie de trajet, ce qui est fatigant.

D demande s'il n'a pas pu trouver plus près

G dit que non.

Tradução

Contexto: continuação de uma discussão precedente

Contexto : G, que habita a província, fala de um curso que faz em Paris.

G fala dos trajetos que precisa recorrer para ir a esse curso em Paris

D pergunta se é no CNEFEI

G e D discutem sobre os nomes dos participantes desse curso com 13 pessoas

G explica que ele vai á Paris uma ou duas semanas por mês o que fica pesado. O curso é interessante, mas os transportes são complicados, porque Paris 8 fica ao norte de Paris e está

hospedado com um amigo no sul de Paris, o que o obriga a fazer uma hora e meia de trajeto, que é cansativo

D pergunta se ele não pode encontrar nada mais perto

G diz que não.

Transcrição do diálogo em SignWriting

G: TODO-TEMPO VIAGEM,

D: ONDE TU?

G: PARIS.

D: AH BOM.

G: LOCAL APONTA LOCAL APONTA.

D: CNEFEI?

G: NÃO, UNIVERSIDADE.

D: UNIVERSIDADE

G: UNIVERSIDADE PARIS 8

D: TU SIM, SIM

G: FANNY

D: SIM

G: DENTRO TAMBÉM ESTE.

D: GRUPO COM TU (PENSANDO) GRUPO AULA PENSA ERRO NÃO IGUAL SIM.

G: BEM GRUPO 13 GRUPO CADA-PESSOA, UMA-SEMANA, DUAS-SEMANAS, MÊS, VIAGEM SENTIR CANSAR MUITO MELHOR ENSINAR LÁ PROBLEMA VIAGEM EU IMPOSSÍVEL NÃO PARIS LOCAL LÁ EU VOU AMIGO DORMIR AQUELE LUGAR UMA-SEMANA MEIA MUITO MELHOR DO-QUE NADA AQUELE PACIÊNCIA VIAGEM DAR

G: CANSAR RÁPIDO.

D: PERTO NÃO SABER SENTIR LOCAL?

G: QUEM NÃO SABER LOCAL NÃO SABER EU GASTAR-MEU-BOLSO VIAGEM NÃO.

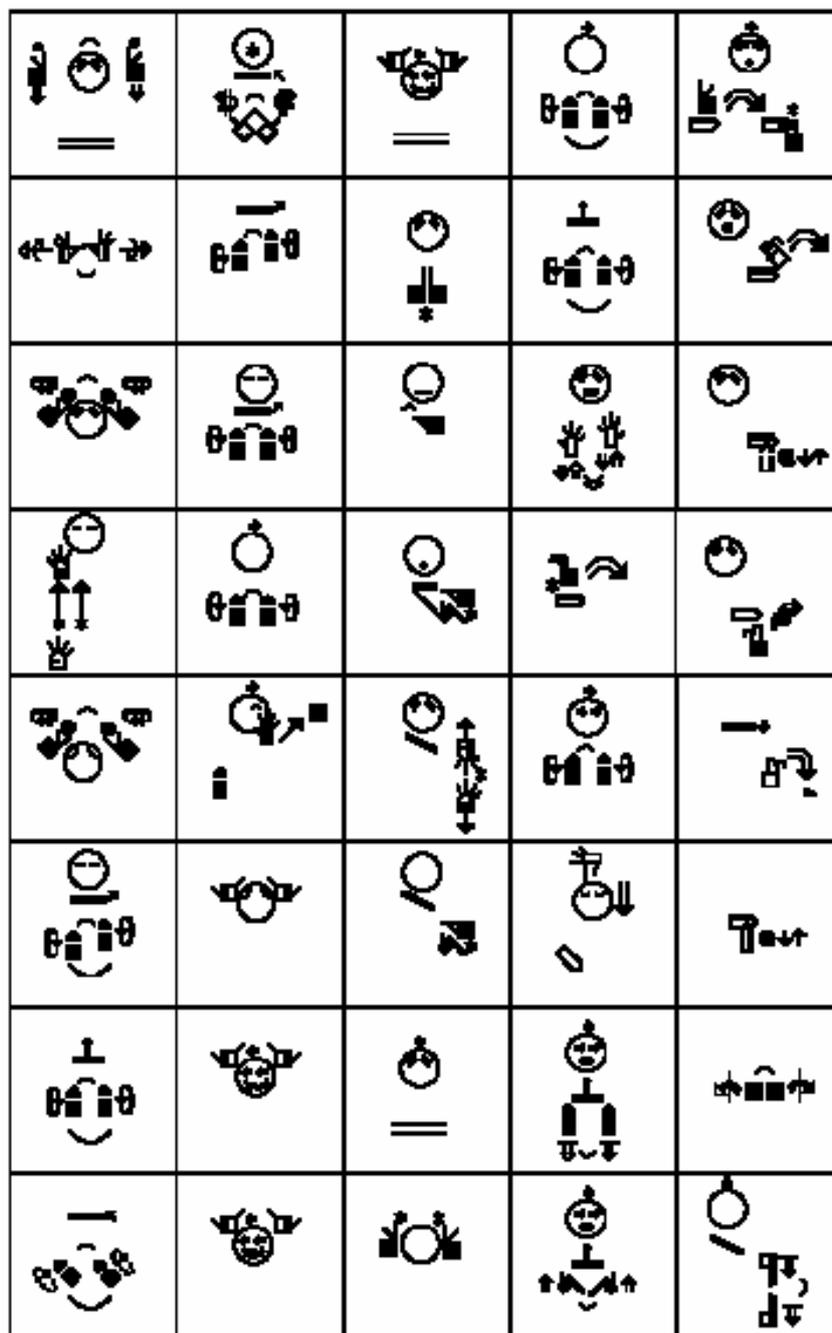
Transcrição da história do cavalo em LSF pelo vídeo



FIGURA 129: A HISTÓRIA EM VÍDEO

- 47 segundos de projeção em vídeo no qual o sinalizador surdo conta a história em LSF.
- 67 símbolos em SignWriting adaptados a LSF escritos em 2 páginas
- 3 horas de tempo de transcrição

Em primeiro lugar foi usado o sistema de representação de sinais SignWriting para a transcrição manuscrita da tela do vídeo onde o sinalizador conta a história para o manuscrito em SignWriting no caderno. Na segunda etapa transcrevi os sinais escritos do caderno para o editor de textos SW-Edit porque este editor não vem com tela de vídeo. Precisei trabalhar no papel e no computador.



TEMA, HISTÓRIA CAVALO JARDIM CAVALO ANDAR-LENTO ANDAR ANDAR-LADO SENTIR-LIVRE ANDAR-LADO ANDAR CABEÇA-LADO VER VACA VACA-OLHA-LADO VACA-BOCA-ABRIR VACA-BOCA-FECHAR, TAMBÉM PASSARINHO PASSARINHO-CERCA CERCA PASSARINHO-CERCA ENTÃO, CAVALO ANDA-LENTO ANDA-PULAR DUVIDA PULAR CAVALO-OLHA-LADO CAVALO-OLHOS-FECHAR PULAR-ALTO SALTAR ATROPELAR CAIR CERCA-PAU CAIR PAU QUEBRAR CERCA-QUEBRAR

VACA-OLHAR-EMBAIXO VACA-TRISTE VACA-OLHAR-EMBAIXO DÚVIDA
 ENTÃO CAVALO PERNA-TORCER PERNA-MEXER PERNA-DOR PERNA-MEXER
 PASSARINHO-PULA PASSARINHO-VOAR PASSARINHO-BUSCAR CAIXA
 FARMÁCIA PASSARINHO-LEVAR PASSARINHO-DEIXAR CAIXA VACA-OLHAR-
 EMBAIXO VACA-PEGAR VACA-ENFAIXAR ENFAIXAR, ENTÃO CAVALO-OLHAR-
 EMCIMA OBRIGADA VACA-ENFAIXAR PERNA-CAVALO-DESCANSAR.

Análise do Trabalho de Transcrições

Essas transcrições dos corpus vídeos pelo sistema SignWriting possibilitam observar o funcionamento do sistema. O texto escrito mostra claramente quais os sinais constantes da narrativa, pois explicitam com toda a clareza os símbolos e suas posições nas frases, as expressões, contatos e movimentos. Até agora os vídeos têm sido utilizados para a reprodução das sinalizações. As reproduções em vídeo têm limitações ligadas ao meio tecnológico (necessidade de aparelhos e também quanto à clareza, pela distração que o conjunto da imagem provoca e o tempo limitado de exposição do sinal).

Os pesquisadores utilizam o sistema de transcrição tendo como mediadora a língua oral, acrescentando outros recursos gráficos para garantir uma leitura mais precisa dos vídeos e fotos. A ELS torna mais fiel o processo.

Outro aspecto pertinente às situações de pesquisa da língua é o do sigilo dos pesquisadores. Nos corpus vídeos a imagem sempre é a de uma determinada pessoa, no mais das vezes conhecida de todos, o que pode influenciar as interpretações.

A ELS vai permitir também, comparar em um meio de expressão idêntico e estável, papel e escrita, as duas línguas, a de sinais e a oral, ficando explícitas as diferenças e semelhanças existentes entre as duas representações.

O caráter tridimensional das línguas de sinais coloca questões aos lingüistas que os fazem perguntar pela qualidade de representação do sistema SignWriting. A língua de sinais quando emitida por sinalizadores competentes é fluida e espontânea, sendo comparada por muitos a uma dança. Cabe esclarecer que a notação em SignWriting conserva essas características quando coloca os elementos de expressão, locação, movimento e contato. A questão da não fluência da língua parece se evidenciar nas transcrições quando notadas na língua oral, ali a língua de sinais aparece como uma sucessão de palavras sem elementos de ligação, isso acontece porque muitas das características das línguas de sinais ficam excluídas desse tipo de notação.

Permanecem alguns problemas que terão de ser resolvidos por cada língua de sinais, conforme suas próprias necessidades, à medida que seus usuários forem se deparando com eles e em que lingüistas e pesquisadores da área da informática na educação se debrucem sobre esse objeto de estudo. Nessa tese não se pretende dar uma resposta a problematização, mas contribuir com abertura de possibilidades e questionamentos sobre essa temática.

Esse estudo se realizou na França em conjunto com o grupo de pesquisa que tinha como objetivo estabelecer as bases de um formalismo gráfico da LSF tendo sido escolhido o sistema SignWriting por ser o único, além daquele criado por Bébian¹⁷, que procura atender à necessidade, primordialmente pedagógica, dos surdos escreverem sua própria língua. Os outros sistemas foram criados para responder às necessidades de pesquisa. Além disso, depois de 30 anos, o SignWriting já é ensinado em muitos lugares do mundo e suporta a troca de mensagens entre os locutores.

Nas experiências realizadas, algumas questões pontuais evidenciadas no uso do sistema, podem ser destacadas:

- Necessidade de um sistema formal para evidenciar a troca de locutor na transcrição dos diálogos
- Notação das locações quando são mais de duas.
- Notação das repetições.
- Indefinição entre a barra que significa os ombros com a barra de pontuação quando aquela aparece no final da frase.

¹⁷ pesquisador Roch Ambroise Bébian que trabalhava no INJS¹

10 CONCLUSÕES, LIMITAÇÕES E TRABALHOS FUTUROS

A escrita precisa ser uma atividade significativa para a criança. Na presente pesquisa, as crianças podem escrever baseadas em sua compreensão da língua de sinais não necessitando da intermediação da língua oral. Observamos também, que no ambiente de uma classe de surdos, onde o professor e os colegas se comunicam em língua de sinais, elas efetivamente tentam escrever os sinais quando estimuladas a isso.

O SignWriting é para a criança surda “visualmente fonético” ou uma escrita visual em perfeito acordo com as suas potencialidades. Como a criança ouvinte constrói na escola suas aprendizagens da língua oral com o concurso da língua escrita e, por essa construção, acede a níveis cada vez mais elevados de conhecimento. Assim também, para a criança surda, aceder à escrita de sua língua de sinais significa dotá-la de uma ferramenta indispensável para qualificar seu grau de participação na cultura e na sociedade. A população surda hoje é marginalizada, pois em sua quase totalidade funcionalmente analfabeta, em uma sociedade cada vez mais dependente da palavra escrita.

O sistema de representação SignWriting apenas começa a ser usado pela população surda e seu uso precisa ser acompanhado por pesquisas de lingüistas que possam observar e procurar soluções cada vez mais econômicas para sua utilização. Também por estudiosos de pedagogia e informática pois sua vocação é ser uma ferramenta acessível ao surdo em sua relação com o computador que terá também o poder de instrumentalizar sua interação com os ouvintes pela possibilidade da tradução eletrônica para a língua oral.

O uso do recurso computador traz a possibilidade às pessoas surdas de uma alternativa de comunicação e incorpora novas tecnologias ao processo de aprendizagem das crianças. A utilização de um editor de textos como o Sign Writer ou o SW-Edit nas aulas para introdução às TI traz a essas aulas muito maior interesse do que quando usamos o editor de textos em português. Também as produções das crianças são mais sofisticadas. Essas ferramentas, no entanto, tem limitações que podem ser ultrapassadas pois a evolução da informática possibilita esse salto de qualidade.

Os softwares disponíveis são editores do texto o que torna necessária a prévia alfabetização em SignWriting. Um software para aprender a escrever sinais é uma possibilidade interessante.

Levantamos a hipótese de que se todo o ambiente escolar (e possivelmente familiar) estiver cheio de textos em língua de sinais, as crianças aprendem a escrever sua língua assim como o fazem as crianças ouvintes com sua língua oral. Essa hipótese se evidenciou pela observação de que muitos signos e frases em SignWriting que as crianças escreveram não foram sugeridos pela pesquisadora.

Quanto a funcionalidade do sistema SignWriting os símbolos de movimentos são naturalmente complexos porque precisam registrar as inúmeras mudanças que acontecem com as diversas partes do corpo durante a emissão de um sinal e constituem a maior dificuldade de aprendizagem para os iniciantes. Alguns sinais escritos precisam do uso de muitos símbolos, para representar um sinal, que é produzido em apenas um instante pelo sinalizador.

São desafios para os quais precisamos pesquisar soluções práticas que demandam estudos aprofundados, por uma equipe multidisciplinar, que poderá encontrar formas mais simples e eficientes de representar esses casos pontuais. Carecem de propostas específicas principalmente as representações de sinais que se propõe a escrever sinais escritos com a grande iconicidade e têm nas múltiplas sinalizações simultâneas, em um mesmo espaço, sua característica.

São pesquisas que precisam ser realizadas por cada língua de sinais que possui suas determinações, singularidades e diferenças quanto ao uso da iconicidade. Para os americanos, isso não parece ser problema, já que sua língua descartou grande parte da iconicidade de seu sinalário. Para os lingüistas franceses, se apresenta como um obstáculo maior face a iconicidade muito presente na LSF. É necessário observar, nesse sentido, que novas tecnologias como, por exemplo, o telefone celular para comunicação entre usuários das línguas de sinais, poderão impor restrições à sinalização. No caso, o espaço sendo pequeno, os sinais precisam ser emitidos respeitando esse espaço, isso irá diminuir a grande iconicidade, e terá também outras possíveis conseqüências podendo, por exemplo, chegar ao extremo de ser necessário emitir o sinal com uma única mão enquanto a outra segura o celular.

Até que ponto a máquina se adapta ao homem ou o homem se adapta à máquina é uma questão que também no caso das línguas de sinais se torna atual.

A questão da grande iconicidade, no entanto, não se apresentou como limitadora das práticas escolares que realizamos, mesmo nas escolas francesas, sendo que, especialmente no Colégio André Malraux, onde as crianças são maiores, a LSF é praticada em um nível de bastante sofisticação, pois elas recebem aulas de LSF desde que iniciam sua escolaridade, na mesma frequência das aulas de francês escrito, usando de recursos muito elaborados.

Como instrumento simbólico, a escrita de sinais pode ser o suporte cognitivo fundamental que está faltando aos surdos para tornar sua educação um processo racional e efetivo.

Esta construção é possível. Necessita, no entanto, de articular os campos de saber em torno da escrita de língua de sinais pelo sistema SignWriting, e das pesquisas na informática para possibilitar com esse novos conhecimentos ressignificar as posturas práticas e teóricas adotadas na educação dos surdos.

As novas tecnologias associadas ao computador trazem vantagens para os surdos pois são de caráter predominantemente visual e a ELS pelo sistema SignWriting abre um campo de pesquisa e atuação que os coloca em um patamar mais elevado de construção de interações dentro da própria comunidade surda e com a comunidade ouvinte.

As novas tecnologias estão revolucionando rapidamente todos os processos comunicativos. Para os surdos urbanos escolarizados elas têm significado maior independência e participação em todos os campos da atividade humana. Essa participação no entanto está limitada à sua baixa taxa de escolarização e compreensão da leitura e escrita.

Acrescento, que acredito que as tecnologias de informática vão utilizar e fazer evoluir o sistema SignWriting, tornando mais fácil ler e escrever para os surdos e, no futuro próximo, poderá haver tradução para as línguas orais, esse tipo de programa já está em processo de construção.

Outro desafio é o de como a escola de surdos vai garantir ao aluno surdo o seu processo de alfabetização na ELS, o que nos remete à construção de propostas curriculares que sejam realmente bilíngües.

Como ator da comunidade surda preocupa o contexto social fortemente desigual que sofrem os surdos particularmente para o acesso a informática, a formação e a cultura principais fatores de cidadania e integração no seio da sociedade. Esse projeto se desenrolou num forte contexto de preocupação política. Essa posição é hoje legitimada pelo reconhecimento oficial da Língua Brasileira de Sinais - Libras e pelo Ministério de Educação

que concluiu pela sua autenticidade educativa e cultural. O reconhecimento oficial da Libras no sistema educativo coloca a necessidade de desenvolver todo um marco formal para o ensino dessa língua: programa, pedagogia, avaliação. Questões relativas aos suportes pedagógicos, à tomada de notas, à memorização, à avaliação, trazem para o primeiro plano a problemática de uma forma escrita para as línguas de sinais.

A Feneis¹⁸ foi, no Brasil, quem primeiro lançou o projeto de um ensino formal da Libras, criando seus cursos com o suporte dos livros organizados por uma equipe coordenada pela lingüista Dra. Tanya Amara Felipe: *Libras em contexto*. Ela, uma voluntária da Feneis, encontrou dentro do MEC o apoio esclarecido da educadora Marlene Gotti.

Se as interações em língua de sinais, suportadas pela forma manuscrita e pelas ferramentas computacionais de SignWriting, podem contribuir para a compreensão dos conteúdos escolares, para a elevação da auto-estima das crianças e também para a evolução e padronização da língua é o interrogante, que hoje como diretora da políticas educacionais da Feneis, e na ocasião do início da pesquisa, militante da mesma Federação, me coloquei como objeto da pesquisa.

Como as crianças e jovens surdos se apropriam dessa escrita? Os relatos aqui apresentados permitem vislumbrar essa possibilidade, em uma prática escolar, da qual minha observação mais consistente foi a de que ela é bem-vinda pelos estudantes surdos.

As crianças surdas, usuárias das LS, podem evoluir da aquisição para o letramento pelo uso do sistema SignWriting? As experimentações foram limitadas, não permitem afirmar mas também nada indicou a inviabilidade dessa suposição. A espontaneidade que muitas vezes manifestaram em sua escrita é um dado significativo.

Podem as crianças surdas adquirir a ELS da mesma forma que as crianças ouvintes adquirem a escrita das línguas orais?

Aqui as indagações são as mais numerosas e as indicações a trabalhos futuros são inúmeras: modalidades de apropriação; ritmo; dificuldades; ordem de aprendizagem dos símbolos; tempo dessas aprendizagens; dissociar reconhecimento da capacidade de utilização; competências prévias a aquisição; locações dos símbolos; escrita horizontal ou vertical; escolha entre várias formas de escrever os signos; invenção de signos; como as crianças lêem sinalizando, ou não; quais as maiores dificuldades – de que natureza, e outras.

Quanto às relações entre o português escrito e o SignWriting, uma abordagem científica implicaria a comparação de dois grupos: um adquirindo só o português escrito,

¹⁸ Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos.

outro, os dois sistemas. Aqui também, pesquisas bem focadas poderão apontar resultados e encontrar outras formas de avaliar essas relações de grande importância para nossa educação.

A implementação de ferramentas de informática para atender as necessidades das pessoas surdas coloca em primeiro lugar um indispensável agrupamento de competências. A grande especificidade desses estudos confronta essas pesquisas com a necessidade de participação de pesquisadores das ciências humanas e pesquisadores em informática junto a membros da comunidade surda conhecedores de sua língua e de sua cultura.

No caso das pesquisas aplicadas ao uso do SignWriting, locutores da Libras, usuários potenciais desse formalismo gráfico, devem estar presentes ao longo da realização dos programas: primeiro na avaliação das necessidades e práticas das crianças surdas, depois nas fases de realização observando nas aulas as modalidades de apropriação do SignWriting e logo, em grupos de trabalho com os adultos surdos, principalmente professores, com quem serão discutidas as propostas observando a experimentação das ferramentas educativas elaboradas pelos pesquisadores de informática na educação e lingüística.

A presença de locutores surdos experimentados na LS será indispensável nas pesquisas de representação do espaço-tempo e das mímicas faciais.

Embora o sistema SignWriting, tenha sido criado há mais de 30 anos, apenas começa a ser aplicado à educação dos surdos nas escolas e isso acontece em alguns países identificados com os princípios da moderna neurolingüística que preconiza a absoluta necessidade de a educação dos surdos ser desenvolvida em sua própria língua.

Essa foi uma pesquisa exploratória com o objetivo de observar como as crianças, surdas se apropriam desse sistema gráfico para as línguas de sinais, e como ele se comporta quando aplicado a alguns dos suportes de informática já construídos.

Como pesquisa exploratória ela não traz respostas conclusivas, mas sugere novas pesquisas que aperfeiçoem as condições dessa apropriação e ainda, interroga a comunidade de pesquisadores preocupados com a educação dos surdos, da informática e da lingüística a responder a questão de se a compreensão do processo de aquisição da ELS poderá ajudar a construir metodologias mais naturais para o surdo aprender a língua portuguesa escrita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIA

- ANDERSSON, Yerker. *A Cross-cultural comparative study: Deafness*. Unpublished doctoral dissertation. College Park, Maryland: University of Maryland. 1981.
- BARBIER, R. *La Recherche Action*. Ed. Economica, Tradução de Ludie Didio. Paris, 1996.
- BEBIAN, Roch A A. *Essai sur les sourds-muets et sur le langage naturel*. Paris, Dentu, imprimeur-libraire, 1817.
- BOUORA, Leila. *Étude des systèmes d'écriture des langues vocales et des langues signées*. Paris: Mémoire de D.E.A. des Sciences du Langage – Université Paris VIII, 2003.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e Lingüística*. São Paulo. Editora Scipione, 2002.
- CAPOVILLA, Alessandra Gotuzo Seabra. *Problemas de leitura e escrita*. Editora Memnon, São Paulo, 2000.
- CAPOVILLA, Fernando César, Walkiria Duarte Raphael. *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe da Língua de Sinais Brasileira, Volume II: sinais de M a Z*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.
- COSTA, Antônio Carlos da Rocha. *SignWriting: um sistema de escrita para línguas de sinais*. EFETA – Publicação Pastoral do Surdo, Ano 5, n 32. Set/Out. 1998.
- _____. *SignNet: adaptando as tecnologias da Internet para as linguagens de sinais e a educação de surdos*. Projeto submetido ao Edital CNPQ-Protém 01/99. 1999.
- COSTA, Antônio Carlos da Rocha. *A teoria piagetiana das trocas sociais e sua aplicação aos ambientes de ensino-aprendizagem*. Informática na Educação: teoria & prática – Vol. 6, n. 2, jul/dez. 2003. Publicação semestral do PPGIE/CINTED/UFRGS
- FELIPE, Tanya A. *Libras em Contexto*. Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, MEC: SEESP, Brasília, 2001.
- FERNANDES, Eulália. *Linguagem e surdez*. Porto Alegre. Editora Artmed, 2003.

FERREIRO, Emilia. *Psicogênese da língua escrita*. Emilia Ferreiro e Ana Teberosky. Trad. Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco e Mário Corso. Porto Alegre. Editora Artes Médicas Sul, 1999.

_____. *Reflexões sobre Alfabetização*. São Paulo: Editora Cortez, 1985.

GARCIA, Brigitte. *Ecrits sur la langue des signes française*. Editora L'Harmattan, Paris, 1995.

_____. *Contribution à l'histoire dès débuts de la recherche linguistique sur la Langue des Signes Française. Les travaux de Paul Jouison*. Paris, França. (Tese de doutorado – Faculdade de Ciência Humana e Social). Université Paris V – René Descartes. 2000.

GIORDANI, Liliane F. "*Quero escrever o que está escrito nas ruas*": representações culturais da escrita de jovens e adultos surdos. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2003.

LURIA, Aleksandr Romanovich. *Cérebro y Lenguaje*. Editora Fontanella, Barcelona, 1974.

PERLIN, Gladis. Identidades Surdas. In: Skliar (Org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998

PIAGET, Jean. *O Nascimento da inteligência na criança*. Editora Zahar, Rio de Janeiro, 1970.

_____. *A linguagem e o pensamento na criança*. Editora Martins Fontes, São Paulo, 1973.

_____. *A relação da afetividade com a inteligência no desenvolvimento mental da criança*. Editora UFRGS, Porto Alegre, 1977.

QUADROS, Ronice Muller de. *Educação de Surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1997.

_____. *Diferenças Implicadas na Educação de surdos: Inclusão/Exclusão*. Encaminhado à Revista Ponto de Vista, N.4, NUP, UFSC, Florianópolis, 2003 (no prelo).

SKLIAR, Carlos. Org. 1997, *Educação & exclusão: abordagem sócio-antropológicas em educação especial*. Porto Alegre: Editora Mediação, 1997.

SOUZA, Regina Maria de. *Educação de Surdos e questões de norma*. In Lodi, Ana Cláudia B. (Org) *Letramento e minorias*. Porto Alegre. Editora Mediação, 2002.

SUTTON, Valerie. *SignWriting: Manual*. [online] disponível em www.signwrtng.org, 1996. Consultado em outubro de 1996.

VALENTINI, Carla Beatris. *Tecendo e aprendendo: redes sociocognitivas e autopoéticas em ambientes virtuais de aprendizagem*. 2003. Tese (Doutorado) – UFRGS/PGIE, Porto Alegre, 2003.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch, 1896-1934. *Pensamento e linguagem*. Trad. Jefferson Luiz Camargo. Editora Martins Fontes, São Paulo, 2005.

BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Elizabeth Oliveira Crepaldi de. *Leitura e Surdez: um estudo com adultos não oralizados*. Editora Revinter, Rio de Janeiro, 2000.

BAQUERO, Ricardo. *Vygotsky e a aprendizagem escolar*. Trad. Ernani F. da Fonesca Rosa. Editora Artes Médicas, Porto Alegre, 1998.

BOGDAN, Roberto C. e Sari Knopp Biklen. *Investigação Qualitativa em Educação*, 1994. Editora Porto, Portugal.

CAMPOS, Márcia de Borba. *Ambiente telemático de interação e comunicação para suporte à educação bilíngüe de surdos*. Porto Alegre: CPGIE/UFRGS, 2001. Tese (Doutorado em Informática na Educação) - Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação, Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001.

CAPOVILLA, Fernando César. *Linguagem e cérebro humano: contribuições multidisciplinares*. Cássio Rodrigues, Leda Maria Braga Tomitch..[et al.]. Porto Alegre: Editora Artmed, 2004.

COSTA, Marisa Vorraber. *Sobre os estudos culturais*. In. Costa M.V. (Org) *Estudos Culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema..* Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 2000.

- FAYARD, Pierre. *O jogo da interação: informação e comunicação em estratégia*. Editora Educ, Caxias do Sul, 2000.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.
- KARNOPP, Lodenir; QUADROS, Ronice Müller de. *Educação infantil para surdos*. In: ROMAN, Eurilda Dias, STEYER, Vivian Edite (Org.) *A criança de 0 a 6 anos e a educação infantil: um retrato multifacetado*. Canoas. 2001.
- KARNOPP, Lodenir Becker. *Aquisição do parâmetro configuração de mão na língua brasileira dos sinais (Libras): Estudo sobre quatro crianças surdas, filhas de pais surdos*. Porto Alegre: PUCRS, 1994. 154 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1994.
- KYLE, Jim. *O ambiente bilíngüe: alguns comentários sobre o desenvolvimento do bilingüismo para surdos*. In: Skliar C. (Org.) *Atualidade da educação bilíngüe para surdos*. Vol.1. Porto Alegre. Editora Mediação, 1999.
- LÉVY, A. *La recherche-action: une autre voie pour les sciences humaines. Du discours à l'action. Les sciences sociales s'interrogent sur elles-mêmes* (A pesquisa-ação: um outro rumo para as Ciências Humanas. Do discurso á ação: as ciências sociais examinam a si próprias). S/dir J-P. Boutinet. L'Harmattan, 1985. 50-68.
- LURIA, Aleksandr Romanovich. *Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria*. Editora Artmed, Porto Alegre, 1987.
- MACEDO, Lino de. *Ensaio construtivistas*. Editora Casa do Psicólogo, 1994. São Paulo.
- MACHADO, Ana Maria Netto. *Presença e implicações da noção de escrita na obra de Jacques Lacan*. Ijuí, Editora UNIJUÍ, 2000.
- MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann. *Identidades traduzidas: cultura e docência teuto-brasileiro-evangélica no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo, Editora Sinodal, 2000.
- NEMIROVSKY, Myriam. *O ensino da linguagem escrita*. Trad. Neusa Kern Hickel. Porto Alegre. Editora Artmed, 2002.
- OLIVEIRA, Vera Barros de. *Informática em psicopedagogia*. Editora Senac, São Paulo, 1999.

- PERLIN, Gládis. Ronice Quadros. *O Ouvinte: o outro do outro surdo*. In: Seminário de Estudos Interculturais, 3., 2003, Florianópolis. Anais... Florianópolis: UFSC, 2004.
- PETERS, Otto. *Didática do ensino a distância*. Trad. Ison Kayser. São Leopoldo. Editora Unisinos, 2001.
- PILLAR, Analice Dutra. *Desenho e escrita como sistemas de representação*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1996.
- _____. *Desenho e construção de conhecimento na criança*. Porto Alegre. Editora Artes Médicas, 1996.
- QUADROS, Ronice Muller de. *Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos*/ Ronice Muller de Quadros e Lodenir Becker Karnopp. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- RENARD, Marc. *Écrire lês Signes: La mimographie d'Auguste Bébien et lês notations contemporaines*. Editora Éditions du Fox, Paris, 2004.
- RIZZO, Gilda. *Alfabetização Natural*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2002.
- SACKS, Oliver W. *Vendo Vozes: uma viagem ao mundo dos surdos*. Trad. Laura Teixeira Motta. Editora Companhia das Letras, 1998. São Paulo.
- SILVA, Tomaz Tadeu Org. 1997, *Alienígenas na sala de aula. Uma introdução aos Estudos Culturais e na Educação*. Petrópolis: Editora Vozes, 1995.
- SILVA, Ivani Rodrigues. *Cidadania, surdez e linguagem: desafio e realidades*. (Org) Samira Kauchakje, Zilda Maria Gesueli. São Paulo. Editora Plexus, 2003.
- SKLIAR, Carlos. Prefacio XIII em Souza, Maria Regina. *Que palavra que te falta? Lingüística, educação e surdez*, São Paulo: Editora Martins Fontes, 1998.
- SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte. Editora Autêntica, 2002.
- SOUZA, Vinícius Costa de. *SignWebMessage: um ambiente para comunicação via Web baseado na escrita da Língua Brasileira de Sinais*. Anais do III Congresso Ibero-americano de Informática na Educação Especial. Fortaleza, CE, 2002.

- STUMPF, Marianne Rossi. *Transcrições de língua de sinais brasileira em SignWriting*. In Lodi, Ana Cláudia B. (Org) *Letramento e minorias*. Porto Alegre. Editora Mediação, 2002.
- STUMPF, Marianne Rossi. *Sistema SignWriting: por uma escrita funcional para o surdo*. In Thoma, Adriana da Silva. (Org) *A Invenção da Surdez: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação*. Editora Edunisc, 2004.
- TORCHELSEN, R.P.; COSTA, A.C.R.; DIMURO. G.P. *Editor para texto em Língua de Sinais em SignWriting*. Anais do XIII Simpósio Brasileiro de Informática na Educação – SBIE. São Leopoldo, RS: UNISINOS, p. 655, 2002.
- TOSCHI, Eny. *Educação de Professores Ler o Mundo, Leitura do Mundo*. Leitura em Revista. ALBS-NE) Editora Unijuí, Vol.1 n.1, jan/jun 2001
- TFOUNI, Leda Verdiani. *Letramento e alfabetização*. São Paulo. Editora Cortez, 2000.
- VALENTINI, Carla Beatris. *Aprendizagem em ambientes virtuais: compartilhando idéias e construindo cenários*. Editora Educus, Caxias do Sul, 2005.

ANEXOS

Anexo 1: Projeto de LS Script

Le projet LS-Script

Toulouse, Samedi 5 mars 2005

Projet « LS-Script » : le cadre

- **Subventionné par 3 ministères** (Recherche, Culture, Travail)
- **Durée** : 2 ans (14/12/2004 —> 14/12/2006)

5 partenaires :

- IRIT Université Paul Sabatier (Informatique)
- LIMSI Orsay (Informatique)
- IRIS Toulouse
- WebSourd Toulouse
- SFL Paris 8 (linguistique)

LS-Script : les objectifs

Répondre à la question : *quelles formes d'écrit pour les sourds ?*

- ✓ Centré sur le contexte de l'enseignement (bilingue), où la question est cruciale.
 1. Identifier les besoins et les attentes en matière de formes graphiques pour la LSF
 2. Proposer les bases d'un formalisme graphique pour la LSF
 3. Proposer des représentations informatiques centrées sur ce système graphique (et des outils informatiques pour l'aide à l'écriture et à la lecture).
- ✓ Travail initial des informaticiens sur *Sign Writing*, en attendant la mise au point du formalisme graphique proprement dit.

LS-Script : les actions prévues

Enquête auprès des personnes concernées (pour répondre aux besoins et attentes réels)

Adultes sourds : enquête réalisée en 2003-2004 (31 entretiens individuels)
Enfants sourds scolarisés en structure bilingue

Mise au point des bases d'un formalisme graphique

État des lieux de ce qui existe (LS et systèmes non linguistiques) : limites / potentiels à exploiter

Étude de *Sign Writing* : seule notation au monde utilisée dans des classes

- ✓ Étude linguistique
- ✓ Formation à *Sign Writing* (Marianne Stumpf) et appropriation par les enseignants
- ✓ Travail avec les enfants (utilisation, recueil d'observations, évaluation)

Recherches linguistiques : formalisation graphique de la LSF

Groupes de travail de locuteurs sourds
Travaux des informaticiens

Pourquoi une enquête ?

Raison morale et politique :

La question de l'écriture d'une langue appartient à ceux dont elle est la langue principale

= ici : les Sourds

Raison théorique :

Une écriture se crée pour *répondre à des fonctions précises et pour certains usagers particuliers*

**→ Identifier d'abord les fonctions à remplir, en particulier dans le cadre scolaire.
= Pour qui et pour quoi faire ?**

L'enquête déjà réalisée auprès des adultes : Objectifs

Il fallait comprendre:

Les représentations que ces adultes sourds ont:

- De l'écriture (en général)
- Du français écrit (en particulier)

Les usages et pratiques graphiques réels

NB : *toutes 'formes graphiques'*

Les attentes éventuelles sur ces questions

- Des résultats à compléter et préciser par les pratiques des enfants, confrontés à l'apprentissage du français écrit.

Quelques arguments sur l'intérêt d'une forme graphique de la LSF dans la scolarité

1° Écrire la LSF = affermir la maîtrise de la langue

- On ignore encore comment les bons lecteurs et scripteurs sourds ont acquis leur maîtrise de l'écrit
- Mais : on a établi un lien positif direct entre le niveau en LS et le niveau en écriture/écriture

Une forme écrite de la LSF ne peut que renforcer la maîtrise de la LS (et donc, à terme, la maîtrise de l'écrit)

- en aidant l'enfant à prendre du recul sur sa langue
- en donnant de la valeur à sa langue

Quelques arguments sur l'intérêt d'une forme graphique de la LSF dans la scolarité

2° Écrire la LSF = se familiariser avec l'écrit dans sa propre langue

- L'écrit remplit des fonctions spécifiques (communiquer à distance, laisser des traces du passé, etc.), que l'enfant doit découvrir

- Il est plus facile de découvrir ces fonctions pour une langue que l'on connaît déjà

Une forme écrite de la LSF peut permettre à l'enfant de se familiariser avec les fonctions de l'écrit et faciliter ainsi l'apprentissage du français écrit.

NB : En particulier, elle peut aider à lever les blocages liés à la production d'écrit

Quelques arguments sur l'intérêt d'une forme graphique de la LSF dans la scolarité

De toute façon, on ne crée pas une écriture en quelques mois !

Le premier rôle de LS-Script est de permettre de comprendre et d'évaluer :

- Ce que les enfants produisent spontanément
- La manière dont ils s'approprient (ou non) une forme écrite de leur langue
- Le bénéfice qu'ils en tirent,

L'objectif étant d'élaborer les formes les mieux adaptées à leur épanouissement dans leur langue et en français.

Enquête auprès des adultes une forme graphique pour la LSF?

Créations graphiques originales : **multiples**

+ situations d'insatisfaction : **nombreuses**

Ceci ne signifie pas forcément l'attente d'une forme graphique commune et normalisée:

Très souvent, ceux qui maîtrisent le français écrit s'en satisfont

Rôle important de la vidéo (« *l'écrit de la LSF* »)

- ✓ Préservation et archivage
- ✓ Support pédagogique
- ✓ Moyen de diffusion

+ *Tableur sur les progrès technologiques rapides...*

Une forme graphique pour la LSF ? (suite)

MAIS : QUELQUES LIMITES DIFFICILES À DÉPASSER

- Accès aux banques de données en LSF : limites de l'informatique...
- Limites propres à la vidéo

✓ **SE voir : bloque la prise de recul propre à l'écrit** (= « de l'oral »)

✓ **Insuffisances comme support à la réflexion** (défilement de la vidéo ≠ perception simultanée propre à l'écrit)

Limites dans l'enseignement

- ✓ *de la LSF* : quel support à la préparation et à la production devant la caméra ?
 - ✓ *du français écrit en LSF* : passer de *l'oral LSF* au *français écrit* et inversement...
- = les points à affiner dans l'enquête auprès des enfants

Une forme graphique pour la LSF ? Réactions à l'idée

Point sensible : le fait que l'idée émane d'entendants...

Rarement un rejet simple de l'idée

Très favorables à l'idée : plus de la moitié

Défenseurs les plus enthousiastes:

- ✓ Soit très à l'aise en français écrit
- ✓ Soit en très grande difficulté

Une forme graphique pour la LSF ? Réactions à l'idée : *les réserves*

- Une écriture qui ne pourra pas accéder à une vraie existence sociale
- Un facteur de repli pour la communauté sourde
- Le risque d'un codage réducteur et maladroit
- Pour quelques-uns : une question dépassée < progrès technologiques

Une forme graphique pour la LSF ? Réactions à l'idée : *arguments pour*

- Un facteur d'ouverture, au contraire
- Un *complément* de la vidéo (*pas un substitut*)
- Clarification de la LSF / français écrit
- Une valorisation de leur langue pour les enfants
- Faciliterait l'entrée des enfants dans l'écrit
- Préservait la créativité propre de la LSF (\neq appauvrissement)
- Un support d'expression pour les sourds en grande difficulté à l'écrit

Le projet LS script pour les enfants des classes LSF

S'organise autour de 2 axes :

- Une enquête auprès des enfants
- Une sensibilisation à une possibilité de forme graphique de la LSF pour les enfants (adaptation de Sign Writing à la LSF)
- Une formation à Sign Writing pour les enseignantes

Le projet LS script pour les enfants des classes LSF

Depuis longtemps, sur le terrain, au quotidien, on observe, entre autres:

- Difficultés majeures pour les élèves dans la prise de notes, dans les résumés d'expériences, d'activités.

- Passage de la LSF à l'écrit : besoin d'un intermédiaire sur lequel les élèves pourraient s'appuyer et qui leur permettrait de prendre du recul par rapport à leurs productions 'orales'

Ces observations ont toujours générées pour les enseignantes :

- des réflexions d'équipe (comment faire pour accompagner au mieux les élèves ? Avec quels moyens ?)
- des mini expériences en classe de manière ponctuelle pour tenter de trouver « la bonne méthode ». Les résultats de ces mini expériences ont toujours été encourageants.
- mais surtout un goût amer de « pas fini »
- Et enfin un besoin : celui d'être elles mêmes accompagnées par d'autres professionnels, avec d'autres moyens
- Le projet LS script pour les enfants des classes LSF

Le projet LS script s'inscrit donc dans une optique de possibilité de réponses à toutes les questions que se posent les enseignantes:

- Pour apporter un enseignement de qualité
- Pour permettre une meilleure maîtrise de la LSF et donc de la langue Française écrite
- Pour permettre à l'enfant de devenir autonome

L'enquête auprès des enfants : *ce que nous cherchons à savoir*

1. Leurs représentations de l'écriture en général

- À quoi ça sert ?
- Quand est-ce qu'on s'en sert ? Pour faire quoi ?

2. Leurs représentations du français écrit

- Pourquoi leur fait-on apprendre ça ?
- En classe, à quoi ça sert ? Et à la maison ?

3. Comment ils imagineraient une forme écrite de la LSF

4. À quoi pourrait servir une écriture créée exprès pour la LSF

= *Comprendre comment ils perçoivent l'écrit*

= *Comprendre s'il y a des besoins d'une forme propre à la LSF et dans quelles situations précises*

L'enquête auprès des enfants

Comment nous l'envisageons :

- L'enquête ne doit être, en aucun cas, un supplément de travail pour les enfants
- Elle ne doit pas perturber les projets de classe
- Elle doit donc se fondre dans la mise en place pédagogique

L'enquête auprès des enfants de maternelle et cycle 2

- 3 séances de 30 à 45 minutes
- Cadre : décloisonnement GS/CP/CE1
- Objectifs : vivre ensemble, maîtrise de la langue orale, maîtrise de la langue écrite, découverte du monde

Exemple

- Un jeu où il faut trouver une écriture différente du Français pour que tous (martiens, étrangers non francophones, animaux ...) puissent réceptionner rapidement l'information que l'on veut faire passer

L'enquête auprès des enfants de cycle 3 :CE2/CM1

Plusieurs cadres :

- Cours de LSF
- Lecture et Productions d'écrits
- Débats collectifs

Pour chaque cadre, objectifs pédagogiques associés

Exemple

- Jeu : les Robinsons à la recherche de la langue Française écrite.
- Début de l'histoire :

vous étiez sur un bateau en partance pour une croisière. Mais, au cours d'une violente tempête, votre bateau fait naufrage. Vous vous retrouvez sur des îles avec vos amis. Autour de vous, des goélands volent majestueusement. Au loin, vous apercevez d'autres îles. Après avoir cherché longtemps, vous trouvez un bloc notes et un stylo. Mais, après le choc que vous avez vécu, vous avez oublié comment on écrit le Français et la Langue des Signes ne se voit plus de loin...

vous décidez d'écrire des messages et de les faire transporter par les goélands...

L'enquête auprès des enfants

- Autorisations de filmer les enfants pour les besoins de l'analyse ultérieure prise en charge par les linguistes
- Les enregistrements seront effacés sitôt l'étude terminée

Une sensibilisation à une possibilité de forme graphique de la LSF pour les enfants

Cette sensibilisation sera prise en charge par Marianne Stumpf, spécialiste de Sign Writing:

- concernera les groupes MS/GS, CP/CE1, CE2 et CM1

- sera programmée dans le cadre de l'atelier journal : tous les travaux réalisés seront insérés dans le journal de classe
- débutera le 31 mars et durera jusqu'à fin Juin (10 à 15h de sensibilisation par groupe)
- est actuellement en cours de préparation : il faut adapter Sign Writing à la LSF

Une formation à Sign Writing pour les enseignantes des classes LSF

Anexo 2: Reunião de Videoconferência

Réunion test visioconférence 8 février 2005

Participants :

PARIS VISUEL

- Rachid Mimoun : président de Visuel (toutes les antennes Visuel en France sont équipées de systèmes de visiophonie).
 - Anne Madec : travaille pour France Télécom. Fait de la recherche sur la communication pour les sourds. A participé au développement de Websourd.
 - Jérémie Segouat : en CDD au LIMSI, travaille sur le projet LS-Script.
 - Dominique Boutet : linguiste à P8, participe à LS-Script sur la notation physiologique de signes standards isolés.
 - Gaëlle Roch : en CDD sur le projet LS-Script, gestion du budget alloué à P8 et travaux de recherche.
 - Annelies Braffort : chercheuse au LIMSI, travaille en collaboration avec P8 depuis longtemps. Projet d'élaboration d'un modèle informatique pour écriture de la LS puis création d'avatars
 - Brigitte Garcia: linguiste à P8 responsable de LS-Script pour P8
 - Annick Choisier : LIMSI travaille sur corpus vidéo en LSF.
 - Julien : technicien Visuel
- 2 interprètes Anne-Marie et Christine.

TOULOUSE IRIS

- Bruno Moncelle : travaille à Websourd.
- Patrice Dalle : (IRIT/IRIS) travail de recherche sur l'image informatique : comment capter la LS en vidéo et comment la modéliser ?
- Pascal Jobez: Responsable multimédia IRIS.
- Jean-Olivier Regat : Travaille à websourd et a aussi travaillé avec Jouison.
- Hugo Mercier : fait une thèse en informatique sur l'analyse des expressions du visage.
- Boris Lenseigne: a fait une thèse avec P.Dalle sur une grammaire de la LS sur l'espace de signation : une modélisation de l'espace discursif de la LS pour une modélisation informatique.
- Marianne Stumpf : enseignante sourde brésilienne, a une grande expérience pratique de Sign Writing.
- François Goudenove : responsable Websourd.

Matériel :

- 1 PC équipé du système WebSourd (logiciel eConf paramétré + accès aux services de visio) deux haut-parleurs
- 1 micro unidirectionnel
- 1 caméra
- 1 vidéo projecteur

Ordre du jour :

- Présentation mutuelle de Marianne Stumpf et de toutes les personnes présentes + réponse à toutes ses questions éventuelles sur l'ensemble du projet + Sign Writing : la question de la formation des enseignants d'IRIS à Sign Writing (date, modalités...) —*ceci concerne la mise en oeuvre du sous-projet SP3 mais peut intéresser tout le monde.*
- Peut-être : préparer la réunion prévue pour le 5 mars à Toulouse avec les parents d'enfants sourds impliqués dans le projet.
- Les implications techniques et financières de l'installation du système WebSourd dans les Universités (IRIT, LIMSI, Paris 8)
- Point sur les éventuelles difficultés rencontrées par les différents partenaires dans la mise en route du projet.

Présentation de M. Stumpf :

M. Stumpf est enseignante auprès d'enfants sourds au Brésil. Elle travaille depuis 3 ans auprès d'enfants de 7 à 9 ans et utilise Sign Writing (SW) pendant les cours. Elle a enseigné SW aux enfants et l'utilise en classe lors de jeux par exemple. Elle l'exploite aussi sur ordinateur pour des travaux d'expression écrite, de vocabulaire. Ce travail est ensuite imprimé et affiché en classe. C'est une écriture directe en SW, sans passer par le portugais. SW est un bon moyen de garder des traces.

Des expériences sur l'utilisation de SW ont été faites à plusieurs niveaux :

- auprès d'enfants sourds
- auprès d'adultes sourds
- auprès d'interprètes

Les contraintes techniques et les problèmes de matériel dus au système de visioconférence ont pris le pas sur l'ordre du jour. Voici un bilan des problèmes évoqués et des solutions proposées.

Questions techniques :

Problème d'IP.

Les réseaux des établissements concernés par le système de visioconférence sont privés. Une adresse publique est nécessaire pour utiliser le système de visioconférence en l'état actuel. Cependant, des solutions peuvent être trouvées de manière adhoc pour que ça fonctionne entre les réseaux privés et les réseaux publics

Possibilité d'exploiter les réseaux de visioconférence déjà installés.

A. Madec a signalé que la plate-forme e-Visio peut utiliser des systèmes déjà existant.

La diffusion de documents type power point.

Il semble que la diffusion de documents est possible avec ce logiciel, en travaillant sur 2 écrans : un pour les documents et un pour la vidéo. Cependant, les documents power point sont gourmand en mémoire et cela rend difficile leur diffusion ; et l'utilisation de 2 écrans nécessite l'installation de 2 cartes VGA (ou une carte à double sortie??)

Est-il possible de connecter 2 caméras?

En l'état le logiciel de visioconférence ne permet pas de connecter 2 caméras, mais il semble que la

dernière version d'e-Conf offre cette possibilité.

Peut-on utiliser Websourd pour donner des cours à distance?

F. Goudenove indique que Websourd n'a jamais été testé dans le cadre de cours à distance, mais plutôt pour des conférences. Il lui semble que ce système est plus adapté pour des révisions que pour des cours initiaux.

Conclusion.

Il est nécessaire de faire un bilan avec Websourd pour connaître précisément le coût et les contenus de leurs prestations.

A. Madec doit rencontrer B. Garcia et A. Braffort dans leurs universités respectives pour faire un bilan des problèmes rencontrés et discuter des solutions envisageables avec les responsables informatiques des universités.

Aménagement et matériel :

Problème de visibilité des participants.

On a constaté un problème de contraste insuffisant entre la couleur des murs et les intervenants ; ainsi que des problèmes de contre-jour. Il est donc conseillé d'avoir un fond bleu lors des visioconférences. Il faut aussi penser à la visibilité des interprètes, il faudrait prévoir un éclairage spécifique.

Problème de micro et de nuisances sonores.

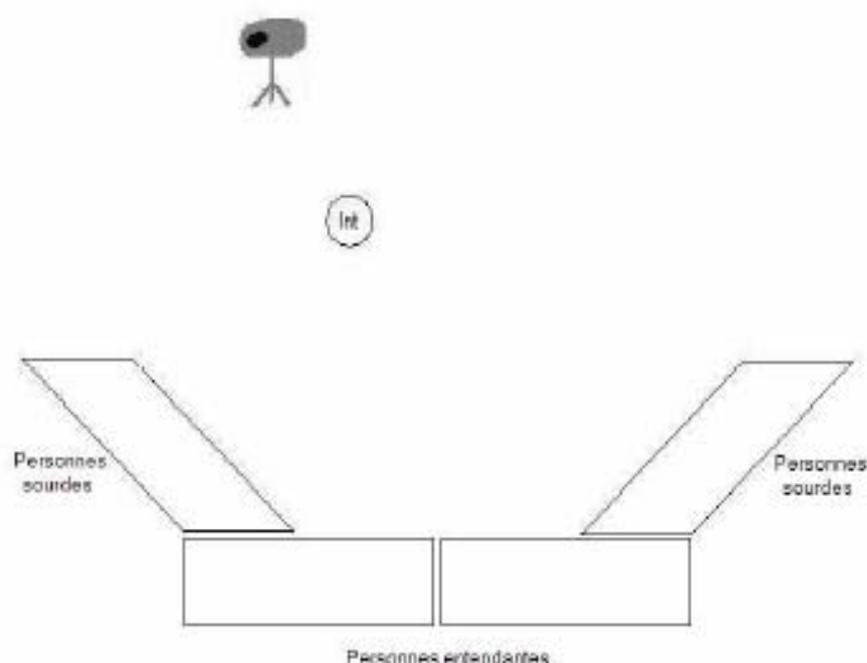
La salle n'est pas isolée du bruit et donne en plein sur une rue passante. Des nuisances sonores (additionnées à un niveau sonore sortant des haut-parleurs faible) ont ralenti la communication. De plus nous n'avions qu'un seul micro pas très performant et peu mobile. Il faudrait penser à s'équiper d'un micro sans fil, et on peut aussi envisager de fournir aux interprètes un micro-casque qui leur permettrait de garder les mains libres.

Problème de caméra.

Il est apparu lors de cette réunion qu'il était nécessaire de voir et d'entendre la personne qui s'exprime. En effet, il est difficile pour l'interprète de traduire quelqu'un qu'il ne voit pas et la visibilité du locuteur permet de capter l'attention de tous. Il faut donc que la caméra soit mobile et qu'elle puisse faire des zooms. Il faut aussi penser à prévoir un technicien pour s'en occuper.

La disposition de la salle.

Lors de cette réunion nous avons modifié la disposition de la salle à plusieurs reprises. R. Mimoun a proposé une disposition intéressante.



Conclusion.

Une salle dédiée aux visioconférence est nécessaire. Elle devra être équipée et aménagée en prenant en compte les points présentés ci dessus.

Autres remarques :

La question d'un président de séance.

Désigner un président de séance dans le cadre d'un visioconférence pose problème : doit-on avoir un président par lieu ou un seul pour les deux? Il est difficile de se rendre compte si une personne veut prendre la parole quand on n'est pas sur le même lieu, mais la présence de deux présidents risque de conduire à des interférences.

Problème de concentration.

Les problèmes de visibilité des intervenants ne facilitent pas la concentration, en particulier le manque de visibilité de l'interprète a empêché les sourds de bien suivre la réunion. La présence d'un interprète dans chaque lieu serait bienvenue, autant pour faciliter la compréhension des sourds que pour favoriser les échanges en local.

Anexo 3: Os Robinsons à procura das línguas

les Robinsons à la recherche des langues**Projet interdisciplinaire :** sciences – arts plastiques – langues – vivre ensemble**Compétences visées :**

- Savoir produire des écrits sans mots
- Faire jouer son imaginaire pour se faire comprendre sans utiliser la Langue des Signes ni la Langue Française
- Construire un projet commun
- Acquérir une démarche expérimentale
- Mettre en jeu diverses compétences pour comprendre un message « codé »

Organisation :

Elèves répartis en binômes (7 binômes)

Lieu : Hall maternelle**Date prévue :** mardi 8 mars de 16h à 17h**Intervenantes :** Catherine Bouis – Anne Pfauwadel – Marianne Stumpf**Enregistrements :** Marie Paule Kellerhals ou Isabelle Leroux (ou les deux)**Déroulement**

	Durée	Matériel à prévoir
Les élèves s'installent assez loin les uns des autres sur des îles délimitées sur le sol.	5'	3 caméscopes
Etape 1 : Présentation :		Craies pour délimiter le sol
Le début de l'histoire ...		
Vous étiez sur un bateau en partance pour une croisière. Mais au cours d'une violente tempête, votre bateau a fait naufrage. Vous vous retrouvez sur des îles avec votre ami. Autour de vous, de beaux goélands volent majestueusement. Au loin, vous apercevez d'autres îles. Après avoir cherché longtemps, vous retrouvez votre bloc notes et un stylo. <u>Mais après le choc que vous avez vécu, vous avez oublié comment on écrit le Français et la langue des Signes ne se voit plus de loin...</u>	10'	Images de la mer, des îles, des goélands projetées par ordinateurs
Vous décidez d'écrire des messages et de les faire		Vidéo projecteur Ordinateur Tableau blanc

<p>transporter par les goélands. (l'histoire est répétée 3 fois) Etape 2 : Le jeu : chaque binôme va devoir écrire un ou plusieurs message à destination d'une ou plusieurs îles.</p> <p>L'un des goélands (Catherine) se chargera de faire passer les messages entre les îles.</p> <p>Les binômes peuvent communiquer en interne mais pas en externes. S'il y a communication entre deux binômes, chaque binôme prend un trou 1 trou = perte de 1 point capital de 10 points au départ</p>	20'	<p>10 blocs notes de couleurs différentes + 7 stylos</p> <p>Bec de Goéland ou équivalent</p> <p>Carte à trous + 1 perceuse</p>
<p>Etape 3 : un bateau à l'horizon Un faisceau de lumière illumine les Iles tour à tour. Un bateau (Marianne) se profile à l'horizon.</p> <p>Les 7 binômes vont devoir appeler le bateau en émettant des messages transmis par le goéland. Les premiers messages ne sont pas compris par le capitaine et tombent à l'eau. Les 7 binômes doivent trouver un message clair et cohérent pour que le capitaine comprenne leur appel.</p> <p>(le but est d'amasser le maximum de messages – veiller à conserver intact l'émulation des élèves- le capitaine doit anticiper le moment où les élèves vont devenir moins productifs et arrêter l'action)</p> <p>le capitaine aperçoit enfin l'un des binômes et fait route vers eux. Il les embarque et poursuit sa route pour récupérer les autres binômes.</p> <p>Etape 4 : vers le trésor ... Le bateau se dirige vers une autre île. Le capitaine en descend et rapporte un trésor : des manuels d'apprentissage du français et de la LSF et des bonbons par exemple ... Le capitaine récupère les cartes trous et distribue les bonbons. 10 bonbons par binômes. 1 trou = 1 bonbon en moins.</p>	15'/20'	<p>Lampe de poche ?</p> <p>Des bonbons !</p>

Anexo 4: Transcrição em SignWriting

Transcription en Sign Writing

Réunion du 24/03/05

Présents :

Marianne Stumpf

Ivani Fusellier

Leïla Boutora

Estelle Cailleateau

Brigitte Garcia

Gaëlle Roch

Interprète : Anne-Marie

Objectif:

Comparaison et évaluation de la transcription en Sign Writing de l'extrait CE2 du corpus TALS.

Situation :

Marianne a transcrit ce corpus en Sign Writing

Leïla et Brigitte ont comparé la transcription de Marianne au corpus vidéo.

Estelle a tenté de produire en LSF et de comprendre la transcription de Marianne sans avoir accès à la vidéo.

Pratique de Sign Writing de Marianne:

Marianne a une longue pratique de Sign Writing en Libras.

Marianne découvre encore la LSF, à Toulouse elle a assisté à un cours en LSF. Elle a saisi des signes de la LSF qu'elle a noté en Sign Writing. Après le cours elle a demandé des écisions sur le sens de ces signes. Sign Writing est un bon moyen selon Marianne d'apprendre une LS étrangère.

Il est arrivé à Marianne d'échanger en Sign Writing par fax avec une collègue au Brésil. Il faudrait avoir accès à ces fax pour se faire une idée du type d'échanges possibles en Sign Writing.

C'est la première fois que Marianne utilise Sign Writing pour une transcription.

Pratique de Sign Writing d'Estelle:

Estelle a appris seule Sign Writing à partir du formulaire de base de Sign Writing. Elle ne connaissait pas tous les symboles. Elle a eu des difficultés en particulier avec les symboles notant le mouvement. En apprenant seule Sign Writing elle s'est approprié le système en faisant quelques erreurs.

Pour le travail qui lui était demandé elle a repris toutes les leçons de Sign Writing et a décortiqué chaque vignette.

Le corpus étudié est un dialogue ce qui pose problème pour une transcription en Sign Writing. Il n'y a encore aucun formalisme concernant ce type de transcription. Marianne a donc improvisé un système de couleur pour pouvoir distinguer les 2 locuteurs. Cependant, il arrive

que les expressions des locuteurs se chevauchent ce qui n'est pas clairement reproduit dans la transcription de Marianne. On retrouve ce type de problème dans les transcriptions des LO.

Le niveau de compétence d'Estelle en LSF lui a posé problème pour la compréhension, d'autant plus qu'on ne lui avait pas donné le contexte de la conversation transcrite. Par contre lorsqu'elle reproduit les signes transcrits elle colle précisément à la transcription, ne fait pas d'autocorrection.

Leïla et Brigitte ont remarqué sur la vidéo des variations de forme dans la production du signe [INFORMER]. Ces variations ont été transcrites par Marianne. On observe le même type de variations pour le signe [MEMBRE], or cette fois-ci elles n'ont pas été reprises dans la transcription. On peut faire un parallèle avec la transcription des LO pour lesquelles il est aussi délicat de noter toutes les variations (type “ je ne sais pas ”/ “ j'sais pas ”).

Estelle a aussi constaté un problème concernant la notation de l'emplacement des signes. Certains emplacements ont été distingués dans la transcription alors qu'il ne semblent pas être pertinents. Et au contraire, certains emplacements pertinents sont notés en espace neutre.

Estelle a remarqué sur le site de Sign Writing que pour les travaux de transcription il est conseillé de noter la LS du point de vue réceptif (alors qu'en notation “ courante ” on utilise le point de vue perceptif).

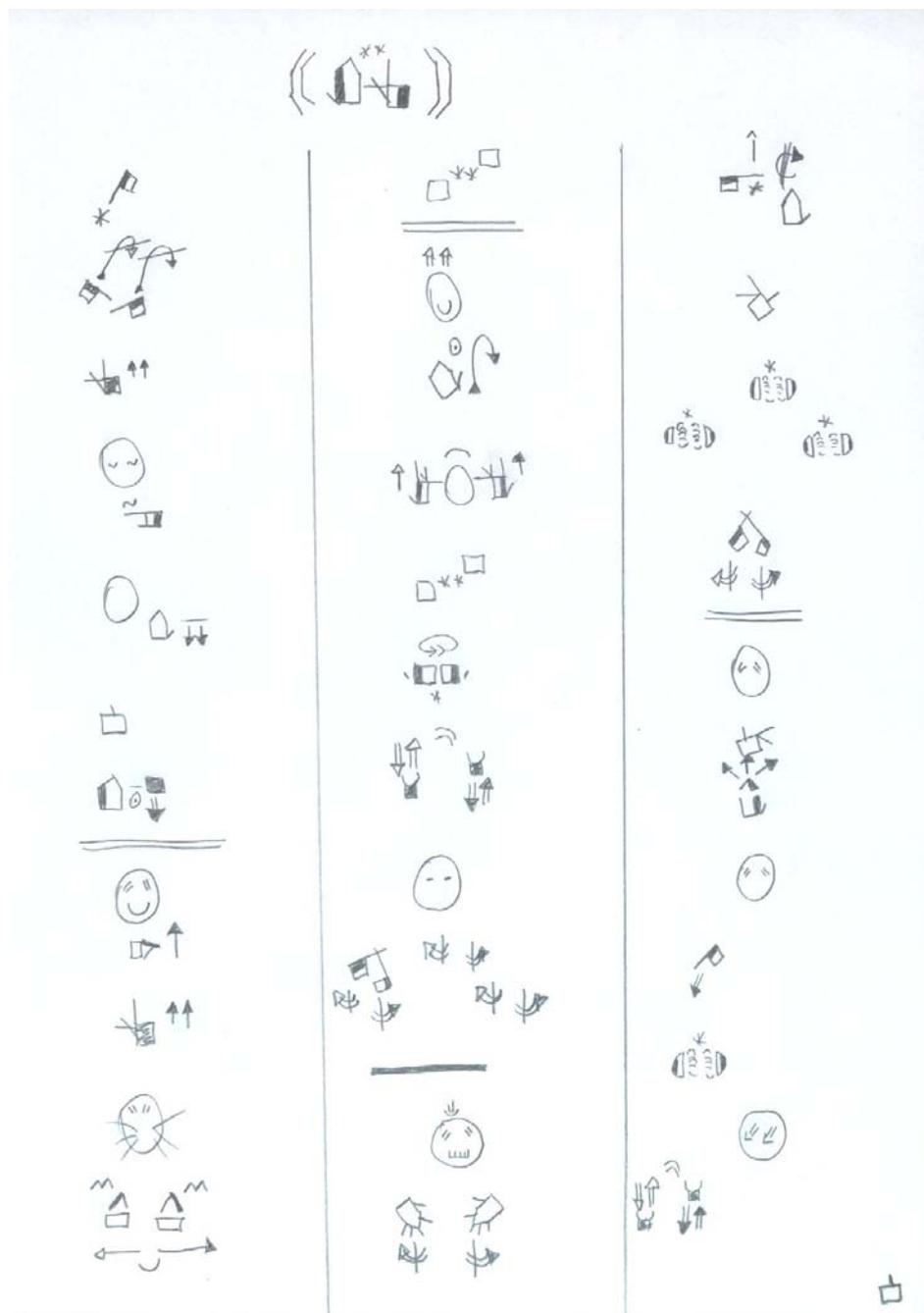
Marianne ne s'est pas posé cette question du point de vue. Elle a utilisé Sign Writing comme à son habitude pour ce travail de transcription.

Interrogée sur ses compétences en Sign Writing, Marianne laisse entendre qu'elle n'a pas de lecture fluide. Elle décode les symboles en s'attachant d'abord à la configuration (+ contact), puis au mouvement et à l'expression. Elle n'a une compréhension globale que pour certains signes courants comme [SOURD]. Il en va de même pour l'écriture en Sign Writing. Pour les signes peu courants ou complexes elle passe par une gestualisation avant de les écrire.

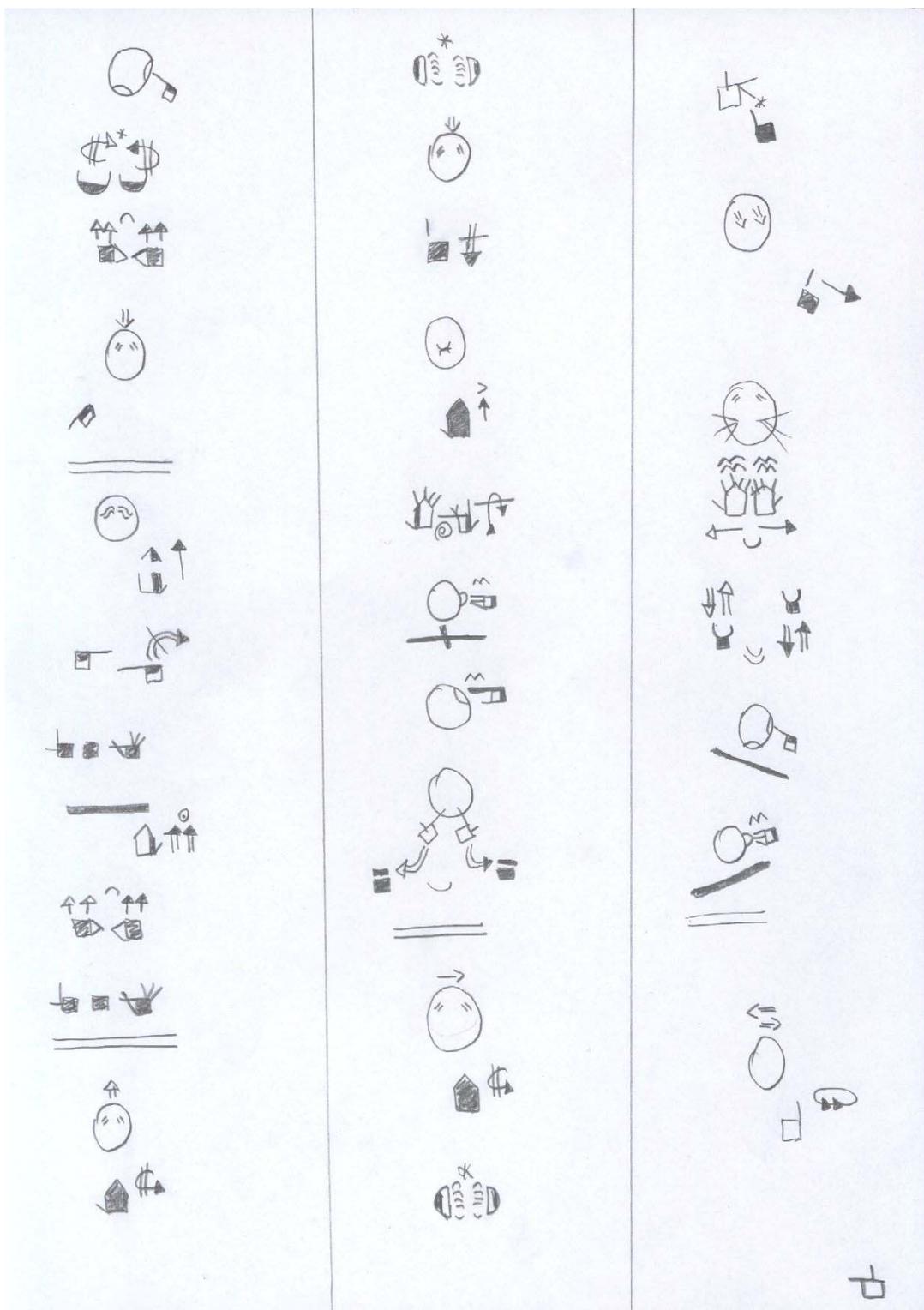
Brigitte évoque un problème central concernant la notation des LS: le puissant pouvoir anaphorique de ces langues. Il faut pouvoir le noter finement. Ce problème est lié à l'exploitation de l'espace. Il paraît impossible de reproduire l'espace tel quel sur la surface graphique. Il faut donc mener une réflexion sur la structuration de l'espace en LS et essayer de trouver un moyen de noter ces structures autre que la projection sur la surface graphique des 3 dimensions de l'espace.

En ce qui concerne l'écriture de la LSF Brigitte veut éviter un système centré sur le signe, elle pense plutôt à une structuration au niveau du morphème du signifié. On peut penser à une écriture morphématique de l'espace. En effet, les espaces construits en LSF sont (pré-) sémantisés, il serait possibles de restituer ces espaces en terme de morphèmes. On pourrait aboutir à un système mixte de notation, à la fois phonologique et morphémique.

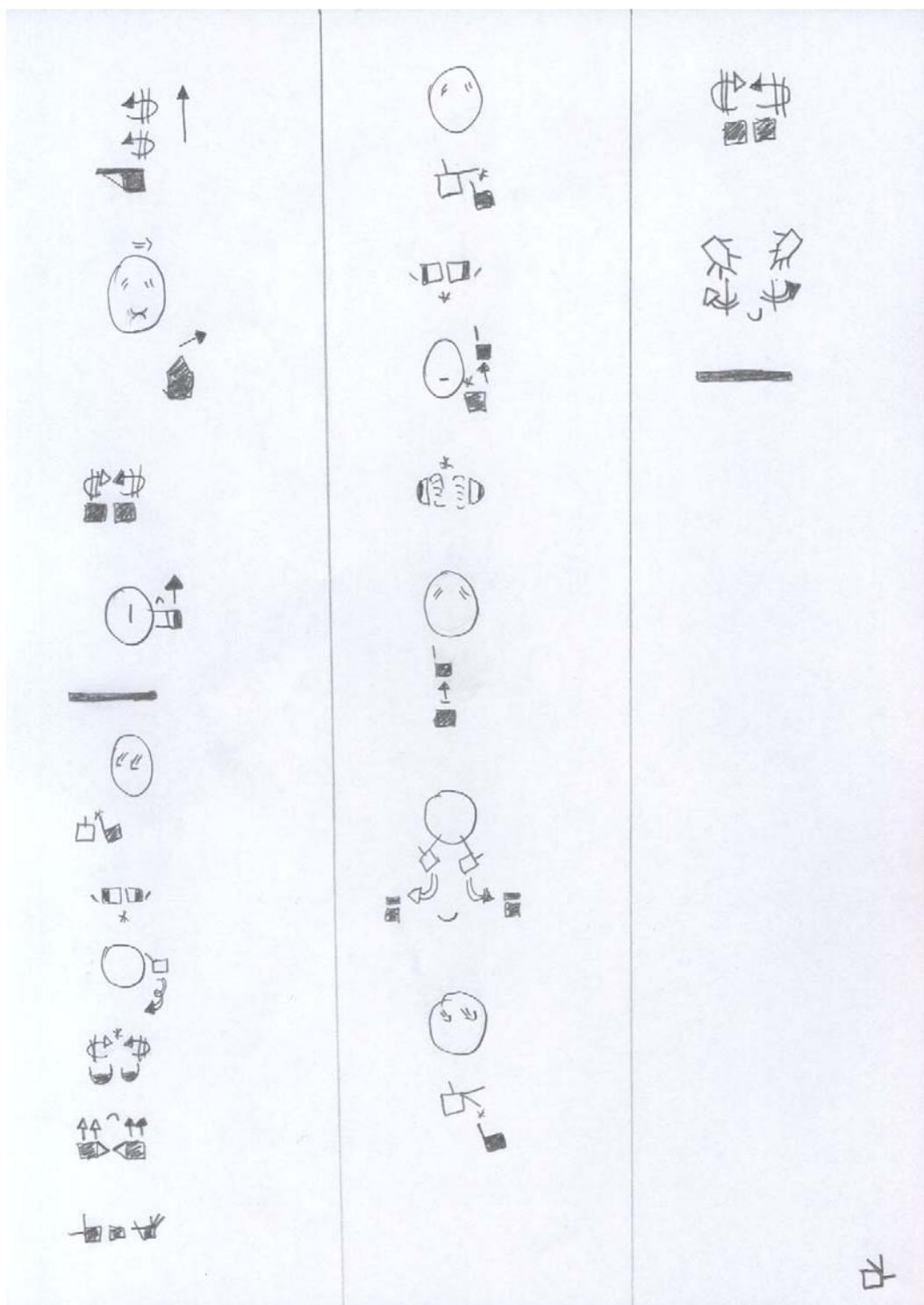
Anexo 5: Texto em SignWriting narrando viagem de Marianne a Paris



PARIS. EU IR PARIS POUCO TEMPO UM MÊS, BOM PARIS MUITO TRABALHAR, GOSTAR EXPERIÊNCIA TRABALHAR COM PESSOAS DIFERENTES. JÁ APRESENTAR TRÊS GRUPOS DIFERENTES, TRÊS GRUPOS ESTE GRUPO PESSOAS UM

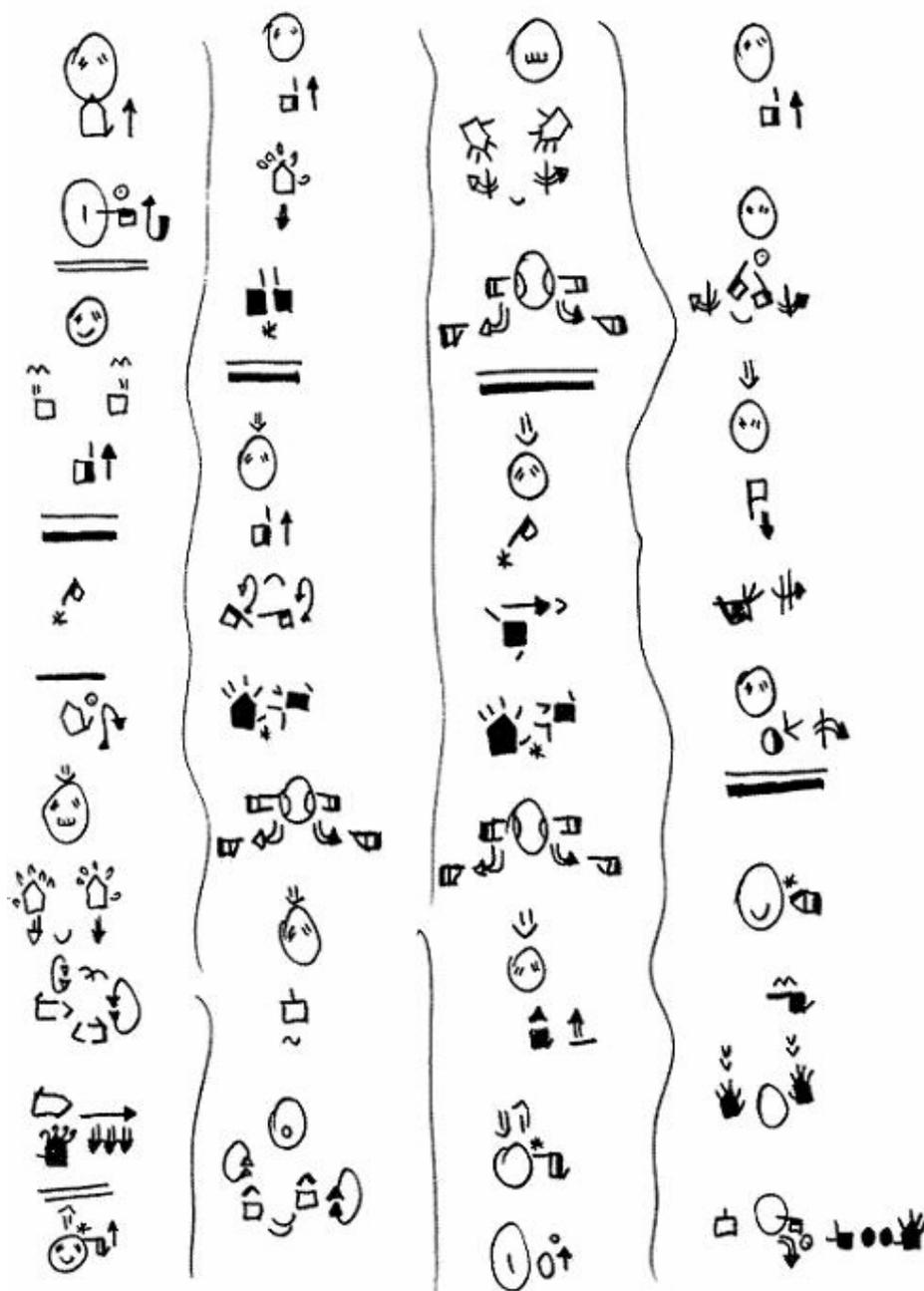


SURDOS GRUPO FORMAÇÃO ESTE, FUTURO FORMAR LSF PROFESSOR ENSINAR LSF, OUTRO GRUPO ESTE PRÓPRIO TUDO OUVINTE ESTUDANTE LINGUISTICA, OUTRO GRUPO TERCEIRO ESTE MUITO PESSOAS SURDOS OUVINTES, TODOS DOIS

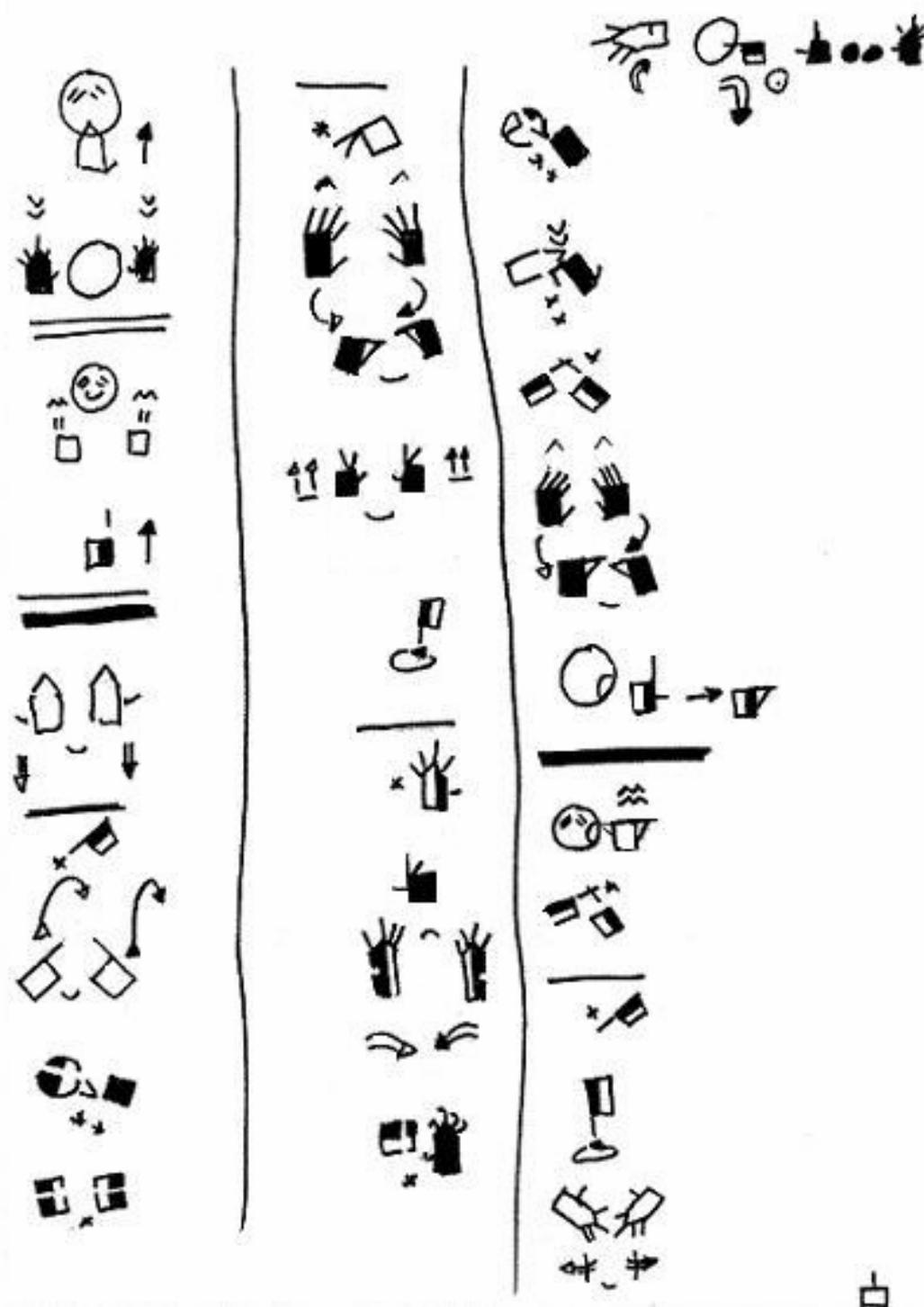


QUARTA-FEIRA PRÓPRIO SEMINÁRIO CUXAC. PRIMEIRO COM IVANI
 FORMAÇÃO ENSINAR LSF SEGUNDO COM MARIE ANNE GRUPO PRÓPRIO
 LINGUISTICA TERCEIRO SEMINÁRIO FIM. TRÊS

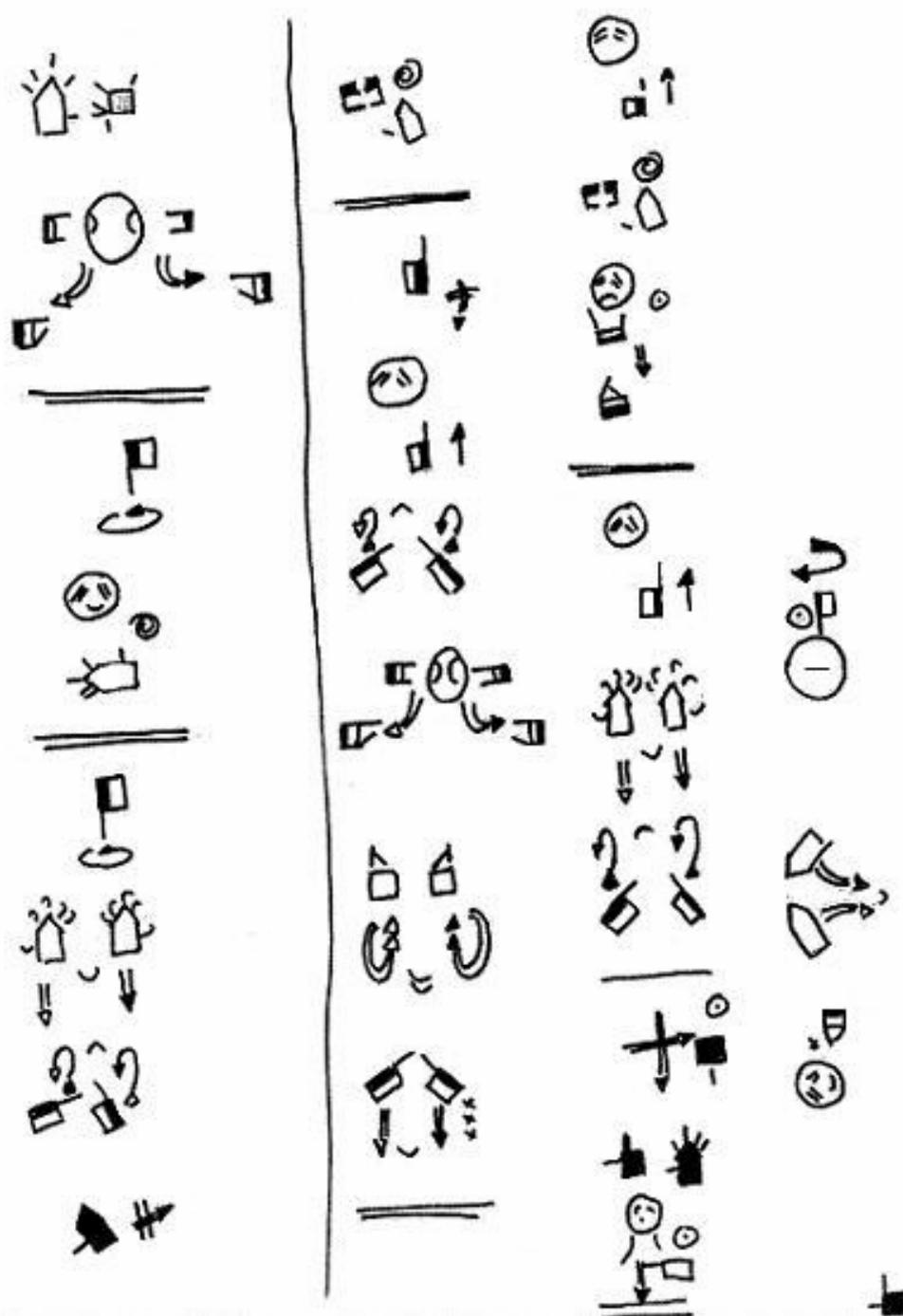
Anexo 6: Cartas trocadas entre a professora Juliette Dalle e Marianne em SignWriting adaptado à LSF.



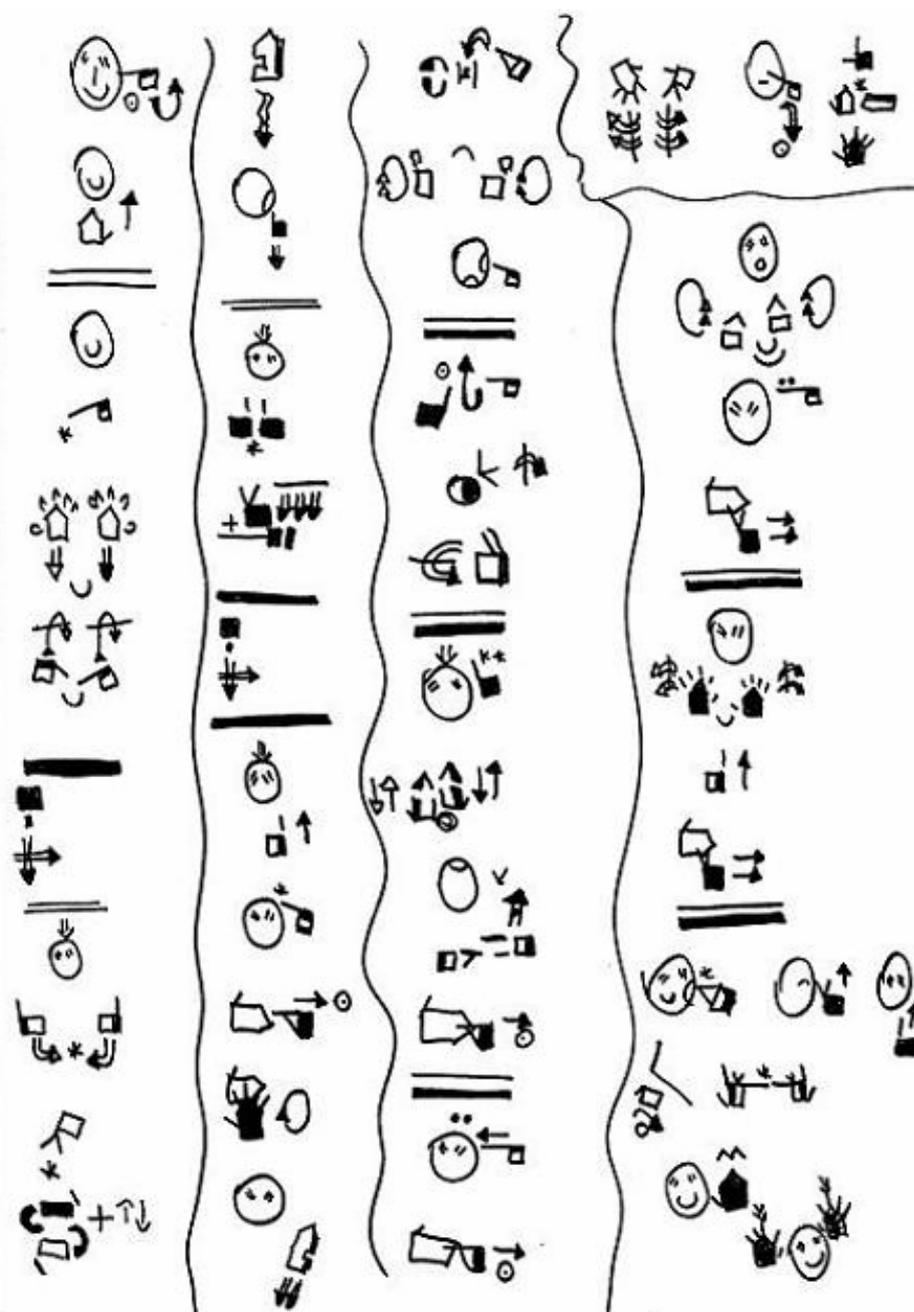
OI JULIETTE TUDO-BEM VOCÊ ? EU GOSTAR QUERER TROCAR CARTA, SABER VOCÊ QUERER TAMBÉM? VOCÊ IR TOCAR HOLANDA BEM OU JÁ HOLANDA? EU NUNCA TOCAR HOLANDA MAS CONHECER FLOR LÁ DIFERENTE AQUI FRANÇA CERTO? BEIJAR TCHAU MARIANNE 1 MAIO 2005.



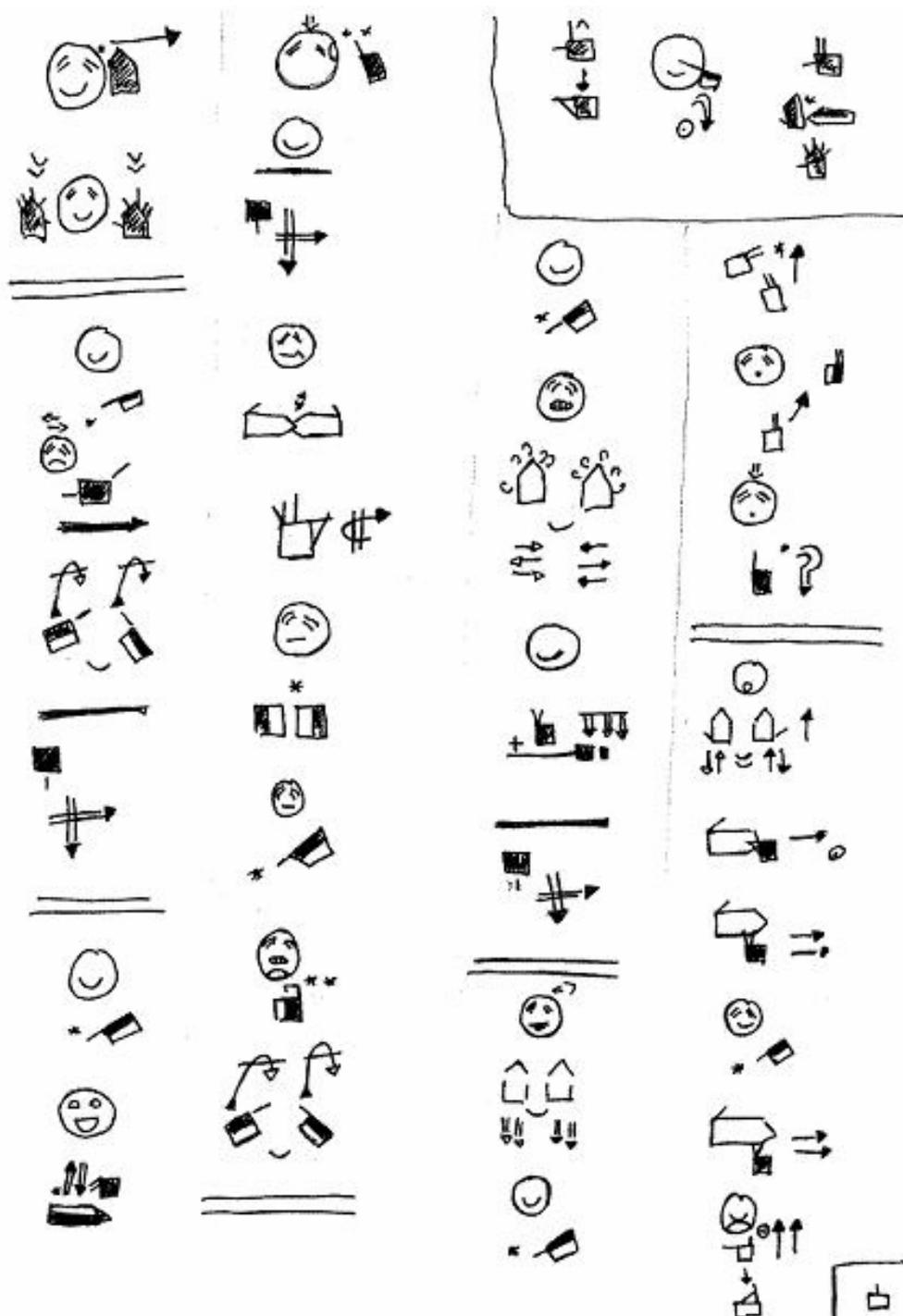
OI MARIANNE, TUDO-BEM? HOJE EU IR VILA COM MINHA EQUIPE VOLEI NÓS TER 3 TIME CONTRA VILA MARSELHAS MAIS EQUIPE GANHAR. EMILY MAIS EU NÓS JÁ UM



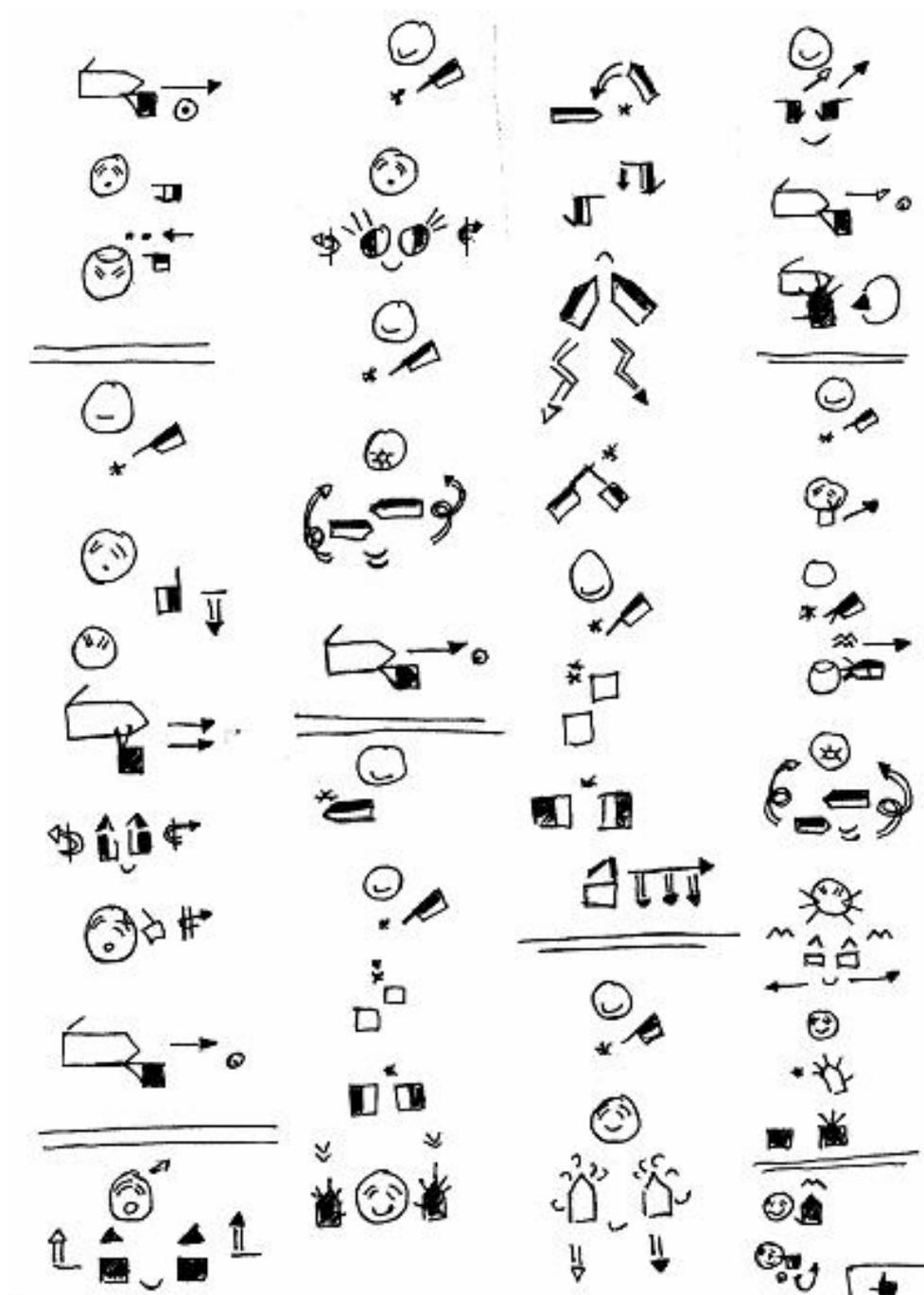
TOCAR HOLANDA, NÓS GOSTAR, NÓS QUERER IR OUTRO PAIS, VOCÊ IR HOLANDA OU AMSTARDAM, LÁ PAÍS BONITO. VOCÊ QUERER IR SUIÇA 25 JUNHO? BEIJAR BOA-NOITE JULIETTE DOIS



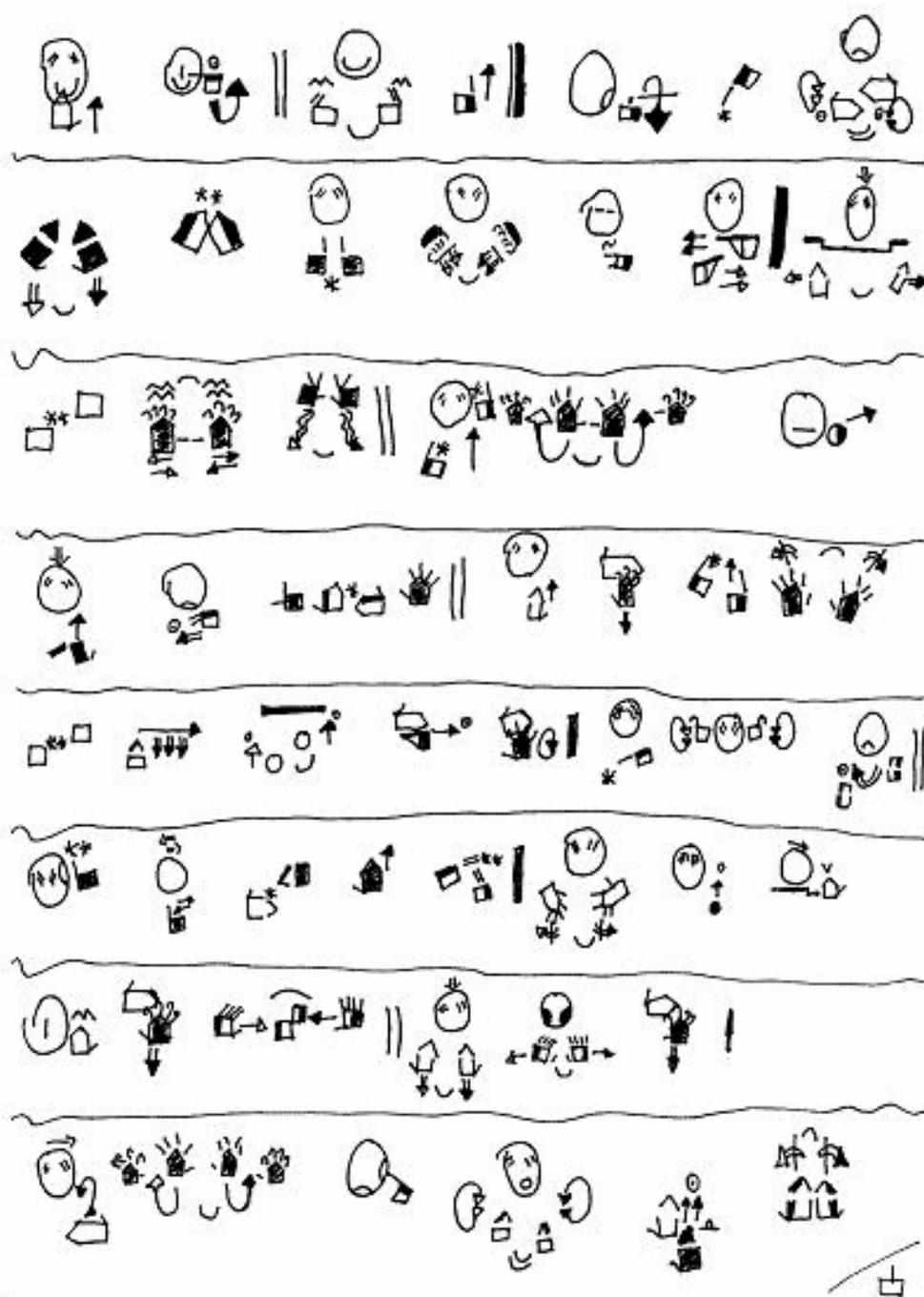
JULIETTE OI, EU QUERER IR SUIÇA ENCONTRAR MINHA AMIGA BRASILEIRA MULHER, TAMBÉM VISITAR SUIÇA. VOCÊ PENSAR ESCREVER SINAIS IMPORTANTE COLOCAR EDUCAÇÃO SURDOS? ESPECIAL SIM NÃO? PORQUE MOTIVAR APRENDER ESCREVER? DIFICIL ESCREVER OU DIFICIL LER? COMO VOCÊ LER? 18 MAIO 2005 BEIJAR VER VOCÊ SEMANA CONTATAR TCHAU MARIANNE



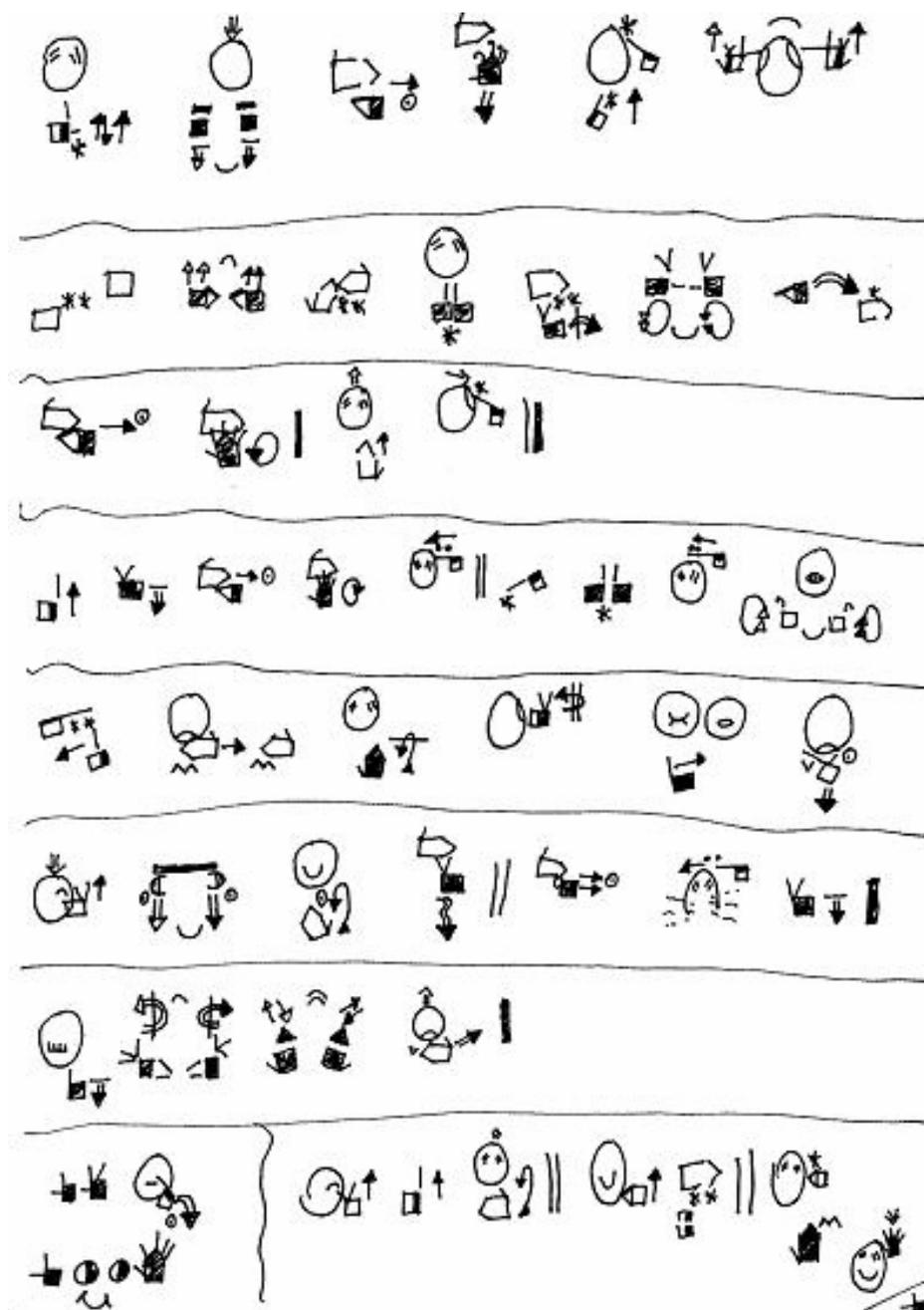
OI MARIANNE, EU NUNCA IR SUIÇA, EU FELIZ PORQUE SUIÇA PERTO FRANÇA JUNTO EU FALTAR IR, EU QUERER VISITAR SUIÇA, AGORA EU RESPONDER QUESTÃO, HOJE ESCREVER LER EU LER FÁCIL 20 MAIO 2005 UM



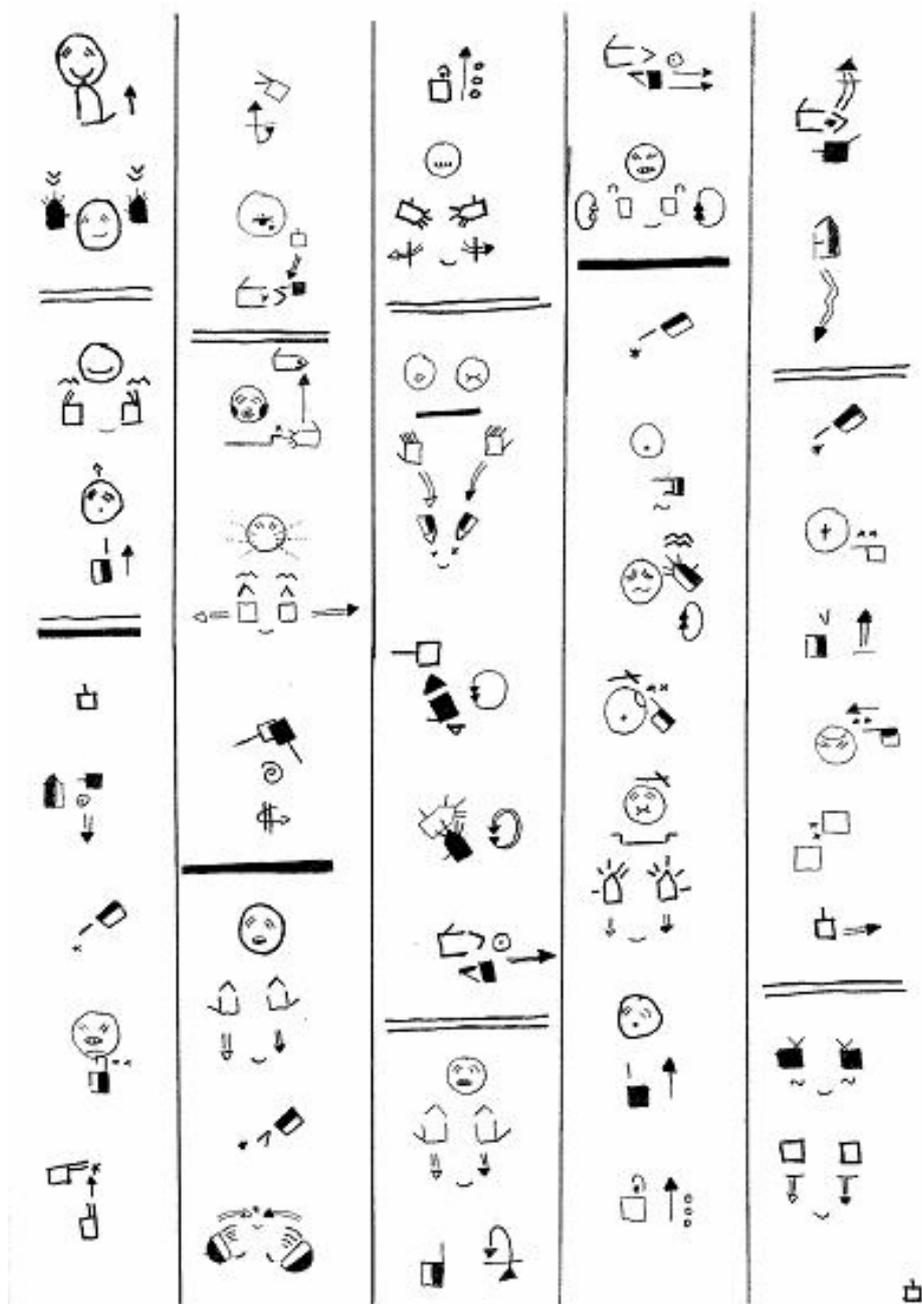
ESCREVER POUCO DIFICIL, EU DEVER LER LIVRO SOBRE ESCREVER, MAS EU
 DESCOBRIR DESENVOLVER ESCREVER POR CAUSA EU TRABALHAR COM
 MARIANNE SOBRE PEQUENA ÁRVORE MAIS EU TRABALHAR COM ALUNOS, EU
 QUERER CONTINUAR ESCREVER SINAIS, EU VER MEUS ALUNOS
 DESENVOLVER MUITO GOSTAR SW, TCHAU JULIETTE DOIS



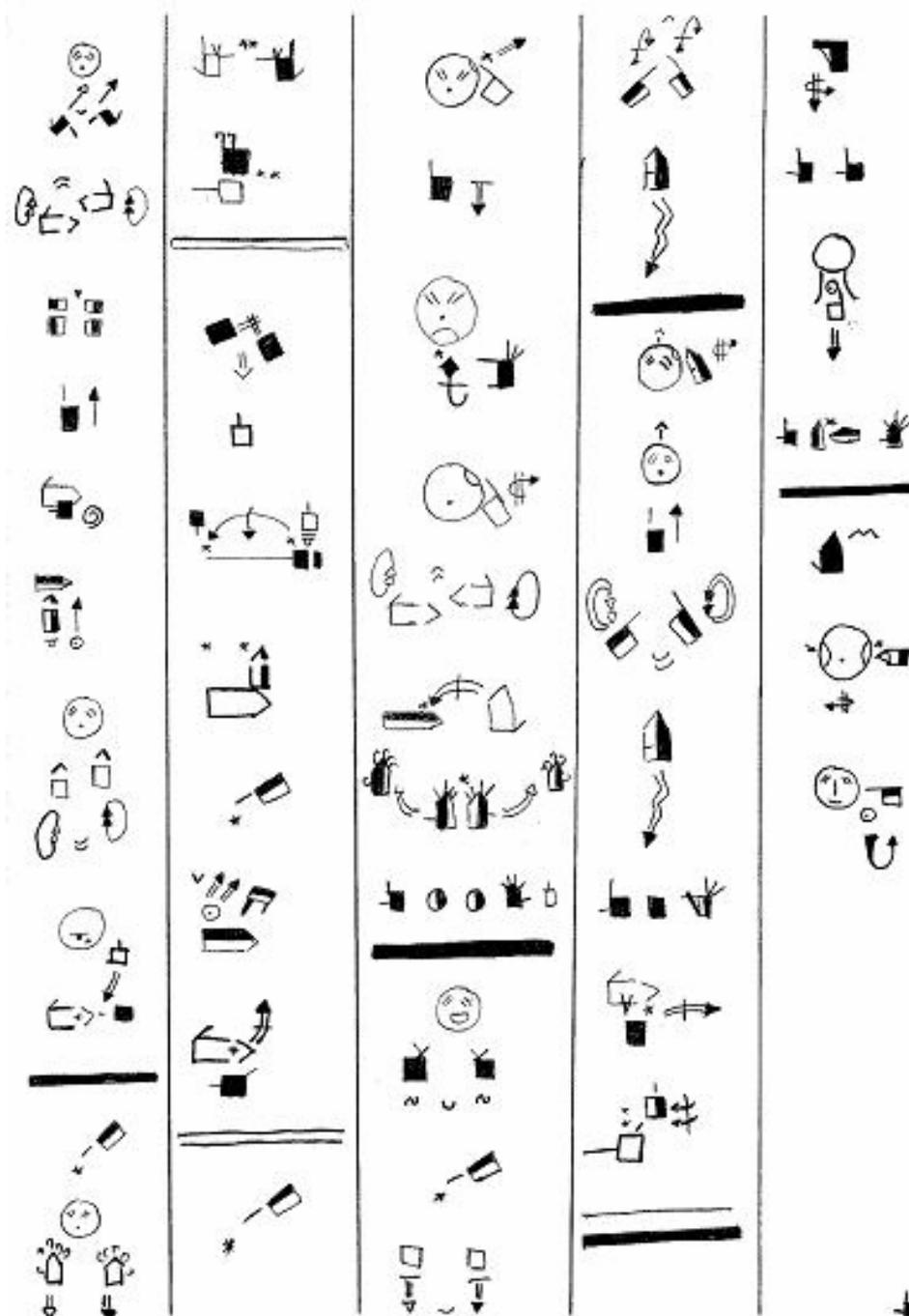
OI JULIETTE, TUDO-BEM VOCÊ? ONTEM EU CANSAR FICAR CASA TAMBÉM
 CHOVER POUCO FRIO. ENTÃO TRABALHAR DIGITAL COMPUTADOR, OBJETIVO
 CONGRESSO CUBA IR NOVEMBRO 2005, ESTE TEXTO SOBRE COMO
 TRABALHAR CRIANÇAS MOSTRAR ESCREVER SINAIS. EU REFLETIR PENA,
 PORQUE NÃO COLOCAR TEU NOME. JÁ ENVIAR PASSADO ABRIL TEXTO
 RESUMO, AGORA AUMENTAR TEXTO. PROXIMO CONGRESSO SURDO OU
 PUBLICAR LIVRO UM



NÓS-DUAS PODER ESCREVER TEXTO SOBRE EXPERIENCIA TRABALHAR
 ENSINAR AULA TAMBÉM TRADUZIR VIDEO COLOCAR ESCREVER SINAIS. VOCÊ
 PENSAR? ESTE VERDADE ESCREVER SINAIS DIFICIL, EU TAMBÉM DIFICIL
 TREINAR ACOSTUMAR MELHOR DEPOIS ACOSUTMAR NÃO FACIL VER
 COLLEGE GOSTAR LER, ESCREVER DIFICIL VERDADE. DEVER DESCOBRIR
 MÉTODO MELHOR. 23 MAIO 2005. VER VOCÊ PROXIMA, BOM EXAME, BEIJAR
 TCHAU MARIANNE DOIS

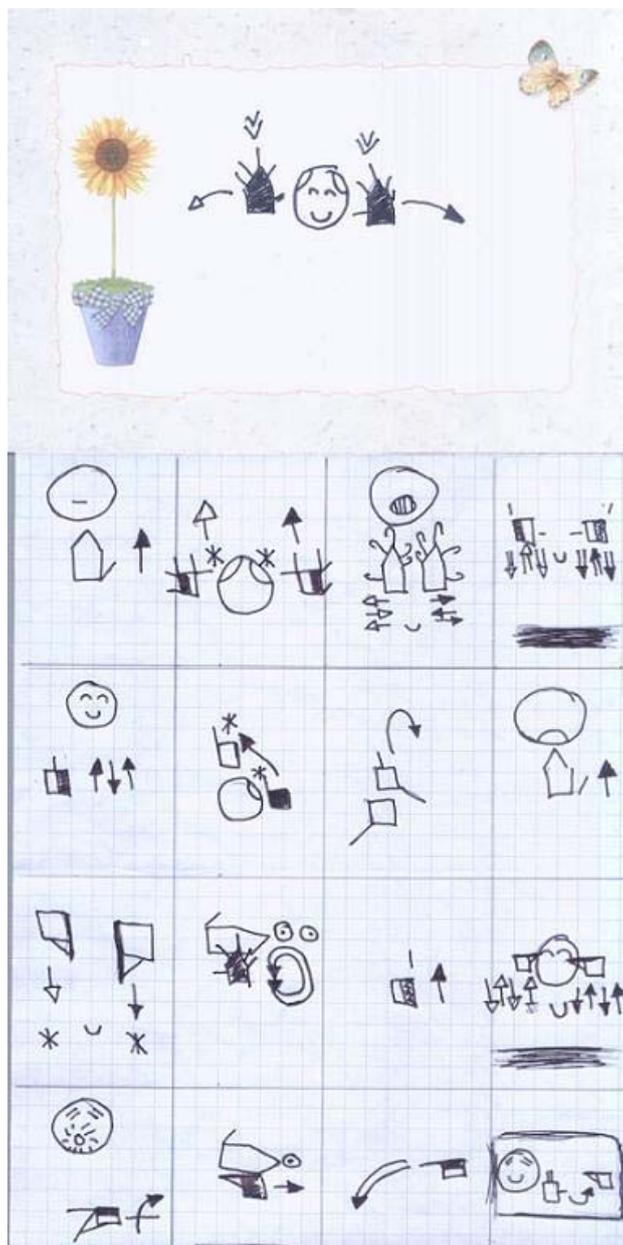


OI MARIANNE, TUDO-BEM VOCÊ? UM MÊS EU FALTAR RESPONDER PARA CARTA, ANTES MUITO MUDAR. HOJE MINHA FORMAÇÃO POUCO TERMINAR, AQUIDIRIR BÁSICO SINAIS ESCREVER, AGORA DEVER ESCREVER TREINAR. EU POUCO PREOCUPAR PORQUE AGORA VOCÊ POUCO VOLTAR BRASIL, EU SENTIR MUITO DIFICIL TRABALHAR SOZINHA, ESPERAR PODER UM



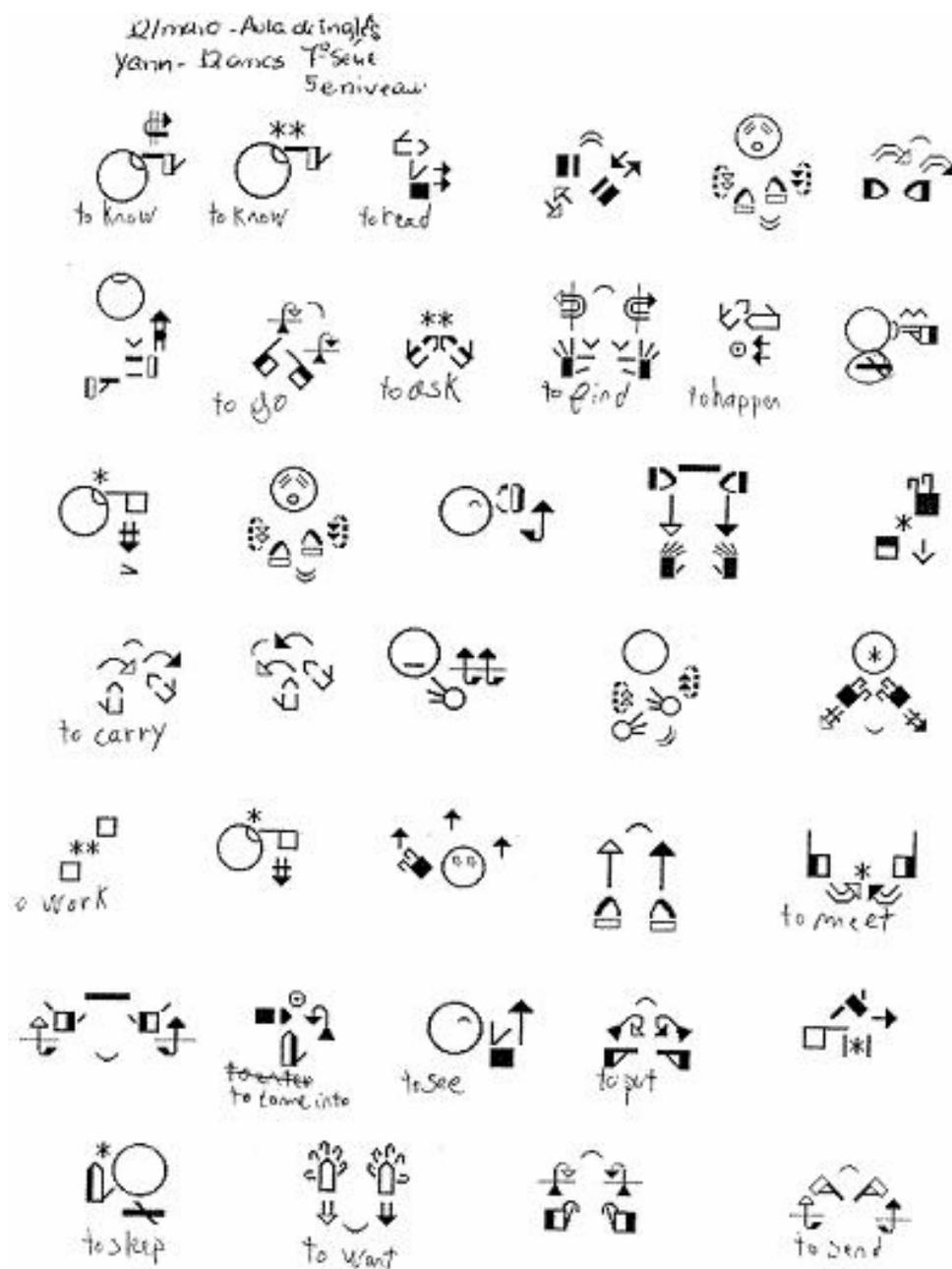
CONTINUAR TROCAR COM VOCÊ EMAIL FAX OU CARTA. EU QUERER
 CONTATAR MANTER, RESTO UMA SEMANA PREPARAR EU SUÉCIA VIAJAR, EU
 PENSAR DEVER APROVEITAR PENSAR TROCAR SOBRE CONGRESSO 2006.
 ESPERAR EU PUDER IR BRASIL. SABER VOCÊ SINAIS BRASIL LSF TRADUZIR
 BRASIL? QUARTA-FEIRA 22 JUNHO 2005. TCHAU BEIJAR JULIETTE DOIS

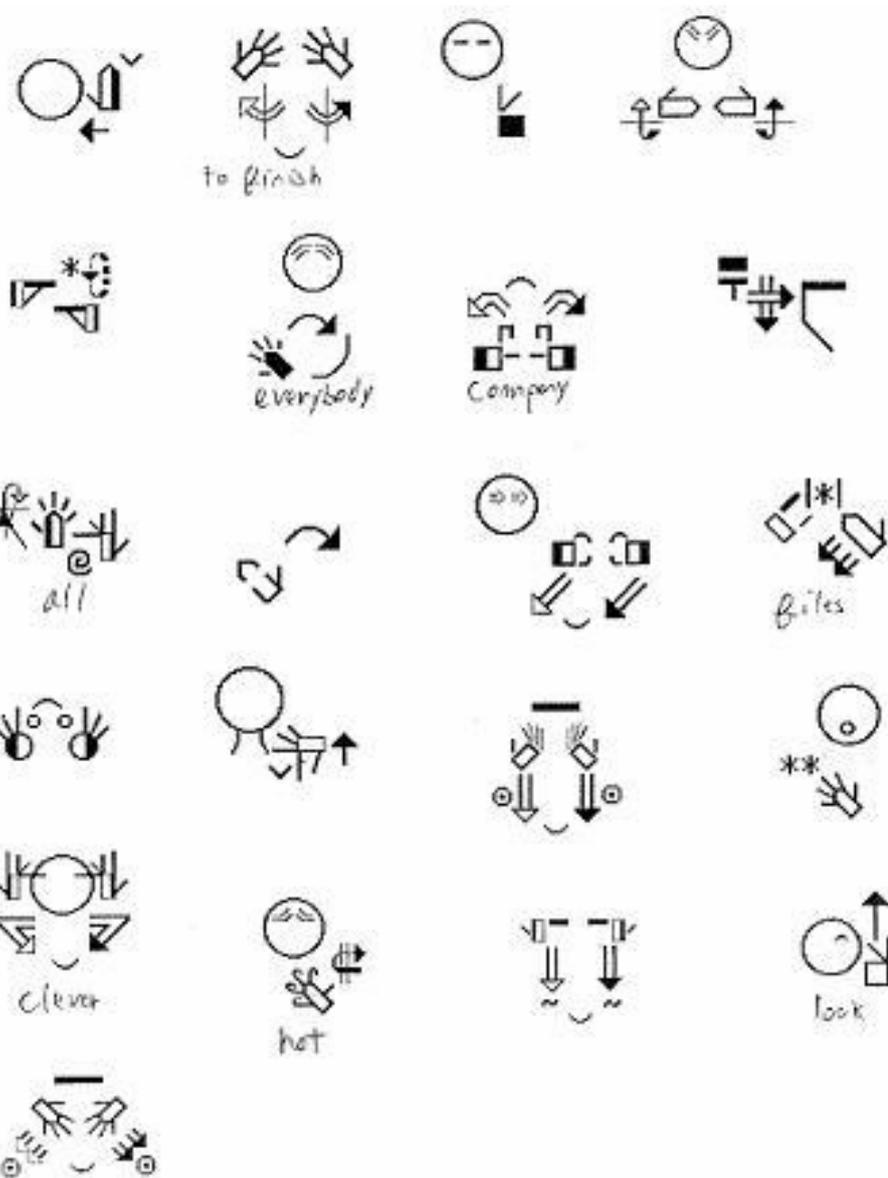
Anexo 7: Carta de aluna do Colégio de André Malraux em SignWriting entregue a Marianne no último dia de aula.

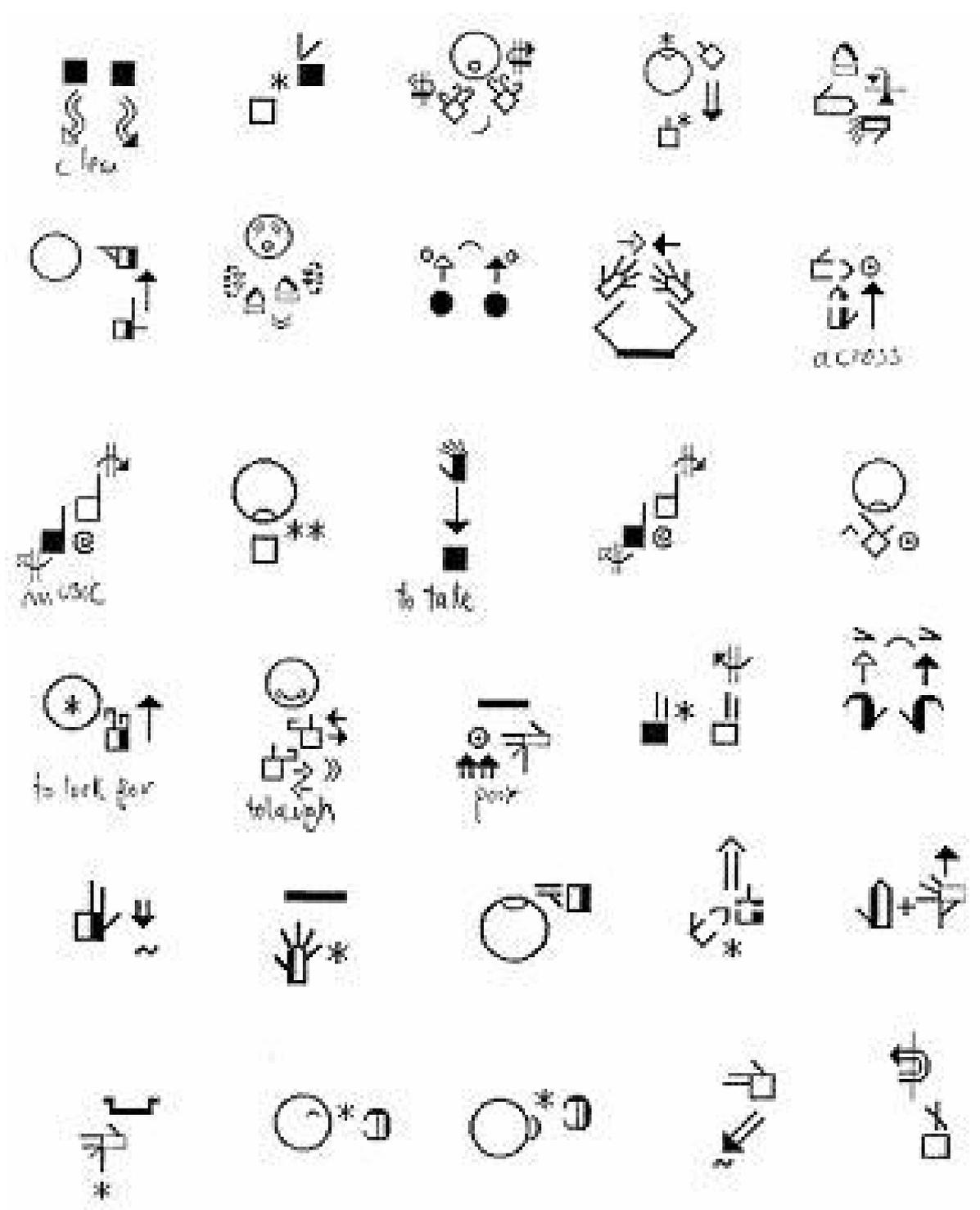


OI TUDO-BEM DAR SUA EXPERIÊNCIA TEMA SINAIS ESCREVER QUERER
 PROXIMO-ANO VOCÊ VIR AQUI. OBRIGADA ME-ENSINAR. HELENE

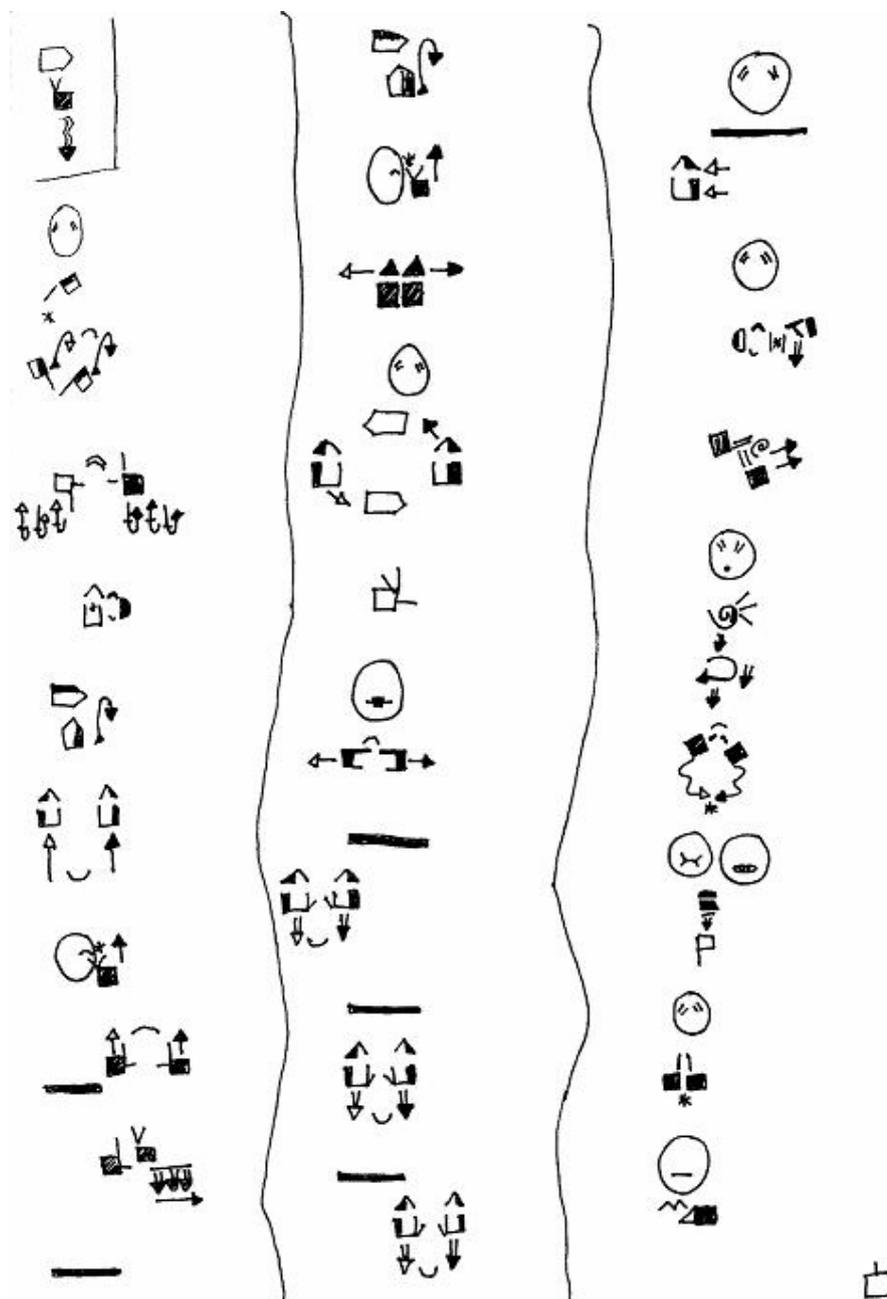
Anexo 8: Trabalho da professora de inglês Mary Laurent do Colégio de André Malraux que ela distribuiu para os alunos. São três folhas de sinalário de LSF em SignWriting, dia 12 de maio de 2005. O aluno escreveu palavras em inglês na folha.



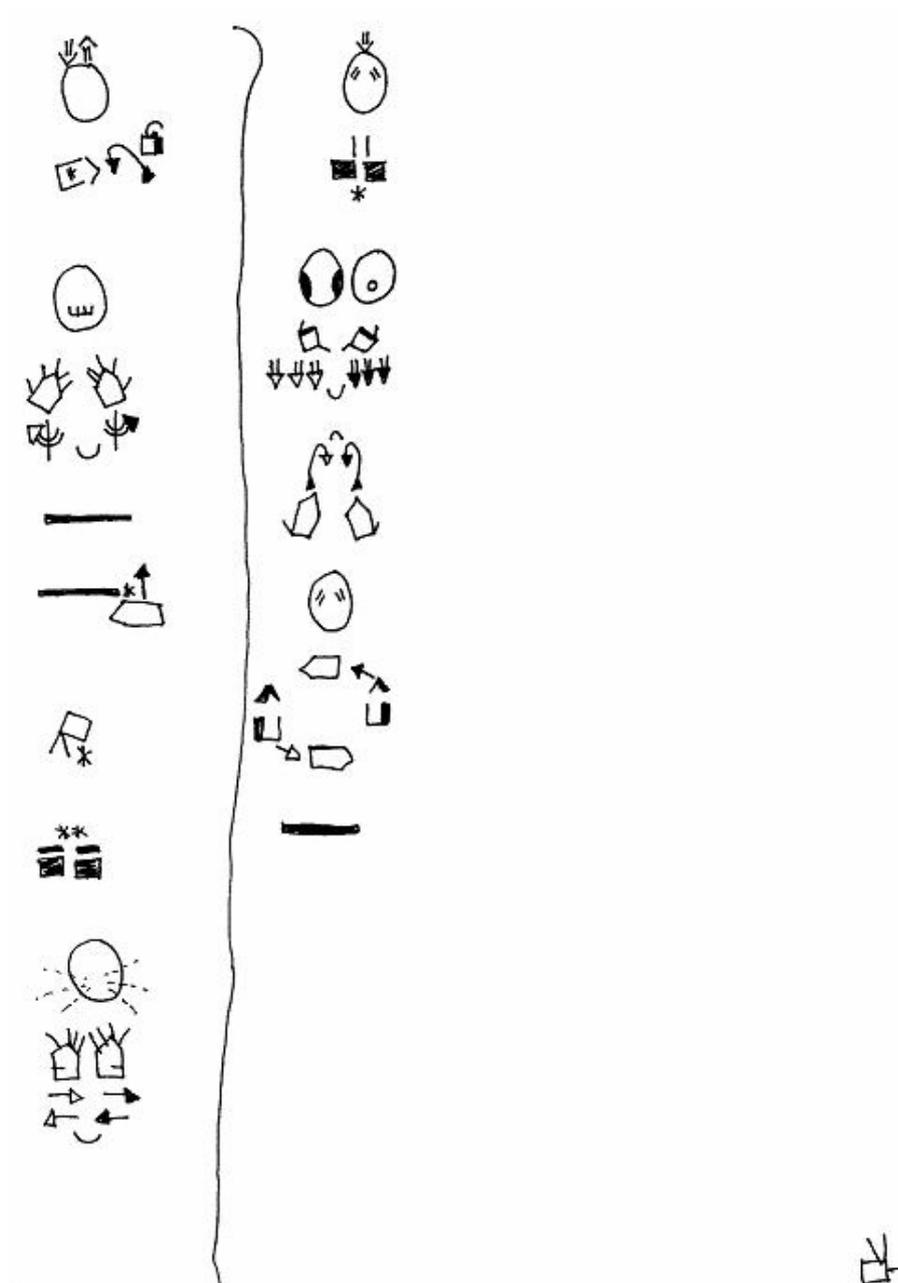




Anexo 9: História de um presente. Criei e escrevi em SignWriting

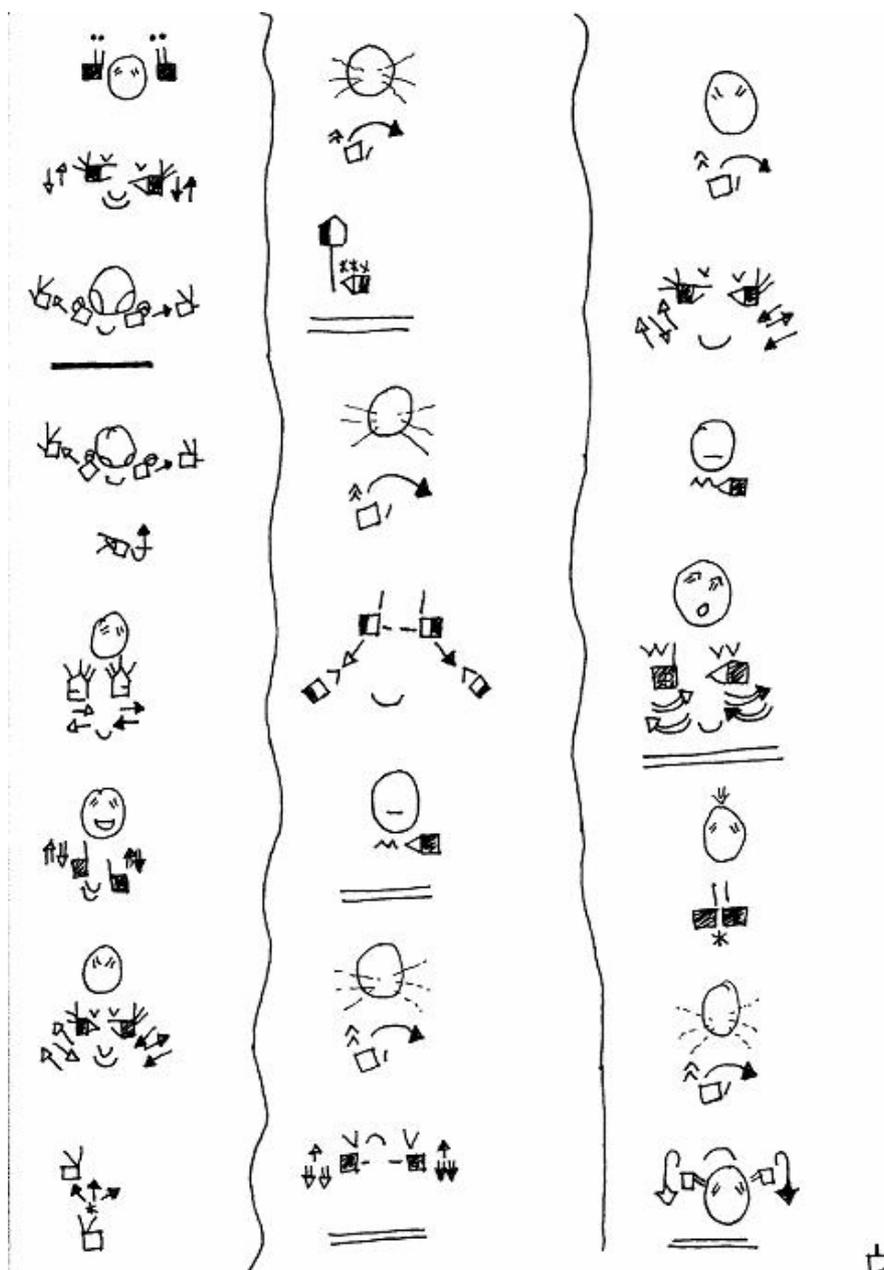


LER. EU IR ANDAR CAPITOLE ENTRAR RUA VER LOJA OLHAR-LOJA. ENTRAR
 VER MESA CAIXA 3 FORMA-CAIXA. PRIMEIRA-CAIXA SEGUNDA-CAIXA
 TERCEIRA- CAIXA PRIMEIRA-CAIXA DENTRO CHOCOLATE BOLINHA FORMA
 AQUELE IGUAL PASSARINHO UM

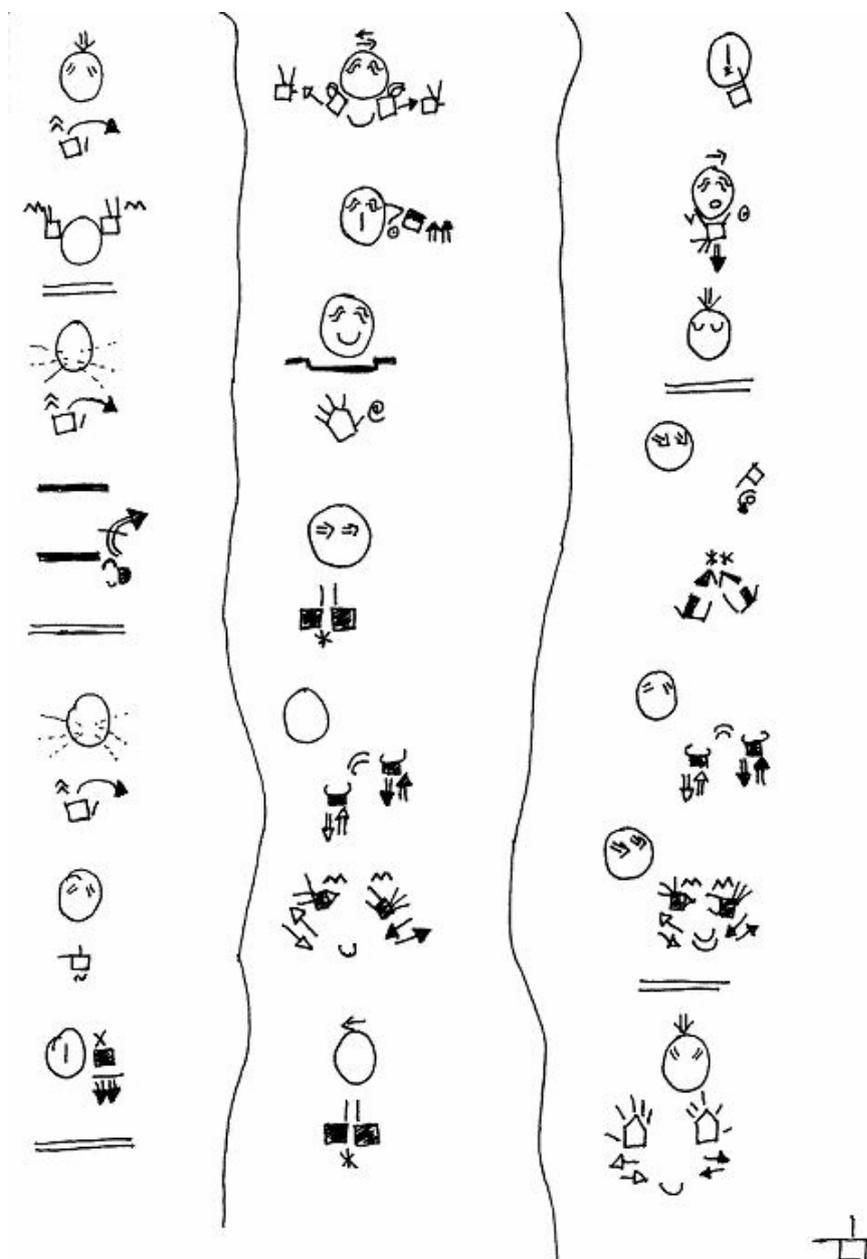


SIM-COMPRAR TERMINAR. PROXIMO MINHA IRMÃ ANIVERSÁRIO TAMBÉM
FESTA DAR CAIXA. TRÊS

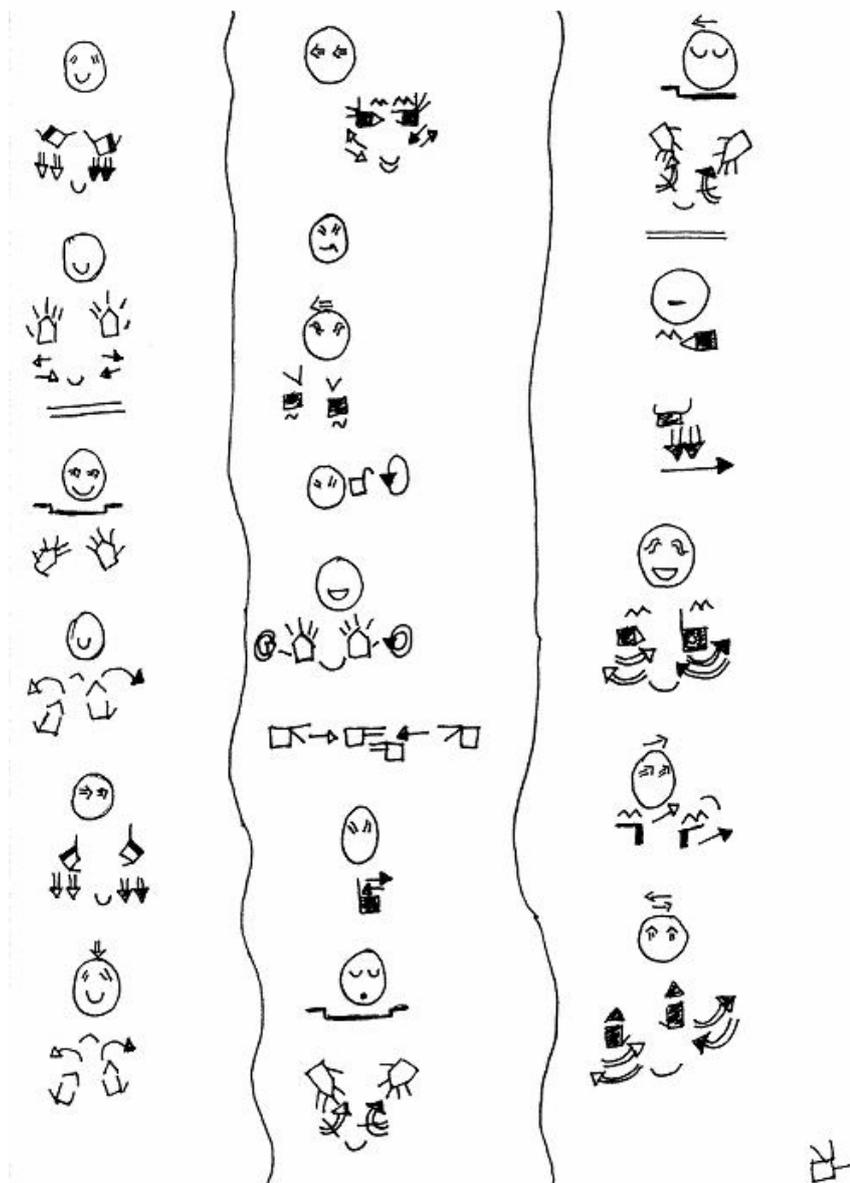
Anexo 10: Filmada e transcrita convidado do gato



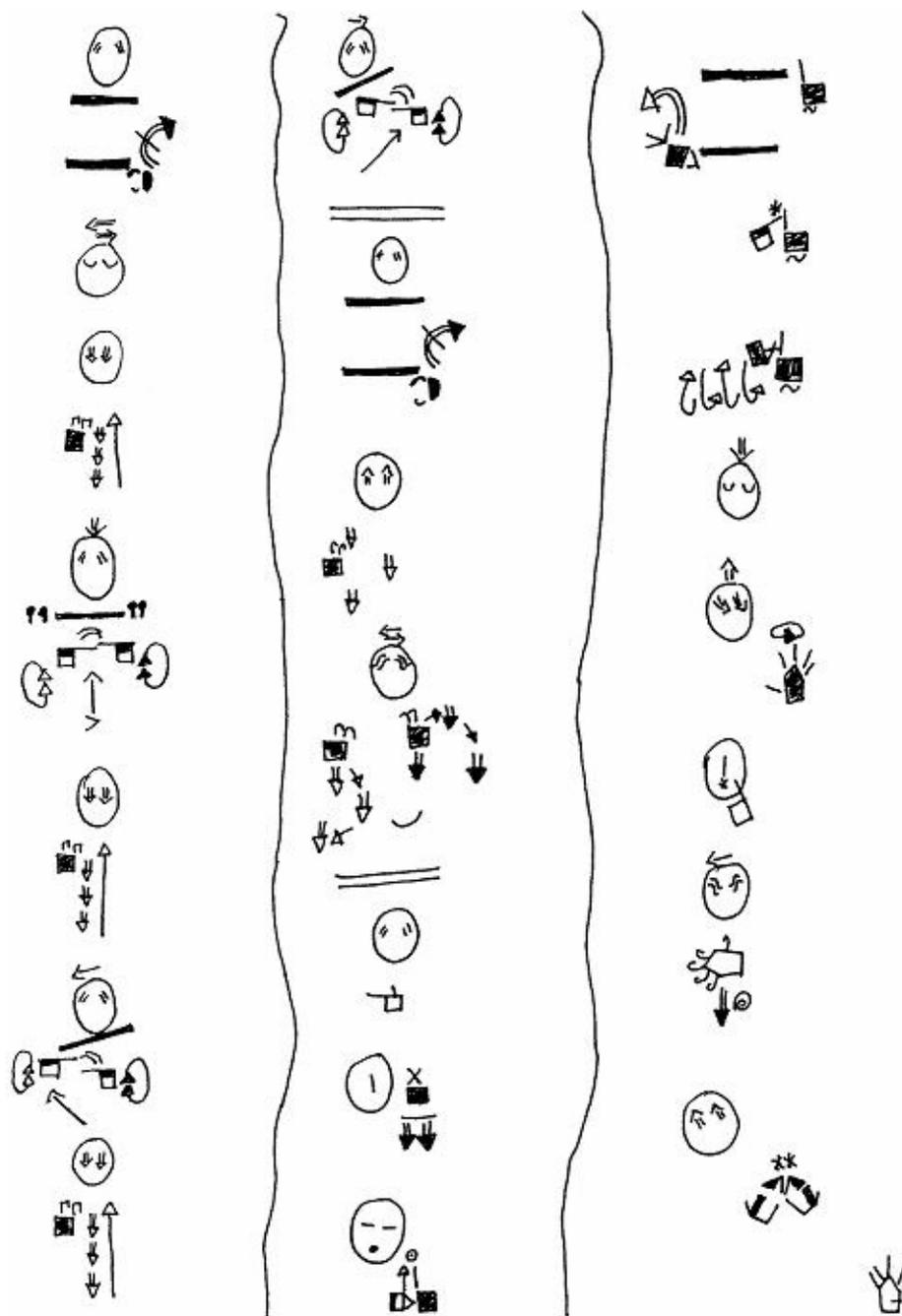
TEMA CONVIDAR GATOS. GATO SEU ANIVERSÁRIO FESTA CONVIDAR VIZINHO
 QUANTOS PICA-PAU, QUANTOS CANÁRIOS-PASSARINHOS, QUANTOS PATOS,
 QUANTOS CONVIDAR PASSARINHOS CANTAR, TAMBÉM QUANTOS OVELHAS,
 UM



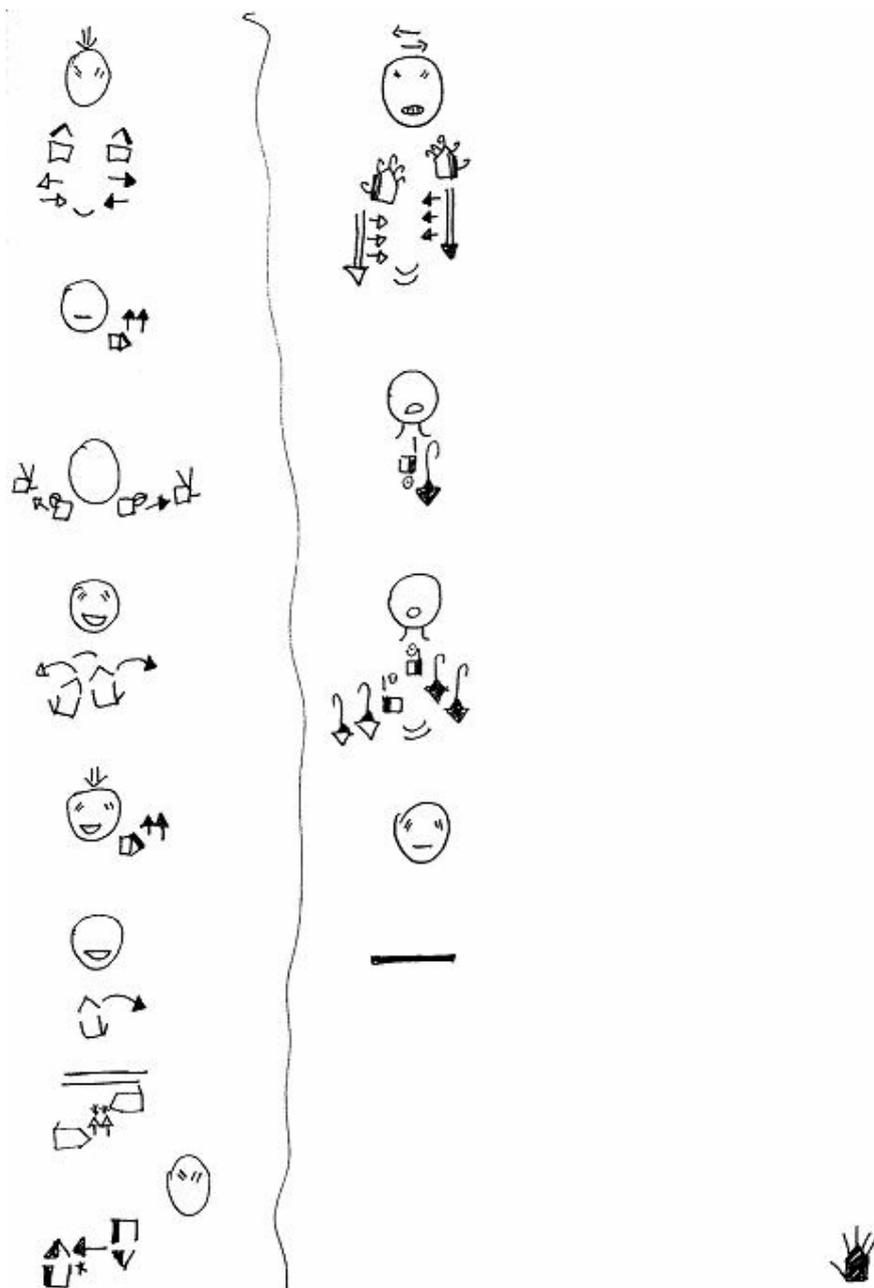
QUANTOS COELHOS, QUANTOS ESQUILOS, QUANTOS DOIS RATOS, GATO EXIBIR FELIZ TAMBÉM PESSOAS CONVIDAR TAMBÉM SENTIR LEGAL PAUSAR, ELES PEDIR PESSOAS CONVIDAR, O-QUE DOIS



FESTA QUE, ENTÃO PARA-TODOS FESTA PARA-TODO CONVIDAR DESCONFIAR
 OLHAR-ELES REFLETIR NÃO-IMPORTA CORTAR NÃO NÃO-IMPORTA NÃO-
 IMPORTA, PASSARINHOS-PESSOAS CANTAR VOAR VOAR TRÊS

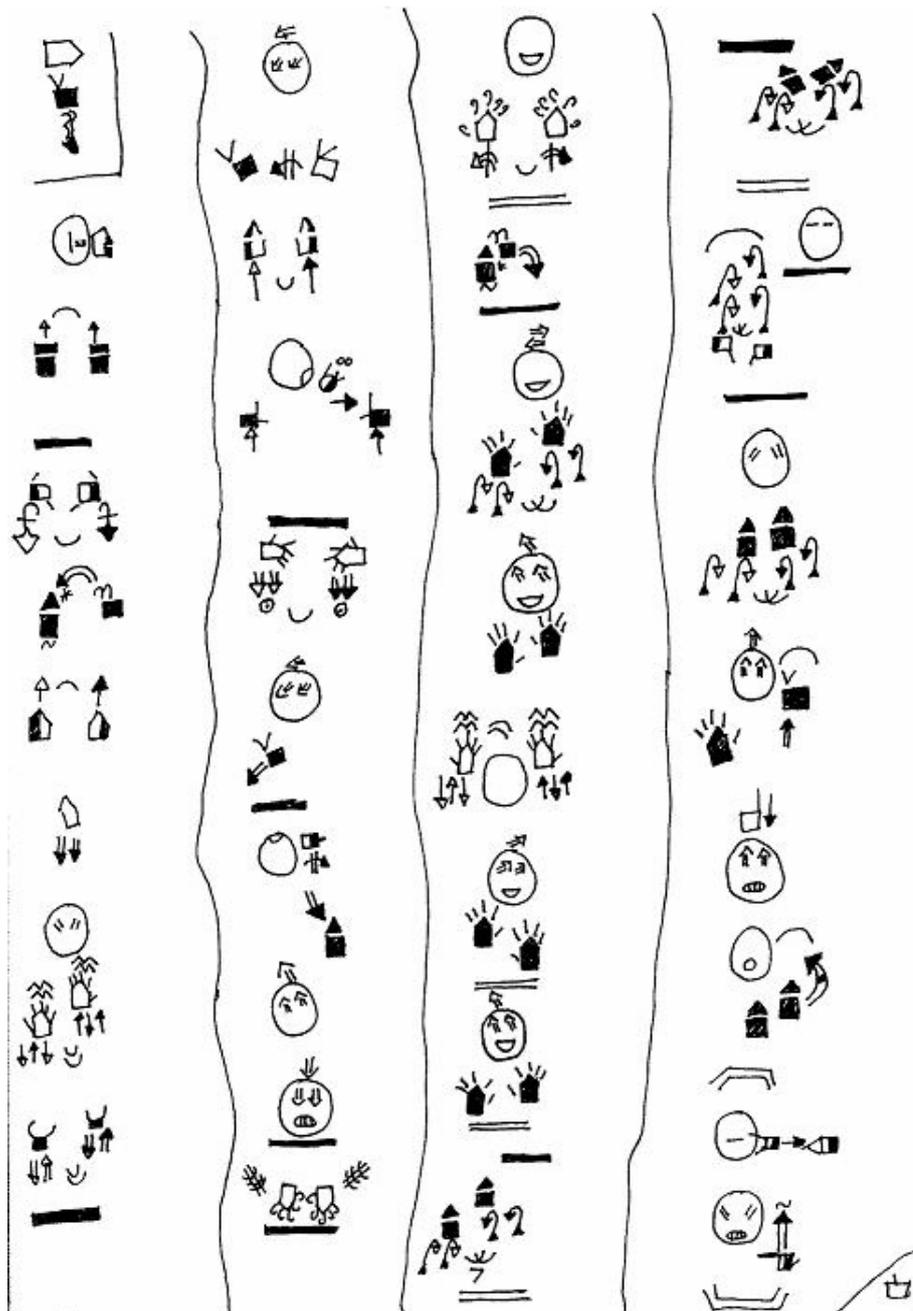


ESQUILO CABEÇA-NÃO ANDAR ENROLAR ANDAR ENROLAR ANDAR ENROLAR,
 ESQUILO PULAR PULAR, DOIS RATOS CORDA-RABO RABO-RATO PONTA-RABO
 BALANÇAR PAUSAR PESSOAL SENTIR FOME PEDIR QUATRO

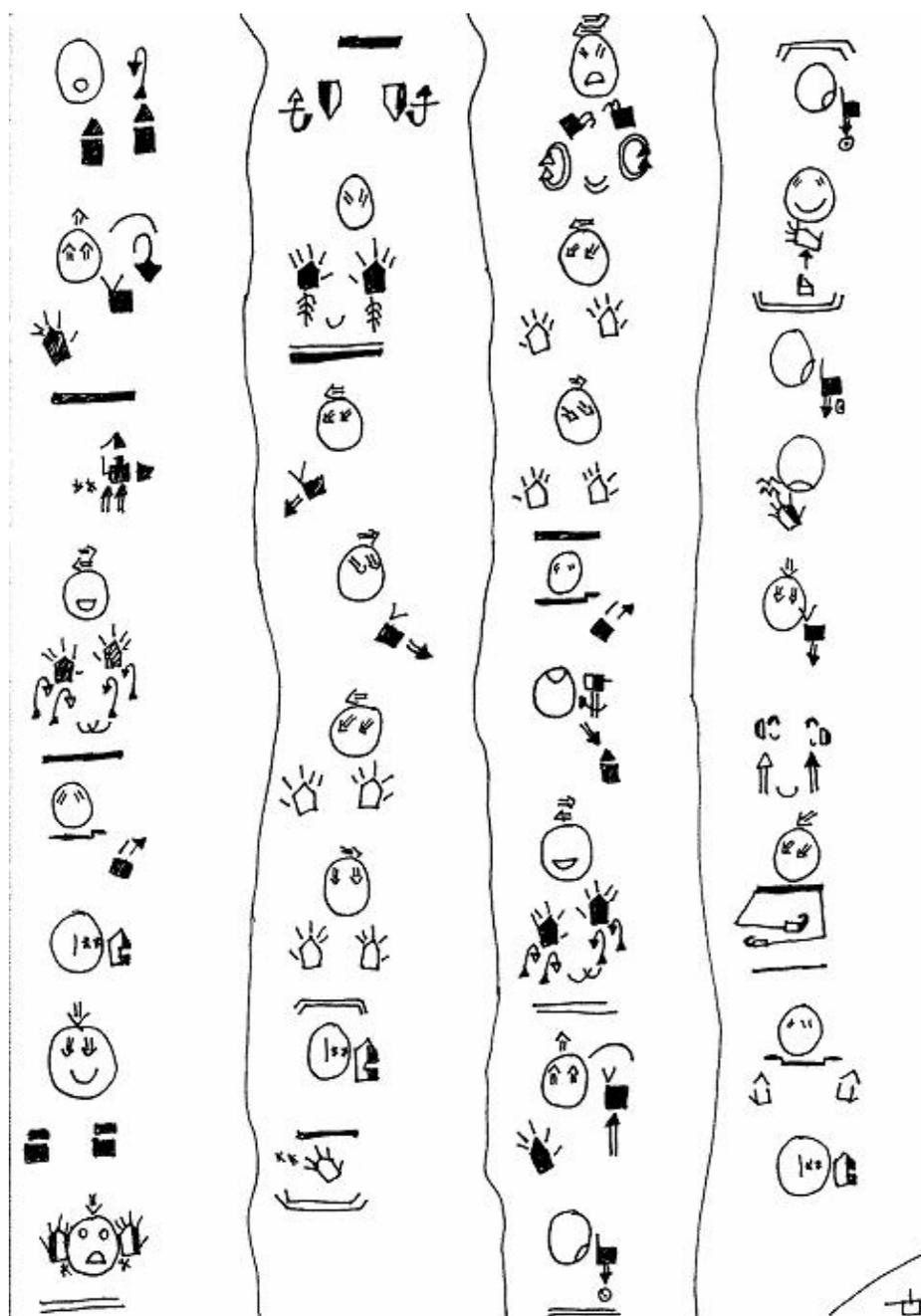


ONDE COMER GATO PARA-TODOS COMER VOCÊS, FECHA-PORTA FECHA-JANELA COMER ENGOLIR MUITO-ENGOLIR ENTÃO.

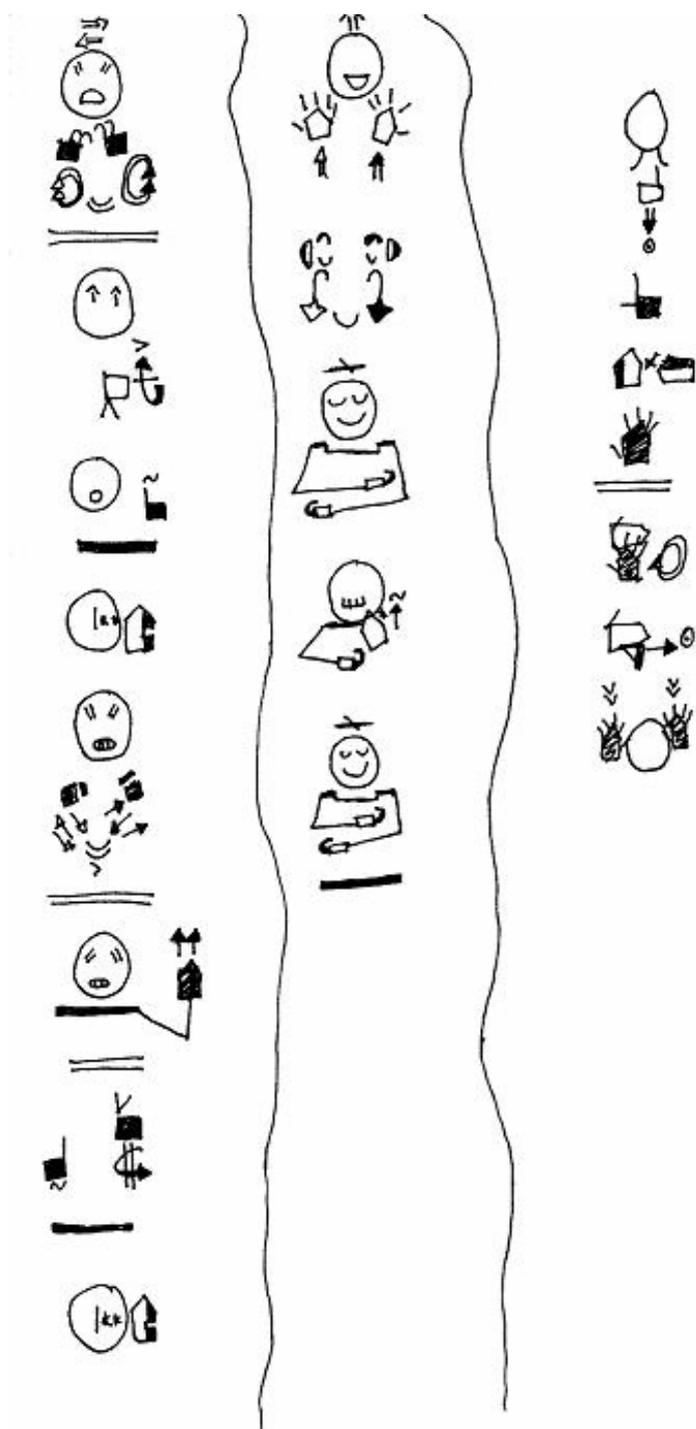
Anexo 11: Criei e escrevi a história do bebê em SignWriting adapta à LSF



LER MAMÃE EMPURRAR-CARRINHO SENTAR-CADEIRA RUA AQUI MUITO-
 MOVER-PESSOAS PESSOAS. VIRAR-CABEÇA-OLHAR RUA LOJA ROUPA
 OLHAR-VITRINE MENINO-PEQUENO-OLHAR-CIMA TENTAR-ABRIR-CINTO
 ABRIR, PULAR-CARRINHO GATINHA PARAR-OLHAR MUITO-MOVER-PESSOAS
 OLHAR-LADO OLHAR-LADO PASSOS-RÁPIDOS PASSOS-VAGAROSOS SALTOS.
 CONTINUAR-GATINHA OLHAR-CIMA VIR-PESSOA ALTO HOMEM-ALTO UM

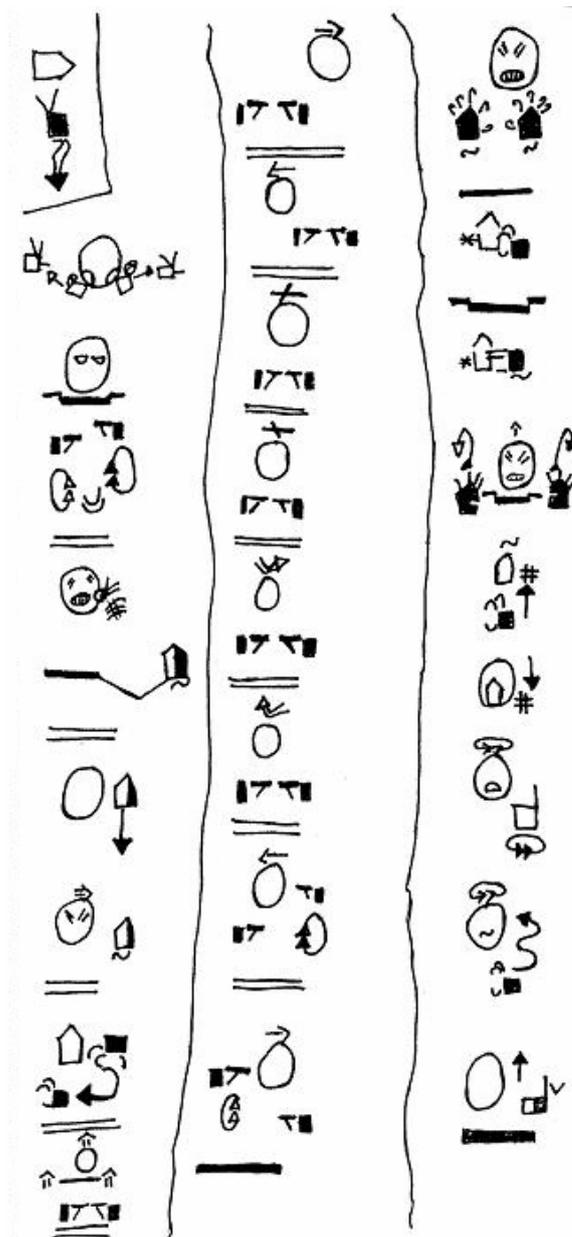


PASSO-ALTO OLHAR-CIMA. COMEÇAR GATINHA. ENTÃO MAMÃE
 OLHAR-CARRINHO SUSTO CADEIRA-VAZIA COMO? OLHAR-LADO
 OLHAR-OUTRO-LADO VIRAR-CABEÇA-ONDE OUTRO-LADO-ONDE MAMÃE
 MEDO PROCURAR ONDE-LADO ONDE-OUTRO-LADO. ENTÃO MENINO-PEQUENO
 GATINHA, OLHAR-CIMA MULHER, MULHER BONITA MULHER IMPOSSÍVEL
 OLHAR-BAIXO PEGAR-BEBÊ EMBALAR. ENTÃO MAMÃE DOIS



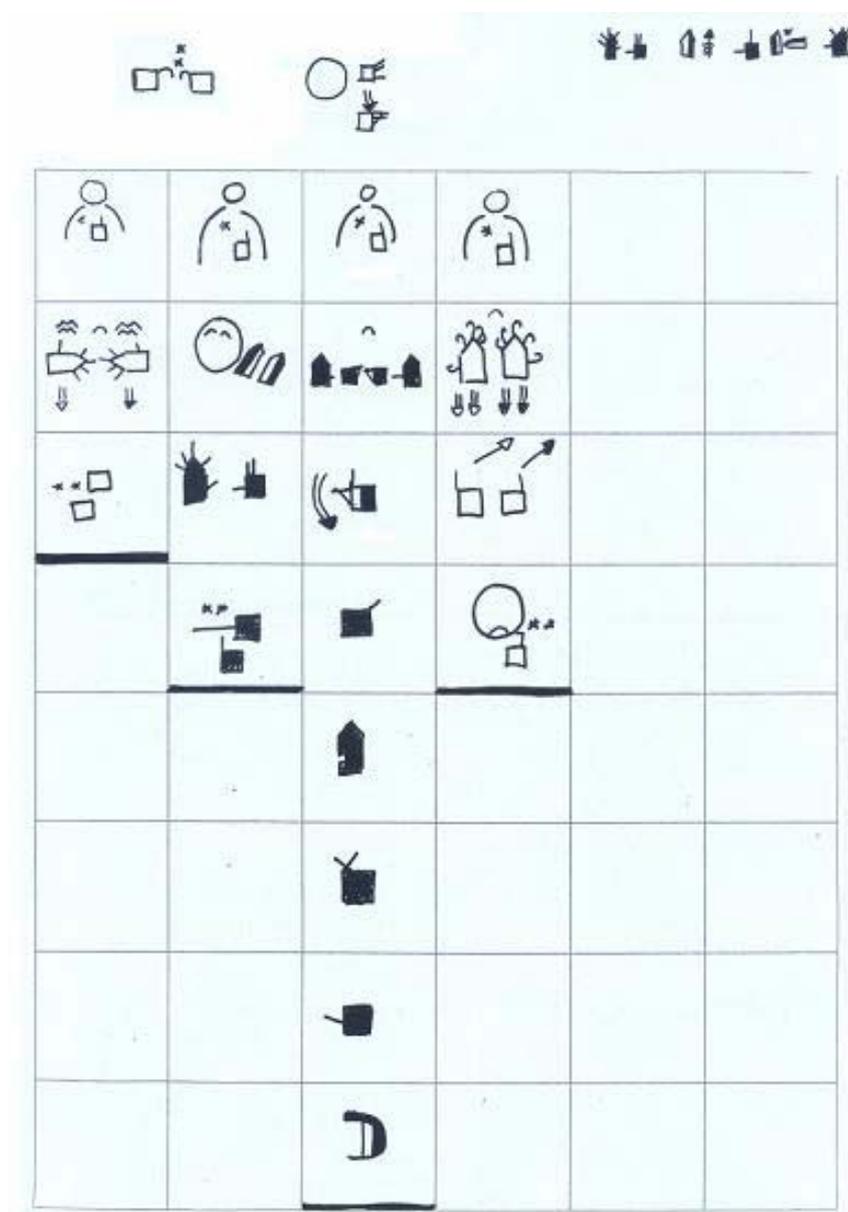
PROCURAR, OLHAR-FRENTE VER-MAMÃE. MAMÃE CORRER, CHAMAR
 OLHAR-TRÁS MAMÃE-ENCONTRAR PEGAR EMBALAR OBRIGADA EMBALAR.
 JUNHO 2005, SINAIS ESCREVER MARIANNE. TRÊS

Anexo 12: Criei e escrevi uma história curta sobre como o gato caminha. “O susto do gato”.

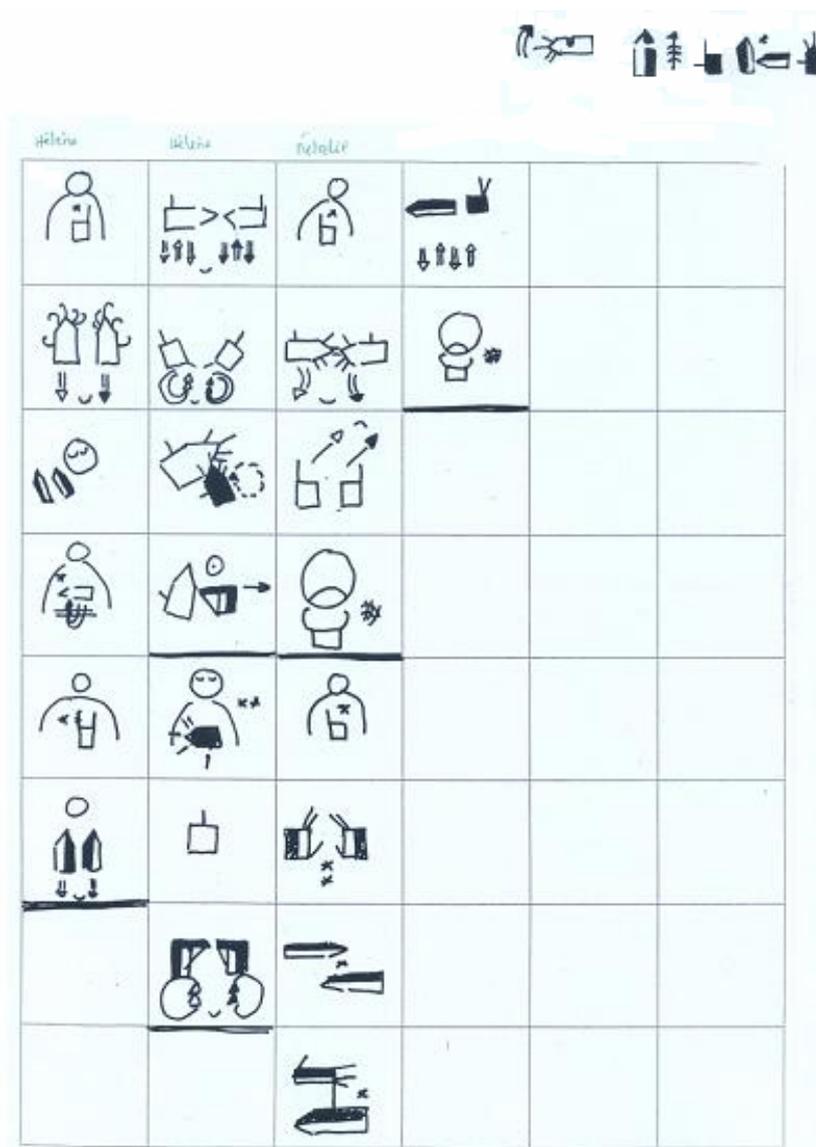


LER. GATO BRINCAR-PATAS, GRAÇA OLHAR-ESPELHO, CAMINHAR-TRÁS OLHAR-LADO-ESPELHO, CAMINHAR-LADO, LEVANTAR-CABEÇA, VIRAR-CABEÇA-DIREITA, VIRAR-CABEÇA-ESQUERDA, DEITAR-CABEÇA-OMBRO, DEITAR-CABEÇA-OUTRO-OMBRO, RODAR-CABEÇA, RODAR-CABEÇA-LADO ESTENDE-PATA, ESTENDE-OUTRA-PATA, ARREGANHA-DENTES. GARRAS-ENCURVA-CORPO ESTIRA-CORPO ARREPIAR-PELO CORRER-ESPELHO BATER-CARA-ESPELHO FICAR-TONTAR-RODAR-CABEÇA CAMINHAR-ZIG-ZAG IR-EMBORA.

Anexo 13: Trabalho da professora Juliette Dalle com duas alunas na aula de LSF após minha aula de SignWriting.



EXERCÍCIO HELENE 8 ABRIL 2005. EU EXPLICAR TRABALHAR. EU DORMIR 8 HORAS. EU MORAR P-I-B-R-A-C. EU QUERER IR FINLÂNDIA.



14 ABRIL 2005. EU QUERER DORMIR POR-CAUSA EU FATIGA. AGORA BRINCAR
 SINAIS ESCREVER. GOSTAR BEM ENSINAR. EU JÁ IR INGLATERRA. EU
 EXPLICAR SOBRE TOCAR VISITAR INGLATERRA.

Anexo 14: Convite para conferência e oficina de SignWriting na Associação de Surdos

Conférence

Sourd Action



**Savons nous lire,
écrire et signer?**

le 4 Juin 2005

à 14 heures

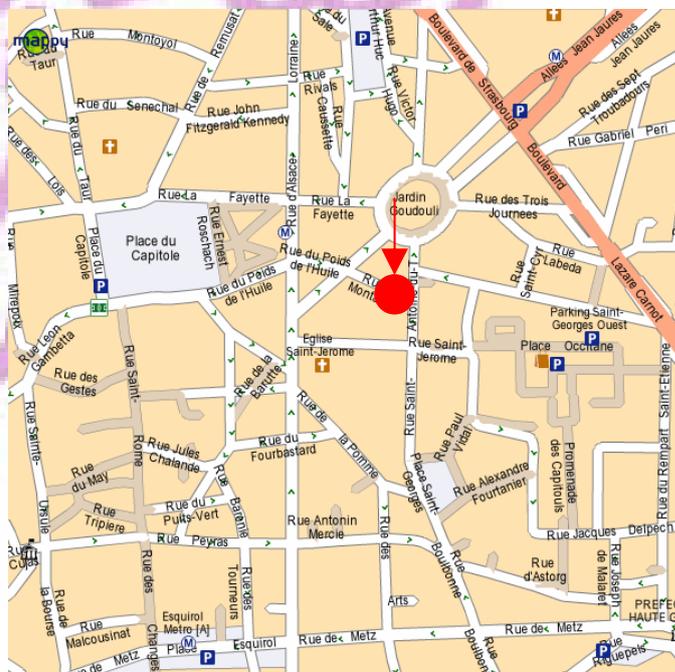
Salle Antoine Osète

6, rue Lieutenant Colonel Pélissier

31000 Toulouse

Par **Jean Claude Boursin**,
Conférencier, Sourd
Martine Brusque,
conteuse LSF, Sourde

Atelier écriture LSF :
Marianne Rossi Stumpf (Brésil),
Animatrice, Sourde



Anexo 15 : Reunião da equipe do Projeto LS-Script - dia 25 de junho de 2005

Participants : IRIS : Marianne Stumpf, Juliette Dalle, Marie-Paule Kellerhals, Jean-Louis Brugeille, Patrice Dalle. Paris 8 : Brigitte Garcia, Gaëlle Roch. Interprète : Thu Lan N'Guyen, puis Élise.

Ordre du jour : 1. Réexpliquer les objectifs du programme et, en particulier, le rôle d'IRIS 2. Surtout : réfléchir à la phase suivante (septembre-décembre 2005), notamment pour les actions concernant Sign Writing, leur intégration dans le programme pédagogique, leur observation et leur évaluation. 3. Faire le point sur une éventuelle micro-formation en linguistique et en sémiologie de l'écriture, par des linguistes de SFL Paris 8, des enseignants d'IRIS (et la question de sa budgétisation).

Petit point de vocabulaire préalable :
 ▶ SW, ELS, LS-Script, écriture et transcription : il faut fixer un lexique LSF pour ces termes.

▶ Définitions : *Écriture* : communication directe et autonome. Il n'y a pas besoin de données parlées au préalable. *Transcription* : transformation de données orales (parlées ou signées) sous une forme graphique pour pouvoir les étudier. *Forme graphique* : tout ce qui a à voir avec le graphique, c'est terme beaucoup plus générique. (On peut même envisager que la vidéo est une forme graphique de la LSF.)

1. Ré-expliquer les objectifs du programme et, en particulier, le rôle d'IRIS

a. Objectifs de LS-Script (partie linguistique)

Élaborer une (ou plusieurs) formes graphiques pour la LSF sur la base des besoins et attentes exprimés lors de l'enquête 2003-2004 auprès des adultes sourds. La fonctionnalité attendue est de permettre la production directe d'énoncés écrits de LSF (il s'agit bien d'une écriture et pas de systèmes de transcription). Nous devons tirer parti des limites avérées des notations existantes. Les systèmes qui existent déjà ont été créés pour la transcription (SW est un cas un peu particulier). Et tous ces systèmes sont sur le principe alphabétique ce qui n'est pas adapté aux LS. Il faut partir des spécificités linguistiques des LS, cela pose en particulier le problème de la notation de l'espace.

b. IRIS

Dans le programme LS-Script il y a plusieurs sous projets (SP) :

- ▶ SP2 (1er semestre, responsable = SFL Paris 8) : complément d'enquête auprès des enfants. (Nous avons pris du retard et nous attendons toujours les traductions des vidéos par Interprétes.)
- ▶ SP3 (1 an, responsable = IRIS, aidé de Paris 8) : évaluation de SW dans les classes. (Ce qui avait été prévu dans les 6 premiers mois n'a pas encore été fait.)
- ▶ SP6 (6 derniers mois, responsable Websourd, aidé de IRIS et IRIT) : évaluation du nouveau formalisme + développement d'outils éducatifs

c. Ce qui est écrit dans le projet :

- *Objectif* : « L'objectif de ce sous-projet est de collecter et synthétiser des observations sur l'utilisation de SW (ses apports, ses limites) en contexte scolaire. Cela passera d'abord par la formation d'un enseignant à la linguistique par deux chercheurs de SFL. Puis IRIS, aidé des chercheurs de Paris 8, concevra les grilles d'observation qui serviront à procéder au relevé d'observations » - *Sous-tâches* : Formation des enseignants (SW, linguistique) - SFL Paris 8 : Formation des enseignants à SW (à l'origine c'est une autoformation des enseignants qui était prévue, la venue de Marianne Stumpf s'est décidée plus tard) et à la linguistique de la LSF (par 2 membres de l'équipe SFL de Paris 8). Conception des grilles d'observation - IRIS (+ SFL Paris 8) : La conception de la grille d'observation des enfants utilisant SW passe par la création d'exercices spécifiques. Relevé des observations - IRIS : Ce relevé se fera tout au long d'une année scolaire, pour pouvoir observer l'évolution des acquis. Analyse des observations - IRIS : L'analyse des observations sera effectuée en vue de cerner les principaux apports et limites de SW dans l'enseignement. Rapport : Rapport synthétisant les apports et les limites de SW pour écrire la LSF dans le contexte de l'enseignement.

2. Organisation de la phase suivante :

En primaire, le projet pédagogique de l'année prochaine n'a pas encore été élaboré. Tous les enseignants de tous les niveaux sont complètement ouverts. L'organisation est plus souple qu'au collège. Il y aurait un cours de SW mais l'utilisation se ferait dans de multiples disciplines (autres que les cours de LSF).

Pour le collège, le sujet n'a pas encore été abordé. Il y a un professeur par discipline, les professeurs enseignent de manière distincte ; mais les professeurs du collège sont plutôt d'accord pour s'intégrer à ce projet. Le plus gros problème concerne les emplois du temps : c'est l'éducation nationale qui fixe les plannings.

Aucun financement n'est disponible du côté éducation nationale ; mais ils sont d'accord pour que l'on monte des projets de ce type, il faut juste les prévenir.

Pour les linguistes, l'enjeu important est de mettre sur pied des expérimentations qu'il est possible d'étudier et d'évaluer vraiment scientifiquement. Rien dans le programme ne nous oblige à faire un projet énorme, ce n'est pas la peine d'engager trop de monde, il vaut mieux partir sur quelque chose de modeste qui soit analysable. Il faut bien préparer le projet et établir une bonne grille d'observation pour pouvoir en tirer des enseignements. Nous voulons nous centrer essentiellement sur 2 points : 1- Qu'en est-il de l'appropriation de SW par les enfants ? A quelle vitesse l'apprennent-ils ? Qu'est-ce qui pose problème ? Etc. 2- Quelle utilisation font les enfants de SW ? A quel moment les enfants font appel à SW plutôt qu'au dessin ou qu'au français ? Etc.

Qui est référent LS-Script à IRIS ? La responsabilité de la coordination administrative est acceptée par Jean-Louis Brugeille. Lors de la réunion de lundi les professeurs du collège doivent discuter de qui s'occupe de la coordination pédagogique de LS-Script. Il faut aussi mettre les choses au clair avec Marie-Laurent. La référence en ce qui concerne SW, pour IRIS, est Juliette Dalle. Le programme LS-Script l'intéresse vraiment, mais elle n'est pas embauchée par IRIS. (Il semble qu'elle n'ait pas besoin d'être salariée IRIS pour pouvoir s'intégrer au programme LS-Script).

Les objectifs : Nous décidons de définir des objectifs différents pour le primaire et le collège :

- Primaire : comment les enfants apprennent SW ? (La progression, les étapes d'apprentissage.)
- Collège : quels usages les élèves font-ils de SW ? Recueillir aussi leurs réflexions sur la LSF et les débats que cela peut générer sur l'écriture en général (tout ce qui est métalinguistique). L'idéal serait que l'évaluation de SW auprès des enfants se fasse sur toute l'année scolaire qui va débiter en septembre.

Il faut prendre en considération que les classes ont de petits effectifs, que les enfants ont tous des histoires différentes et des niveaux de LSF différents.

Pour le primaire, le problème va être d'établir la progression et les supports : cela demande une grosse charge de travail.

Au collège, proposition de faire l'expérimentation sur les élèves de 3eme : ils sont tous de parents sourds mais ont des parcours éducatifs différents. On étudierait dans quel cas ils utilisent SW spontanément (à quel moment de leur acquisition et dans quel but).

3. Faire le point sur une micro-formation en linguistique

Nous avons proposé de faire cette formation sur 3 jours (en 2 fois) : vendredi et samedi : une formation en linguistique de la LSF. 1 jour de semaine : une formation en sémiologie de l'écriture. Il faudrait que tous les enseignants y participent, mais il reste encore à établir si cette formation se fait sur la base du volontariat ou si elle doit être imposée à tous. Pour fixer les dates de formation : il faut attendre fin juin pour connaître les samedis de libre des classes de primaire. (Juliette Dalle n'est pas disponible la première semaine de septembre).

Anexo 16: Comunicação em Congressos, Simpósios, Seminários, Cursos

- Currículos e programas na educação do deficiente auditivo: *Informática na Educação - Cachoeira do Sul – 1997.*
- Currículos e programas na educação do deficiente auditivo: *Informática na Educação - Bento Gonçalves – 1998*
- Currículos e programas na educação do deficiente auditivo: *Informática na Educação - Três Passos – 1999*
- III Seminário Nacional do INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos – Rio de Janeiro 1998: *SignWriting e Computação no Currículo da Escola Especial Concórdia – ULBRA*
- V Congresso Latino Americano de Educação Bilíngüe para Surdos – Porto Alegre 1999: *Quem fala português, escreve em português. Quem fala inglês, escreve em inglês. Os Surdos: em que língua escrevem?*
- V Congresso Latino Americano de Educação Bilíngüe para Surdos – Porto Alegre 1999: *Currículo de Língua de Sinais na Escola Especial Concórdia – ULBRA* 1º Congresso Brasileiro de Educação de Surdos – São Paulo 1999: *Informática na Escola de Surdos: Construção de Softwares e da Língua de Sinais Escrita.*
- I Seminário de Educação de Surdos – Santa Rosa - RS 1999: *Informática na Escola de Surdos: Construção de Softwares e da Língua de Sinais Escrita e Relação entre a Família e o Filho Surdo.*
- 5º Encontro Nacional sobre Aquisição da Linguagem – Porto Alegre - RS 2000: *Aquisição da Escrita de Língua de Sinais.*
- I Seminário Regional de Estudos da Cultura e Língua do Surdo – Passo Fundo – RS 2000: *Construção de Escrita de Língua de Sinais.*
- III Congresso da SIPLÉ – Sociedade Internacional de Português – Língua Estrangeira – Brasília – DF 2000: *Mini-curso Escrita de Língua de Sinais.*
- Seminário Técnico em comemoração aos 25 anos do CAEDA – Porto Alegre – RS 2000: *Construção de Escrita de Língua de Sinais.*
- I Seminário Estadual de Língua de Sinais – Porto Alegre – RS 2001: *Perspectiva da língua de Sinais*
- III Seminário de Educação dos Surdos – Santa Rosa – RS 2001: *Escrita da LIBRAS.*

- II Encontro de Professores dos Surdos – Porto Alegre – RS 2001: *A escrita de língua de sinais na escola dos surdos.*
- VIII Encontro Nacional de Tradutores e II Encontro Internacional de Tradutores – Belo Horizonte – MG 2001: *Transcrição de LIBRAS em SignWriting.*
- I Seminário Nacional Surdos: um olhar sobre as práticas de educação – Caxias do Sul – RS 2001: *A escrita de língua de sinais na escola e Oficina de Ensino através da Língua de Sinais.*
- I Fórum Letramento e Minorias – Piracicaba – SP 2002: *Transcrições de língua brasileira de sinais em SignWriting.*
- Encontro de Trabalhando pela conquista da cidadania e valorização da pessoa surda – Rio de Janeiro – RJ 2002: *A Informática na Educação do Surdo e a Construção de sua Cidadania.*
- XVII Encontro Nacional da ANPOLL – Gramado – RS – 2002: *Como o pesquisador surdo constrói a teoria na pós-graduação.*
- DeafWay II – Washington D.C. Estados Unidos – 2002: *Deaf and Pedagogy of the Difference*
- III Congresso Ibero-americano de Informática na Educação Especial CIEE 2002 – Fortaleza – CE 2002: *Transcrição de LIBRAS em SignWriting.*
- Curso de Pós-Graduação em nível de Especialização Acadêmica em Educação de Surdos, ministrando as disciplinas *Escritas de língua de sinais e Educação de Surdos e Tecnologias Novas.* UNISC – Santa Cruz – RS – 2002.
- Curso de Pedagogia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. *Informática na Educação de Surdos* – Porto Alegre – RS – 2003.
- II Fórum Letramento e Minorias – *Pedagogia da Diferença para Surdos.* Cotia – SP 2003.
- 11º FENADOCE e do Fórum de Inovação e Tecnologia. *Escrita de Língua de Sinais* – Pelotas – RS – 2003.
- 6º Encontro Nacional sobre Aquisição da Linguagem. *Sistema SignWriting: por uma escrita funcional para o surdo* - Porto Alegre - RS 2003.
- II Seminário: O aluno surdo e a Escola. *Sistema SignWriting: por uma escrita funcional para o surdo.* Pelotas – RS – 2003.
- Curso de Capacitação de Educação de Surdos I, ministrando a disciplina *Escritas de língua de sinais.* UNISALLE – Canoas – RS – 2004.

- Curso de Capacitação de Educação de Surdos II, ministrando a disciplina *Escritas de língua de sinais*. UNISALLE – Canoas – RS – 2004.
- IV Seminário Alunos Surdos e a Escola. *O papel da Feneis*. Pelotas – RS – 2005.
- I Fórum de Estudos Surdos na Área de Informática. Porto Alegre – RS – 2005.
- Atelier TALS 2005 Traitement Automatique des Langues des Signes de Dourdan. *Commentaires sur les dialogues en LSF – Vidéo, Conversation e Transcription*. Essone – França – 2005.
- Congreso del Equal – Lutter contre les discriminations et les inégalités face à l’emploi conciliation, família et handicap. *Commentaires sur les dialogues en LSF – Vidéo, Conversation e Transcription*. Toulouse – França – 2005.